Questão 1

“Sorria: você está sendo filmado”

Você já percebeu que, em qualquer lugar aonde vamos, estamos sendo filmados? E já pensou que os filmes em que aparecemos podem ser postados na Internet ou ir parar na televisão? Será que não temos mais o direito à privacidade??

Leia o texto a seguir, de Pedro Doria, e responda à questão proposta.

Mulher do cocô de cachorro

No dia 6 de junho último, uma jovem sul-coreana pegou o metrô em Seul acompanhada de seu cachorro. O bicho fez cocô no chão. Os passageiros ao lado pediram que tivesse a delicadeza de limpar – ela se recusou. Um rapaz, com celular de câmera, registrou o incidente. A moça levantou, deixou o vagão, foi-se embora; um senhor se ajoelhou, recolheu os restos num saco e jogou no lixo. Neuroses da vida urbana. A diferença é que as fotografias foram para a internet e se espalharam pelos blogs de lá. Culturalmente, a Coreia do Sul é um país um bocado rígido. Não chega à intolerância de Cingapura, onde ponta de cigarro no chão pode disparar perseguição policial, mas ordem pública é coisa levada muito a sério.

Com as fotos na rede sendo distribuí- das à velocidade de vírus, um movimento de identificação da moça teve início. Ela ganhou o apelido de “gae-ttong-nyue”, mulher do cocô de cachorro. E um movimento de repulsa igualmente forte veio à tona, primeiro na blogosfera, depois nas páginas da imprensa sul-coreana e, então, no “The Washington Post”*.

Ela foi identificada – num país onde quase todo mundo acessa a internet e se informa por ela, não é difícil. Na fotografia estavam não apenas seu rosto como também a bolsa grande que costuma usar, o focinho do cachorro e um relógio particularmente chamativo. Apontada na rua, localizada na universidade, trancou matrícula, enfurnou-se em casa. Em qualquer sociedade é normal se preocupar com o que pensam os outros; nas do Oriente extremo, o peso é soberbo*.

Mas é uma caça às bruxas. Por conta de um deslize, talvez um dia de mau humor ou um segundo de egoísmo, repentinamente vem a execração* pública. É mais ou menos o mesmo processo que dá início aos linchamentos. De fato, a moça do cocô de cachorro foi punida. Mas seu deslize estará a um Google de distância para qualquer um, daqui a dez ou 20 anos, que lance seu nome no mecanismo de busca. Talvez um namorado potencial, um futuro chefe. [...]

Essa é uma das características possíveis de um mundo onde todos são jornalistas em potencial. O abuso. [...] o acesso a coisas como câmeras de celular, publicação e distribuição instantânea de informação carregam consigo seus perigos.

No fim, a história da “gae-ttong-nyue” é só mais uma história típica da rede, esta fantástica construção tecnológica. Através dela, abusos em cantos como Iraque são denunciados, mentiras de políticos reveladas, amizades feitas. Amores se descobrem. E linchamentos morais ocorrem. Não há legislação para a web e, mesmo que houvesse, provavelmente não teria chance de ser eficaz. Na rede, a exacerbação* das características humanas é às vezes insuportável.

(*Folha de S. Paulo,* 28/8/2005. Revista da Folha.)

*exacerbação: exagero

*execração: ódio profundo, maldição, praga

*soberbo: em posição de destaque, grandioso

**The Washington Post*: jornal americano

Na frase “Mas seu deslize estará a um Google de distância para qualquer um”, do 5º parágrafo, o que significa a expressão “a um Google de distância”?

Questão 2

A CARTA PESSOAL

Hoje, com o aparecimento da Internet e de vários meios instantâneos de comunicação, como o SMS, os *e-mails*, os *posts* do Facebook, os torpedos, as conversas pelo Skype ou pelo WhatsApp, etc., o número de pessoas que usam cartas pessoais para se comunicar diminuiu muito.
Apesar disso, em várias partes do Brasil e por diferentes razões, muitas pessoas ainda escrevem e enviam cartas.
Você sabe como se produz uma carta? Convém conhecer esse gênero, que já foi um dos mais utilizados pelas pessoas em todo o mundo.
Leia esta carta:
Paris, 20 de janeiro de 2014
Querido Duda:
Como andam as coisas por aí? Está tudo bem com você, meu filho? E com seu pai? E com seus avós? Puxa, não foi fácil voltar para Paris depois de passar o final do ano com vocês aí em casa, no Brasil. Aqui tem feito muito frio! O termômetro tem ficado abaixo de zero, mas até o momento não nevou. Estou virando um picolé francês!
Como você sabe, Paris é uma cidade linda, mas, no inverno, tudo fica diferente. A cidade está quase vazia, sem turistas, sem graça, sem gente passeando pelo rio Sena... Aliás, o frio está ótimo para eu ir à universidade e me concentrar na minha pesquisa. Quem sabe assim eu termino meu trabalho antes do prazo final, que é o começo de agosto. E então nós poderemos ficar todos juntos novamente. Iremos à praia nos domingos e curtiremos o sol e o mar juntinhos. Ai , que delícia! Ai, que saudades do Brasil! Ai que saudades do nosso arrozinho com feijão!
Uma boa notícia: ontem fui a uma loja e comprei um presentinho superlegal pra você. Mas é surpresa! Você só vai saber quando eu for visitar vocês em março. Nem adianta insistir, que eu não vou contar.
E você, já está se preparando para o início das aulas? Seu pai resolveu o problema do transporte escolar? Você está sendo obediente com seu pai e com seus avós, como prometeu? Olha lá, menino! E não esqueça o que combinamos: todos os dias, você vai dedicar duas horas da parte da tarde para fazer as lições e estudar, tá bom? Não quero que você fique tempo demais na frente da tevê ou do computador. Aproveite seu tempo livre para ler os livros que ganhou no Natal, tá?
Um beijão em todo mundo aí e outro especialmente pra você, meu filhão querido!
De sua mãe, saudosa,
Cri
P.S.: Diga pra sua avó que já encontrei um bom lugar pra comprar a panela Le Creuset que ela pediu. Só que ela é superpesada! Não sei como vou aguentar levar esse peso na mala em março.
Em relação à carta lida, responda:
a) Quem é o remetente? E o destinatário?
b) Em que local e data a carta foi escrita?
c) Com que finalidade ela foi escrita?

Questão 3

O telescópio

Por longo tempo lá ficaram na varanda ouvindo as histórias do céu. Dona Benta parecia um Camilo Flammarion de saia. Esse Flammarion foi um sábio francês que escreveu livros lindos e explicativos. "Quem não entender o que esse homem conta" — costumava dizer Dona Benta, "é melhor que desista de tudo. Seus livros são poemas de sabedoria, claríssimos como água."
Quem mais se interessou por aqueles estudos foi Pedrinho. Sonhou a noite inteira com astros e no dia seguinte pulou da cama com uma ideia na cabeça: construir um telescópio! "Que é, afinal de contas, um telescópio?" — refletiu ele. "Um canudo com uns tantos vidros de aumento dentro. Esses vidros aumentam o tamanho dos astros, de modo que eles parecem ficar mais próximos — foi como disse vovó."
E logo depois do café da manhã tratou de construir um telescópio. Canudos havia no mato em quantidade — nas moitas de taquara; e vidros de aumento havia no binóculo da vovó. Pedrinho serrou os canudos necessários, de grossuras bem calculadas, de modo que uns se encaixassem nos outros, colocou lá dentro as

lentes do binóculo de Dona Benta e fez uma armação de pau onde aquilo pudesse ser manobrado com facilidade, ora apontando para este lado, ora para aquele.
Enquanto ia construindo o telescópio, dava aos outros, reunidos em redor dele, amostras de sua ciência.
— O telescópio saiu da luneta astronômica inventada por aquele italiano antigo, o tal Galileu. Um danado! Inventou também o termômetro e mais coisas. — Mas telescópio é invenção que até eu invento — disse Emília. — É só cortar canudos de taquara e grudar uns monóculos dentro...
Pedrinho ia respondendo sem interromper o serviço.
— Parece fácil, e é fácil hoje que a coisa já está sabida. Mas o mundo passou milhões de anos sem conhecer este meio tão simples de ver ao longe, até que Galileu o inventou. Também para tomar a temperatura das coisas nada mais simples do que fazer um termômetro — um pouco de mercúrio dentro dum tubinho de vidro, mas foi preciso que Galileu o inventasse. Tudo na vida são "ovos de Colombo".
Depois de pronto o telescópio, houve discussão quanto ao astro que veriam primeiro.
— Eu acho que o primeiro tem que ser o Sol, que é o pai de todos — disse Narizinho.
— Eu acho que deve ser a Grande Ursa, porque é um bicho raro — propôs Emília.
Pedrinho riu-se com superioridade.
— A Grande Ursa não pode, boba, porque fica nos céus do Norte. Estes céus aqui são os céus do Sul. E o senhor que acha, Dr. Livingstone? — perguntou ele ao Visconde.
O Dr. Livingstone respondeu batendo na bibliazinha.
— Deus fez por último as estrelas, como diz aqui o Gênesis, mas Cristo disse que os últimos serão os primeiros. Logo, temos que começar pelas estrelas.
Todos se admiraram daquela sabedoria, mas Pedrinho não se contentou. Quis também consultar tia Nastácia lá na cozinha.
— E você, tia Nastácia, que acha? — perguntou-lhe.
A negra, que acabava de matar um frango, foi de opinião que o bonito seria começar pela Lua, "onde São Jorge vive toda a vida matando um dragão com sua lança!"
A ideia foi recebida com palmas e berros.
— O dragão! O dragão! Viva São Jorge!... — exclamaram todos — e a lembrança de Tia Nastácia foi vencedora. Uma linda Lua cheia estava empalamando no céu. Pedrinho apontou para ela o telescópio. Espiou e nada viu. Emília, porém, viu coisas tremendas.
— Estou vendo, sim! — gritou. — Estou vendo um dragão verde, tal qual lagarto, com uma língua vermelha de fora. Língua de ponta de flecha. São Jorge, a cavalo, está espetando a lança no pescoço do coitado...
— Será possível? — exclamou Pedrinho, afastando-a do telescópio para espiar de novo — mas continuou a não ver nada.
— Você está sonhando, Emília. Não se vê nem a Lua, quanto mais o dragão.
— Pois eu vejo tudo com o maior "perfeiçume" — insistiu Emília voltando ao telescópio. — Um dragão de escamas... Com unhas afiadas... Um rabo comprido dando duas voltas.
Os meninos entreolharam-se. Verdade ou mentira? A boneca tinha fama de possuir uns olhos verdadeiramente mágicos — mas quem podia jurar sobre o que ela afirmava? A ânsia de ver coisas, porém, era maior que a dúvida, de modo que resolveram aceitar como verdade as afirmações da Emília e nomeá-la a "olhadeira do telescópio". Ela que fosse vendo tudo e contando aos outros.
Emília começou. Depois de enumerar todas as coisas que viu na Lua, apontou o telescópio para uma estrela qualquer.
— Chi — exclamou fazendo cara de espanto. — Como é peluda!... E tem dois ursinhos ao colo... Está brincando com um de cara preta... Agora franziu a testa... Parece que percebeu que estamos apontando para lá... Com certeza pensa que este telescópio é espingarda... A Grande Ursa é enormíssima..
— A Grande Ursa não é estrela daqui, Emília. Vovó já disse. Você está nos bobeando — gritou Pedrinho meio zangado.
Mas Emília continuou a ver coisas e a insistir que era realmente uma estrela Ursa. "Com certeza cansou-se dos gelos polares e chegou cá a estes céus do Sul para esquentar o corpo..."

Pedrinho deu-lhe um peteleco.
LOBATO, Monteiro. *Viagem no céu*. In: *Obra infantil completa*: edição centenário: 1882-1982. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 632.

O texto “O telescópio” poderia ser dividido em cinco partes ou segmentos (como se fossem cinco pequenos capítulos). São os momentos ou os diferentes e sucessivos acontecimentos em que a história se desenvolve. Observe no quadro os títulos dados aos segmentos. Relendo silenciosamente o texto, você deve completar os campos vazios, indicando os parágrafos que constituem os segmentos (segunda coluna) e resumindo o assunto de cada um deles. Esse resumo deve ser bem sintético, constando nele apenas os fatos mais importantes. Siga o exemplo do primeiro segmento.

Questão 4

Leia a fábula “O Cão e a sombra”, de Esopo:

O Cão e a sombra

Um Cão levava na boca um pedaço de carne quando, ao passar por um riacho, viu no fundo da água a sombra da carne que parecia maior. Soltou a que levava nos dentes para tentar pegar a que via na água. O riacho levou para sua correnteza a verdadeira carne e a sombra, ficando o Cão sem uma nem outra.
(Adaptado por Joseph Shafan. *As fábulas de Esopo*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000378.pdf.

Acesso em: 4/7/2018.)

Assim como alguns contos maravilhosos, as fábulas transmitem ensinamentos relacionados ao comportamento humano. Que ensinamentos a fábula lida transmite?

Questão 5

(*Gaturro*. 4. ed. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 2007. v. 6, p. 53.)

A tira cria humor a partir do uso de alguns sinais de trânsito. Nos quatro primeiros quadrinhos, o que Gaturro quer ensinar a Gaturrinho?

Questão 6

Leia o seguinte trecho do conto “O Homem que sabia Javanês”, do autor Lima Barreto.

> ”Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.” Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os "cadáveres". Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande Encyclopédie*, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.
> (BARRETO, Lima. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000153.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2018.)

Glossário:
Javanês: língua falada em Java, na República da Indonésia.
Capiscar: arriscar, tentar usar.
Releia os seguintes períodos retirados do trecho do conto:
I. Precisa-se de um professor de língua javanesa.
II. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional.
III. Dito e feito.
A forma correta de classificá-los encontra-se em:
(d) I e II são períodos simples e III é período composto.
(c) I é período simples e II e III são períodos compostos.
(a) I, II e III são períodos simples.
(b) I, II e III são períodos compostos.

Questão 7

<u>Texto I</u>:

(Bill Watterson. *Calvin e Haroldo*.)

Em que consiste o humor da tirinha?

Questão 8

Eu sou Malala

Aquela manhã de terça-feira começou como qualquer outra, embora um pouco mais tarde que o normal. Era época de provas, e então as aulas tinham início às nove horas em vez de às oito, o que era bom, pois não gosto de acordar cedo e consigo dormir mesmo com o cacarejar dos galos e o chamado do muezim para as orações. [...]

A escola não ficava muito longe da minha casa, e eu costumava fazer o percurso a pé, mas desde o início de 2012 passei a ir com as outras meninas, usando o riquixá. [...]

Passei a tomar o ônibus porque minha mãe começou a sentir medo de que eu andasse sozinha. Tínhamos recebido ameaças o ano inteiro. Algumas estavam nos jornais, outras vinham na forma de bilhetes ou de mensagens transmitidos pelos moradores. Minha mãe andava preocupada comigo, mas a milícia talibã nunca atacara uma menina e eu estava mais preocupada com a hipótese de que eles talvez visassem meu pai, que sempre os criticava publicamente. [...]

Eu não estava assustada, mas passei a verificar, à noite, se o portão de casa estava mesmo trancado. E comecei a perguntar a Deus o que acontece quando a gente morre. Contei tudo à minha melhor amiga, Moniba. Morávamos na mesma rua quando pequenas, somos amigas desde a época do ensino fundamental e dividimos tudo: músicas do Justin Bieber, filmes da série *Crepúsculo*, os melhores cremes clareadores. Seu sonho era virar designer de moda, apesar de saber que sua família jamais concordaria; então dizia a todo mundo que queria ser médica. É difícil, para as meninas de nossa sociedade, ser qualquer coisa que não professora ou médica – isso, se quiserem trabalhar. Eu era diferente. Nunca escondi minha vontade, quando deixei de querer ser médica para ser inventora ou política. Moniba sempre sabia quando algo não ia bem comigo. "Não se preocupe", eu lhe dizia. "Os talibãs nunca pegaram uma menina".

Quando nosso ônibus chegou, descemos a escadaria correndo. As outras meninas cobriram a cabeça antes de sair para a rua e subir pela parte traseira do veículo. [...] O fundo do veículo, onde estávamos sentadas, não tinha janelas, apenas uma proteção de plástico grosso cujas laterais batiam na lataria.

[...]

Na realidade, o que aconteceu foi que o ônibus parou de repente. [...] Devíamos estar a menos de duzentos metros do posto militar.

Não conseguíamos ver adiante, mas um jovem barbudo, vestido em cores claras, invadiu a pista e, acenando, fez o ônibus parar.

"Este é o ônibus da Escola Khushal?", perguntou a Bhai Jan. O motorista achou aquela uma pergunta idiota, já que o nome estava pintado na lateral do ônibus. "Sim", respondeu.

"Quero informações sobre algumas crianças", o homem disse.

"Então você deve ir à secretaria da escola", orientou-o Bhai Jan.

Enquanto ele falava, outro rapaz, de branco, aproximou-se pela traseira do veículo. "Olhe, é um daqueles jornalistas que vêm pedir entrevistas a você", disse Moniba. Desde que eu começara a falar em público com meu pai, para fazer campanha pela educação de meninas e contra aqueles que, como o Talibã, querem nos esconder, muitas vezes apareciam jornalistas, até mesmo estrangeiros, mas nunca daquele jeito, no meio da rua.

O homem usava um gorro de lã tradicional e tinha um lenço sobre o nariz e a boca, como se estivesse gripado. Parecia um estudante universitário. Então avançou para a porta traseira do ônibus e se debruçou em nossa direção.

"Quem é Malala?", perguntou.

Ninguém disse nada, mas várias das meninas olharam para mim. Eu era a única que não estava com o rosto coberto.
Foi então que ele ergueu uma pistola preta. Depois fiquei sabendo que era uma Colt 45. Algumas meninas gritaram. Moniba me contou que apertei sua mão.
Minhas amigas disseram que o homem deu três tiros, um depois do outro. O primeiro entrou perto do meu olho esquerdo e saiu embaixo do meu ombro esquerdo. Caí sobre Moniba, com sangue espirrando do ouvido. Os outros tiros acertaram as meninas que estavam perto de mim. O segundo entrou na mão esquerda de Shazia. O terceiro atingiu seu ombro esquerdo, acertando também a parte superior do braço direito de Kainat Riaz.
Minhas amigas mais tarde me contaram que a mão do rapaz tremia ao atirar.
Quando chegamos ao hospital, meu cabelo longo e o colo de Moniba estavam cobertos de sangue.
Quem é Malala? Malala sou eu, e esta é minha história.
(Malala Yousafzai. *Eu sou Malala.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.13-7.)

muezim: é a pessoa que, em uma torre alta e estreita, chamada minarete, conclama os religiosos a fazerem suas orações.

riquixá: tipo de veículo, pequeno e leve, muito usado no Oriente.

No trecho "consigo dormir mesmo com o cacarejar dos galos", foi empregada uma **onomatopeia**, ou seja, uma palavra que reproduz aproximadamente um som da natureza.
a) Qual é a palavra do texto que constitui uma onomatopeia?
b) Que verbos onomatopaicos expressam o som produzido por:
• cachorro?
• cavalo?
• pássaro?
• boi?
• corvo ou abutre?
• rã e sapo?

Questão 9

Leia a tira a seguir, de Bill Watterson, criador da personagem Calvin.

Na tira, a palavra paroxítona **para** foi empregada duas vezes, mas com sentidos diferentes.
a) Identifique em qual quadrinho essa palavra indica uma ação e é verbo.
b) Identifique em qual quadrinho essa palavra indica uma finalidade.

Questão 10

Texto:

Artemis Fowl
(trecho)
Um calor de matar, segundo qualquer critério.
Desnecessário dizer que Artemis Fowl não estaria disposto a suportar esse desconforto se uma coisa muito importante não estivesse em jogo. Importante para o plano.
O sol não era bom para Artemis. Ele não ficava com boa aparência.
Longas horas dentro de casa, na frente do monitor, tinham clareado sua pele. Ele era branco como um vampiro e ficava quase tão irritado quanto um vampiro à luz do dia.
— Espero que esta não seja outra busca inútil, Butler — disse ele, com a voz baixa e tensa. — Especialmente depois do Cairo.
Era uma censura amena. Os dois tinham viajado para o Egito a partir da dica do informante de Butler.
— Não, senhor. Desta vez tenho certeza. Nguyen é um bom homem.
— Hmm — murmurou Artemis, sem se convencer.

Quem passasse por ali ficaria pasmo ao ouvir o enorme eurasiano se referir ao garoto como senhor. Afinal de contas, esse era o terceiro milênio. Mas aquela não era uma relação comum, e aqueles não eram turistas comuns.
Estavam sentados num café ao ar livre na rua Dong Khai, olhando os adolescentes circularem a praça em motonetas. Nguyen estava atrasado, e o patético retalho de sombra do guarda-sol era de pouca ajuda para melhorar o humor de Artemis. Mas esse era apenas seu pessimismo cotidiano. Por baixo da carranca havia uma fagulha de esperança. Será que essa viagem poderia dar resultado? Será que encontrariam o Livro?
Era muita coisa a esperar.
(Eoin Colfer)

Por que Artemis não gostava do calor?

Questão 11

Sobre o objetivo final da tirinha, explique como o autor desenvolveu a crítica sobre a guerra.

Questão 12

WATTERSON, Bill. *O mundo é mágico*. São Paulo: Conrad, 2007. p. 8.

Ao usar a expressão pronominal “tudo isso”, Calvin
Língua Portuguesa - Setor Estudo da Língua - Exercícios - Módulo 26

(c) julgou exagerada a seriedade com que Susie encarava suas tarefas escolares.
(a) escondeu sua surpresa pelo fato de Susie ter percebido que ele estava irritado.
(b) mostrou curiosidade em saber por que Susie estava fazendo sua lição na casa dele.
(d) expressou sua confiança na dedicação invejável de Susie às obrigações escolares.

Questão 13

O objetivo do anúncio é estimular os leitores a fazer uma visita turística à cidade de São Paulo.
a) Leia o enunciado verbal em destaque no anúncio. Qual é o principal argumento utilizado pelo anunciante?
b) Em que modo estão as formas verbais venha e volte? c) O emprego dessas formas verbais é compatível com a finalidade do anúncio? Justifique sua resposta.

Questão 14

Estadão. Caderno 2. C4, 24 out. 2014.

No terceiro quadrinho, a palavra “Como” é escrita com traço forte para indicar:
Língua Portuguesa - Setor Estudo da Língua - Exercícios - Módulo 29

(c) a tristeza do tigre Haroldo.
(d) a indignação de Calvin.
(b) a curiosidade de Calvin.
(a) a irritação da babá de Calvin.

Questão 15

Leia um trecho do texto do Ministério da Saúde dedicado aos brasileiros que pretendem viajar para o exterior.
Cuidados básicos nos passeios:
• **Use** repelentes quando houver necessidade;

• **Lave** as mãos com água e sabão várias vezes ao dia, principalmente antes de ingerir alimentos, após utilizar conduções públicas, visitar mercados ou locais com grande fluxo de pessoas.
(MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Brasileiros no exterior*. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-do-viajante/brasileiros-no-exterior>. Acesso em: 5 ago. 2018.)

Os verbos destacados estão no modo imperativo para expressar, nesse contexto, uma:
(d) solicitação.
(c) recomendação.
(b) proibição.
(a) ordem.

Questão 16

Leia esta crônica, de Carlos Heitor Cony:

Mila

Era pouco maior que minha mão: por isso eu precisei das duas para segurá-la, 13 anos atrás. E, como eu não tinha muito jeito, encostei-a ao peito para que ela não caísse, simples apoio nessa primeira vez. Gostei desse calor e acredito que ela também. Dias depois, quando abriu os olhinhos, olhou-me fundamente: escolheu-me para dono. Pior: me aceitou.

Foram 13 anos de chamego e encanto. Dormimos muitas noites juntos, a patinha dela em cima do meu ombro. Tinha medo de vento. O que fazer contra o vento?

Amá-la — foi a resposta e também acredito que ela entendeu isso. Formamos, ela e eu, uma dupla dinâmica contra as ciladas que se armam. E também contra aqueles que não aceitam os que se amam.

Quando meu pai morreu, ela se chegou, solidária, encostou sua cabeça em meus joelhos, não exigiu a minha festa, não queria disputar espaço, ser maior do que a minha tristeza.

Tendo-a ao meu lado, eu perdi o medo do mundo e do vento. E ela teve uma ninhada de nove filhotes, escolhi uma de suas fi lhinhas e nossa dupla ficou mais dupla porque passamos a ser três. E passeávamos pela Lagoa, com a idade ela adquiriu **"fumos fidalgos"**, como o Dom Casmurro, de Machado de Assis. Era uma *lady*, uma rainha de Sabá numa liteira inundada de sol e transportada por súditos imaginários.

No sábado, olhando-me nos olhos, com seus olhinhos cor de mel, bonita como nunca, mais que amada de todas, deixou que eu a beijasse chorando. Talvez ela tenha compreendido. Bem maior do que minha mão, bem maior do que o meu peito, levei-a até o fim.

Eu me considerava um profissional decente. Até semana passada, houvesse o que houvesse, procurava cumprir o dever dentro de minhas limitações. Não foi possível chegar ao gabinete onde, quietinha, deitada a meus pés, esperava que eu acabasse a crônica para ficar com ela.

Até o último momento, olhou para mim, me escolhendo e me aceitando. Levei-a, em meus braços, apoiada em meu peito. Apertei-a com força, sabendo que ela seria maior do que a saudade.

(In: Joaquim Ferreira dos Santos, org. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 271-2.)

fumos fidalgos: expressão antiga empregada com o significado de "ares de nobreza, falta de modéstia".

No início da crônica, o narrador intencionalmente omite uma informação importante sobre Mila.

Língua Portuguesa - Capítulo 2 - Da língua ao texto; do texto ao discurso - Exercícios - A intencionalidade discursiva na construção do texto

(a) Qual é essa informação?
(b) Por causa dessa omissão, como Mila pode ser vista pelo leitor durante uma boa parte da leitura do texto?
(c) Que palavras revelam que Mila é um animal de estimação?

Questão 17

Há, a seguir, três propostas de produção de conto maravilhoso: uma em grupo e duas individuais. Se possível, desenvolva as três.

Os contos produzidos serão depois publicados em um livro de contos que seu grupo montará e fará parte da mostra **Histórias para sempre,** proposta no capítulo Oficina de Criação desta unidade. Assim, serão lidos por professores, funcionários da escola, colegas da sua classe e de outras, pais e outros convidados para o evento.
?
Individualmente, escreva um conto maravilhoso do tipo tradicional. Você deve, porém, misturar histórias. Por exemplo, invente uma história em que o Lobo Mau e a Chapeuzinho Vermelho se encontram com João e Maria na floresta; ou uma história em que os Três Porquinhos sejam amigos ou conhecidos dos 7 anões e da Branca de Neve; e assim por diante.

Questão 18

Leia esta tira:

O 1º quadrinho mostra as personagens Magali e Mingau correndo.
a) Observe Magali e descreva-a fisicamente.
b) Por que ela está correndo de Mingau?

Questão 19

Leia a tirinha a seguir, de Gilmar:

Como é comum nas tiras, o último quadrinho revela uma surpresa e gera humor.
Língua Portuguesa - Capítulo 4 - Fonema e letra - Exercícios - Sílaba

(a) O que significa a expressão **um sem-noção**?
(b) Qual é a surpresa revelada no último quadrinho?
(c) Que tipo de ironia e crítica a tira faz ao homem "civilizado"?

Questão 20

Leia esta anedota:
O filho do alfaiate chega para o pai lá no fundo da loja e pergunta:
— O terno marrom encolhe depois de lavado?
— Por que você quer saber, filho?
— O freguês é quem quer saber.
— Ele já experimentou?
— Já.
— Ficou largo ou apertado?
— Largo.
— Então diz que encolhe.

O filho do alfaiate pergunta ao pai se o terno marrom encolhe. Por que o pai, em vez de responder diretamente "sim" ou "não" ao filho, responde com a pergunta "Por que você quer saber, filho?"?

Questão 21

Leia este poema, de Sebastião Nuvens:
Gato no mato

Um gato
foi passear no mato.
Quando chegou
no meio do mato encontrou
outro gato.

Os dois gatos
foram caçar patos.
Quando chegaram perto dos patos,
surgiram outros
dois gatos.
Os quatro gatos
foram procurar
ninho de carrapato.
Quando chegaram
perto dos chatos,
apareceram outros
quatro gatos.
Os oito gatos foram
brincar de dar saltos.
Enquanto davam
saltos muito altos,
se encontraram
com mais oito gatos.
Os dezesseis gatos
resolveram sair do mato.
Quando saíram do mato,
deram de cara com
outros dezesseis gatos.
Os trinta e dois gatos
decidiram caçar ratos.
Enquanto caçavam ratos,
apareceram outros
trinta e dois gatos.
Aí, os ratos gritaram:
— Assim, não!
Desse jeito é covardia!
Envergonhados,
os gatos foram saindo
de mansinho,
cada um para o seu lado.
E, como não tinha
nada para fazer,
um dos gatos resolveu
ir passear no mato.
(*Ciência Hoje das Crianças*, nº 128, p. 8.)

A cada estrofe, o número de gatos dobra no poema.
Em quais estrofes isso não ocorre? Por quê?

Questão 22

Leia este cartum, de Caulos:

O humor do cartum é construído a partir da relação entre linguagem verbal e linguagem visual. Observe as palavras que estão abaixo de cada um dos quadros.
(b) A que substantivo elas se referem?
(a) A que classe gramatical elas pertencem?

Questão 23

Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/05/11/32>. Acesso em: 29 dez. 2015.

No terceiro quadrinho, a forma verbal “deixa” é usada:
Língua Portuguesa - Setor Estudo da Língua - Exercícios - Módulo 17

(b) no imperativo, com o objetivo de fazer um pedido.
(d) no imperativo, com o objetivo de dar uma ordem.
(c) no presente, a fim de expressar um desejo.
(a) no futuro, para indicar uma intenção.

Questão 24

Leia o texto a seguir, de Luis Fernando Verissimo, e responda às questões propostas.

O diamante

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste.
— O que foi? — perguntou a mãe de Maria.
Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopy e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada.
A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.
— Nada, disse Maria.
A mãe resolveu não insistir. Deixou Maria deitada na cama, abraçada com o seu Snoopy, emburrada.
Quando o pai de Maria chegou em casa do trabalho, a mãe de Maria avisou:
— Melhor nem falar com ela...
Maria estava com cara de poucos amigos. Pior. Estava com cara de amigo nenhum.
Na mesa do jantar, Maria de repente falou:
— Eu não valo nada.
O pai de Maria disse:
— Em primeiro lugar, não se diz “eu não valo nada”. É “eu não valho nada”. Em segundo lugar, não é verdade. Você valhe muito. Quer dizer, vale muito.
— Não valho.
— Mas o que é isso? — disse a mãe de Maria. — Você é a nossa filha querida. Todos gostam de você. A mamãe, o papai, a vovó, os tios, as tias. Para nós, você é uma preciosidade.
Mas Maria não se convenceu. Disse que era igual a mil outras pessoas. A milhões de outras pessoas.
— Só na minha aula tem sete Marias!
— Querida... — começou a dizer a mãe. Mas o pai interrompeu.
— Maria — disse o pai —, você sabe por que um diamante vale tanto dinheiro?
— Porque é bonito.
— Porque é raro. Um pedaço de vidro também é bonito. Mas o vidro se encontra em toda parte. Um diamante é difícil de encontrar. Quanto mais rara é uma coisa, mais ela vale. Você sabe por que o ouro vale tanto?
— Por quê?
— Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. Se o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja. Agora, imagina se em todo o mundo só existisse uma pepita de ouro.
— Ia ser a coisa mais valiosa do mundo.
— Pois é. E em todo o mundo só existe uma Maria.
— Só na minha sala são sete.
— Mas são outras Marias.

— São iguais a mim. Dois olhos,um nariz...
— Mas esta pintinha aqui nenhuma delas tem.
— É...
— Você já se deu conta que em todo o mundo só existe uma você?
— Mas, pai...
— Só uma. Você é uma raridade. Podem existir outras parecidas. Mas você, você mesma, só existe uma. Se algum dia aparecer outra você na sua frente, você pode dizer: é falsa.
— Então eu sou a coisa mais valiosa do mundo.
— Olha, você deve estar valendo aí uns três trilhões...
Naquela noite a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria falando com o Snoopy:
— Sabe um diamante?
(In: *O santinho.* 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 10-2.)

O pai interrompe a fala da mãe, pois percebe que a filha ainda não está convencida. Como estratégia, compara Maria a um diamante. De acordo com a argumentação do pai, o que Maria e o diamante têm em comum?

Questão 25

Leia o poema a seguir, de Ulisses Tavares, e responda à questão.

Amizadão

Amigo, como o ar:
Some e volta some e volta.
No peito da gente, fica.

(*Viva a poesia viva*. 7. ed. São Paulo:
Saraiva, 2004.)

Identifique nos versos duas contrações do artigo e indique as palavras com as quais o artigo se contraiu.

Questão 26

A história em quadrinhos a seguir mostra Gaturro, um gato apaixonado pela gatinha Ágatha. Leia-a e responda à questão proposta.

Gaturro fica na janela por quatro vezes. Levante hipóteses:
a) O que representa a mudança de cor no vidro das janelas?
b) Associe as cores do vidro da janela ao significado de cada uma.
1 – tom lilás mais claro (primeira cena da janela)
2 – tom alaranjado (segunda cena da janela)
3 – tom esverdeado (terceira cena da janela)
4 – tom lilás mais escuro (quarta cena da janela)
( ) Está anoitecendo.
( ) É dia, com sol alto.
( ) Está amanhecendo.
( ) Parte da tarde.

Questão 27

Observe com atenção o quadro a seguir, do pintor norte-americano Norman Rockwell, e responda à questão proposta.

A pintura também pode ser vista como a representação da passagem do mundo infantil para o mundo adulto. Analise-a e destaque um elemento relacionado a cada uma dessas fases.

Questão 28

Grife as preposições e combinações empregadas nos textos seguintes de Marcelo Duarte.

a) **As avestruzes não enfiam a cabeça na terra**
Se fizessem isso, morreriam sufocadas. Suas pernas são suficientemente grandes para essas aves se defenderem de quem as ataca – ou para fugirem correndo. Elas, na verdade, encostam o ouvido no chão para perceber a vibração do solo e a aproximação de eventuais predadores. Nessa posição, o animal também consegue se misturar com a vegetação e afastar qualquer perigo de ataque.
b) Os camelos não armazenam água em suas corcovas
A corcova é um grande depósito de gordura. O corpo do camelo vai usando a gordura das corcovas aos poucos como alimento. Por isso eles podem viajar longos períodos pelo deserto sem comer, o que faz as corcovas diminuírem de tamanho nessas ocasiões.
DUARTE, M. *O guia dos curiosos*. São Paulo: Panda Books, 2008.

Disponível em: <http://guiadoscuriosos.com.br/categorias/1975/1/bichos.html>. Acesso em: 2 fev. 2016.

Questão 29

O telescópio
Por longo tempo lá ficaram na varanda ouvindo as histórias do céu. Dona Benta parecia um Camilo Flammarion de saia. Esse Flammarion foi um sábio francês que escreveu livros lindos e explicativos. "Quem não entender o que esse homem conta" — costumava dizer Dona Benta, "é melhor que desista de tudo. Seus livros são poemas de sabedoria, claríssimos como água."
Quem mais se interessou por aqueles estudos foi Pedrinho. Sonhou a noite inteira com astros e no dia seguinte pulou da cama com uma ideia na cabeça: construir um telescópio! "Que é, afinal de contas, um telescópio?" — refletiu ele. "Um canudo com uns tantos vidros de aumento dentro. Esses vidros aumentam o tamanho dos astros, de modo que eles parecem ficar mais próximos — foi como disse vovó."
E logo depois do café da manhã tratou de construir um telescópio. Canudos havia no mato em quantidade — nas moitas de taquara; e vidros de aumento havia no binóculo da vovó. Pedrinho serrou os canudos necessários, de grossuras bem calculadas, de modo que uns se encaixassem nos outros, colocou lá dentro as lentes do binóculo de Dona Benta e fez uma armação de pau onde aquilo pudesse ser manobrado com facilidade, ora apontando para este lado, ora para aquele.
Enquanto ia construindo o telescópio, dava aos outros, reunidos em redor dele, amostras de sua ciência.
— O telescópio saiu da luneta astronômica inventada por aquele italiano antigo, o tal Galileu. Um danado! Inventou também o termômetro e mais coisas. — Mas telescópio é invenção que até eu invento — disse Emília. — É só cortar canudos de taquara e grudar uns monóculos dentro...
Pedrinho ia respondendo sem interromper o serviço.
— Parece fácil, e é fácil hoje que a coisa já está sabida. Mas o mundo passou milhões de anos sem conhecer este meio tão simples de ver ao longe, até que Galileu o inventou. Também para tomar a temperatura das coisas nada mais simples do que fazer um termômetro — um pouco de mercúrio dentro dum tubinho de vidro, mas foi preciso que Galileu o inventasse. Tudo na vida são "ovos de Colombo".
Depois de pronto o telescópio, houve discussão quanto ao astro que veriam primeiro.
— Eu acho que o primeiro tem que ser o Sol, que é o pai de todos — disse Narizinho.
— Eu acho que deve ser a Grande Ursa, porque é um bicho raro — propôs Emília.
Pedrinho riu-se com superioridade.
— A Grande Ursa não pode, boba, porque fica nos céus do Norte. Estes céus aqui são os céus do Sul. E o senhor que acha, Dr. Livingstone? — perguntou ele ao Visconde.
O Dr. Livingstone respondeu batendo na bibliazinha.
— Deus fez por último as estrelas, como diz aqui o Gênesis, mas Cristo disse que os últimos serão os primeiros. Logo, temos que começar pelas estrelas.
Todos se admiraram daquela sabedoria, mas Pedrinho não se contentou. Quis também consultar tia Nastácia lá na cozinha.
— E você, tia Nastácia, que acha? — perguntou-lhe.
A negra, que acabava de matar um frango, foi de opinião que o bonito seria começar pela Lua, "onde São Jorge vive toda a vida matando um dragão com sua lança!"
A ideia foi recebida com palmas e berros.

— O dragão! O dragão! Viva São Jorge!... — exclamaram todos — e a lembrança de Tia Nastácia foi vencedora. Uma linda Lua cheia estava empalamando no céu. Pedrinho apontou para ela o telescópio. Espiou e nada viu. Emília, porém, viu coisas tremendas.
— Estou vendo, sim! — gritou. — Estou vendo um dragão verde, tal qual lagarto, com uma língua vermelha de fora. Língua de ponta de flecha. São Jorge, a cavalo, está espetando a lança no pescoço do coitado...
— Será possível? — exclamou Pedrinho, afastando-a do telescópio para espiar de novo — mas continuou a não ver nada.
— Você está sonhando, Emília. Não se vê nem a Lua, quanto mais o dragão.
— Pois eu vejo tudo com o maior "perfeiçume" — insistiu Emília voltando ao telescópio. — Um dragão de escamas... Com unhas afiadas... Um rabo comprido dando duas voltas.
Os meninos entreolharam-se. Verdade ou mentira? A boneca tinha fama de possuir uns olhos verdadeiramente mágicos — mas quem podia jurar sobre o que ela afirmava? A ânsia de ver coisas, porém, era maior que a dúvida, de modo que resolveram aceitar como verdade as afirmações da Emília e nomeá-la a "olhadeira do telescópio". Ela que fosse vendo tudo e contando aos outros.
Emília começou. Depois de enumerar todas as coisas que viu na Lua, apontou o telescópio para uma estrela qualquer.
— Chi — exclamou fazendo cara de espanto. — Como é peluda!... E tem dois ursinhos ao colo... Está brincando com um de cara preta... Agora franziu a testa... Parece que percebeu que estamos apontando para lá... Com certeza pensa que este telescópio é espingarda... A Grande Ursa é enormíssima..
— A Grande Ursa não é estrela daqui, Emília. Vovó já disse. Você está nos bobeando — gritou Pedrinho meio zangado.
Mas Emília continuou a ver coisas e a insistir que era realmente uma estrela Ursa. "Com certeza cansou-se dos gelos polares e chegou cá a estes céus do Sul para esquentar o corpo..."
Pedrinho deu-lhe um peteleco.
LOBATO, Monteiro. *Viagem no céu*. In: *Obra infantil completa*: edição centenário: 1882-1982. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 632.

Agora, observe os trechos não sublinhados e responda:
Que sinais gráficos o autor utilizou para marcar as frases das personagens, distinguindo-as das que pertencem ao narrador? Explique o significado desses sinais.

Questão 30

Observe a expressão do rosto e do corpo das personagens da história em quadrinhos a seguir e crie balões para ela. Procure fazer balões de diferentes tipos e usar diferentes letras. Lembre-se de que a linguagem empregada nas histórias em quadrinhos é informal, semelhante à que usamos no dia a dia. Além disso, as frases costumam ser curtas. Quando terminar, compare seus balões com os de seus colegas.

Questão 31

Leia esta tira:

No 2º quadrinho, a cena se repete, com Magali e Bidu. Por que ela foge do cachorro?

Questão 32

Leia este poema, de Arnaldo Antunes:
o sol acende
ou só ascende
(*Psia*. São Paulo: Expressão, 1986. p. 25.)

Com apenas seis palavras, o poema é bastante econômico. Observe as semelhanças e diferenças entre as palavras quanto à grafia e ao som.
Língua Portuguesa - Capítulo 4 - Fonema e letra - Exercícios - Construindo o conceito

(d) Faça uma síntese do poema, explicando a oposição entre **acender** e só **ascender**.
(a) Que palavras se assemelham sonoramente no poema?
(b) Que diferença de sentido há entre as palavras **acende** e **ascende**?
(c) A palavra **ou** transmite a ideia de:
• adição
• explicação
• exclusão
• causa

Questão 33

Leia o cartum a seguir e responda à questão.

Levante hipóteses: Quem são as pessoas que estão em pé e o que elas estão fazendo?
Português - Capítulo 3 - Um dia difícil... - Exercícios (pg. 33 - 35)

(a) Provavelmente, pais, avós e irmão de crianças que nasceram.
(c) Provavelmente, pessoas curiosas que querem ver crianças no berçário.
(d) Provavelmente, pessoas que trabalham no berçário.
(b) Provavelmente, pessoas que não conhecem as crianças que nasceram.

Questão 34

Releia o trecho da notícia:
"A gente não **escuta** (1) os nossos filhos, não **dá** (2) importância para as necessidades deles", enfatizou a gerente da assessoria jurídica do Nic.br, Kelli Angelini. Ela **citou** (3) dados levantados pela entidade que mostram que grande parte dos adolescentes de 11 a 17 anos estão expostos a conteúdos impróprios na rede. "**Será** que os pais estão atentos a isso? Será (4) que os pais sabem que 27% das meninas que responderam à pesquisa já tiveram acesso a conteúdos que estão relacionados a formas de ficar mais magro?", exemplificou.

MELLO, Daniel. Para especialistas, pais devem acompanhar uso da internet por crianças. *EBC – Agência Brasil.* São Paulo. Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-08/para-especialistas-pais-devem-acompanhar-uso-da-internet-por-criancas>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Assinale a alternativa que identifica, respectivamente, o tempo das formas verbais em negrito no texto.
(a) (1) presente – (2) presente – (3) pretérito – (4) futuro;
(d) (1) presente – (2) presente – (3) futuro – (4) pretérito.
(c) (1) presente – (2) pretérito – (3) pretérito – (4) futuro;
(b) (1) pretérito – (2) pretérito – (3) presente – (4) futuro;

Questão 35

Texto I:

A língua de nhem
Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.
E estava sempre em casa
a boa velhinha
resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...
O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha,
principiou também

a miar nessa língua
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...
Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,
e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...
De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,
ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

(Cecília Meireles)

A velhinha estava se sentindo sozinha, até que alguma coisa ocorre modificando essa realidade. Explique.

Questão 36

Leia as tiras a seguir e responda a questão.

Observe a fala da personagem da 1» tira. Sabendo que o substantivo grama pode ter dois sentidos — de "unidade de peso" e de "erva da família das gramíneas" —, você acha que no trecho "duzentos gramas de quadrinhos moídos" a concordância entre o numeral e o substantivo destacados está de acordo com a norma-padrão? Por quê? Se necessário, consulte o dicionário.

Questão 37

Salvador Dalí vendeu falso fio de bigode a Yoko Ono por US$ 10 mil
'A idiota pagou', diz ex-cantora Amanda Lear, que era amante do pintor.
Segundo ela, artista 'gostava de enganar as pessoas'.

O pintor espanhol Salvador Dalí (1904-1989) vendeu por US$ 10 mil dólares um falso fio de seu bigode a Yoko Ono, viúva de John Lennon, afirma a ex-cantora Amanda Lear, amante do artista na época, em uma entrevista à revista *VSD* publicada nesta quinta-feira.

Dalí jamais conseguiu resistir à atração pelo dinheiro, afirmou Amanda Lear. "Inclusive, um dia vendeu um fio de seu bigode a Yoko Ono", contou Lear. Dalí achava que Yoko Ono "era uma bruxa e temia que ela o enfeitiçasse. Ele me mandou ao jardim pegar uma erva seca e a colocou em um lindo cofre", explicou Lear. "A idiota pagou 10 mil dólares. Dalí gostava de enganar as pessoas", afirmou Lear, que virou amante do pintor em 1965, quando ele tinha 61 anos e ela 18. "Ele era meu professor de arte, meu pai, meu amante", comentou ainda.

Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/11/dali-vendeu-por-us-10-mil-a-yoko-ono-um-falso-fio-de-seu-bigode.html>.

Acesso em 28 jan. 2015.

"O pintor achava que Yoko Ono 'era uma bruxa e temia que **ela o** enfeitiçasse.'" É correto afirmar sobre as palavras destacadas:

(a) ambas são pronomes e substituem, respectivamente, os termos “Amanda Lear” e “o pintor”.
(d) ambas são pronomes e substituem, respectivamente, os termos “Yoko Ono” e “o pintor”.
(b) apenas “ela” é pronome e substitui o termo “Amanda Lear”.
(c) “ela” é pronome e "o” é artigo definido.

Questão 38

Palavras cruzadas são um passatempo apreciado por pessoas que gostam de jogos linguísticos. Muitas das palavras que preenchem os quadrinhos são substantivos, indicados por definições ou descrição daquilo que nomeiam.
a) Resolva as palavras cruzadas a seguir:

Horizontais
1. Objetos usados principalmente para varrer o lixo.
2. Fora da lei. / A segunda vogal do nosso alfabeto.
3. Consoantes de **sítio**. / Forma popular de **está**. / A terceira letra do nosso alfabeto.
4. As iniciais de **Carlos almeida Lima**. / O mesmo que **olá**. / Combinação da preposição **a** com artigo **o**.
5. Abreviatura de **oeste**. / A nona letra do nosso alfabeto. / Consoantes de **dama**. / A letra mais usada para indicar plural.
6. Indico pelo nome. / A primeira vogal da palavra **oxigênio**.
7. Intervalo entre uma noite e outra. / A vogal de oco. / Abreviatura de **et cetera.**
8. A segunda vogal do alfabeto. O mesmo que sadia. / Abreviatura de **zoológico**.

Verticais
1. O título de nobreza do sabugo de milho que virou personagem na obra infantil de Monteiro Lobato.
2. Antônimo de **baixa**. / O mesmo que **olá**.
3. A primeira sílaba de **sereia**. / Os frutos da limeira.
4. Consoantes de **siga**. / A primeira letra do nome da boneca que virou personagem na obra infantil de Monteiro Lobato. / A primeira vogal do alfabeto, com til.
5. Vogais de **boa**. / Algo ou alguém que é **odioso** é digno de...
6. Que está ou vem no final.
7. Abreviatura de **rua**. / A primeira letra do alfabeto. / **Zé** escrito ao contrário.
8. Artigo feminino singular. / Carta de baralho. / Forma popular de **estou**.
9. Enxuto. / Vazio.

b) Que palavras usadas no quadro são substantivos? E adjetivos?

Questão 39

“Sorria: você está sendo filmado”
Você já percebeu que, em qualquer lugar aonde vamos, estamos sendo filmados? E já pensou que os filmes em que aparecemos podem ser postados na Internet ou ir parar na televisão? Será que não temos mais o direito à privacidade??
Leia o texto a seguir, de Pedro Doria, e responda à questão proposta.
Mulher do cocô de cachorro

No dia 6 de junho último, uma jovem sul-coreana pegou o metrô em Seul acompanhada de seu cachorro. O bicho fez cocô no chão. Os passageiros ao lado pediram que tivesse a delicadeza de limpar – ela se recusou. Um rapaz, com celular de câmera, registrou o incidente. A moça levantou, deixou o vagão, foi-se embora; um senhor se ajoelhou, recolheu os restos num saco e jogou no lixo.
Neuroses da vida urbana. A diferença é que as fotografias foram para a internet e se espalharam pelos blogs de lá. Culturalmente, a Coreia do Sul é um país um bocado rígido. Não chega à intolerância de Cingapura, onde ponta de cigarro no chão pode disparar perseguição policial, mas ordem pública é coisa levada muito a sério.

Com as fotos na rede sendo distribuí- das à velocidade de vírus, um movimento de identificação da moça teve início. Ela ganhou o apelido de "gae-ttong-nyue", mulher do cocô de cachorro. E um movimento de repulsa igualmente forte veio à tona, primeiro na blogosfera, depois nas páginas da imprensa sul-coreana e, então, no "The Washington Post"*.
Ela foi identificada – num país onde quase todo mundo acessa a internet e se informa por ela, não é difícil. Na fotografia estavam não apenas seu rosto como também a bolsa grande que costuma usar, o focinho do cachorro e um relógio particularmente chamativo. Apontada na rua, localizada na universidade, trancou matrícula, enfurnou-se em casa. Em qualquer sociedade é normal se preocupar com o que pensam os outros; nas do Oriente extremo, o peso é soberbo*.
Mas é uma caça às bruxas. Por conta de um deslize, talvez um dia de mau humor ou um segundo de egoísmo, repentinamente vem a execração* pública. É mais ou menos o mesmo processo que dá início aos linchamentos. De fato, a moça do cocô de cachorro foi punida. Mas seu deslize estará a um Google de distância para qualquer um, daqui a dez ou 20 anos, que lance seu nome no mecanismo de busca. Talvez um namorado potencial, um futuro chefe. [...]
Essa é uma das características possíveis de um mundo onde todos são jornalistas em potencial. O abuso. [...] o acesso a coisas como câmeras de celular, publicação e distribuição instantânea de informação carregam consigo seus perigos.
No fim, a história da "gae-ttong-nyue" é só mais uma história típica da rede, esta fantástica construção tecnológica. Através dela, abusos em cantos como Iraque são denunciados, mentiras de políticos reveladas, amizades feitas. Amores se descobrem. E linchamentos morais ocorrem. Não há legislação para a web e, mesmo que houvesse, provavelmente não teria chance de ser eficaz. Na rede, a exacerbação* das características humanas é às vezes insuportável.
(*Folha de S. Paulo,* 28/8/2005. Revista da Folha.)

*exacerbação: exagero

*execração: ódio profundo, maldição, praga

*soberbo: em posição de destaque, grandioso

**The Washington Post*: jornal americano

O autor do texto inclui o comportamento da moça entre o que chama de "neuroses da vida urbana".
a) Interprete: Como você entende essa expressão utilizada pelo autor?
b) Além desse, que outros comportamentos também poderiam ser considerados "neuroses da vida urbana"?
Português - Capítulo 6 - "Sorria: você está sendo filmado" - Exercícios (pg. 58 - 61)

(b) cidadania.
(d) *bullying*.
(c) competição urbana.
(a) política.

Questão 40

Leia a gravura de Escher, a seguir, e responda à questão.

M. C. Escher

(*Três mundos*, de M. C. Escher. In: *Escher – gravuras e desenhos*. Rio de Janeiro: Paisagem.)

É correto afirmar que a gravura:
Português - Capítulo 8 - Meio ambiente: nossa casa! - Exercícios (pg. 86 - 89)

(c) constitui três mundos, todos formados por água.
(d) reúne três mundos e cada um deles corresponde a três planos de vida.
(a) é formada por um único plano, constituído de peixe, folhas e sombras.
(b) reúne três planos e cada um deles corresponde a um dos mundos.

Questão 41

Releia o texto abaixo.

O Vicente protestou indignado:
— Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!
A parte destacada está em discurso direto. Transforme-a em indireto fazendo as alterações necessárias.

Questão 42

Negócio de menino com menina

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina, de uns nove anos, ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:
– Olha que lindo! Compra pra mim?
O homem parou o carro e chamou:
– Ô menino.
O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem:
– Esse passarinho é pra vender?
– Não senhor.
O pai olhou para a filha com uma cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:
– Fala pra ele vender.
O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:
– Quanto você quer pelo passarinho?
– Não tou vendendo não senhor.
A menina ficou decepcionada e segredou:
– Ah, pai, compra.
Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios, águia da Bolsa, acostumado a encorajar os mais hesitantes ou a virar a cabeça dos mais recalcitrantes:
– Dou dez mil!
– Não senhor.
– Vinte mil.
– Vendo não.
– O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.
– Trinta mil.
– Não vendo, não, senhor.
O homem resmungou "que menino chato" e falou pra filha:
– Ele não quer vender. Paciência.
A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades da transação:
– Mas eu queria. Olha que bonitinho.
O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho de sol.
– Deixa comigo.
Levantou-se, deu a volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas gretas da gaiola. O homem, maneiro, estudando o adversário:
– Qual é o nome deste passarinho?
– Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.
O homem, quase impaciente:
– Não perguntei se ele é batizado não, menino. É pintassilgo, é sabiá, é o quê?
– Aaaah. É bico-de-lacre.
A menina, pela primeira vez, falou com o menino:
– Ele vai crescer?
O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.
– Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.

O homem:
– E canta?
– Canta nada. Só faz chiar assim.
– Passarinho besta, hein?
– É. Não presta pra nada. É só bonito.
– Você pegou ele dentro da fazenda?
– É. Aí no mato.
– Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.
O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.
– Dou quarenta mil, pronto. Toma aqui.
– Não senhor, muito obrigado.
O homem, meio mandão:
– Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?
– Não, não tou vendendo não.
– Cinquenta mil! Toma! – e puxou a gaiola.
Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha.
O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.
– Quero não senhor. Tou vendendo não.
– Não vende por quê, hein? Por quê?
O menino acuado, tentando explicar:
– É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.
O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.
– Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam'bora.
O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, para só ela ouvir:
– Amanhã eu dou ele pra você.
Ela sorriu e compreendeu.

Ivan Ângelo. *O ladrão de sonhos e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1994.

Elabore uma pequena lista de frases e de atitudes do fazendeiro que revelem sua arrogância.

Questão 43

[...] Diz Fred Eliaschewitz, diretor do Centro de Pesquisas Clínicas (CPClin), de São Paulo: "Nenhuma máquina ou modelo de computador consegue simular a complexidade de um organismo vivo". Um remédio contra a asma pode até nascer de um programa de computador. Mas não há como testar, em máquinas, sua segurança no cérebro, nos intestinos, no fígado e nos rins. Isso só é garantido inicialmente com testes em animais e, depois, nos próprios seres humanos. Além disso, é filosofia dos pesquisadores mais sérios e cuidadosos sempre reduzir a amostra de cobaias e, na medida do possível, substituí-las por espécies inferiores. Os ratos hoje estão presentes em 75% das experiências. Os cachorros, em especial os beagles, em menos de 1% delas. Uma das espécies que mais têm sumido dos experimentos são os primatas. Ainda assim, seu uso é essencial para as pesquisas de doenças neurodegenerativas e imunológicas. Não fossem os macacos, o neurocientista Miguel Nicolelis [...] jamais teria avançado em seus hoje reputadíssimos estudos sobre neurofisiologia, em busca de próteses neurais para pacientes vítimas de paralisia.
[...]
("Nossa eterna gratidão". *Veja*, nº 2345, p. 106-7.)

De acordo com o texto:
(a) as máquinas ou modelos de computador substituem os animais nos testes de laboratório.
(d) os testes em animais são necessários para a pesquisa de doenças humanas.
(b) ratos representam a menor parcela de animais utilizados como cobaias.
(c) hoje os primatas não são mais usados em pesquisas.

Questão 44

Leia a tira:

Disponível em: <http://blogdogalhardo.zip.net/arch2008-08-31_2008-09-06.html>. Acesso em: 2 fev. 2016.

a) Que recurso gráfico indica que o celular era objeto indispensável para a moça?
b) O sinal de exclamação é usado em todos os quadrinhos. Qual é sua função em cada um?

Questão 45

Observe a imagem a seguir.

Disponível em: <http://blog.conceitohigienizacao.com.br/blog/2015/03/23/como-limpar-o-oleo-de-uma-garrafa-devidro>.Acesso em: 8 maio 2016..

Imagine que essas garrafas são um novo produto e que coube a você criar um *outdoor* para promovê-lo. Para realizar esta tarefa, siga estas instruções:
• Defina **qual é esse novo produto**. Pode ser um refrigerante, um suco, um produto de beleza, de higiene, de limpeza, etc.
• Utilize a imagem acima como **ponto de partida** para a produção do *outdoor*. mas, se quiser, você poderá modificá-la ou acrescentar outras.
• Procure criar um texto que cause impacto e chame a atenção de quem passa.
• Lembre-se da estrutura do *outdoor* e cuide da diagramação do espaço (organização de texto e imagem; espaçamento entre eles; espaço(s) em branco, etc.).
• Quando terminar a primeira versão, faça a revisão de seu trabalho. Só depois, faça a versão definitiva.
Revisão do trabalho
Verifique se:
• O produto anunciado está claramente definido.
• O texto é curto, de forma a ser legível mesmo à distância.
• A diagramação (tamanho, cores, etc.) dá destaque ao produto.
• As palavras estão corretamente grafadas e acentuadas.

Questão 46

Leia o anúncio publicitário a seguir.

Nos anúncios publicitários geralmente há mais de um tipo de linguagem. E no anúncio lido?

Questão 47

Pronuncie em voz alta estas palavras dos textos:

(b) Organize as palavras em três grupos:
• oxítonas:
• paroxítonas:
• proparoxítonas:
(a) Identifique e sublinhe a sílaba tônica de cada uma das palavras.

Questão 48

A revolta das palavras (uma fábula moderna)

Como as personagens desta história são palavras, nada mais natural que ela aconteça nas páginas de um dicionário.
O dicionário é uma espécie de pomar. Só que as suas árvores, em vez de serem árvores de frutas, são árvores de palavras.
Cada uma das letras do alfabeto é uma árvore onde estão penduradas as palavras que começam por essa letra. Assim, “abacate” pertence à letra A, “banana” à letra B, “caqui” à letra C, e assim por diante.

A ordem por letra inicial, isto é, a ordem alfabética, ajuda a gente a encontrar rapidamente as palavras quando quer descobrir o que cada uma delas significa. Por exemplo, vocês sabem o que significa "ábaco"? Se não sabem, é só ir ao dicionário, procurar a letra A, localizar nela "ábaco", e ler a sua definição. Aí ficarão sabendo que "ábaco" é uma moldura com arames, ao longo dos quais há bolinhas coloridas que a gente pode movimentar. Movimentando essas bolinhas, conseguimos fazer rapidamente somas e subtrações.

Pois bem: o dicionário só funciona quando cada palavra está corretamente classificada pela sua letra inicial. Se estiver classificada por engano em alguma outra letra, aí é muito difícil achá-la.

Mas a dificuldade será muitíssimo maior se a definição da palavra estiver trocada. Imaginem, por exemplo, que vocês vão procurar na letra V a definição de "verdade" e lá encontram isto: "Ideia, juízo ou opinião falsos". Claro que essa não é a definição de "verdade", e sim a definição de "mentira", pois falso é aquilo que não é verdadeiro.

Felizmente, nos dicionários, isso nunca acontece.

Mas costuma acontecer muito na vida fora do dicionário. E, toda vez que acontece, engana as pessoas e desmoraliza ou bagunça o significado das palavras.

Foi por causa disso que houve a Revolta das Palavras. Um dia, elas se cansaram de estar sendo usadas de maneira errada por pessoas sem escrúpulos, que só queriam tirar vantagens para si, sem se importar de causar prejuízo aos outros.

Certa noite, numa hora em que os dicionários não estavam sendo usados, elas fizeram uma reunião. A reunião foi presidida pelas duas palavras mais prejudicadas pelo mau uso – ou seja, a Verdade e a Mentira.

— Minhas irmãs — disse a Verdade —, nós precisamos tomar providências para acabar com os abusos na maneira como somos usadas. A mim, me usam constantemente as pessoas desonestas quando querem se aproveitar da ingenuidade de gente de boa-fé.

— É isso mesmo — confirmou a Mentira. — Os desonestos também abusam de mim quando chamam de mentiroso alguém que diga algo verdadeiro que possa prejudicá-los. E, embora eu não queira, sou obrigada a servir de disfarce das más intenções deles.

— Para acabar com esses abusos, minhas irmãs — concluiu a Verdade —, só há uma solução. De agora em diante, todas nós devemos nos recusar a ser mal-usadas. Assim, quando alguém quiser dizer ou escrever uma mentira disfarçada de verdade, não conseguirá. Porque, em vez de eu aparecer, mandarei no meu lugar a Mentira.

— E se um desonesto — confirmou a Mentira — quiser chamar uma verdade de mentira, não adianta me chamar que eu não irei. No meu lugar mando a Verdade. Vocês todas, façam isso também, não se deixem explorar.

As outras palavras bateram palmas para a proposta das duas presidentas e juraram, a uma só voz, que cumpririam ao pé da letra o que ficara combinado na reunião.

No dia seguinte começaram a acontecer as coisas mais estranhas pelo mundo afora.

Enquanto tomava o seu café da manhã, o Industrial teve a pior surpresa de sua vida quando abriu o jornal e leu o anúncio que mandara publicar. Bufando de raiva, telefonou imediatamente para o Publicitário:

— Você é um incompetente, um irresponsável! Como teve a audácia de escrever, no anúncio que redigiu para a minha indústria, que os nossos produtos estão muito longe de ser os melhores do mundo?

— Eu nunca escrevi isso! Só pode ter sido erro do jornal! — respondeu, aflito, o Publicitário.

Por telefone, o Industrial reclamou com o Dono do Jornal.

— Na hora de ser impresso, o anúncio foi conferido e estava tudo em ordem. Só pode ter sido sabotagem de algum agitador ou coisa de feitiçaria! — justificou-se, consternado, o Dono do Jornal.

Nessa mesma hora, o Comerciante estava arrancando os cabelos de raiva porque, na fachada do seu supermercado, havia um cartaz escandaloso. Em vez de dizer que os preços dos produtos ali vendidos eram os mais baixos, dizia que eles eram iguais ou até um pouco mais altos que os dos outros supermercados.

E o susto do Político entrevistado pela televisão quando disse diante das câmeras, sem saber por que nem como, que não cumpriria nenhuma das promessas feitas aos seus eleitores e que se elegera apenas para ganhar dinheiro?

Eu poderia ficar horas e horas contando muitos outros fatos estranhíssimos acontecidos naquele mesmo dia. Aconteceram a quem, como o Industrial, o Publicitário, o Dono do Jornal, o Comerciante e o Político, costuma dizer mentiras publicamente, com a maior cara de pau, só para se aproveitar da boa-fé dos outros. Mas se eu fosse contar tudo isso, a história da Revolta das Palavras ia ficar comprida demais, e eu sei que ninguém gosta de histórias muito esticadas, cheias de repetições. Por isso, vou apenas acrescentar que nesse mesmo dia inesquecível a Incompreensão foi fazer uma queixa à Verdade e à Mentira. Reclamou que o Poeta continuava mentindo sem que nada acontecesse a ele.

— Imaginem vocês que ele escreveu "A laranja madura é um sol sobre a mesa"! Onde se viu confundir uma bola pequena como a laranja com uma bola enorme como o sol? E se a laranja fosse tão quente como o sol, a mesa pegava fogo na mesma hora!

— Não é bem assim — explicaram a Verdade e a Mentira. — A poesia diz as coisas de modo tão original, tão fora do comum, que parece estar mentindo o tempo todo. Mas pense bem: não é o sol que amadurece as frutas? E o amarelo brilhante da laranja não é como o amarelo do sol que tivesse descido do céu até a terra?

Ah! eu quase ia esquecendo de dizer que tudo isso aconteceu num dia 2 de abril. Isso porque, se o dia 1º de abril é o Dia da Mentira, nada mais justo que o dia seguinte sirva para desmenti-lo e fique marcado no calendário, de hoje em diante, como o Dia da Desmentira.

Na manhã do Dia da Desmentira, as bibliotecárias de todas as bibliotecas do mundo fugiram apavoradas de seus locais de trabalho porque, quando lá chegaram, os dicionários estavam às gargalhadas, fazendo uma barulheira de estourar ouvido de surdo e de pôr fantasma para correr.

Talvez vocês estejam pensando aí com os seus botões que, afinal de contas, se durou apenas um dia, a Revolta das Palavras não adiantou coisa alguma. Mas se pensam assim, se enganam.

De agora em diante — eu aposto —, todos vocês vão prestar mais atenção no que dizem as pessoas aproveitadoras, para ver se elas estão mesmo dizendo a verdade quando prometem mundos e fundos. Sempre que vocês fizerem isso, lembrem-se de encostar bem o ouvido ao dicionário. Talvez consigam escutar lá dentro uma porção de risadinhas.

(José Paulo Paes. *Era uma vez um conto*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.)

audácia: ousadia, atrevimento.
desmoralizar: desacreditar, fazer perder a credibilidade.
escrúpulo: preocupação em praticar ações honestas, corretas.
presidir: dirigir, conduzir.
publicitário: pessoa que planeja, cria ou dirige a realização de propagandas; especialista em publicidade.
sabotagem: ação de prejudicar, de forma deliberada, trabalhos, projetos, etc.

No início do texto, o narrador faz uma comparação para caracterizar o dicionário.

a) A que ele compara o dicionário?
b) E cada letra do alfabeto?
c) E as palavras?

Questão 49

A natureza pede socorro

Existem listas e listas. Em lista de premiados, todo o mundo quer ter o nome; já em lista de quem ficou em recuperação, por exemplo, ninguém quer entrar. Uma das listas existentes é a dos animais em extinção. Nela estão os bichos que, por motivos diversos, correm o risco de desaparecer, como aconteceu com os dinossauros.

Tartaruga-de-pente, espécie classificada como em perigo na lista de animais ameaçados de extinção.

A longa lista dos condenados

A extinção de animais faz parte da evolução da vida na Terra, mas, desde que o bicho homem resolveu dar sua contribuição a esse processo, o desaparecimento de espécies tem se acelerado de forma preocupante. Na semana passada, foi divulgado o mais completo estudo sobre a situação dos mamíferos no planeta. O quadro que emerge da pesquisa é o mais sombrio desenhado sobre essa classe de animais. Um quarto das 5

487 espécies de mamíferos classificadas pela ciência se encontra em risco de desaparecer. Isso significa 1 141 espécies, quinze vezes mais do que o número de mamíferos extintos nos últimos cinco séculos. O estudo foi realizado pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), uma instituição composta de 11 000 cientistas de 160 países. Alguns dos animais relacionados estão ameaçados de desaparecer por causas naturais. É o caso do diabo-da-tasmânia, um marsupial carnívoro que lembra um urso pequeno, que desenvolveu um tipo de câncer fatal que contagia os exemplares da espécie através do contato físico. Segundo os cientistas, porém, a grande maioria dos animais ameaçados é vítima da ação humana. "O perigo de extinção das espécies, hoje, decorre quase exclusivamente do desmatamento, que destrói os hábitats, e da caça", disse a VEJA o biólogo sul-africano Mike Hoffmann, do departamento de biodiversidade da IUCN.

Calcula-se que o desmatamento atinja 40% dos mamíferos do mundo. As florestas são destruídas para dar lugar à expansão urbana e à agricultura, o que explica os altos índices de animais sob risco no sul e no sudeste da Ásia, onde as populações crescem em ritmo acelerado. Nessas regiões, 80% dos primatas podem desaparecer. A população de orangotangos-de-bornéu que habitam florestas da Malásia e da Indonésia resume-se a 14% da existente em meados do século XX. A outra grande ameaça às espécies, a caça indiscriminada, frequentemente é praticada por total desconhecimento da importância da preservação desses animais. "Moradores de regiões remotas, que matam primatas e cervos para comê-los, não fazem ideia de que estão caçando espécies ameaçadas de extinção", explica a primatóloga inglesa Liza Veiga, que vive em Belém e participou do estudo da IUCN fornecendo informações sobre animais da Amazônia. "O cuxiú-preto, um macaco já próximo de desaparecer, é caçado para que seu pelo seja usado na fabricação de espanadores", ela relata. [...]

Os mamíferos aquáticos encontram-se em situação ainda mais grave do que os terrestres: 35% das espécies correm perigo. [...] Os principais fatores que levam os mamíferos aquáticos à morte são os acidentes ocasionados durante a pesca de outras espécies – eles são capturados e feridos nas redes – e a poluição das águas, geralmente causada pelo crescimento das cidades nas regiões costeiras. [...]

(*Veja, nº* 2082.)

Quais são os animais ameaçados de extinção no Brasil

Atualmente, 627 espécies brasileiras estão ameaçadas. Confira algumas das que enfrentam maior risco

Que o Brasil é um dos países com maior biodiversidade, com uma grande quantidade de espécies de fauna e flora, não é novidade para ninguém. Que alguns desses animais correm sério risco de extinção, devido a uma série de fatores como desmatamento, caça ilegal, poluição, também não. Mas quais são, afinal, as espécies brasileiras ameaçadas?

A resposta está no *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas*, produzido pelo Instituto Chico Mendes, do Ministério do Meio Ambiente, e pela organização internacional IUCN, com base nos estudos de uma série de pesquisadores. Atualmente, 627 espécies estão na lista de ameaçadas de extinção, em diferentes categorias de risco. Metade dessas espécies está protegida em unidades de conservação, e o governo aprovou planos de ação para cerca de 33% das espécies.

A lista divide os animais de acordo com o estado de conservação de cada espécie. Essas categorias vão desde Vulnerável até Extinta, além das espécies classificadas como Quase ameaçadas ou Pouco preocupante. Confira alguns animais de cada categoria.

Extintas

Essa é a categoria mais dramática: sete espécies brasileiras são consideradas Extintas (EX), e as sete eram encontradas na Mata Atlântica – o bioma mais devastado do Brasil. São espécies como a perereca *Phrynomedusa fimbriata* ou a arara *Anodorhynchus glaucus*, além de quatro invertebrados terrestres, como a minhoca-branca e uma espécie de minhocuçu.

Extintas na natureza

Duas espécies estão listadas como Extintas na Natureza (EW). São duas aves que não são encontradas mais em seus hábitats naturais, e existem apenas em cativeiro. O **mutum-dealagoas** é uma ave que antes era encontrada na Mata Atlântica, mas desde 1999 acredita-se que esteja extinta na natureza: há cerca de 120 indíviduos vivendo em cativeiro. Já a **ararinha-azul** é uma ave de plumagem azul e cinza que vivia na

caatinga. O último indivíduo desapareceu na natureza em outubro de 2000, mas cerca de 60 indivíduos vivem em cativeiro. A ararinha-azul é conhecida do grande público: é a espécie que inspirou o filme *Rio*. [...]

Mutum-de-alagoas, espécie brasileira que foi extinta da natureza.

Criticamente em perigo

O peixe-boi (*Trichechus manatus*), espécie classificada como "Criticamente em Perigo" na lista de animais ameaçados de extinção.

São considerados Criticamente em Perigo (CR) as espécies de animais que tiveram grande declínio de população e vivem em apenas algumas áreas – a destruição dessas áreas coloca em risco a existência desses animais. Atualmente, há 125 espécies brasileiras classificadas nessa categoria, como o **peixe-boi-marinho**, que sofre principalmente por causa da caça e de capturas acidentais, e o **mico-leão-da-carapreta**, o mais ameaçado dos mico-leões da Mata Atlântica.

Em perigo

São 163 espécies classificadas como Em Perigo (EN). Elas também enfrentam alto risco de extinção, mas a situação não é tão crítica como a categoria CR. A **tartaruga-de-pente** é um exemplo de animal em perigo. Essa tartaruga vive no litoral da Bahia, e tem esse nome porque, antigamente, o seu casco era usado para fazer pentes. Hoje, o que mais ameaça a espécie é a poluição marinha.

Vulneráveis

A maior parte dos animais da lista encontra-se nessa categoria: são 330 espécies brasileiras consideradas Vulneráveis (VU), em praticamente todos os biomas do país. É o caso dos principais felinos brasileiros, as **onças**. As três espécies de onça do país estão vulneráveis e enfrentam ameaças como a destruição de seus hábitats com o avanço do desmatamento, além da caça. Os animais vulneráveis também correm grande risco, mas muitos já estão sendo atendidos por planos de ação de conservação. O **lobo-guará**, por exemplo, outra espécie considerada vulnerável, tem 19 metas e 25 ações para reverter o declínio populacional da espécie.

Onça-parda (*Puma concolor capricornensis*), espécie classificada como "Vulnerável" na lista de animais ameaçados de extinção.

(*Época*, 16/5/2012.)

Veja agora as fotos dos animais que acompanham os textos.
a) Qual é o papel delas?
b) O que esses animais tão diferentes têm em comum, segundo o texto?
c) Os textos abaixo das fotos chamam-se **legendas**. Que papel elas têm no texto?

Questão 50

O texto a seguir integra a obra *Só entre nós* — Abelardo e Heloísa, na qual é narrada a história de dois adolescentes que se conhecem na Internet e, a partir daí, começam a se corresponder por cartas e *e-mails*, dando início a um intenso relacionamento. Leia uma das cartas que Heloísa envia a Abelardo:

Petrópolis, 27 de maio

Luísa (é minha mãe) nunca quis que eu dependesse de ninguém. Aprendi a comer sozinha com muito menos idade do que as outras crianças. Calcei meus próprios sapatos com 3 anos. Ela sempre disse que as mulheres já nascem em desvantagem diante dos homens, pois eles acham que o mundo é deles e que nós estamos aqui para servi-los.

É claro que o casamento dela com o meu pai não deu certo! Ele sempre foi um típico machão e ela uma típica feminista. Estão separados desde que eu tinha 5 anos. Não cheguei a sentir falta do meu pai porque sempre tivemos pouco contato. Mas sentia (e sinto às vezes) falta de um pai. Tanta gente tem, por que eu não posso ter também? Mas essas coisas não se resolvem assim, nem sempre querer

é poder. Meu pai está muito longe de mim, está em outro planeta, em outra galáxia (na verdade, ele mora na Austrália, o que dá no mesmo para mim, pois quase nunca nos vemos ou nos falamos, apesar do telefone e da internet). Tá vendo? Não te disse que eu tenho uma coisa de ET? E sabe por quê? Eu não sinto falta dele, mas de um pai — coisa que ele não é e nunca foi. Mas a Luísa não fala sobre isso. Antes, eu achava que era para não me traumatizar ainda mais. Hoje, eu sei que ela não fala porque não acha nada de anormal nisso (Filho de ET. Etezinho é, meu amigo).
Luísa também está longe, claro. Com essa mania de autossuficiência ela acaba esquecendo que a filha, mesmo com 15 anos, precisa de colo de vez em quando. Só que ela me trata como se eu fosse uma pessoa da idade dela, e eu preciso é de uma mãe, droga!
Ela podia ser tudo que é, mas também podia ser a mãe que eu gostaria de ter. Mãe que dá bronca, que não deixa a filha chegar em casa depois de uma certa hora, mãe que diz para não deixar o namorado fazer isto ou aquilo... mãe que dá o colo sempre que a filha precisa. Nunca tive isso e morro de inveja de todas as meninas que têm mães normais e não dão valor a elas.
Ah, conto para você porque sei que ninguém mais vai saber, muito menos a Luísa. Ela nunca entenderia, acharia um absurdo, me olharia com aquela cara de super-mulher-executiva-independente-mão-de-ferro como se olhasse para uma aberração! Eu quero ser forte, mas não posso ser de ferro.
Heloísa
(Júlio Emílio Braz e Janaina Vieira. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 33-4.)

Além de normalmente apresentarem **local** e **data**, **vocativo** (o nome do destinatário no início da carta) e **assinatura** do remetente, as cartas também contêm **assunto** e **despedida**.
a) Qual é o assunto da carta lida?
b) Heloísa usa alguma expressão para se despedir do amigo?

Questão 51

O texto a seguir faz parte do romance *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, e, nele, o narrador-personagem, Carlinhos, descreve uma das personagens que conheceu no engenho do avô, onde passou a viver após a morte da mãe.
Leia-o.
A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso*. Pequenina e toda engelhada*, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e Uma Noites*. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras.
As suas histórias para mim valiam tudo. Ela também sabia escolher o seu auditório. Não gostava de contar para o primo Silvino, porque ele se punha a tagarelar no meio das narrativas. Eu ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato*, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de história. E as suas lendas eram suas, ninguém sabia contar como ela. Havia uma nota pessoal nas modulações de sua voz e uma expressão de humanidade nos reis e nas rainhas dos seus contos. O seu Pequeno Polegar era diferente. A sua avó que engordava os meninos para comer era mais cruel que a das histórias que outros contavam.
A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar. Ela subia e descia ao sublime sem forçar as situações, como a coisa mais natural do mundo. Tinha uma memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando de vez em quando pedaços de prosa, como notas explicativas. [...]
Havia sempre rei e rainha, nos seus contos, e forca e adivinhações. E muito da vida, com as suas maldades e as suas grandezas, a gente encontrava naqueles heróis e naqueles intrigantes, que eram sempre castigados com mortes horríveis. O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e as florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com o Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco.

[...]
Depois Sinhá Totonha saía para outros engenhos, e eu ficava esperando pelo dia em que ela voltasse, com as suas histórias sempre novas para mim. Porque ela possuía um pedaço do gênio que não envelhece.
(23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. p. 49-54.)

*****engelhada: enrugada, encarquilhada.
*****histórias de Trancoso: contos e histórias antigas de origem popular; o termo Trancoso diz respeito ao nome de um escritor português que coletava esses contos e histórias.
*****entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato: expressão que faz parte de uma quadra popular recitada para encerrar uma história e dar início a outra.
O narrador apresenta sua personagem como "**velha** Totonha", ou seja, como uma mulher idosa. Que outros adjetivos do parágrafo inicial do texto reforçam essa característica da personagem?
Língua Portuguesa - Unidade 3 - Capítulo 2 - O preço de pensar diferente - Exercícios - Para escrever com expressividade

Questão 52
Observe a letra da música abaixo e responda a questão:
"Minha jangada vai sair pro mar,
Vou trabalhar, meu bem querer.
Se Deus quiser, quando eu voltar do mar,
Um peixe bom eu vou trazer.
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer."
(Dorival Caymmi)

A quem se referem os verbos destacados?

Questão 53
Leia as tiras a seguir e responda a questão.

No último quadrinho da 2ª tira, lemos: "Proibido formigas".
(b) De acordo com a norma-padrão, que outra redação poderia ser dada a esse enunciado?
(a) O enunciado dessa frase está de acordo com a norma-padrão?

Questão 54
Leia a letra de uma canção de Sandra Peres e Paulo Tatit:

O eu lírico se compara ao avô e pensa no que cada um é, foi e será. Observe estes três grupos de versos:
"[meu avô] Que é pai do meu papai "Agora eu sou criança "Eu serei um outro avô"
[...] E o vovô também já foi"
Ele era o que eu sou"
(c) Que verso expressa o que o eu lírico vai ser no futuro? Em que tempo está o verbo desse verso?
(d) As formas verbais dos versos acima expressam ação, estado ou fenômeno natural? Na sua opinião, por que esse tipo de verbo é o mais adequado ao tema da canção?
(e) Conclua: Qual é a importância dos tempos verbais na construção da letra dessa canção?
(b) Que versos expressam o que o eu lírico e o avô são no presente? Em que tempo estão os verbos desses versos?
(a) Que versos expressam o que o avô foi no passado? Nesses versos, em que tempo estão os verbos que se referem ao avô?

Questão 55
Texto:
Para ir à Lua

Enquanto não têm foguetes
para ir à Lua
os meninos deslizam de patinete
pelas calçadas da rua.
Vão cegos de velocidade:
mesmo que quebrem o nariz,
que grande felicidade!
Ser veloz é ser feliz.
Ah! se pudessem ser anjos
de longas asas!
Mas são apenas marmanjos.
(Cecília Meireles. "Ou isto ou aquilo". Pág. 70)

Na primeira estrofe há uma comparação implícita. Encontre-a.

Questão 56

Em 1991, o carioca Carlos Saldanha deixou o Brasil para fazer um curso de animação em Nova York. Destacou-se nas aulas e, ao contrário do que se espera, preferiu ser contratado por um estúdio pequeno a aceitar convites da Disney e da Pixar.

Membro da Blue Sky há 18 anos, ele é responsável por sucessos como [...] "A Era do Gelo" — o primeiro ele codirigiu — e pelo fenômeno "Rio", que arrecadou 470 milhões de dólares nas bilheterias [...]. Brasileiro de destaque neste mercado restrito, Saldanha conta como é trabalhar com animação e como o nosso mercado é visto lá fora:

Quando surgiu o interesse por animação?

Sempre tive interesse por desenho, arte, mas fazia isso como *hobbie*. Quando fui optar por uma profissão, escolhi algo relacionado com informática, que eu também gostava muito. Mas, depois que comecei a trabalhar com computação, senti falta da arte. Foi então que vi vinhetas, comerciais de televisão e curtas que utilizavam computação e decidi correr atrás disso.

[...]

Longas de animação hoje em dia já concorrem ao Oscar de melhor filme. O estigma de que animação é apenas para crianças acabou? O público leva mais a sério esse tipo de produção?

Sem dúvida nenhuma. Hoje em dia, animação é brincadeira de gente grande. Nas bilheterias, os filmes de animação estão no topo da lista. São poucos os produtos de cinema que conseguem abranger quase todas as faixas etárias como as animações.

[...]

Quanto tempo em média se leva para fazer uma animação, desde o momento da idealização até o lançamento?

De três a quatro anos. Mesmo quando os recursos eram mais escassos, o período era o mesmo, porque, conforme a tecnologia vai te ajudando a eliminar limitações, você também começa a pensar mais alto. A rapidez com que os processos são feitos é compensada pelo aumento da criatividade.

Quais são as maiores influências para o seu trabalho?

São desenhos que eu vejo desde pequeno, como os clássicos da Disney. Gosto muito de Pinóquio, Bambi e Dumbo. Até hoje também adoro Tom & Jerry. Assisto com minhas crianças. Mas duas grandes influências são Charles Chaplin e Buster Keaton, que atuavam no cinema mudo e conseguiam expressar sentimentos sem precisar falar nada.

[...]

(Catarina Cicarelli/Abril Comunicações S/A. http://vejasp.abril.com.br/materia/carlos-saldanha-aproducao-brasileira-pouco-conhecida-la-fora)

Em quais das palavras abaixo ocorre dígrafo?
interesse
quatro

trabalhar
vinhetas
gente
optar
Saldanha
correr
rapidez
Língua Portuguesa - Unidade 2 - Capítulo 2 - Entre irmãos - Exercícios (pg. 121 - 122)

Questão 57

Leia este miniconto, de Milu Leite:

Tec tec tec;)

Eles estavam
conversando pelo
computador.
Ela digitava rápido.
Tec tec tec.
Logo vinha a resposta
dele. Tec tec tec ;)
Ela começou uma poesia:
Viro a xícara.
Ele completou:
Plaft.
Ela, tec tec:
Empurro o balanço.
Ele, bem depressa:
Zum.
Ela:
Masco chiclete.
Logo apareceu na tela:
Nhoc.
Ela pensou um pouco.
Em seguida, enviou:
Cadê o grilo?
Ele respondeu:
Cri.
Ela:
Cadê o sorvete?
Ele:
Hummm!
Ela arriscou:
Cadê você?
No dia seguinte, o coração dela bateu forte
assim que ele entrou na sala de aula.
Ele baixou os olhos quando disse oi pra ela.
Não se falaram. Os dois não viam a hora de voltar pra
casa e tec tec tec no computador.

(*Folha de S. Paulo*. Folhinha. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di20050618.htm. Acesso em: 8/1/2013.)

Dê sua opinião:

a) As personagens já se conheciam antes da cena retratada? Por quê?
b) Se sim, provavelmente tinham se conhecido onde?
Português - Capítulo 4 - Uma pesquisa diferente - Exercícios - Texto e intertexto

Questão 58

Você conhece o preguiçoso gato Garfield? Leia a seguinte tira com a personagem.

No 1º quadrinho, a personagem utiliza quatro pronomes.
a) Quais são eles? Como se classificam?
b) O que o emprego de **senhor** revela quanto ao tratamento e ao relacionamento dos interlocutores?
c) A quem se refere a palavra **nos**?
Língua Portuguesa - Unidade 4 - Capítulo 1 - Asas da liberdade? - Exercícios (pg. 231)

Questão 59

Tempestade
? Menino, vem para dentro,
olha a chuva lá na serra,
olha como vem o vento!
? Ah! como a chuva é bonita
e como o vento é valente!
? Não sejas doido, menino,
esse vento te carrega,
essa chuva te derrete!
? Eu não sou feito de açúcar
para derreter na chuva.
Eu tenho força nas pernas
para lutar contra o vento!
E enquanto o vento soprava
e enquanto a chuva caía,
que nem um pinto molhado,
teimoso como ele só:
? Gosto de chuva com vento,
gosto de vento com chuva!
(Henriqueta Lisboa)

Crie uma onomatopeia para representar o som da chuva.

Questão 60

Leia a tira e o anúncio publicitário a seguir e responda à questão.

Observe o emprego dos artigos na tira.
a) Qual é o único artigo indefinido empregado na tira?
b) E quais são os artigos definidos?
c) Considerando quem são os interlocutores e o local onde eles estão, justifique: Por que houve vários empregos de artigos definidos e apenas um emprego de artigo indefinido?

Questão 61

Leia este cartum, de Laerte:

(b) O que o homem e a mulher que aparecem no alto do cartum estão fazendo?
(a) Pelas palavras **Saque** e **Depósito**, no alto dos guichês, que tipo de ambiente você infere que seja esse?

Questão 62

Reescreva as frases, substituindo os adjetivos em destaque por locuções adjetivas de mesmo sentido.
a) Maria acordou e deu início ao ritual **matutino**: escancarou a janela do quarto para que a luz **solar** entrasse e a fizesse despertar mais depressa.
b) A livraria do meu bairro tem muitos livros **infantis** e **juvenis**.
c) Campanhas de saúde destacam a importância do leite **materno** para o bom desenvolvimento do bebê.
d) Maria apreciava perfumes **florais**, mas preferia os que apresentavam aroma **amadeirado**.
e) Os movimentos **estudantis** foram reprimidos pela polícia **local**.
f) Os namorados festejavam a noite **enluarada** e o céu **estrelado**.
g) Infelizmente, a violência **urbana** tem crescido muito nos últimos anos.

Questão 63

Texto I:
A árvore
Era uma árvore
ameaçada
onde se ouvia
a passarada
Ninguém subia
nos galhos não
porque da árvore
só tinha o chão.
Todos só viam
uma clareira
porque a árvore
virou barreira.
Meu cão que ia
fazer pipi
não encontrou
um tronco ali.
Ela deixava
tão bela a vista,
e foi embora
sem deixar pista
Mas foi plantada
com esperança
na velha estrada
pela criança.
(Rosa Clement)

(Direitos do autor reservados)

Você concorda com o desmatamento? Quais serão as possíveis causas para que aconteça isso?

Questão 64

Logo cedo já começa... O garoto posta umas fotos pelo Instagram, vê as novidades no Facebook, responde a dezenas de mensagens no celular, comenta alguns *posts* do Twitter, navega pela Internet, baixa músicas, edita vídeos... Ao final do dia, tem a sensação de não ter feito nada, mas se sente muito cansado. Por quê? Leia os textos a seguir e responda à questão proposta.
Texto I
Tecnologia cansa

Especialista americano diz que a maneira como nos relacionamos com os avanços modernos é prejudicial à saúde

O psicólogo americano Larry Rosen, 50 anos, é uma das maiores autoridades mundiais quando o assunto é a relação entre o homem e a tecnologia. Há vinte anos ele pesquisa os efeitos dos avanços tecnológicos no dia a dia das pessoas. Seu diagnóstico é alarmante: todos nós, sem exceção, somos vítimas de uma nova modalidade de stress, provocada pela dependência cada vez maior da tecnologia. [...]

Veja – ***Bipes, celulares, secretárias eletrônicas, internet, e-mails... A tecnologia foi feita para facilitar a vida das pessoas, não?***

Rosen – A tecnologia é fascinante. As máquinas são rápidas e nos permitem fazer uma série de coisas até há bem pouco tempo inimagináveis. O mundo todo está a um clique no mouse do computador. Enviamos e recebemos mensagens eletrônicas de um lugar para qualquer outro. Nós nos comunicamos das mais variadas formas com as pessoas. Mas há um lado negro. Temos a impressão de que não podemos funcionar sem ela. Fazemos cada vez mais e mais coisas, estamos mais irritados do que nunca e, por incrível que pareça, nosso tempo é cada vez mais curto. Todas essas reações à tecnologia nos estressam. Chamamos essa tensão de *tecnostress*. É o mal da modernidade. Todas as pessoas do mundo – da criança ao velho, do executivo ao empregado – sofrem com isso, de uma maneira ou de outra.

Veja – ***O que define essa nova modalidade de stress?***

Rosen – Ela é o resultado da convivência cada vez maior das pessoas com a tecnologia. É a irritação que sentimos por não conseguir operar o videocassete novo ou quando ligamos para alguém insistentemente e ouvimos que o telefone celular está fora de área. Veja o caso da internet. Nunca as pessoas tiveram acesso a tanta informação. Mas, em muitos casos, o efeito pode ser inverso. Ao invés de ajudar, atrapalha. Estatísticas mostram que o volume de informações disponível dobra a cada 72 dias. As pessoas correm o risco de se perder diante de tanta coisa. A consequência imediata? Stress.

Veja – ***De que maneira a tecnologia afeta o comportamento das pessoas?***

Rosen – A velocidade da tecnologia está alterando nosso relógio biológico. As pessoas querem fazer tudo na velocidade do computador, querem que tudo se resolva num piscar de olhos. A consequência é que elas estão se programando para correr cada vez mais. Estão vivendo um constante estado de alerta. E isso gera nervosismo, ansiedade. O elevador demora e as pessoas já se irritam. A tecnologia está invadindo nossos limites por todos os lados. As pessoas estão mais impacientes do que nunca. Você começa a ver isso nas crianças.

Veja – ***Como assim?***

Rosen – Pesquisas feitas com essa geração de crianças criadas com o computador mostram que o limite de paciência delas é muito baixo. Elas não suportam nada que não se resolva imediatamente. O resultado é que estão apresentando cada vez mais problemas na escola, que definitivamente não é um universo multimídia. Pela sua própria natureza, a escola vira um tédio para essas crianças. Elas não conseguem prestar atenção às aulas, participar de reuniões, e se irritam com qualquer atividade demorada. A tecnologia está mudando nossa percepção de tempo. E ela nunca ocupou tanto espaço em nossas vidas. A questão é que ainda não aprendemos a usá-la de maneira adequada. Veja o grande paradoxo: os avanços que teoricamente vieram para agilizar as nossas tarefas e nos proporcionar mais tempo livre acabaram nos ocupando cada vez mais.

[...]

Veja – ***A tecnologia vicia?***

Rosen – Vejo cada vez mais pessoas depender dos produtos tecnológicos. É o que nós chamamos de tecnose. Elas simplesmente não conseguem imaginar a vida sem tecnologia.

Veja – ***Quais são os sintomas da tecnose?***

Rosen – A dependência da tecnologia significa que você não pode viver sem ela. Uma pessoa que fica nervosa porque não tem acesso à tecnologia, ou que não se lembra de como fazia suas atividades antigamente, certamente sofre de tecnose. Não podemos esquecer que a tecnologia falha, às vezes. Aí você

começa a ver pessoas entrando em crise porque o microondas estragou ou o computador pifou. Eu conheço pessoas que se viciaram tanto em tecnologia que passaram a levar uma vida fora do normal. Elas não sabem o que é relaxar, sair em férias, tirar um dia de folga. Ficam totalmente perdidas. E, acredite, isso está se tornando cada vez mais comum. As máquinas estão ditando as regras. Guardadas as devidas proporções, é como nos filmes de ficção científica: elas estão nos controlando!

Veja – *Por que a tecnologia vicia?*

Rosen – As pessoas não estão sendo capazes de controlar o uso da tecnologia. Por dois motivos. Primeiro, porque a tecnologia é muito atraente. Pense num computador, por exemplo. Ele trabalha rápido, é interessante, mostra fotos bonitas e coloridas, toca música, ou seja, faz praticamente tudo o que você quiser. O segundo motivo é que ainda não aprendemos a dizer chega. Sabemos que o computador é capaz de executar diversas tarefas ao mesmo tempo. Por isso, concluímos que também somos. E começamos a fazer tudo ao mesmo tempo. Temos a ilusão de que conseguimos fazer muito mais coisas. É um passo para desenvolver o transtorno das múltiplas tarefas, uma das facetas do tecnostress.

Veja – *O que é isso?*

Rosen – Quando executamos diversas atividades complexas ao mesmo tempo, nossa atenção se divide entre todas elas e não conseguimos nos concentrar numa só. Acabamos exigindo demais de nós mesmos, expondo nosso cérebro a constantes situações-limite e não demora muito para começarmos a sentir os efeitos disso. Quando passamos o dia fazendo várias coisas ao mesmo tempo, ao dormir é que nosso cérebro ganha tempo para processar todas as informações. É por isso que às vezes acordamos no meio da noite com a resposta para aquela pergunta que tanto nos incomodou durante o dia ou lembrando de um recado que não podemos esquecer de dar. Tudo isso junto nos faz perder a memória com frequência e altera nosso humor.

[...]

Veja – *É possível conviver com a tecnologia sem se estressar, ou a solução é evitá-la?*

Rosen – Toda nova tecnologia tem de ser aceita de uma maneira ou de outra. Evitá-la vai deixar as pessoas ainda mais estressadas, porque desse modo elas vão ficar de fora. Pense num executivo que não tem e-mail hoje em dia. Ele está numa clara posição de desvantagem no mercado. O mesmo vale para uma empresa que ainda não tem site na internet. É preciso encarar a tecnologia. Porque a tendência é que ela faça cada vez mais parte de nossa vida.

Veja – *E onde vamos parar?*

Rosen – Eu gostaria muito de ter uma bola de cristal. Acho que vamos continuar a sentir os efeitos do tecnostress cada vez mais, a menos que tenhamos sucesso em estabelecer onde estão as fronteiras saudáveis. Temos de parar e avaliar nossas vidas, porque somos nós que estamos causando os problemas, não a tecnologia. Afinal de contas, quem aperta os botões?

(Veja, nº 1674. Disponível em: http://veja.abril.com. br/081100/entrevista.html. Acesso em: 8/1/2013.)

Texto II

TECNOESTRESSE

O hábito de ficar sempre conectado expõe adolescentes a um excesso de estímulos que pode interferir no desenvolvimento mental e social.

[...]

Segundo o neurologista pediátrico Eduardo Jorge, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisas já associam overdose de tecnologia com problemas neurológicos e psiquiátricos.

"Estão aumentando os casos de doenças relacionadas ao isolamento. A depressão é a que mais cresce."

O neurologista também diz que há uma incidência maior do transtorno de déficit de atenção entre adolescentes aficionados por computador.

"Não é fácil de diagnosticar. Os pais não acham que o filho tem dificuldade de concentração porque ele fica parado no computador."

Outro risco é a enxaqueca. “Essas novas telas de LED são um espetáculo, mas têm um brilho e uma luminosidade que fazem com que aumentem tanto o número de crises de enxaqueca como a intensidade delas”, alerta.

IMPACTO SOCIAL

Para o pediatra americano Michael Rich, professor da Universidade de Harvard, o impacto das mídias digitais tem efeitos de ordem física e social. “Do ponto de vista da saúde, o principal risco é o da obesidade; do social, o fato é que, quanto mais conectado, mais isolados os jovens ficam no sentido das relações pessoais. É comum ver casais de mãos dadas e falando ao celular com outras pessoas.”

Opinião parecida tem o psicólogo Cristiano Nabuco, do Instituto de Psiquiatria da USP. Segundo ele, a tecnologia invadiu tanto o cotidiano que as pessoas se perdem no seu uso. “É mais preocupante em crianças e adolescentes porque nessa faixa etária o cérebro ainda não atingiu sua maturidade, não exerce plenamente a função de controle de impulsos”, diz.

A internet arrebata ainda mais dependentes quando se torna móvel: estatísticas internacionais apontam que 20% da população mundial de usuários de smartphones não consegue exercer um uso equilibrado da internet, de acordo com Nabuco.

Mas é claro que nem tudo são pedras no mundo virtual, como explica Eduardo Jorge. “Pesquisas também mostram que crianças usuárias de tecnologias da informação são mais ágeis, mais inventivas e têm uma capacidade maior de raciocínio em alguns testes de QI. A tecnologia não é um bicho de sete cabeças do qual elas tenham que ficar afastadas”, afirma. “Devem ser estimuladas a fazer bom uso, com limites.”

[...]

(Annette Schwartsman. *Folha de S. Paulo*, 15/5/2012. Equilíbrio.) Alexandre Matos

De acordo com Larry Rosen, entrevistado no texto I, a tecnologia é fascinante, porém apresenta um lado negativo.

a) Cite alguns dos benefícios proporcionados pela tecnologia, segundo ele.

b) Cite alguns dos aspectos negativos da renovação tecnológica.

Questão 65

O texto a seguir é o segundo capítulo de um romance de aventuras – Raptado – escrito por Robert L. Stevenson.

No primeiro capítulo o leitor fica conhecendo o jovem David Balfour, cujos pais haviam morrido recentemente. Seu pai determinara, antes de morrer, que David deveria partir de Essendan, sua terra natal, para a casa de um tio, na aldeia de Cramond. Assim ele fez, levando uma carta de apresentação assinada por seu pai. No segundo capítulo, David chega ao seu destino, depois de dois dias de caminhada.

Chego ao fim da viagem

Robert Louis Stevenson?

[...]

Mais adiante, disseram-me que eu me encontrava no povoado de Cramond, e comecei a perguntar pela casa de Shaws. Era uma palavra que parecia surpreender àqueles a quem eu pedia informações. A princípio pensei que minha aparência humilde, meus trajes de camponês e toda a poeira da estrada contrastavam com a grandeza do lugar para onde me dirigia. Mas depois que duas ou três pessoas me lançaram o mesmo olhar e me deram a mesma resposta, comecei a desconfiar de que havia algo estranho com os próprios Shaws.

Para evitar esse tipo de problema, mudei a forma de minhas indagações; e vendo um tipo de aparência honesta vindo pelo caminho, sentado no varal de sua carroça, perguntei- -lhe se já ouvira falar de uma dita casa de Shaws.

Ele parou a carroça e me olhou da mesma forma que os outros.

— Sim — respondeu. Por quê?

— É uma casa grande? — perguntei.

— Com certeza — disse ele. É uma casa grande e esquisita.

— Sei. E a gente que mora nela?

— Gente? — perguntou. — Você é bobo? Não tem ninguém lá... que possa se chamar de gente.

— O quê? — disse eu. — E o senhor Ebenezer?

— Hum, sim — tornou o homem. O dono da casa sim, claro, se é ele quem você procura. Que tipo de negócio você tem com ele, mocinho?

— Disseram-me que eu conseguiria uma colocação — expliquei, procurando ser o mais humilde possível.

— O quê? gritou o carroceiro, de uma forma que assustou até o cavalo. — Bem, mocinho — acrescentou ele —, não tenho nada com essa história; mas você parece ser um tipo decente; e se quer um conselho, fique longe dos Shaws.

A pessoa com quem cruzei em seguida era um homenzinho elegante, com uma bela peruca, que logo percebi ser o barbeiro fazendo sua ronda; e sabendo muito bem que os barbeiros costumam ser fofoqueiros, perguntei-lhe abertamente que tipo de homem era o senhor Balfour de Shaws.

— Ora, ora, ora — disse o barbeiro —, aquilo nem chega a ser um homem. [...]

Não consigo descrever a decepção que isso me causou. Quanto mais vagas eram as acusações, menos eu gostava delas, pois deixava mais campo à imaginação. Que diabos de grande casa era essa, que toda pessoa se surpreendia e olhava de lado quando perguntada sobre ela? Que espécie de fidalgo era aquele, cuja má fama corria mundo? Se com uma hora de viagem eu pudesse voltar a Essendean, eu acabaria a minha aventura ali mesmo, e voltaria para a casa do senhor Campbell. Mas, uma vez que eu tinha viajado para tão longe, eu iria até o fim para tirar o caso a limpo, nem que fosse só pela vergonha de desistir antes do tempo; por uma questão de amor próprio, eu tinha de continuar; e por menos que eu gostasse do que me diziam, e por mais devagar que eu viajasse, continuava perguntando o caminho e indo adiante.

Já estava começando a anoitecer quando encontrei uma mulher corpulenta, escura, com expressão amargurada, que vinha descendo um morro penosamente; e quando lhe fiz minha pergunta de sempre ela deu um giro brusco, acompanhou-me morro acima retomando o caminho que acabara de fazer, e apontou o grande vulto do edifício solitário no meio do campo verde no fundo do vale. As cercanias eram muito agradáveis, com muitas colinas, com muitas águas e bosques, e a meu ver as colheitas deviam ser excelentes. Mas a casa era uma espécie de ruína; nenhum caminho levava até ela; de suas chaminés não saía nenhuma fumaça; nada havia nela que lembrasse um jardim. Senti um peso no coração.

— Aquilo! — gritei.

O rosto da mulher teve um brilho de raiva maligna.

— Aquela é a casa de Shaws! — exclamou. — O sangue a edificou, o sangue interrompeu sua construção, o sangue a destruirá. Olhe aqui! — continuou a mulher aos berros —, cuspo no chão e estalo os dedos para amaldiçoá-la! Sua queda será terrível! Se você encontrar o dono da casa, diga-lhe o que ouviu; diga-lhe que esta foi a milésima ducentésima quinta vez que Jennet Clouston amaldiçoou a ele, suas propriedades, sua família, incluindo estábulo, hóspedes, homens, mulheres e crianças — terrível, terrível será sua queda!

E a mulher, cuja voz assumira um tom de cantilena antiga, girou com um salto, e se foi. Fiquei onde ela me deixou, com os cabelos em pé. Naquele tempo as pessoas ainda acreditavam em bruxas e tremiam diante de uma maldição; e aquela, que parecia vir bem a propósito para impedir que eu realizasse meus planos, me deixou de pernas bambas.

Sentei-me e fiquei olhando a casa de Shaws. [...] Finalmente o sol desapareceu e eu vi, contra o fundo amarelo do céu, uma espiral de fumaça subindo, não muito mais grossa que a fumaça de uma vela, segundo me pareceu; mas de qualquer maneira lá estava ela, e significava fogo, calor e comida, e algum habitante que devia tê-lo acendido; e isso confortou meu coração.

Comecei a andar em direção à casa por uma trilha quase imperceptível. Era uma trilha tão indefinida que dificilmente poderia ser o único caminho que levava à casa; mas não vi nenhum outro. O caminho passava por colunas de pedra, com uma cabana destelhada do lado, encimadas por brasões. Evidentemente aquilo deveria ter sido a entrada principal, nunca concluída; ao invés de portões de ferro batido, havia um par de obstáculos improvisados, amarrados com uma corda; e como não havia muros que circundassem um jardim, nenhum sinal de alameda, a trilha que eu seguia passava à direita das colunas e levava à casa.

Quanto mais perto eu chegava, mais lúgubre ela parecia. Dava a impressão de ser a única ala de uma casa cuja construção nunca fora concluída. Os andares de cima estavam abertos e elevavam-se contra o céu, com degraus e escadarias inacabadas. Muitas das janelas não tinham vidraças, e os morcegos entravam e saíam com toda familiaridade, como pombos num pombal.

A noite começara a cair quando cheguei mais perto; e em três das janelas do térreo, que ficavam a grande altura, eram pequenas e muito bem guarnecidas de barras, começou a brilhar a luz trêmula de uma pequena chama. [...]

Aproximei-me com cuidado, e pondo-me à escuta, ouvi alguém mexendo em pratos, e uma tossezinha seca e impaciente que ia e voltava; mas não se ouvia nenhuma voz, nem o latido de um cão.

A porta, pelo que pude ver àquela fraca luz, era uma grande peça de madeira toda guarnecida de cravos; sem muito ânimo, levantei a mão e bati à porta uma vez. Parei e esperei. A casa caíra num silêncio mortal. Passou-se um minuto, e nada se mexia além dos morcegos lá no alto. Bati novamente, e novamente me pus a escutar. Àquela altura meus ouvidos estavam tão afinados com o silêncio que eu conseguia ouvir o tique-taque do relógio dentro da casa marcando devagar os segundos; mas a pessoa que estava dentro da casa continuava quieta, e devia ter prendido a respiração.

Eu estava em dúvida se devia fugir; mas a raiva foi mais forte e comecei a martelar a porta incessantemente e a gritar bem alto chamando o senhor Balfour. Eu estava em plena ação, quando ouvi a tosse bem acima de minha cabeça. Dando um salto para trás e levantando a vista vi a cabeça de um homem com um gorro comprido, e a boca de sino de um bacamarte, em uma das janelas do primeiro andar.

— Está carregado — disse a voz.

— Vim aqui com uma carta — disse eu — para o senhor Ebenezer Balfour de Shaws. Ele está aqui?

— De quem é a carta? — perguntou o homem do bacamarte.

— Isso não vem ao caso — respondi, porque já estava ficando furioso.

— Bem — disse ele —, você pode deixar a carta aí na porta e dar o fora.

— Não vou fazer isso — gritei. — Vou entregar essa carta nas mãos do senhor Balfour como me propus a fazer. É uma carta de apresentação.

— Carta de quê? — gritou a voz, rispidamente.

Repeti o que havia dito.

— Quem é você? — perguntou ele depois de um longo silêncio.

— Não me envergonho do meu nome — respondi. — Chamo-me David Balfour.

Ao ouvir estas palavras, o homem estremeceu; estou certo disso porque ouvi o bacamarte raspar o peitoril da janela; e foi depois de uma pausa ainda maior, e com uma curiosa mudança de voz que ele fez mais uma pergunta:

— Seu pai morreu?

Fiquei tão surpreso que não tive voz para responder, e fiquei olhando.

— Sim — continuou o homem —, sem dúvida ele deve ter morrido e é por isso que você veio bater à minha porta.

Mais uma pausa, depois do que ele falou num tom de desafio.

— Bem, homem, vou deixar você entrar.

44 E desapareceu da janela.

Raptado. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ática, 1997.

O capítulo que você acaba de ler pode ser divido em dois segmentos, cada um estabelecendo uma longa expectativa.

a) Faça a divisão indicando o parágrafo inicial e final de cada um dos segmentos.

b) Dê um título a cada segmento. Atenção: cada título deve indicar claramente a expectativa vivida pela personagem.

Questão 66

Leia este trecho do conto “O soldadinho de saco às costas”, de Teresa Lopes:

Tolentino Esteves da Silva nasceu, por assim dizer, soldado.

Na noite em que veio ao mundo, seu pai logo profeti__ou: um rapagão assim só pode servir nosso mestre e nossa pátria.

Não podiam ser para ele os rebanhos que a família guardava havia séculos, nem o amanho[1] da terra que a alimentava. Destino maior teria Tolentino e assim estava decidido.

Quando completou de__oito anos, o pai mandou-o inscrever-se no e__ército, conforme prometera à sua nascença. E poucos meses volvidos[2] chegou a carta que mandava Tolentino apresentar-se no quartel mais próximo.
A mãe juntou-lhe alguma roupa, um pedaço de pre__unto, meia dú__ia de chouriças[3], um naco[4] de pão e enfiou tudo num saco. Lágrima de mãe no canto do olho, disse-lhe que fosse em paz e pediu-lhe que nunca se esquecesse dela.
O pai, esse estava orgulho__o.
[...]
(Teresa Lopes. *Histórias que acabam aqui*. Edições Arcos Online, 2005. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000115.pdf. Acesso em: 4/7/ 2018.)

Glossário
[1]**amanho**: técnica de cultivar ou lavrar a terra.
[2]**volvido**: decorrido, passado.
[3]**chouriça**: enchido preparado com carne de porco.
[4]**naco**: pedaço grande.
Observe que, no conto, algumas palavras tiveram uma de suas letras suprimida. Considerando que todas elas têm o mesmo fonema /z/, complete as lacunas com as letras **z**, **s** ou **x**.

Questão 67

Trem de ferro
Café com pão
Café com pão
Café com pão
Virge Maria que foi isto maquinista?
Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...
Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

BANDEIRA, Manuel. Estrela da manhã. In: *Estrela da vida inteira*. 2. ed.

Rio de Janeiro: José Olympio/Instituto Nacional do Livro, 1970. p. 145.

O ritmo do poema acompanha o ritmo do trem. Releia a quinta estrofe e responda: a velocidade do trem é maior ou menor do que no restante do poema? Qual a causa da mudança?

Questão 68

Observe o emprego do verbo **explorar** neste trecho do texto:

"— E se um desonesto — confirmou a Mentira — quiser chamar uma verdade de mentira, não adianta me chamar que eu não irei. No meu lugar mando a Verdade. Vocês todas, façam isso também, não se deixem **explorar**."

Agora observe alguns dos significados desse verbo e assinale o que corresponde ao que ele tem no trecho:

• percorrer uma região para conhecê-la
• ir à descoberta de algo
• tirar proveito de alguém
• pesquisar, estudar

Questão 69

Leia esta reportagem:

Publicitários buscam símbolo positivo para a terceira idade

SÃO PAULO – Lucina Ratinho, de 68 anos, ri quando lembra da discussão que a neta Isabela, de 12, travou na escola, anos atrás. Era Dia da Avó e cada criança tinha de levar uma foto da sua. Isabela foi logo dizendo que a dela era a mais bonita – o que, claro, foi contestado pelos coleguinhas. "Aí, ela disse brava: 'A minha é muito mais bonita porque ela corre! A de vocês não corre!'"

Pensando em idosos como Lucina, ultramaratonista, o diretor da agência paulistana Garage IM, Max Petrucci, começou um movimento para dar nova cara à terceira idade brasileira. Ele e outros publicitários querem modernizar o símbolo (ou pictograma, no termo técnico) do bonequinho curvado e apoiado em uma bengala.

[...]

“A forma de retratar o idoso tem de deixar de ser de uma pessoa decadente, porque isso não é mais verdade. Sim, há perda de vitalidade, mas o idoso hoje vive mais, está mais saudável, ativo e produtivo”, diz Petrucci. “O Brasil está em processo de envelhecimento (*da população*) e mexer no símbolo é uma forma de conscientização sobre o tema.”

A imagem do homem curvo e de bengala começou a aparecer no País no fim da década de 1990, com o Estatuto do Idoso, e, no início dos anos 2000, com a sanção de leis de atendimento e de assento preferenciais.
[...]
Se depender de Lucina, o pictograma correria. “Bem que podia ser um bonequinho correndo, com um sorrisão na cara. Correr é o melhor remédio para o idoso”, receita. “Eu vou durar 120 anos!”
(*O Estado de S. Paulo*, 23/1/2013.)

a) Troque ideias com o professor e os colegas: você concorda com as mudanças propostas para esse símbolo? Por quê?
b) Há outros símbolos ou códigos que você acredita que deveriam sofrer alguma modificação? Justifique sua resposta.

Questão 70

O telescópio

Por longo tempo lá ficaram na varanda ouvindo as histórias do céu. Dona Benta parecia um Camilo Flammarion de saia. Esse Flammarion foi um sábio francês que escreveu livros lindos e explicativos. “Quem não entender o que esse homem conta” — costumava dizer Dona Benta, “é melhor que desista de tudo. Seus livros são poemas de sabedoria, claríssimos como água.”
Quem mais se interessou por aqueles estudos foi Pedrinho. Sonhou a noite inteira com astros e no dia seguinte pulou da cama com uma ideia na cabeça: construir um telescópio! “Que é, afinal de contas, um telescópio?” — refletiu ele. “Um canudo com uns tantos vidros de aumento dentro. Esses vidros aumentam o tamanho dos astros, de modo que eles parecem ficar mais próximos — foi como disse vovó.”
E logo depois do café da manhã tratou de construir um telescópio. Canudos havia no mato em quantidade — nas moitas de taquara; e vidros de aumento havia no binóculo da vovó. Pedrinho serrou os canudos necessários, de grossuras bem calculadas, de modo que uns se encaixassem nos outros, colocou lá dentro as lentes do binóculo de Dona Benta e fez uma armação de pau onde aquilo pudesse ser manobrado com facilidade, ora apontando para este lado, ora para aquele.
Enquanto ia construindo o telescópio, dava aos outros, reunidos em redor dele, amostras de sua ciência.
— O telescópio saiu da luneta astronômica inventada por aquele italiano antigo, o tal Galileu. Um danado! Inventou também o termômetro e mais coisas. — Mas telescópio é invenção que até eu invento — disse Emília. — É só cortar canudos de taquara e grudar uns monóculos dentro...
Pedrinho ia respondendo sem interromper o serviço.
— Parece fácil, e é fácil hoje que a coisa já está sabida. Mas o mundo passou milhões de anos sem conhecer este meio tão simples de ver ao longe, até que Galileu o inventou. Também para tomar a temperatura das coisas nada mais simples do que fazer um termômetro — um pouco de mercúrio dentro dum tubinho de vidro, mas foi preciso que Galileu o inventasse. Tudo na vida são “ovos de Colombo”.
Depois de pronto o telescópio, houve discussão quanto ao astro que veriam primeiro.
— Eu acho que o primeiro tem que ser o Sol, que é o pai de todos — disse Narizinho.
— Eu acho que deve ser a Grande Ursa, porque é um bicho raro — propôs Emília.
Pedrinho riu-se com superioridade.
— A Grande Ursa não pode, boba, porque fica nos céus do Norte. Estes céus aqui são os céus do Sul. E o senhor que acha, Dr. Livingstone? — perguntou ele ao Visconde.
O Dr. Livingstone respondeu batendo na bibliazinha.
— Deus fez por último as estrelas, como diz aqui o Gênesis, mas Cristo disse que os últimos serão os primeiros. Logo, temos que começar pelas estrelas.

Todos se admiraram daquela sabedoria, mas Pedrinho não se contentou. Quis também consultar tia Nastácia lá na cozinha.
— E você, tia Nastácia, que acha? — perguntou-lhe.
A negra, que acabava de matar um frango, foi de opinião que o bonito seria começar pela Lua, "onde São Jorge vive toda a vida matando um dragão com sua lança!"
A ideia foi recebida com palmas e berros.
— O dragão! O dragão! Viva São Jorge!... — exclamaram todos — e a lembrança de Tia Nastácia foi vencedora. Uma linda Lua cheia estava empalamando no céu. Pedrinho apontou para ela o telescópio. Espiou e nada viu. Emília, porém, viu coisas tremendas.
— Estou vendo, sim! — gritou. — Estou vendo um dragão verde, tal qual lagarto, com uma língua vermelha de fora. Língua de ponta de flecha. São Jorge, a cavalo, está espetando a lança no pescoço do coitado...
— Será possível? — exclamou Pedrinho, afastando-a do telescópio para espiar de novo — mas continuou a não ver nada.
— Você está sonhando, Emília. Não se vê nem a Lua, quanto mais o dragão.
— Pois eu vejo tudo com o maior "perfeiçume" — insistiu Emília voltando ao telescópio. — Um dragão de escamas... Com unhas afiadas... Um rabo comprido dando duas voltas.
Os meninos entreolharam-se. Verdade ou mentira? A boneca tinha fama de possuir uns olhos verdadeiramente mágicos — mas quem podia jurar sobre o que ela afirmava? A ânsia de ver coisas, porém, era maior que a dúvida, de modo que resolveram aceitar como verdade as afirmações da Emília e nomeá-la a "olhadeira do telescópio". Ela que fosse vendo tudo e contando aos outros.
Emília começou. Depois de enumerar todas as coisas que viu na Lua, apontou o telescópio para uma estrela qualquer.
— Chi — exclamou fazendo cara de espanto. — Como é peluda!... E tem dois ursinhos ao colo... Está brincando com um de cara preta... Agora franziu a testa... Parece que percebeu que estamos apontando para lá... Com certeza pensa que este telescópio é espingarda... A Grande Ursa é enormíssima..
— A Grande Ursa não é estrela daqui, Emília. Vovó já disse. Você está nos bobeando — gritou Pedrinho meio zangado.
Mas Emília continuou a ver coisas e a insistir que era realmente uma estrela Ursa. "Com certeza cansou-se dos gelos polares e chegou cá a estes céus do Sul para esquentar o corpo..."
Pedrinho deu-lhe um peteleco.
LOBATO, Monteiro. *Viagem no céu*. In: *Obra infantil completa*: edição centenário: 1882-1982. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 632.

Emília, entretanto, viu coisas maravilhosas. Como você explica a "capacidade" da boneca?

Questão 71

Leia a piada.
Dois anjos estão pensativos. Um deles se pergunta: "Como será o tempo amanhã? "
Resolve interrogar o amigo:
– Você sabe a previsão do tempo para amanhã?
– Acabo de ouvir na rádio que vai ficar o dia todo nublado.
– Que bom! Assim a gente vai ter lugar pra sentar! …
Transforme a piada numa tira de HQ. Use pelo menos duas interjeições.

Questão 72

Infância
Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé.
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!
Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

campear: andar a cavalo pelo campo, geralmente em busca de gado

(Antologia poética. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991. p. 67.)

O eu lírico, ou seja, quem fala no poema, relata situações de sua infância ocorridas na fazenda onde a família vivia. Levante hipóteses:
a) Qual era a atividade profissional do pai do eu lírico?
b) O que a mãe do eu lírico fazia na fazenda?

Questão 73

Leia o cartaz abaixo, de 2004, criado por Armando Milani, e responda à questão proposta

As cores, às vezes, também podem contribuir para a construção de sentidos. Considere as seguintes afirmações sobre o eventual significado da cor vermelha da letra A, no bico da pomba.
I. Se a pomba encaixar a vogal **A** em ***peace***, o vermelho pode representar o amor.
II. Se a pomba encaixar a letra **A** em ***war***, o vermelho pode representar o ódio.
III. O vermelho representa a dúvida, pois a pomba não sabe onde encaixar a letra.
Assinale a alternativa correta:
(a) Apenas a assertiva I é correta.
(d) As assertivas I e II são corretas.
(e) Apenas a assertiva II é correta.
(b) As assertivas I e III são corretas.
(c) As assertivas I, II, III são corretas.

Questão 74

Leia, a seguir, um pensamento do menino maluquinho, personagem de Ziraldo, e responda à questão.

em relação à primeira frase do texto, responda:
(b) e qual é o sentido, no contexto, da expressão joga a gente pra frente?
(a) Qual é o sentido da palavra topada?

Questão 75

Uma entrevista com Steven Spielberg
Por que, através da sua carreira, você volta sempre ao tema da infância? Seria porque a sua foi especialmente feliz?
Steven Spielberg: Não sei se alguma infância é completamente feliz. Ou melhor: não sei se a gente se lembra da nossa infância como época completamente feliz. Não conheço ninguém que diga “Ah, minha infância foi perfeita, meus pais eram ideais, nada aconteceu comigo, eu me sentia são e salvo o tempo

todo". Agora que tenho filhos eu consigo entender melhor os meus pais, que trabalhavam duro, que eram obcecados com o trabalho do jeito que as pessoas eram nos anos 1950. Mas a minha infância foi o.k. Foi boa e foi ruim ao mesmo tempo. Foi caótica. Foi barulhenta. Muito barulhenta. Tenho uma família grande, com três irmãs mais moças. Todos gritavam muito uns com os outros. Agora tenho cinco filhos que gritam e brigam o tempo todo entre si. Posso mesmo entender o que meus pais passaram.

Certa vez você disse que, apesar de ter crescido numa família judaica, você não tinha necessariamente orgulho de ser judeu. É verdade?

Spielberg: É. E foram precisos muitos anos para me confrontar a mim mesmo com esse fato. Meu pai era um executivo bem-sucedido de um a empresa de informática, e nós morávamos sempre em bairros gentios. Eu não tinha amigos judeus: em geral eu era o único menino judeu do bairro, meus pais a única família judia, a nossa casa era a única judia. Nesse sentido lutei a vida inteira com minha identidade como judeu, porque ela representava o ostracismo, a discriminação: não ser popular, não ser simpatizado, ficar em casa e ser parte somente da minha tribo, enquanto tudo em mim queria ser aceito, ser assimilado. Creio que o maior desejo que sempre tive foi o de ser como todo mundo.

De onde vem a fascinação com o mito de Peter Pan, que você cita em *E.T., O Extraterrestre* e ao qual você retornou com *Hook, a Volta do Capitão Gancho*?

Spielberg: Eu sempre fui fascinado pela história de Peter Pan, desde criança. Minha mãe me leu a história quando eu tinha, não sei, uns três anos. Nos meus onze anos eu dirigi uma versão mais curta da peça de James Barrie na minha escola — por isso é que incluí aquela cena no início de *Hook, a Volta do Capitão Gancho*. Ou seja, venho dirigindo essa história há muito, muito tempo...

De certo modo, é curioso que você não tenha feito há mais tempo um filme sobre Peter Pan.

Spielberg: Exatamente. Eu ia fazer esse filme em 1985. Comprei os direitos da peça *Peter Pan*, e já estava prestes a começar a filmar uma versão cinematográfica bastante fiel à peça quando algo muito sério aconteceu: meu primeiro filho nasceu. Num instante, minha cabeça mudou. Eu não podia mais ser Peter Pan. Eu tinha que ser um pai. Meu filho, de certo modo, tirou minha infância de mim: eu me tornei a cópia perfeita de meu pai e da minha mãe, com todos os clichês possíveis da paternidade. Essa, literalmente, foi a razão pela qual não fiz o filme na época. Eu já tinha começado a desenhar os cenários e tudo. Eu me senti adulto, incapaz de contar a história do garoto que não queria crescer. Foram precisos muitos anos, e um roteiro novo, contando a mesma história com um ângulo adulto, para que eu me interessasse de novo por Peter Pan.

O que era, para você, particularmente fascinante na história? O fato de que Peter Pan é "o menino que não queria crescer"?

Spielberg: Para mim ele simboliza o poder da imaginação – essa é, para mim, a metáfora escondida no ato de voar. As pessoas hoje em dia estão perdendo a imaginação. Estão interpretando "crescer" como sinônimo de "perder a imaginação". E todos nós morremos de medo de crescer. Mas acho que, sobretudo, para mim, é a noção de que ele voa, de que ele pode voar. Talvez porque eu seja ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado pela ideia do voo – ao ponto de que, em todos os meus filmes, alguém em geral acaba voando, de um jeito ou de outro. Para mim, Peter Pan foi o super-herói original – não importa quem veio depois, Super-homem, Batman, ou mesmo o E.T.: quem voou em primeiro lugar, para mim, foi Peter Pan.

Como é essa sua relação com o ato de voar que o deixa, como você disse, "ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado"?

Spielberg: Não sei exatamente. Sei que, sim, sou absolutamente fascinado com o voo e morro de medo de voar. Voar é um elemento importante dos meus filmes. Todos os meus filmes, ou quase todos, têm aviões e personagens voando. Diga um filme – todos eles voam. Creio que, para mim, voar é sinônimo de liberdade e imaginação ilimitada. Mas o interessante é que, quando eu voo, como passageiro, eu morro de medo. Sabe Robin Willians no início de *Hook*, no avião? Sou eu, morrendo de medo. Eu só não tenho medo de voar nos meus sonhos e nos meus filmes.

Há muito tempo existem rumores de que você, na verdade, é um emissário, um espécie de embaixador de inteligências extraterrestres, preparando os humanos para um encontro – um contato imediato – iminente. Esses rumores já chegaram até você? Qual a sua reação?
Spielberg (*rindo*): Ah sim, já ouvi isso. Já ouvi isso várias vezes. Infelizmente, não é verdade. É uma bela ideia, aliás. Mas não é verdade. Existe também o boato de que eu sou um extraterrestre. Isso também, eu sinto, não é verdade. Fiz *E.T. e Contatos imediatos do terceiro grau* pelo mesmo motivo que acabo fazendo todos os meus filmes – porque eram grandes histórias. Na verdade, com E.T. o que eu achava que estava fazendo era um pequeno filme experimental sobre um garoto de classe média, muito solitário, muito parecido comigo mesmo, vivendo no interior da Califórnia. Eu não tinha a menor noção de que as pessoas pelo mundo afora iam abraçar esse filme do modo que fizeram, que ele ia se tornar o que ele se tornou.
Qual a ideia mais errada que as pessoas fazem a seu respeito?
Spielberg: A de que sou obcecado com o sucesso. Que faço filmes exclusivamente pensando no sucesso comercial, que sou calculista. Nada poderia ser mais longe da verdade, eu estaria me repetindo eternamente e não arriscando jamais. Os roteiros que me mandam, os projetos que me oferecem são, em geral, totalmente estereotipados. São coisas parecidas com *Hook*, ou com *Caçadores da arca perdida* ou com E.T. As outras pessoas parecem que querem que eu faça apenas o que eu fiz com sucesso antes. E o irônico é que eu tenho que ir à caça de coisas diferentes, porque a última coisa que eu quero é me repetir interminavelmente.
Olhando para trás, você se arrepende de algum filme que fez?
Spielberg: Não, não. Como eu disse, gosto de todos os meus filmes. Não tenho nada de que pedir desculpas. [...]
Por que você faz filmes?
Spielberg: Porque gosto de contar histórias, e o cinema é o meio através do qual eu conto essas histórias melhor. E porque acredito que as pessoas, moços, velhos, de qualquer idade, querem, no fundo, que se conte uma história para elas. Eu vejo por meus filhos: eu tenho que contar uma história para eles toda noite.
Você inventa essas histórias?
Spielberg: Invento, toda noite. Algumas delas eu escrevo, para guardar a ideia para o futuro. Algumas vezes eles gostam, outras vezes não, pedem que eu conte outra. Mas não posso sair do quarto sem contar uma história. Crianças são cineastas, intuitivamente.
Como assim?
Spielberg: A garotada faz filmes desde que nasce, sem saber. Eu me deito no chão com a minha lente e tento ver a cena, com os atores, com os elementos do cenário. É como coreografar uma dança – é isso que as crianças fazem com seus bonecos, seus super-heróis, suas Tartarugas Ninja, colocando Michelangelo e Leonardo cara a cara, inventando os movimentos deles… Só que eles crescem e viram médicos e professores e eu... cresci e continuei fazendo a mesma coisa.
BAHIANA, Ana Maria. *A luz da lente*: conversa com 12 cineastas contemporâneos. São Paulo: Globo. 1996.

Steven Spielberg nasceu em 1947 na cidade de Cincinatti, capital do estado americano de Ohio. A profissão do pai – engenheiro – motivou mudanças da família para o Arizona e para a Califórnia.
A carreira cinematográfica de Spielberg começou muito cedo: tinha apenas treze anos quando, em 1961, ganhou seu primeiro prêmio, pelo curta-metragem *Scape to Nowhere* (Fuga para Lugar Nenhum). Aos vinte e um anos já era um diretor profissional.
Seu primeiro grande sucesso (recorde de bilheteria em 1975) foi o filme Tubarão. Novo recorde em 1982, com E.T., O Extraterrestre. O Oscar veio em 1994 (melhor diretor e melhor filme) por *A lista de Schindler*.
Spielberg é conhecido sobretudo por seus filmes de aventura – *Os caçadores da arca perdida* (1981); *Indiana Jones e o Templo da perdição* (1984); *Indiana Jones e a última cruzada* (1989); *Hook – A volta do Capitão Gancho* (1991) – e pelos filmes de ficção científica – *Contatos Imediatos de terceiro grau* (1977); *E.T., O Extraterrestre* (1982); *O parque dos dinossauros* (1993); *A guerra dos mundos* (2005). Mas dirigiu também filmes de suspense – *Encurralado* (1971) e *Tubarão* (1975) – e belíssimos "dramas" – *A cor púrpura* (1985); *Império do Sol* (1987); *A lista de Schindler* (1993); *Amistad* (1997) e *O resgate do soldado Ryan* (1998).

O espanto diante da extraordinária imaginação de Spielberg provoca o surgimento de muitos rumores sobre ele – para muitos, um embaixador de extraterrestres ou mesmo um extraterrestre, para outros, um artista que só pensa no sucesso comercial de seus filmes.
a) Qual é, segundo Spielberg, o grande motivo que o levou a fazer todos os seus filmes?
b) Com qual argumento Spielberg tenta provar que não pensa apenas no sucesso comercial ao fazer um filme?

Questão 76

O girassol

Sempre que o sol
Pinta de anil
Todo o céu
O girassol
Fica um gentil
Carrossel

O girassol é o carrossel das abelhas

Pretas e vermelhas
Ali ficam elas
Brincando, fedelhas
Nas pétalas amarelas.

— Vamos brincar de carrossel, pessoal?

— "Roda, roda, carrossel
Roda, roda, rodador
Vai rodando, dando mel
Vai rodando, dando flor".
— Marimbondo não pode ir que é bicho mau!
— Besouro é muito pesado!
— Borboleta tem que fingir de borboleta na entrada!
— Dona Cigarra fica tocando seu realejo!

— "Roda, roda, carrossel
Gira, gira, girassol
Redondinho como o céu
Marelinho como o sol".

E o girassol vai girando dia afora...

O girassol é o carrossel das abelhas.
MORAES, Vinicius de. *A arca de Noé*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 7.

Os travessões indicam que as estrofes da quarta à sétima são falas
(a) do narrador da história.
(d) das abelhas.
(b) das abelhas e de alguns insetos do jardim.
(c) dos insetos e do girassol.

Questão 77

CONSTRUINDO O CONCEITO

Você conhece Mafalda, personagem criada pelo cartunista argentino Quino? Ela é uma menina inteligente, que adora questionar tudo o que vê. Leia esta tira com a personagem:

(Quino. *Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. v. 2, p. 3.)

Observe o 2º e o 3º quadrinhos da tira.

a) Na sua opinião, por que Mafalda estica os olhos, puxando-os com os dedos?

b) A que língua pertencem as palavras que ela diz à mulher?

c) Converse com os colegas e tente descobrir o que significa cada uma das palavras faladas por Mafalda.

d) Essas palavras formam frases com sentido?

Questão 78

Antes de fazer a versão final do conto, verifiquem se ele apresenta elementos próprios do gênero, caso não tenham sido propositalmente modificados. Assim, observem:

• Há algumas das situações próprias do conto maravilhoso, apontadas por Wladimir Propp? Se sim, quais?

• As personagens são reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, bruxas, etc.?

• As ações ocorrem no passado em um tempo e em um espaço imprecisos (propostas 1 e 2)?

• Há presença do mundo mágico ou maravilhoso?

• A linguagem está de acordo com a norma-padrão?

Questão 79

Releia os versos do poema "Marabá", de Gonçalves Dias.

Eu vivo sozinha; ninguém me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupá!
Se algum dentre os homens de mim não se esconde
— "Tu és", me responde,
"Tu és Marabá!"

— Meus olhos são garços, são cor das safiras,
— Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;
— Imitam as nuvens de um céu anilado,
— As cores imitam das vagas do mar!

DIAS, Gonçalves. *Poesia Completa e Prosa Escolhida*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.

a) Retire do texto dois pronomes que indiquem a voz que fala no poema.

b) Reescreva o verso a seguir como fala de um narrador observador: "Eu vivo sozinha; ninguém me procura!".

Questão 80

Há, a seguir, pares de palavras. Reescreva, acentuando adequadamente, apenas as oxítonas que devem ser acentuadas.

Língua Portuguesa - Capítulo 7 - O artigo - Exercícios (pg. 156 - 159)

(j)
terapeuta— reu _____
(i)
fuba— lata _____
(b)
chicle— leve _____
(g)
assembleia— aneis _____
(f)

malas— atras _____
(c)
jovens— armazens _____
(a)
nuvem— alguem _____
(h)
mantem — mantem _____
(d)
soco— cipo _____
(e)
item— refem _____

Questão 81

Na tira a seguir, as personagens empregam pronomes demonstrativos.

Disponível em: <http://melhoresdaweb.com/tirinhasengracadasquadrinhosdehumor>. Acesso em 29 jan. 2015.

Assinale a alternativa correta:
(c) nos três quadrinhos, os pronomes **esse** e **isto** referem-se a vestido, indicando que ele está distante das personagens que conversam.
(a) no 1º e no 3º quadrinhos, o pronome **esse** refere-se a vestido, indicando que ele está perto da personagem que fala.
(d) no 1º e no 3º quadrinhos, o pronome **esse** refere-se a vestido, indicando que ele está perto de quem ouve; no 2º quadrinho, **isto** indica que o vestido está perto de quem fala.
(b)
no 2º quadrinho, o pronome **isto** refere-se a vestido, indicando que ele está perto da personagem com quem se fala.

Questão 82

Observe com atenção o quadro a seguir, do pintor norte-americano Norman Rockwell, e responda à questão proposta.

Você já viveu a situação de ir almoçar ou jantar sozinho em um restaurante? Ou já se viu em apuros, tendo de pagar uma conta e não ter dinheiro? Se sim, conte para os colegas como foi.

Questão 83

Texto:

Pirilampos
Quando a noite
vem baixando,
nas várzeas ao lusco-fusco
e na penumbra das moitas
e na sombra erma dos campos,
piscam, piscam pirilampos.
São pirilampos ariscos
que acendem pisca-piscando
as suas verdes lanternas,
ou são claros olhos verdes
de menininhos travessos,
verdes olhos semitontos,
que estão lutando com o sono?
(Henriqueta Lisboa)

Com base na sua leitura, responda.

A que são comparadas as lanternas dos pirilampos?

Questão 84

Leia a tira a seguir e responda a questão.

Observe as formas verbais empregadas na tira.
Língua Portuguesa - Capítulo 10 - O verbo - Exercícios (pg. 215 - 217)

(a) Em que modo elas estão: no indicativo, no subjuntivo ou no impertativo?
(b) O que esse modo expressa normalmente?
(c) No contexto, o que o emprego desse modo verbal, juntamente com os gestos do homem, sugere quanto ao modo como ele lida com os funcionários?
(d) Sim, pois ele não quer nada dela, pois pede que venha e depois que saia, sem fazer nenhum pedido concreto. Suas ordens servem apenas para provar o seu poder.

Questão 85

A CARTA PESSOAL

Hoje, com o aparecimento da Internet e de vários meios instantâneos de comunicação, como o SMS, os *e-mails*, os *posts* do Facebook, os torpedos, as conversas pelo Skype ou pelo WhatsApp, etc., o número de pessoas que usam cartas pessoais para se comunicar diminuiu muito.
Apesar disso, em várias partes do Brasil e por diferentes razões, muitas pessoas ainda escrevem e enviam cartas.
Você sabe como se produz uma carta? Convém conhecer esse gênero, que já foi um dos mais utilizados pelas pessoas em todo o mundo.
Leia esta carta:
Paris, 20 de janeiro de 2014
Querido Duda:
Como andam as coisas por aí? Está tudo bem com você, meu filho? E com seu pai? E com seus avós? Puxa, não foi fácil voltar para Paris depois de passar o final do ano com vocês aí em casa, no Brasil. Aqui tem feito muito frio! O termômetro tem ficado abaixo de zero, mas até o momento não nevou. Estou virando um picolé francês!
Como você sabe, Paris é uma cidade linda, mas, no inverno, tudo fica diferente. A cidade está quase vazia, sem turistas, sem graça, sem gente passeando pelo rio Sena... Aliás, o frio está ótimo para eu ir à universidade e me concentrar na minha pesquisa. Quem sabe assim eu termino meu trabalho antes do prazo final, que é o começo de agosto. E então nós poderemos ficar todos juntos novamente. Iremos à praia nos domingos e curtiremos o sol e o mar juntinhos. Ai , que delícia! Ai, que saudades do Brasil! Ai que saudades do nosso arrozinho com feijão!
Uma boa notícia: ontem fui a uma loja e comprei um presentinho superlegal pra você. Mas é surpresa! Você só vai saber quando eu for visitar vocês em março. Nem adianta insistir, que eu não vou contar.
E você, já está se preparando para o início das aulas? Seu pai resolveu o problema do transporte escolar? Você está sendo obediente com seu pai e com seus avós, como prometeu? Olha lá, menino! E não esqueça o que combinamos: todos os dias, você vai dedicar duas horas da parte da tarde para fazer as lições e estudar, tá bom? Não quero que você fique tempo demais na frente da tevê ou do computador. Aproveite seu tempo livre para ler os livros que ganhou no Natal, tá?
Um beijão em todo mundo aí e outro especialmente pra você, meu filhão querido!
De sua mãe, saudosa,
Cri
P.S.: Diga pra sua avó que já encontrei um bom lugar pra comprar a panela Le Creuset que ela pediu. Só que ela é superpesada! Não sei como vou aguentar levar esse peso na mala em março.

Assim como o cartão-postal e o telegrama, a **carta pessoal** é um tipo de correspondência. A carta lida contém um assunto de caráter pessoal, motivado por experiências reais, ou uma história ficcional, vivida por uma ou mais personagens em determinado tempo e lugar?

Questão 86

Leia o texto a seguir, observando as palavras destacadas. Em seguida, para evitar repetição, substitua-as por pronomes, procurando manter o sentido das frases.

[...]
Corisco não foi mesmo embora, e com sete meses já estava grande e bonito, o pelo pretinho de alumiar e as patas brancas, e, era engraçado, parecia que **Corisco** tinha medo de sair pra longe, porque ficava o tempo todo em frente ao alpendre, espichado com a cabeça entre as patas e as orelhonas arrastando no chão, dormindo ou espiando com preguiça os currais, não levantando pra nada, nem mesmo quando Papai voltava de tardinha do serviço e, em vez de tocar **Corisco** dali, passava por cima, nem olhando, como se **Corisco** não existisse, pois era assim, parecia que **Corisco** não existia pra Papai, nunca falava nele, nem mesmo quando **Corisco** pegou aquela mania de acompanhar **ele** ao retiro.
[...]
(Adaptado de: Luiz Vilela. "Corisco". *Contos da infância e da adolescência*. São Paulo: Ática, 2008. p. 10.)

Questão 87

Leia as orações a seguir e observe a concordância nominal.
I. Paulo vestiu calça e casaco preto.
II. Paulo vestiu calça e casaco pretos.
Qual o efeito de sentido resultante da concordância nominal nas duas orações?

Questão 88

Texto I:
Leia o texto abaixo para responder.
Contente, alegre, ufano Passarinho,
Que enchendo o bosque de harmonia,
Me está dizendo a tua melodia,
Que é maior tua voz, que o teu biquinho.
Como da pequenez desse corpinho
Sai tamanho tropel de vozeria?
(Gregório de Matos. *Poemas escolhidos.* São Paulo: Cultrix, p. 318)

No quarto verso aparece um artigo, classifique-o e escreva que substantivo ele determina.

Questão 89

Leia as fábulas a seguir.
Texto I
A Formiga e a Cigarra
No Inverno, a Formiga tirava os grãos de trigo fora de sua cova para os secar, quando surgiu a Cigarra que implorava que repartisse aquela comida com ela, porque temia morrer de fome. A Formiga perguntou a ela o que havia feito durante a Primavera e o Verão, já que não guardara alimento para se manter. A Cigarra respondeu:
? A Primavera e o Verão gastei cantando e brincando pelos campos.
A Formiga então, continuando a recolher seu trigo, lhe disse:
? Companheira, se aqueles seis meses gastaste em cantar e bailar, como se fosse comida saborosa e a seu gosto, que agora cante e dance.
(Esopo. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000378.pdf. Acesso em: 4/7/2018.)

Texto II
A Cigarra e a Formiga

[...]
E a Cigarra contou:
? [...] Eu estava a cantar [...] e um produtor musical gostou da minha voz. Assinei um contrato para fazer *shows* em Paris. [...]
(Vaz Nunes. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/ 2014/2014_unespar-paranagua_port_pdp_juliane_santos_urban_justino.pdf. Acesso em: 4/7/2018.)

A principal diferença entre os textos I e II está na:
(d) despensa da Formiga, que antes era cheia e depois se esvazia.
(c) qualidade da voz da Cigarra, que aprimora seu talento musical.
(a) disposição para trabalhar da Formiga, que nunca se cansa.
(b) ascensão social da Cigarra, que de miserável passa a pessoa ilustre.

Questão 90

Leia a tira a seguir, de Laerte, e responda às questões.

Os balões de fala da tira pressupõem uma interação pela linguagem. Responda:
(a) Quem são os interlocutores dessa interação?
(b) Que linguagem foi utilizada na interação entre as personagens?

Questão 91

Texto I:
Continho
Era uma vez um menino triste, magro e barrigudinho. Na soalheira danada de meio-dia, **ele estava sentado na poeira do caminho**, imaginando bobagem, **quando passou um gordo vigário a cavalo.**
– Você, aí, menino, para onde vai esta estrada?
– **Ela não vai não: nós é que vamos nela**
. – Engraçadinho duma figa! Como você se chama?
– Eu não me chamo, não, os outros é que me chamam de Zé.
(...)
(MENDES CAMPOS, Paulo. *Para gostar de ler* – Crônicas. São Paulo: Ática. 1996. v.1 p.76)

Há traço de humor no trecho:
(b) "Ele estava sentado na poeira do caminho".
(d) "Ela não vai não: nós é que vamos nela".
(c) "Quando passou um vigário".
(a) "Era uma vez um menino triste, magro".
(e) "Passou um gordo vigário a cavalo."

Questão 92

Leia o cartum a seguir e responda à questão.

Observe a imagem. O que a máquina está fazendo?
(c) Replantando uma árvore.
(d) Alinhando árvores.
(a) Apertando o tronco de uma árvore.
(b) Arrancando uma árvore.

Questão 93

Ler e viver
A vida, ainda que valha mais do que as palavras, não vale sem elas. Não é exagero, portanto, dizer que a literatura, resultado da palavra, responde pela *mediação** entre o que se imagina e o que se deseja; o que se consegue realizar e o que deveria ou poderia ter sido feito.

Ao se encharcar de vida e pensamento, as palavras se põem em estado de leitura e, assim, podem servir aos homens para refletir sobre o prazer e o viver [...]. Mesmo na atualidade, em que, de modo geral, descuida-se da vida no cotidiano, *solapada** por violência incontrolável e pela cultura do dinheiro e da celebração da imagem, a literatura ainda se destaca como um convite à meditação.
[...] Confesso ter encontrado romances [...] que me encantaram pela criatividade, as indagações *suscitadas** e a capacidade de emocionar.

***mediação:** ato ou efeito de mediar entre partes contrárias para encontrar uma solução; intermediação.

***solapado**: abalado, desestruturado.

***suscitado:** originado, provocado, produzido.

(Lúcia Helena. *Ficções do desassossego.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010. p. 11.)

De acordo com o 2º parágrafo do texto, a vida cotidiana é fortemente influenciada pela "cultura do dinheiro" e pela "celebração da imagem". De que forma a literatura contribui para preservar os valores do ser humano? Justifique sua resposta.

Questão 94

Releia estes versos do poema "Marabá", de Gonçalves Dias.
"Se algum dentre os homens de mim não se esconde
[...]
"Tu és **Marabá**!"
O pronome pessoal do caso reto **tu** é usado em várias regiões brasileiras. Ele representa a segunda pessoa do discurso: aquele com quem se fala. Em grande parte do território brasileiro, porém, é mais usado o pronome **você**.
Reescreva o verso em que aparece o pronome **tu**, substituindo-o por **você**.

Questão 95

Percy Jackson e o Ladrão de Raios
(trecho)
Olhe, eu não queria ser um meio-sangue.
Se você está lendo isto porque acha que pode ser um, meu conselho é o seguinte: feche este livro agora mesmo. Acredite em qualquer mentira que sua mãe ou seu pai lhe contou sobre seu nascimento e tente levar uma vida normal.
Ser um meio-sangue é perigoso. É assustador. Na maioria das vezes, acaba com a gente de um jeito penoso e detestável.
Se você é uma criança normal, que está lendo isto porque acha que é ficção, ótimo. Continue lendo. Eu o invejo por ser capaz de acreditar que nada disso aconteceu.
Mas, se você se reconhecer nestas páginas – se sentir alguma coisa emocionante lá dentro –, pare de ler imediatamente.
Você pode ser um de nós. E, uma vez que fica sabendo disso, é apenas uma questão de tempo antes que eles também sintam isso e venham atrás de você.
Não diga que eu não avisei.
Meu nome é Percy Jackson. Tenho doze anos de idade. Até alguns meses atrás, era aluno de um internato, na Academia Yancy, uma escola particular para crianças problemáticas no norte do estado de Nova York.
Se eu sou uma criança problemática?
Sim. Pode-se dizer isso.
Eu poderia partir de qualquer ponto da minha vida curta e infeliz para prová-lo, mas as coisas começaram a ir realmente mal no último mês de maio, quando nossa turma do sexto ano fez uma excursão a Manhattan – vinte e oito crianças alucinadas e dois professores em um ônibus escolar amarelo indo para o Metropolitan Museum of Art, a fim de observar velharias gregas e romanas.
Eu sei, parece tortura. A maior parte das excursões da Yancy era mesmo.
Mas o sr. Brunner, nosso professor de latim, estava guiando essa excursão, assim eu tinha esperanças.

O sr. Brunner era um sujeito de meia-idade em uma cadeira de rodas motorizada. Tinha o cabelo ralo, uma barba desalinhada e usava um casaco surrado de *tweed* que sempre cheirava a café. Talvez você não o achasse legal, mas ele contava histórias e piadas e nos deixava fazer brincadeiras em sala. Também tinha uma impressionante coleção de armaduras e armas romanas, portanto era o único professor cuja aula não me fazia dormir.
Eu esperava que desse tudo certo na excursão. Pelo menos tinha esperança de não me meter em encrenca dessa vez.
Cara, como eu estava errado.
Entenda: coisas ruins me acontecem em excursões escolares. Como na minha escola da quinta série, quando fomos para o campo da batalha de Saratoga, e eu tive aquele acidente com um canhão da Revolução Americana. Eu não estava apontando para o ônibus da escola, mas é claro que fui expulso do mesmo jeito.
E antes disso, na escola da quarta série, quando fizemos um passeio pelos bastidores do tanque dos tubarões do Mundo Marinho, e eu, de alguma forma, acionei a alavanca errada no passadiço e nossa turma tomou um banho inesperado. E antes disso... Bem, já dá para você ter uma ideia.
Nessa viagem, eu estava determinado a ser bonzinho.
(Rick Riordan)

Percy diz que inveja quem consegue acreditar que sua narrativa é uma ficção. A alternativa que melhor justifica essa inveja é:
(c) Para Percy, as histórias perigosas são sua própria vida, são reais, e ele preferia que fossem apenas fruto da imaginação.
(d) Percy tinha dificuldades com a leitura, então inveja o leitor, que sabe ler muito bem.
(b) Para Percy, ser meio-sangue gera inveja no leitor, então ele quis ser simpático e disse que também sentia inveja de algo que o leitor possuía.
(a) Percy gostava da história de seu nascimento que sua mãe inventara.

Questão 96

CONSTRUINDO O CONCEITO
Você conhece Mafalda, personagem criada pelo cartunista argentino Quino? Ela é uma menina inteligente, que adora questionar tudo o que vê. Leia esta tira com a personagem:

(Quino. *Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. v. 2, p. 3.)

A tira retrata uma situação cotidiana.
a) Quem são as personagens?
b) Onde elas estão?

Questão 97

Leia o anúncio abaixo e, com um dicionário à mão, responda à questão.

Por meio das palavras **arena**, **gladiadores** e **armadura**, o anúncio faz uma referência às lutas entre gladiadores na antiga Roma. Essas lutas, consideradas um espetáculo, eram vistas por muitas pessoas.
a) Quais são os significados de **arena**, **gladiador** e **armadura**, considerando-se esse contexto da Roma antiga?
b) No contexto do anúncio, qual é o significado das palavras **arena**, **gladiadores** e **armadura**?
c) Beach Soccer é um tipo de futebol que se joga na areia. Por que o anúncio relaciona os jogos do campeonato mundial de Beach Soccer às lutas dos gladiadores nas arenas romanas?

Questão 98

Leia as palavras no quadro a seguir:

a) Corrija as palavras em que falta o acento gráfico.
b) Justifique a acentuação das palavras.

c) Explique por que as demais palavras não devem ser acentuadas.

Questão 99

O texto a seguir é o segundo capítulo de um romance de aventuras – Raptado – escrito por Robert L. Stevenson.

No primeiro capítulo o leitor fica conhecendo o jovem David Balfour, cujos pais haviam morrido recentemente. Seu pai determinara, antes de morrer, que David deveria partir de Essendan, sua terra natal, para a casa de um tio, na aldeia de Cramond. Assim ele fez, levando uma carta de apresentação assinada por seu pai. No segundo capítulo, David chega ao seu destino, depois de dois dias de caminhada.

Chego ao fim da viagem

Robert Louis Stevenson?

[...]

Mais adiante, disseram-me que eu me encontrava no povoado de Cramond, e comecei a perguntar pela casa de Shaws. Era uma palavra que parecia surpreender àqueles a quem eu pedia informações. A princípio pensei que minha aparência humilde, meus trajes de camponês e toda a poeira da estrada contrastavam com a grandeza do lugar para onde me dirigia. Mas depois que duas ou três pessoas me lançaram o mesmo olhar e me deram a mesma resposta, comecei a desconfiar de que havia algo estranho com os próprios Shaws.

Para evitar esse tipo de problema, mudei a forma de minhas indagações; e vendo um tipo de aparência honesta vindo pelo caminho, sentado no varal de sua carroça, perguntei- -lhe se já ouvira falar de uma dita casa de Shaws.

Ele parou a carroça e me olhou da mesma forma que os outros.

— Sim — respondeu. Por quê?

— É uma casa grande? — perguntei.

— Com certeza — disse ele. É uma casa grande e esquisita.

— Sei. E a gente que mora nela?

— Gente? — perguntou. — Você é bobo? Não tem ninguém lá... que possa se chamar de gente.

— O quê? — disse eu. — E o senhor Ebenezer?

— Hum, sim — tornou o homem. O dono da casa sim, claro, se é ele quem você procura. Que tipo de negócio você tem com ele, mocinho?

— Disseram-me que eu conseguiria uma colocação — expliquei, procurando ser o mais humilde possível.

— O quê? gritou o carroceiro, de uma forma que assustou até o cavalo. — Bem, mocinho — acrescentou ele —, não tenho nada com essa história; mas você parece ser um tipo decente; e se quer um conselho, fique longe dos Shaws.

A pessoa com quem cruzei em seguida era um homenzinho elegante, com uma bela peruca, que logo percebi ser o barbeiro fazendo sua ronda; e sabendo muito bem que os barbeiros costumam ser fofoqueiros, perguntei-lhe abertamente que tipo de homem era o senhor Balfour de Shaws.

— Ora, ora, ora — disse o barbeiro —, aquilo nem chega a ser um homem. [...]

Não consigo descrever a decepção que isso me causou. Quanto mais vagas eram as acusações, menos eu gostava delas, pois deixava mais campo à imaginação. Que diabos de grande casa era essa, que toda pessoa se surpreendia e olhava de lado quando perguntada sobre ela? Que espécie de fidalgo era aquele, cuja má fama corria mundo? Se com uma hora de viagem eu pudesse voltar a Essendean, eu acabaria a minha aventura ali mesmo, e voltaria para a casa do senhor Campbell. Mas, uma vez que eu tinha viajado para tão longe, eu iria até o fim para tirar o caso a limpo, nem que fosse só pela vergonha de desistir antes do tempo; por uma questão de amor próprio, eu tinha de continuar; e por menos que eu gostasse do que me diziam, e por mais devagar que eu viajasse, continuava perguntando o caminho e indo adiante.

Já estava começando a anoitecer quando encontrei uma mulher corpulenta, escura, com expressão amargurada, que vinha descendo um morro penosamente; e quando lhe fiz minha pergunta de sempre ela deu um giro brusco, acompanhou-me morro acima retomando o caminho que acabara de fazer, e apontou o grande vulto do edifício solitário no meio do campo verde no fundo do vale. As cercanias eram muito agradáveis, com muitas colinas, com muitas águas e bosques, e a meu ver as colheitas deviam ser

excelentes. Mas a casa era uma espécie de ruína; nenhum caminho levava até ela; de suas chaminés não saía nenhuma fumaça; nada havia nela que lembrasse um jardim. Senti um peso no coração.

— Aquilo! — gritei.

O rosto da mulher teve um brilho de raiva maligna.

— Aquela é a casa de Shaws! — exclamou. — O sangue a edificou, o sangue interrompeu sua construção, o sangue a destruirá. Olhe aqui! — continuou a mulher aos berros —, cuspo no chão e estalo os dedos para amaldiçoá-la! Sua queda será terrível! Se você encontrar o dono da casa, diga-lhe o que ouviu; diga-lhe que esta foi a milésima ducentésima quinta vez que Jennet Clouston amaldiçoou a ele, suas propriedades, sua família, incluindo estábulo, hóspedes, homens, mulheres e crianças — terrível, terrível será sua queda!

E a mulher, cuja voz assumira um tom de cantilena antiga, girou com um salto, e se foi. Fiquei onde ela me deixou, com os cabelos em pé. Naquele tempo as pessoas ainda acreditavam em bruxas e tremiam diante de uma maldição; e aquela, que parecia vir bem a propósito para impedir que eu realizasse meus planos, me deixou de pernas bambas.

Sentei-me e fiquei olhando a casa de Shaws. [...] Finalmente o sol desapareceu e eu vi, contra o fundo amarelo do céu, uma espiral de fumaça subindo, não muito mais grossa que a fumaça de uma vela, segundo me pareceu; mas de qualquer maneira lá estava ela, e significava fogo, calor e comida, e algum habitante que devia tê-lo acendido; e isso confortou meu coração.

Comecei a andar em direção à casa por uma trilha quase imperceptível. Era uma trilha tão indefinida que dificilmente poderia ser o único caminho que levava à casa; mas não vi nenhum outro. O caminho passava por colunas de pedra, com uma cabana destelhada do lado, encimadas por brasões. Evidentemente aquilo deveria ter sido a entrada principal, nunca concluída; ao invés de portões de ferro batido, havia um par de obstáculos improvisados, amarrados com uma corda; e como não havia muros que circundassem um jardim, nenhum sinal de alameda, a trilha que eu seguia passava à direita das colunas e levava à casa.

Quanto mais perto eu chegava, mais lúgubre ela parecia. Dava a impressão de ser a única ala de uma casa cuja construção nunca fora concluída. Os andares de cima estavam abertos e elevavam-se contra o céu, com degraus e escadarias inacabadas. Muitas das janelas não tinham vidraças, e os morcegos entravam e saíam com toda familiaridade, como pombos num pombal.

A noite começara a cair quando cheguei mais perto; e em três das janelas do térreo, que ficavam a grande altura, eram pequenas e muito bem guarnecidas de barras, começou a brilhar a luz trêmula de uma pequena chama. [...]

Aproximei-me com cuidado, e pondo-me à escuta, ouvi alguém mexendo em pratos, e uma tossezinha seca e impaciente que ia e voltava; mas não se ouvia nenhuma voz, nem o latido de um cão.

A porta, pelo que pude ver àquela fraca luz, era uma grande peça de madeira toda guarnecida de cravos; sem muito ânimo, levantei a mão e bati à porta uma vez. Parei e esperei. A casa caíra num silêncio mortal. Passou-se um minuto, e nada se mexia além dos morcegos lá no alto. Bati novamente, e novamente me pus a escutar. Àquela altura meus ouvidos estavam tão afinados com o silêncio que eu conseguia ouvir o tique-taque do relógio dentro da casa marcando devagar os segundos; mas a pessoa que estava dentro da casa continuava quieta, e devia ter prendido a respiração.

Eu estava em dúvida se devia fugir; mas a raiva foi mais forte e comecei a martelar a porta incessantemente e a gritar bem alto chamando o senhor Balfour. Eu estava em plena ação, quando ouvi a tosse bem acima de minha cabeça. Dando um salto para trás e levantando a vista vi a cabeça de um homem com um gorro comprido, e a boca de sino de um bacamarte, em uma das janelas do primeiro andar.

— Está carregado — disse a voz.

— Vim aqui com uma carta — disse eu — para o senhor Ebenezer Balfour de Shaws. Ele está aqui?

— De quem é a carta? — perguntou o homem do bacamarte.

— Isso não vem ao caso — respondi, porque já estava ficando furioso.

— Bem — disse ele —, você pode deixar a carta aí na porta e dar o fora.

— Não vou fazer isso — gritei. — Vou entregar essa carta nas mãos do senhor Balfour como me propus a fazer. É uma carta de apresentação.

— Carta de quê? — gritou a voz, rispidamente.

Repeti o que havia dito.
— Quem é você? — perguntou ele depois de um longo silêncio.
— Não me envergonho do meu nome — respondi. — Chamo-me David Balfour.
Ao ouvir estas palavras, o homem estremeceu; estou certo disso porque ouvi o bacamarte raspar o peitoril da janela; e foi depois de uma pausa ainda maior, e com uma curiosa mudança de voz que ele fez mais uma pergunta:
— Seu pai morreu?
Fiquei tão surpreso que não tive voz para responder, e fiquei olhando.
— Sim — continuou o homem —, sem dúvida ele deve ter morrido e é por isso que você veio bater à minha porta.
Mais uma pausa, depois do que ele falou num tom de desafio.
— Bem, homem, vou deixar você entrar.
E desapareceu da janela.
Raptado. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ática, 1997.

Stevenson é um grande mestre de narrativas de aventura. A narração é sempre feita de modo a gerar e manter constantemente o suspense, a expectativa. Qual é a expectativa do narrador, que se torna também expectativa do leitor? Explique se é uma expectativa otimista ou pessimista e o que provoca o aumento de sua intensidade.

Questão 100

"Sorria: você está sendo filmado"

> *Você já percebeu que, em qualquer lugar aonde vamos, estamos sendo filmados? E já pensou que os filmes em que aparecemos podem ser postados na Internet ou ir parar na televisão? Será que não temos mais o direito à privacidade??*

Leia o texto a seguir, de Pedro Doria, e responda à questão proposta.

Mulher do cocô de cachorro

> No dia 6 de junho último, uma jovem sul-coreana pegou o metrô em Seul acompanhada de seu cachorro. O bicho fez cocô no chão. Os passageiros ao lado pediram que tivesse a delicadeza de limpar – ela se recusou. Um rapaz, com celular de câmera, registrou o incidente. A moça levantou, deixou o vagão, foi-se embora; um senhor se ajoelhou, recolheu os restos num saco e jogou no lixo.
> Neuroses da vida urbana. A diferença é que as fotografias foram para a internet e se espalharam pelos blogs de lá. Culturalmente, a Coreia do Sul é um país um bocado rígido. Não chega à intolerância de Cingapura, onde ponta de cigarro no chão pode disparar perseguição policial, mas ordem pública é coisa levada muito a sério.
> Com as fotos na rede sendo distribuí- das à velocidade de vírus, um movimento de identificação da moça teve início. Ela ganhou o apelido de "gae-ttong-nyue", mulher do cocô de cachorro. E um movimento de repulsa igualmente forte veio à tona, primeiro na blogosfera, depois nas páginas da imprensa sul-coreana e, então, no "The Washington Post"*.
> Ela foi identificada – num país onde quase todo mundo acessa a internet e se informa por ela, não é difícil. Na fotografia estavam não apenas seu rosto como também a bolsa grande que costuma usar, o focinho do cachorro e um relógio particularmente chamativo. Apontada na rua, localizada na universidade, trancou matrícula, enfurnou-se em casa. Em qualquer sociedade é normal se preocupar com o que pensam os outros; nas do Oriente extremo, o peso é soberbo*.
> Mas é uma caça às bruxas. Por conta de um deslize, talvez um dia de mau humor ou um segundo de egoísmo, repentinamente vem a execração* pública. É mais ou menos o mesmo processo que dá início aos linchamentos. De fato, a moça do cocô de cachorro foi punida. Mas seu deslize estará a um Google de distância para qualquer um, daqui a dez ou 20 anos, que lance seu nome no mecanismo de busca. Talvez um namorado potencial, um futuro chefe. [...]

Essa é uma das características possíveis de um mundo onde todos são jornalistas em potencial. O abuso. [...] o acesso a coisas como câmeras de celular, publicação e distribuição instantânea de informação carregam consigo seus perigos.

No fim, a história da "gae-ttong-nyue" é só mais uma história típica da rede, esta fantástica construção tecnológica. Através dela, abusos em cantos como Iraque são denunciados, mentiras de políticos reveladas, amizades feitas. Amores se descobrem. E linchamentos morais ocorrem. Não há legislação para a web e, mesmo que houvesse, provavelmente não teria chance de ser eficaz. Na rede, a exacerbação* das características humanas é às vezes insuportável.

(*Folha de S. Paulo,* 28/8/2005. Revista da Folha.)

*exacerbação: exagero

*execração: ódio profundo, maldição, praga

*soberbo: em posição de destaque, grandioso

**The Washington Post*: jornal americano

O texto lido foi publicado em um jornal de grande circulação nacional e, quanto ao gênero textual, é classificado como **artigo de opinião**. A finalidade desse gênero é:

(a) relatar um fato ocorrido e apresentar diferentes detalhes sobre como e quando ele ocorreu.

(b) instruir ou orientar as pessoas sobre como realizar, passo a passo, determinado procedimento.

(d) contar uma história ficcional, ou seja, inventada, a fim de promover reflexões sobre o mundo em que vivemos.

(c) defender um ponto de vista acerca de um assunto e fundamentá-lo com argumentos.

Questão 101

Leia o texto a seguir e responda à questão proposta.

O melhor amigo

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha na direção de seu quarto.

— Meu filho? — gritou ela.

— O que é? — respondeu, com ar o mais natural que lhe foi possível.

— Que é que está carregando aí?

Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ganhar tempo:

— Eu? Nada...

— Está sim. Você entrou carregando uma coisa.

Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar, o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:

— Olha aí, mamãe: é um filhote...

Seus olhos súplices aguardavam a decisão.

— Um filhote? Onde é que você arranjou isso?

— Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?

Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de ISSO. Insistiu ainda:

— Deve estar com fome, olha a carinha que ele faz.

— Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!

— Ah! Mamãe... — já compondo cara de choro.

— Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.

O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima.

Voltou para o quarto emburrado: a gente também não tem nenhum direito nessa casa — pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado dessa maneira!

— Que diabo também, nessa casa tudo é proibido! — gritou lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.
— Dez minutos! — repetiu ela, com firmeza.
— Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.
— Você não é todo mundo.
— Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.
— Veremos — limitou-se a mãe, de novo distraída com a costura.
— A senhora é ruim mesmo, não tem coração.
— Sua alma, sua palma.
Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar, com seu novo amigo, e depois... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:
— Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.
— Ah, mamãe deixa! — choramingou ainda. — Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nessa vida...
— E eu? Que bobagem é essa, você não tem a sua mãe?
— Mãe e cachorro não é a mesma coisa.
— Deixa de conversa: obedece a sua mãe.
Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...
Meia hora depois, o menino voltava da rua, radiante:
— Pronto, mamãe!
E lhe exibia uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.
— Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza de que ele dava — murmurou pensativo.
(Fernando Sabino. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática. p. 35.) Alexandre Matos

Em algum momento, já aconteceu de você querer um animal e sua família não aceitar?
Conte para os colegas como foi.

Questão 102

O telescópio

Por longo tempo lá ficaram na varanda ouvindo as histórias do céu. Dona Benta parecia um Camilo Flammarion de saia. Esse Flammarion foi um sábio francês que escreveu livros lindos e explicativos. "Quem não entender o que esse homem conta" — costumava dizer Dona Benta, "é melhor que desista de tudo. Seus livros são poemas de sabedoria, claríssimos como água."
Quem mais se interessou por aqueles estudos foi Pedrinho. Sonhou a noite inteira com astros e no dia seguinte pulou da cama com uma ideia na cabeça: construir um telescópio! "Que é, afinal de contas, um telescópio?" — refletiu ele. "Um canudo com uns tantos vidros de aumento dentro. Esses vidros aumentam o tamanho dos astros, de modo que eles parecem ficar mais próximos — foi como disse vovó."
E logo depois do café da manhã tratou de construir um telescópio. Canudos havia no mato em quantidade — nas moitas de taquara; e vidros de aumento havia no binóculo da vovó. Pedrinho serrou os canudos necessários, de grossuras bem calculadas, de modo que uns se encaixassem nos outros, colocou lá dentro as lentes do binóculo de Dona Benta e fez uma armação de pau onde aquilo pudesse ser manobrado com facilidade, ora apontando para este lado, ora para aquele.
Enquanto ia construindo o telescópio, dava aos outros, reunidos em redor dele, amostras de sua ciência.
— O telescópio saiu da luneta astronômica inventada por aquele italiano antigo, o tal Galileu. Um danado! Inventou também o termômetro e mais coisas. — Mas telescópio é invenção que até eu invento — disse Emília. — É só cortar canudos de taquara e grudar uns monóculos dentro...
Pedrinho ia respondendo sem interromper o serviço.
— Parece fácil, e é fácil hoje que a coisa já está sabida. Mas o mundo passou milhões de anos sem conhecer este meio tão simples de ver ao longe, até que Galileu o inventou. Também para tomar a

temperatura das coisas nada mais simples do que fazer um termômetro — um pouco de mercúrio dentro dum tubinho de vidro, mas foi preciso que Galileu o inventasse. Tudo na vida são "ovos de Colombo".
Depois de pronto o telescópio, houve discussão quanto ao astro que veriam primeiro.
— Eu acho que o primeiro tem que ser o Sol, que é o pai de todos — disse Narizinho.
— Eu acho que deve ser a Grande Ursa, porque é um bicho raro — propôs Emília.
Pedrinho riu-se com superioridade.
— A Grande Ursa não pode, boba, porque fica nos céus do Norte. Estes céus aqui são os céus do Sul. E o senhor que acha, Dr. Livingstone? — perguntou ele ao Visconde.
O Dr. Livingstone respondeu batendo na bibliazinha.
— Deus fez por último as estrelas, como diz aqui o Gênesis, mas Cristo disse que os últimos serão os primeiros. Logo, temos que começar pelas estrelas.
Todos se admiraram daquela sabedoria, mas Pedrinho não se contentou. Quis também consultar tia Nastácia lá na cozinha.
— E você, tia Nastácia, que acha? — perguntou-lhe.
A negra, que acabava de matar um frango, foi de opinião que o bonito seria começar pela Lua, "onde São Jorge vive toda a vida matando um dragão com sua lança!"
A ideia foi recebida com palmas e berros.
— O dragão! O dragão! Viva São Jorge!... — exclamaram todos — e a lembrança de Tia Nastácia foi vencedora. Uma linda Lua cheia estava empalamando no céu. Pedrinho apontou para ela o telescópio. Espiou e nada viu. Emília, porém, viu coisas tremendas.
— Estou vendo, sim! — gritou. — Estou vendo um dragão verde, tal qual lagarto, com uma língua vermelha de fora. Língua de ponta de flecha. São Jorge, a cavalo, está espetando a lança no pescoço do coitado...
— Será possível? — exclamou Pedrinho, afastando-a do telescópio para espiar de novo — mas continuou a não ver nada.
— Você está sonhando, Emília. Não se vê nem a Lua, quanto mais o dragão.
— Pois eu vejo tudo com o maior "perfeiçume" — insistiu Emília voltando ao telescópio. — Um dragão de escamas... Com unhas afiadas... Um rabo comprido dando duas voltas.
Os meninos entreolharam-se. Verdade ou mentira? A boneca tinha fama de possuir uns olhos verdadeiramente mágicos — mas quem podia jurar sobre o que ela afirmava? A ânsia de ver coisas, porém, era maior que a dúvida, de modo que resolveram aceitar como verdade as afirmações da Emília e nomeá-la a "olhadeira do telescópio". Ela que fosse vendo tudo e contando aos outros.
Emília começou. Depois de enumerar todas as coisas que viu na Lua, apontou o telescópio para uma estrela qualquer.
— Chi — exclamou fazendo cara de espanto. — Como é peluda!... E tem dois ursinhos ao colo... Está brincando com um de cara preta... Agora franziu a testa... Parece que percebeu que estamos apontando para lá... Com certeza pensa que este telescópio é espingarda... A Grande Ursa é enormíssima..
— A Grande Ursa não é estrela daqui, Emília. Vovó já disse. Você está nos bobeando — gritou Pedrinho meio zangado.
Mas Emília continuou a ver coisas e a insistir que era realmente uma estrela Ursa. "Com certeza cansou-se dos gelos polares e chegou cá a estes céus do Sul para esquentar o corpo..."
Pedrinho deu-lhe um peteleco.

LOBATO, Monteiro. *Viagem no céu*. In: *Obra infantil completa*: edição centenário: 1882-1982. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 632.

O Visconde, ao opinar que as estrelas é que deveriam ser observadas primeiro, construiu um raciocínio que provocou a admiração de todos. A forma de raciocínio que ele utilizou chama-se **silogismo** e é composta de duas afirmações chamadas **premissas**. Da relação entre as premissas tira-se uma **conclusão**. Copie o silogismo do Visconde, separando seus componentes:

a) 1ª premissa.
b) 2ª premissa.
c) conclusão.

Questão 103
Leia, a seguir, dois textos que fazem parte de uma campanha e responda a questão.

Qual é a finalidade da campanha?

Questão 104
Leia esta história em quadrinhos, de Ziraldo:

Maluquinho é a personagem principal da história. Normalmente ele se mostra um menino inteligente e esperto.
a) Por que Carolina, Shirley e Julieta colocaram Maluquinho em uma situação difícil?
b) De que forma, na história lida, ele sai dessa enrascada?

Questão 105
O girassol

Sempre que o sol
Pinta de anil
Todo o céu
O girassol
Fica um gentil
Carrossel

O girassol é o carrossel das abelhas

Pretas e vermelhas
Ali ficam elas
Brincando, fedelhas
Nas pétalas amarelas.

— Vamos brincar de carrossel, pessoal?

— "Roda, roda, carrossel
Roda, roda, rodador
Vai rodando, dando mel
Vai rodando, dando flor".
— Marimbondo não pode ir que é bicho mau!
— Besouro é muito pesado!
— Borboleta tem que fingir de borboleta na entrada!
— Dona Cigarra fica tocando seu realejo!

— "Roda, roda, carrossel
Gira, gira, girassol
Redondinho como o céu
Marelinho como o sol".

E o girassol vai girando dia afora...

O girassol é o carrossel das abelhas.
MORAES, Vinicius de. *A arca de Noé*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 7.

Assinale a alternativa correta.

(d) Os diminutivos “redondinho” e “marelinho” indicam que o girassol não é bem redondo nem muito amarelo.
(a) Na quinta estrofe, a repetição expressiva de fonemas (aliteração) e de palavras imita o movimento do carrossel.
(b) O ritmo do poema é mais acentuado e mais regular na sexta estrofe.
(c) O ritmo do verso “Roda, roda, rodador” pode ser assim esquematizado: +/-/+/-/+/-/+/-.

Questão 106

Os animais e a peste

Em certo ano terrível de peste entre os animais, o leão, mais **apreensivo**, consultou um **mono** de barbas brancas.
— Esta peste é um castigo do céu – respondeu o **mono** – e o remédio é **aplacarmos** a cólera divina sacrificando aos deuses um de nós.
— Qual? – perguntou o leão.
— O mais carregado de crimes.
O leão fechou os olhos, concentrou-se e, depois duma pausa, disse aos súditos reunidos em redor:
— Amigos! É fora de dúvida que quem deve sacrificar-se sou eu. Cometi grandes crimes, matei centenas de veados, devorei inúmeras ovelhas e até vários pastores. Ofereço-me, pois, para o sacrifício necessário ao bem comum.
A raposa adiantou-se e disse:
— Acho conveniente ouvir a confissão das outras feras. Porque, para mim, nada do que Vossa Majestade **alegou** constitui crime. Matar veados — desprezíveis criaturas; devorar ovelhas — mesquinhos bichos de nenhuma importância; trucidar pastores — raça vil merecedora de extermínio! Nada disso é crime.
São coisas até que muito honram o nosso virtuosíssimo rei leão.
Grandes aplausos abafaram as últimas palavras da **bajuladora**, e o leão foi posto de lado como impróprio para o sacrifício.
Apresenta-se em seguida o tigre e repete-se a cena. Acusa-se ele de mil crimes, mas a raposa prova que também o tigre era um anjo de inocência.
E o mesmo aconteceu com todas as outras feras.
Nisto chega a vez do burro. Adianta-se o pobre animal e diz:
— A consciência só me acusa de haver comido uma folha de couve da horta do senhor vigário.
Os animais entreolhavam-se. Era muito sério aquilo. A raposa toma a palavra:
— Eis, amigos, o grande criminoso! Tão horrível o que ele nos conta, que é inútil prosseguirmos na investigação. A vítima a sacrificar-se aos deuses não pode ser outra, porque não pode haver crime maior do que furtar a sacratíssima couve do senhor vigário.
Toda a bicharada concordou e o triste burro foi unanimemente eleito para o sacrifício.
Aos poderosos, tudo se desculpa; aos miseráveis, nada se perdoa.

(Monteiro Lobato. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, 1962. p. 91.)

alegar: justificar, argumentar.
aplacar: enfraquecer, abrandar.
apreensivo: preocupado, receoso.
bajulador: aquele que enaltece alguém para obter vantagens; adulador.
mono: designação dada aos macacos em geral.
A fábula está organizada em parágrafos. Quantos parágrafos há nela?

Questão 107

Texto:

Para ir à Lua

Enquanto não têm foguetes
para ir à Lua
os meninos deslizam de patinete
pelas calçadas da rua.
Vão cegos de velocidade:
mesmo que quebrem o nariz,
que grande felicidade!
Ser veloz é ser feliz.
Ah! se pudessem ser anjos
de longas asas!
Mas são apenas marmanjos.
(Cecília Meireles. "Ou isto ou aquilo". Pág. 70)

A primeira e a última estrofes apresentam desejos que fazem parte do imaginário infantil. Quais são eles?

Questão 108

"Sorria: você está sendo filmado"

> *Você já percebeu que, em qualquer lugar aonde vamos, estamos sendo filmados? E já pensou que os filmes em que aparecemos podem ser postados na Internet ou ir parar na televisão? Será que não temos mais o direito à privacidade??*

Leia o texto a seguir, de Pedro Doria, e responda à questão proposta.

Mulher do cocô de cachorro

> No dia 6 de junho último, uma jovem sul-coreana pegou o metrô em Seul acompanhada de seu cachorro. O bicho fez cocô no chão. Os passageiros ao lado pediram que tivesse a delicadeza de limpar – ela se recusou. Um rapaz, com celular de câmera, registrou o incidente. A moça levantou, deixou o vagão, foi-se embora; um senhor se ajoelhou, recolheu os restos num saco e jogou no lixo. Neuroses da vida urbana. A diferença é que as fotografias foram para a internet e se espalharam pelos blogs de lá. Culturalmente, a Coreia do Sul é um país um bocado rígido. Não chega à intolerância de Cingapura, onde ponta de cigarro no chão pode disparar perseguição policial, mas ordem pública é coisa levada muito a sério.
>
> Com as fotos na rede sendo distribuí- das à velocidade de vírus, um movimento de identificação da moça teve início. Ela ganhou o apelido de "gae-ttong-nyue", mulher do cocô de cachorro. E um movimento de repulsa igualmente forte veio à tona, primeiro na blogosfera, depois nas páginas da imprensa sul-coreana e, então, no "The Washington Post"*.
>
> Ela foi identificada – num país onde quase todo mundo acessa a internet e se informa por ela, não é difícil. Na fotografia estavam não apenas seu rosto como também a bolsa grande que costuma usar, o focinho do cachorro e um relógio particularmente chamativo. Apontada na rua, localizada na universidade, trancou matrícula, enfurnou-se em casa. Em qualquer sociedade é normal se preocupar com o que pensam os outros; nas do Oriente extremo, o peso é soberbo*.
>
> Mas é uma caça às bruxas. Por conta de um deslize, talvez um dia de mau humor ou um segundo de egoísmo, repentinamente vem a execração* pública. É mais ou menos o mesmo processo que dá início aos linchamentos. De fato, a moça do cocô de cachorro foi punida. Mas seu deslize estará a um Google de distância para qualquer um, daqui a dez ou 20 anos, que lance seu nome no mecanismo de busca. Talvez um namorado potencial, um futuro chefe. [...]
>
> Essa é uma das características possíveis de um mundo onde todos são jornalistas em potencial. O abuso. [...] o acesso a coisas como câmeras de celular, publicação e distribuição instantânea de informação carregam consigo seus perigos.
>
> No fim, a história da "gae-ttong-nyue" é só mais uma história típica da rede, esta fantástica construção tecnológica. Através dela, abusos em cantos como Iraque são denunciados, mentiras de políticos reveladas, amizades feitas. Amores se descobrem. E linchamentos morais ocorrem. Não há

legislação para a web e, mesmo que houvesse, provavelmente não teria chance de ser eficaz. Na rede, a exacerbação* das características humanas é às vezes insuportável.

(*Folha de S. Paulo,* 28/8/2005. Revista da Folha.)

*exacerbação: exagero

*execração: ódio profundo, maldição, praga

*soberbo: em posição de destaque, grandioso

**The Washington Post*: jornal americano

O texto inicia-se com a expressão "No dia 6 de junho último".
Que sentido a palavra **último** agrega à data **6 de junho**? O emprego dessa palavra é necessário?

Questão 109

Leia esta tira:

Miguelito está conversando com a professora.
a) O que ele relata nos três primeiros quadrinhos?
b) Identifique os elementos que Miguelito relaciona às ações a seguir.
Veja o exemplo:
• **explodir: o aquecedor**
• ir pelos ares:
• estourar:
• inundar:
• incendiar:
• roubar:

Questão 110

Leia os textos:
Os dinos

Os dinossauros não nadavam nem voavam. Várias espécies viveram no Brasil, entre elas o *Maxakalisaurus topai*, com 9 toneladas e 13 metros de comprimento.
Também nem todos os dinos eram gigantes. O menor já encontrado é o *Microrraptor*, que tinha 40 centímetros, ou seja, era do tamanho de uma galinha. Os dinos desapareceram há mais de 65 milhões de anos e a teoria mais aceita para a extinção diz que um asteroide teria caído na Terra, levantando uma enorme nuvem de poeira. A falta de luz solar acabou com quase toda a vegetação e matou muitos animais de fome, entre eles os dinossauros.
(Adaptado de: *Recreio*, nº 522, p.13.)

Onça

Ela habita as florestas tropicais úmidas das Américas Central e do Sul. Caça sobretudo no chão, mas pode saltar dos galhos das árvores sobre as presas desavisadas, como crocodilos, serpentes e macacos. As onças são consideradas "quase ameaçadas" (à beira da ameaça de extinção) devido ao desmatamento e à caça ilegal.
(Coleção *Explore o curioso mundo da ciência*. São Paulo: Abril. p.160.)
Identifique nos textos:
Língua Portuguesa - Capítulo 4 - Fonema e letra - Exercícios (pg. 81 - 82)

(a) três palavras monossílabas:
(b) três palavras dissílabas:
(d) três palavras polissílabas:
(c) três palavras trissílabas:

Questão 111
Assista ao filme *O jardim secreto*, de Agnieszka Holland. Depois responda à questão a seguir.

No início do filme, é apresentada a protagonista da história, Mary Lennox, uma menina de 10 anos. Ela mora então na Índia, com seus pais.
a) Nesse período, situado no início do século XX, quem cuida da protagonista?
b) Quais são as principais preocupações dos pais de Mary? Como ela se sente em relação a eles?
Língua Portuguesa - Unidade 1 - Capítulo 1 - Era uma vez - Exercícios - Cruzando linguagens

Questão 112
Leia o texto a seguir e responda às questões de 1 a 3.
Poluição do ar

Poluição do ar é qualquer substância química que pode causar danos às pessoas ou aos outros seres vivos. Alguns poluentes comuns são: fumaça, monóxido de carbono, dióxido de nitrogênio, dióxido de enxofre, ozônio e chumbo. Muitos deles prejudicam os animais quando inalados ou penetram na pele. Outros se misturam com substâncias químicas inofensivas na atmosfera para formar chuva ácida, por exemplo. Até substâncias químicas que não são normalmente tóxicas, como o dióxido de carbono, podem causar problemas ambientais de grande extensão se emitidas em grandes quantidades. As pessoas estão trabalhando para reduzir a poluição do ar usando filtros e escovas de chaminés nas usinas e nas centrais elétricas e nos exaustores catalíticos dos carros. Fontes alternativas de energia, materiais ecológicos e novos processos de produção e descarte também estão sendo desenvolvidos. Os governos estão colocando limites e cobrando multas das empresas que poluem. Tratados internacionais, tais como o Protocolo de Quioto, englobam esforços de muitos países para reduzir a emissão desses gases.
(Coleção *Explore o curioso mundo da ciência*. São Paulo: Abril. p.142.)
O texto aborda um tema que tem preocupado muitos países.
(a) Qual é o tema do texto?
(b) De acordo com o texto, algumas medidas têm sido tomadas para diminuir a poluição. Quais são elas?
(c) Os países também têm se empenhado em reduzir a poluição. O que comprova essa preocupação?

Questão 113
Observe os verbos em destaque nas frases:
• No parque, Joãozinho pede dinheiro à sua mãe porque quer **entregá-lo** a um velhinho.
• Vi flores lindas no jardim. Vou **colhê-las** agora.
• Os montes são altos, mas vamos **transpô-los** e vencer a prova.
Os verbos destacados receberam acento agudo ou circunflexo. Formule uma regra para justificar o acento.

Questão 114
Leia, a seguir, um trecho de um texto do linguista Sírio Possenti e uma lista de expressões da língua inglesa utilizadas na linguagem publicitária do mercado imobiliário.
Além de permitirem novos significados, os estrangeirismos assumem valores. Assim, termos ingleses conotam modernidade nos campos do comércio ou da tecnologia; o francês continua a conotar elegância. Prédios parecerão mais modernos se se chamarem *Tower*, restaurantes, mais elegantes se se chamarem *Le Troquet* e mais autênticos se se chamarem *La pasta* de *la mamma*.
(*Língua Portuguesa*, nº 3, p. 33.)

De acordo com o Sírio Possenti, o uso de estrangeirismos nem sempre ocorre por falta de palavras no vocabulário da língua. Muitas vezes, quem emprega um estrangeirismo tem, ao fazer isso, certa intenção.

(b) Ao darem a prédios nomes da língua inglesa, o que os construtores pretendem?
(a) Ao dar à sua casa o nome *Le Troquet*, o que o dono de um restaurante francês pretende?
(c) Por que um restaurante italiano com o nome *La pasta* de *la mamma* pode parecer mais autêntico do que outros, também italianos?

Questão 115

Menino de cidade

Papai, você deixa eu ter um cabrito no meu sítio?
Deixo.
E porquinho-da-índia? E ariranha? E macaco? E quatro cachorros? E duzentas pombas? E um boi? Um rinoceronte?
Rinoceronte não pode.
Tá bem, mas cavalo pode, não pode?
O sítio é apenas um terreno do Estado do Rio, sem maiores perspectivas imediatas. Mas o garoto precisa acreditar no sítio como outras pessoas precisam acreditar no céu. O céu dele é exatamente o da festa folclórica, a bicharada toda, e ele, que nasceu no Rio e, de má vontade, vive nessa cidade sem animais. Aliás, ele mesmo desmente que o Rio seja uma cidade sem bichos, possuindo o dom de descobri-los nos lugares mais inesperados. Se entra na casa de alguém, desaparece ao transpor a porta, para voltar depois de três segundos com um gato ou cachorro na mão. A gente vai andando por uma rua de Copacabana, ele some e ressurge com um pinto em flor. É chegar na Barra da Tijuca, e daí a cinco minutos, já apanhou um siri vivo.
Localiza eletronicamente todos os animais da redondeza, anda pela rua em disparada, cumprimentando aqui um papagaio, ali um ganso, mais adiante um gato, incansável e frustrado.
Não distingue marcas de automóvel, em futebol não vai além de Garrincha e Nilton Santos, mas sabe perfeitamente o que é um *mastiff*, um *boxer*, um *doberman*. Dá informações sobre as pessoas de acordo com os bichos que possuam: aquele é o dono do *Malhado*, aquela é a dona do *Lord*... Ao telefone, pergunta por patos, gatos, e outros cachorros, centenas, milhares de cachorros, cachorros que prefere aos companheiros, cachorros que o absorvem na rua, na escola, na hora das refeições, cachorros que costumam latir e pular em seus sonhos, cachorros mil.
Sua literatura é rigorosamente especializada: livros coloridos sobre bichos. Engatinha mal e mal na leitura, mas fala com uma proficiência um pouco alarmante a respeito de répteis, batráquios etc. Filho de mãe inglesa, confunde *fork* e *knife*, mas sabe o que é *seal* e *walrus*. Se pede um pedaço de papel é para desenhar a zebra ou a baleia.
É claro que sua frustração causa pena. Por isso mesmo, há algum tempo ganhou como consolo um canarinho-da-terra. Um dia, como lhe dissessem que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola.
Deram-lhe um bicudo, mas o bicudo morreu de tanto alpiste. Ganhou mais tarde uma tartaruga, pequenina e estúpida, que recebeu na pia do banheiro o nome de Henriqueta. Nunca qualquer outro quelônio deu tanto serviço. Foi ao dentista na cidade, e, ao voltar, disse ao pai pela primeira vez uma palavra horrível: *estou desesperado*. Tinha perdido a tartaruguinha no lotação.
Ficou o vazio em sua vida. O alívio era ligar o telefone interurbano para a avó e indagar pelos patos que "possuía" em outra cidade. Ou fazer uma visita à futura mãe de *Poppy*, este é um *poodle* que deverá nascer daqui a meio ano, prometido de pedra e cal para ele.
Outro expediente: caçar borboletas, mariposas, grilos, alojar carinhosamente os insetos nas gaiolas vazias, chamar-lhes pelos nomes dos antigos bichos mortos ou desaparecidos.
Um tio deu-lhe outra vez um canário, o carinho foi demais, o passarinho morreu. Não há nada a fazer, por enquanto, e ele dedicou-se à arte de desenhar bichos. De vez em quando ainda se anima e entra em casa afogueado, mostrando alguma coisa invisível nas mãos:
"Olha que estouro de grilo!"
Mas os grilos e as borboletas *legais* morrem ou saem tranquilamente das gaiolas, e ei-lo novamente de mãos e alma vazias.

Deu um jeito: arranjou alguns pires sem uso e plantou sementes de feijão. O banheiro está cheio de brotos verdes, tímidos. E ele já sabe que possui uma fazenda.
(Paulo Mendes Campos. In: *Elenco de cronistas modernos*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 45-7.)

absorver: atrair a atenção, levar alguém a concentrar-se.
alarmante: que causa alarme, que surpreende.
batráquio: animal vertebrado, como o sapo, que vive tanto na terra como na água.
boxer, dobermann e mastiff: raças de cães.
expediente: meio ou recurso utilizado para atingir um fim.
fork: (do inglês) garfo.
frustrado: que não atingiu o ideal pretendido ou não realizou um projeto pessoal.
knife: (do inglês) faca.
perspectiva: expectativa, esperança.
proficiência: competência, mestria.
seal: (do inglês) foca.
walrus: (do inglês) morsa, mamífero marinho que vive principalmente nas regiões costeiras do oceano Ártico.
Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.

As espécies de foca
A variedade de espécies de foca é muito grande. Algumas não passam de 1 metro de comprimento, enquanto outras chegam a 6 metros e a pesar mais de 3 toneladas.

Indique o sentido das expressões em destaque, considerando o contexto em que aparecem no texto:
a) "A gente vai andando por uma rua de Copacabana, ele some e ressurge com um pinto **em flor**".
b) "este é um *poodle* que deverá nascer daqui a meio ano, prometido **de pedra e cal** para ele"

Questão 116

Uma baleia

Uma baleia,
apesar do seu tamanho,
é mais leve
que uma nuvem,
é mais leve
que um mistério,
é quase uma música pousada
em cima do horizonte.

MURRAY, Roseana. *O mar e os sonhos*. Belo Horizonte: Abacatte, 2011.

Você estudou também que, por meio da poesia, "percebemos relações surpreendentes entre as coisas, semelhanças e diferenças nunca antes imaginadas".
O poema compara a leveza da baleia com a de outras coisas, concretas e abstratas. Assinale a alternativa que apesenta a única coisa mais leve que a baleia.
(d) Horizonte.
(a) Mistério.
(b) Música.
(c) Nuvem.

Questão 117

Observe esta pintura, de Norman Rockwell:

Observe a personagem retratada no quadro.
a) Levante hipóteses: Que idade ela tem?
b) Como é a roupa que ela está usando?

Questão 118

O texto do exercício anterior discute uma fobia dos tempos modernos.
(b) Você se identifica com o perfil da pessoa citada no texto?
(a) Você compartilha da opinião do autor?

Questão 119

Você já ouviu falar em Patativa do Assaré? Esse é o nome artístico do poeta Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), nascido em Assaré, Ceará.
Leia um de seus poemas:

Sertão

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu **torrão** amado
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.
[...]
Sertão, minha terra amada
De bom e sadio crima
Que me deu de mão bejada
Um mundo cheio de rima
O teu só é tão ardente
Que treme a vista da gente
Nas parede de reboco
Mas tem milagre e virtude
Que dá corage, saúde
E alegria aos teus caboco.
[...]
Desta gente eu vivo perto
Sou sertanejo da gema.
O sertão é o livro aberto
Onde lemos o poema
Da mais rica inspiração
Vivo dentro do sertão
E o sertão dentro de mim
Adoro as suas belezas
Que valem mais que as riquezas
Dos reinados de Aladim.
[...]
Porém, se ele é um **portento**
de riso, graça e primor
Tem também seu sofrimento

Sua mágoa e sua dor
Esta **gleba** hospitaleira
Onde a fada feiticeira
Depositou seu **condão**
É também um grande abismo
Do triste analfabetismo
Por falta de proteção.
[...]
No rompê de tua orora
meu sertão do Ciará,
quando escuto as voz sonora
do sodoso sabiá
do canaro e do campina
sinto das graça divina
o seu imenso pudê
e com munta razão vejo
que a gente sê sertanejo
é um dos maió prazê.
[...]
Tu é belo e é importante
tudo teu é naturá
ingualmente o diamante
ante de arguém lapidá.
(*Digo e não peço segredo*. Organização de Tadeu Feitosa. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 21-5.)
condão: magia, poder.
gleba: porção de terra não urbanizada.
portento: maravilha, prodígio, milagre.
torrão: pedaço de terra, lugar de origem, pátria.

Explique a relação existente entre o eu lírico e o sertão a partir destes versos:

Questão 120

Leia este poema, de Ulisses Tavares:
Esse nó(s)
eu me chamo eu.
a turma me chama nós
longe da turma
me sinto só
mas sou eu.
com a turma sou nós
mas quero ser eu.
de nós em nós
eu sou mais eu.
(*Viva a poesia viva*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 10.)
A turma chama o eu lírico de **nós**.
(b) Pela forma como a turma trata o eu lírico, é possível supor que ele é bem-aceito ou não? por quê?
(a) Classifique esse pronome e indique a pessoa e o número (singular ou plural) em que ele está.

Questão 121

Leia os textos a seguir, observando as descrições que fazem.

Texto 1

Jacaré de papo azul

[...] Aqui o rio é lerdo, a gente sente melhor o rio, dá pra fazer amizade. Então eu percebi que era isso que o jacaré estava querendo, fazer amizade comigo. O senhor já reparou em boca de jacaré? Parece que ele vive rindo de tudo, até sem motivo. Esse que eu falei ria com o corpo inteiro, às vezes chegava à flor d'água o tempo de eu apreciar ele todo, e rabeava com um jeito moleque, tão gozado que só o senhor vendo. Eu doido de aproveitar e cair em cima dele, mas quem disse? Depois de muito dançar e mergulhar, ele deu um salto e virou de barriga pra cima, a uma distância que não dava pra pegar. Ficou assim, boiando satisfeito da vida, que nem flor. Que nem essa flor, o senhor sabe, grandona e redonda, boiando feito bandeja, lá no fim do Norte, que eu nunca vi de perto, só de figura. Aí eu fui chegando perto, chegando perto, bem de mansinho. Se ele vira de repente e me dá uma rabanada, pensei, adeus canoa e eu sou o finado Marcindírio. Ele não virou, cheguei bem perto e vi. Tinha o papo azul, azul deste céu que o senhor está vendo, azul-claro, limpinho, bom de passar a mão... Passei. O senhor não credita que passei? Pois o danado gostou, deixando eu fazer esse agrado que a gente faz no pescoço do gato, só que mais forte, o couro é o contrário da macieza do gato. Não tive coragem de fazer mais nada. Ele estava tão feliz de ser tratado assim, tão prosa de mostrar seu papo diferente, lindeza de papo. Aí eu falei assim: "Vou m'embora, jacaré; você é livre de morar no rio, que eu não te causo dano". Voltei sem ofender aquele bicho-irmão, pois pra mim ele ficou sendo um negócio parecido com irmão, não digo filho porque era tão forte quanto eu, se não mais, e filho da gente, por mais que cresça e apareça, é sempre uma plantinha mimosa, sabe como é. Em casa, minha patroa zombou de mim, achou que eu não estava regulando. Não dormi de noite, pensando no jacaré.

Dia seguinte, olha ele outra vez me chamando pra brincar, eu disse: "Calma, jacaré, não posso passar a vida me distraindo com você, não sou mais menino e você também não é mais filhote. Todos dois têm que cuidar da vida, que a morte é certa". Até parece que ele entendeu, ficou com ar meio amuado, afundou. Só apareceu muito tempo depois, de longe, experimentando a mesma sorte de molecagem. Fiquei com pena dele: "Tá bom, eu brinco". Mas tem propósito um barraqueiro como eu alisando papo de jacaré, só porque ele é azul, me diga, tem propósito? Se a gaiola* passasse e os passageiros me vissem, que é que haviam de achar? Eu sei, talvez algum quisesse me convencer que eu devia levar o jacaré pra terra e vender ele pra fazer figura no circo, mas o mais certo era que todo mundo caísse de gozação em cima de mim, podiam mesmo me levar amarrado feito doido pra dormir na cadeia, e depois... Isso tudo passou na minha cabeça enquanto eu acarinhava o jacaré, fiquei com vergonha que pudessem me ver naquela hora, depois fiquei com vergonha de ter sentido vergonha, afinal que que tem o senhor se entender com um bicho com fama de malvado e vai ver não é malvado coisa nenhuma e pede à gente pra gostar dele? O senhor começou a entender, quer mais um gole de café enquanto eu conto o resto?

[...]

(In: *O homem que fazia chover & outras histórias de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Boa Companhia, 2013. p. 96-8.)

*gaiola: embarcação de fundo chato usada em navegação fluvial.

Texto 2

Uma senhora?

Dona Estefânia foi uma senhora feliz. Não conhecendo a inveja, nunca falou mal de ninguém. Compunha colchas de retalhos coloridos, colecionava pratas de cinco mil-réis em caixas de sapato, viajava de automóvel para fora de Belo Horizonte todas as manhãs, para beber leite de vaca tirado na hora, confiava infinitamente em Santo Antônio, achava uma graça extraordinária na leitura do *Diário da Tarde*, ouvia religiosamente o *Teatro pelos ares* da Rádio Mayrink Veiga, não erguia a voz, não repreendia ninguém, nunca permitiu em hipótese alguma que qualquer pessoa saísse de sua casa antes de aceitar um doce, um biscoito, um licor. Referia-se a meu avô português, falecido muitos anos antes, como sempre lhe chamou em vida: seu Zé Campos.

Seca e resistente, aos oitenta anos, uma grave infecção a derrubou durante vários meses. Todos esperando sua morte a qualquer instante. Ela na cama, a sofrer noite e dia, sem queixar-se, compadecida daqueles que a velavam.
Descobriram a sulfa, dona Estefânia saltou da cama e viveu mais cinco anos. Verdadeira, alegre como a água. Só em certos momentos especiais era capaz de perigosa malícia, no truco, quando blefava com o ar mais cândido deste mundo.
(Paulo Mendes Campos. In: *Balé do pato*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 80.)

Em uma folha de papel em branco ou colorido, faça o desenho, em cores, do animal descrito no texto 1 ou de dona Estefânia, personagem do texto 2. Procure fazer o desenho de acordo com os elementos presentes nos textos. Ao terminar, afixe seu desenho no mural da classe e compare-o com o de seus colegas para ver qual deles foi mais fiel à descrição do jacaré e de dona Estefânia.

Questão 122

Leia o texto de campanha a seguir e responda à questão.

Ministério da Saúde/ Governo Federal

No texto há um coração e, acima dele, o enunciado:
Pratique saúde
Uma campanha do seu coração com
o apoio do Ministério da Saúde
Levando em conta o coração e o enunciado, considere estas afirmações:
I. A campanha tem o objetivo de estimular a população a cuidar da saúde, fazendo exercícios frequentemente e se alimentando adequadamente.
II. Por meio dos dizeres "Uma campanha do seu coração com o apoio do Ministério da Saúde", o enunciador tenta conquistar o leitor para a causa defendida.
III. O enunciador destaca a importância do coração como órgão vital e da saúde, que depende de boa alimentação e exercícios físicos regulares, para o bem-estar dele.
IV. Estimular a população a fazer exercícios e se alimentar adequadamente é uma medida preventiva que pode melhorar a qualidade e o tempo de vida dos brasileiros, além de diminuir os gastos do Ministério da Saúde.
São corretas as afirmações:
(a) I e II.
(b) II e III.
(d) todas.
(c) I, II e III.

Questão 123

O livro Só entre nós – *Abelardo e Heloísa*, de Júlio Emílio Braz e Janaína Vieira, é construído a partir de uma troca de *e-mails* e cartas entre dois adolescentes.
A correspondência entre os adolescentes tem início quando Heloísa publica na Internet este classificado:
Preciso de um amigo que goste de música clássica, que não se envergonhe de gostar de poesia, que ame a arte e acredite nela. Chamo-me Heloísa, tenho 15 anos e sou deste planeta mesmo. E-mail para: happymusic@newline.com.br
O primeiro *e-mail* de Abelardo começa assim:
De: abelardo@blyxto.com.br
Para: happymusic@newline.com.br
Assunto: Amizade
Heloísa,
Encontrei seu anúncio nos classificados do portal. Vivo navegando, esperando encontrar uma pessoa com quem possa trocar essa ou aquela ideia, sem a velha história de compromisso sério, casamento. Você sabe

como é, não? Não quero namorar, não quero casar e quanto ao compromisso sério... Viver já não é um compromisso sério pra caramba? Espero que não fique chateada, mas você não é a primeira pessoa para quem escrevo. Para mim, escrever é fugir de problemas que detesto e que não posso resolver, é encontrar amigos, pessoas mais ou menos parecidas comigo.
[...]
(Idem.)
Enviado em: 9 de abril 23:00
Que tal inventar, em grupo, uma história que, como a do livro *Só entre nós — Abelardo e Heloísa*, tenha por base um dos gêneros estudados nesta unidade? Ou que faça uma mistura desses gêneros (carta pessoal, cartão-postal, e-mail)? Criada a história, montem com ela um pequeno livro, que deverá depois ser exposto na mostra proposta no capítulo **Oficina de Criação** desta unidade e lido por colegas, professores, familiares e amigos.
Para terem ideia de como se organiza um livro desse tipo, leiam, se quiserem, *Porta a porta,* de Roseana Murray e Suzana Vargas (Saraiva), ou *De Paris, com amor,* de Lino de Albergaria (Saraiva).

Questão 124

Leia o texto a seguir, de Luis Fernando Verissimo, e responda às questões propostas.

O diamante

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste.
— O que foi? — perguntou a mãe de Maria.
Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopy e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada.
A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.
— Nada, disse Maria.
A mãe resolveu não insistir. Deixou Maria deitada na cama, abraçada com o seu Snoopy, emburrada.
Quando o pai de Maria chegou em casa do trabalho, a mãe de Maria avisou:
— Melhor nem falar com ela...
Maria estava com cara de poucos amigos. Pior. Estava com cara de amigo nenhum.
Na mesa do jantar, Maria de repente falou:
— Eu não valo nada.
O pai de Maria disse:
— Em primeiro lugar, não se diz "eu não valo nada". É "eu não valho nada". Em segundo lugar, não é verdade. Você valhe muito. Quer dizer, vale muito.
— Não valho.
— Mas o que é isso? — disse a mãe de Maria. — Você é a nossa filha querida. Todos gostam de você. A mamãe, o papai, a vovó, os tios, as tias. Para nós, você é uma preciosidade.
Mas Maria não se convenceu. Disse que era igual a mil outras pessoas. A milhões de outras pessoas.
— Só na minha aula tem sete Marias!
— Querida... — começou a dizer a mãe. Mas o pai interrompeu.
— Maria — disse o pai —, você sabe por que um diamante vale tanto dinheiro?
— Porque é bonito.
— Porque é raro. Um pedaço de vidro também é bonito. Mas o vidro se encontra em toda parte. Um diamante é difícil de encontrar. Quanto mais rara é uma coisa, mais ela vale. Você sabe por que o ouro vale tanto?
— Por quê?
— Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. Se o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja. Agora, imagina se em todo o mundo só existisse uma pepita de ouro.
— Ia ser a coisa mais valiosa do mundo.

— Pois é. E em todo o mundo só existe uma Maria.
— Só na minha sala são sete.
— Mas são outras Marias.
— São iguais a mim. Dois olhos,um nariz...
— Mas esta pintinha aqui nenhuma delas tem.
— É...
— Você já se deu conta que em todo o mundo só existe uma você?
— Mas, pai...
— Só uma. Você é uma raridade. Podem existir outras parecidas. Mas você, você mesma, só existe uma. Se algum dia aparecer outra você na sua frente, você pode dizer: é falsa.
— Então eu sou a coisa mais valiosa do mundo.
— Olha, você deve estar valendo aí uns três trilhões...
Naquela noite a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria falando com o Snoopy:
— Sabe um diamante?
(In: *O santinho.* 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 10-2.)

Identifique no texto a fala de Maria que demonstra que ela, finalmente, se convence de seu valor.

Questão 125

Observe a imagem abaixo.

Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/mobilidade/indicacao/casal-vai-de-metro-aoproprio-casamento-confira-outros-casorios-criativos/>.

Esta imagem revela um fato inusitado que, se realmente ocorreu, poderia ter se transformado numa notícia de jornal.
Seu trabalho agora será atuar como um jornalista e escrever essa notícia.
Importante:
• Lembre-se da estrutura desse gênero de texto para produzir o seu: lide (quem, o quê, quando,onde) + parágrafo(s) seguinte(s) – como e por quê. Se quiser, inclua algum depoimento.
• Utilize linguagem formal, adequada a um jornal dirigido a jovens e adultos.
• Seja objetivo: insira em seu texto apenas informações pertinentes para informar seu leitor. E não se esqueça de que um bom jornalista é imparcial, isto é, apenas relata o fato, não dá opinião sobre ele.
• Nesta proposta, seu texto deve ter entre 10 e 20 linhas.
Revisão de texto
Verifique se seu texto:
• contém as informações básicas (o quê, quem, quando, onde), necessárias para o leitor compreender bem o fato noticiado;
• está organizado em pelo menos dois parágrafos – lide e desenvolvimento (como; por quê; outros detalhes);
• foi escrito em terceira pessoa e em linguagem adequada;
• tem um título curto, mas capaz de apresentar ao leitor o assunto principal da notícia.

Questão 126

Observe a imagem a seguir e, com base na cena retratada, crie um esquete.
Esquete – texto curto, produzido para ser encenado.

Seu texto pode ser cômico (engraçado) ou não, mas é preciso explicitar nas **rubricas**:
• como é o cenário;
• como são as personagens;
• qual a relação entre elas (São da mesma família? São desconhecidos?);
Por meio das rubricas e das falas (diálogo) das personagens, seu leitor conhecerá:
• o conflito ocorrido;
• o desfecho desse conflito.

• o que estão fazendo (antes que se inicie o conflito).

Revisão de texto

Verifique se:

• Estão claros, no diálogo entre as personagens, o começo, o meio e o fim da cena.

• Inseriu as rubricas corretamente (logo após o nome das personagens ou no meio das falas, entre parênteses).

• As instruções nas rubricas são claras.

• A pontuação da fala das personagens está correta.

• As palavras estão corretamente grafadas e acentuadas.

Questão 127

Texto 1

A maior tartaruga do planeta?

A tartaruga alaúde, a maior de todas as espécies existentes, volta todos os anos sempre ao mesmo lugar para construir seu ninho.?

Nos inexplorados territórios da Guiana Francesa existe um lugar único no mundo: a paradisíaca e solitária praia de Hattes, onde todos os anos se desenrola um dos espetáculos mais incríveis da natureza: o nascimento em massa das gigantescas tartarugas alaúde.

A cena, que se repete entre os meses de março e julho, começa ao pôr do sol na imensa praia da região de Basse-Mana, no noroeste do país. Ao grito de "*kawana, kawana*" (nome da espécie no idioma local), os habitantes da região anunciam a chegada de uma enorme fêmea que, como o resto do bando, escolhe a noite para a postura dos ovos. Lentamente, a tartaruga marinha sai da água e dá alguns passos na areia em busca de um lugar adequado para iniciar a postura. Depois de alguns minutos, para e começa a cavar um buraco que, meia hora mais tarde, terá 80 cm de profundidade. Uma vez concluída esta etapa, o animal se posiciona sobre o buraco e começa a pôr os ovos, que caem, de dois ou três por vez, na cloaca da fêmea (onde se encontra o órgão copulatório) e deslizam por uma espécie de tubo subterrâneo até a câmara de incubação localizada no fundo do buraco. Cerca de cem ovos são depositados em aproximadamente dez minutos. Os ovos de forma esférica irão proteger da umidade os de forma oval, dos quais sairão, em dois ou três meses, os filhotes.

O grande número de tartarugas alaúde (entre 4 mil e 10 mil) que, ano após ano, escolhe as praias de Basse-Mana como cenário desse milagre, faz do lugar a maior incubadora do mundo e ainda um dos últimos locais onde se pode apreciar o único momento em que esses animais saem da água. Uma brigada de voluntários, subvencionados pelo WWLF (World Wild Life Found) e o ministério francês do meio ambiente, se reúne na região durante os meses de fecundação para realizar diversas tarefas, como a contagem do número de exemplares de ambos os sexos e dos ninhos. Além disso, os voluntários lutam, há anos, para que a região seja declarada reserva natural e parque nacional.

Três meses depois de as fêmeas terem depositado seus ovos na praia de Hattes, começa o momento mais esperado: o nascimento dos pequenos filhotes de tartaruga alaúde que, como seus pais, terão uma enorme cabeça, dois grandes olhos e um bico torcido em forma de gancho.

O instante preciso em que as tartarugas alaúde nascem é um dos segredos mais bem guardados do mundo animal. Três ou quatro dias depois de terem rompido os ovos, enterrados a 80 cm de profundidade, privados de oxigênio e água, os filhotes conseguem chegar, todos juntos, a cerca de 10 cm abaixo da superfície. Tudo o que ocorre antes disso permanece como um grande mistério.

Ao decidirem emergir definitivamente à superfície (para o que esperam uma queda de temperatura, o pôr do sol ou a chuva), os filhotes têm de passar pela prova mais dura: a perseguição implacável das aves de rapina, dos peixes grandes e até mesmo dos seres humanos. Dessa multidão de patas, bicos, pequenos corpos com carapaças frágeis que lutam para sair ao mundo exterior, somente poucos sobreviverão. Com sorte, dessa nova geração de fêmeas nascerá um grupo de filhotes que, com força e determinação, lutarão uma vez mais para preservar sua espécie.

Isto É. Tudo, o livro do conhecimento. 7 fev. 1996.

Uma das principais qualidades de um texto informativo deve ser a clareza. Observe esta nova redação do parágrafo inicial do artigo sobre as tartarugas:
O único lugar do mundo onde as gigantescas tartarugas alaúde dão espetáculo é a paradisíaca e solitária praia dos inexplorados territórios da Guiana Francesa.
Por que devemos considerar que esta nova versão do parágrafo está mal redigida?

Questão 128

Leia esta anedota:

A professora pede ao aluno:
— Dê um exemplo de um verbo.
Ele pensa e responde indeciso:
— Bicicleta!
— Bicicleta não é verbo!
Pede, em seguida, exemplo de verbo a outro
estudante. Ele também pensa, pensa e arrisca:
— Plástico!
Ela se irrita.
— Pelo amor de Deus, plástico não é verbo.
Pergunta então a um terceiro:
— Diga um verbo.
Lulinha nem pensa e, prontamente, diz o que ela entende de forma nítida como "hospedar".
— Muito bem, até que enfim. "Hospedar" é um verbo. Agora diga uma frase com o verbo
que você escolheu.
— Os pedar da bicicreta é de prástico.
(Revista *Língua Portuguesa*, nº 4.)
Os alunos apresentam dificuldade na aula de gramática. Observe a última frase do texto.
(b) Caso não, como ela ficaria se quiséssemos reescrevê-la na norma-padrão?
(a) Essa frase está de acordo com a norma-padrão da língua?

Questão 129

Leia o texto a seguir e complete-o com palavras ou expressões apresentadas no quadro abaixo dele. Ao selecionar cada palavra ou expressão, escolha a que dá coerência ao texto.
Por que o girassol "acompanha" o Sol?
O fenômeno responsável por _____ movimento é o heliotropismo, que só ocorre na fase de crescimento da planta — ao florescer, _____ não se mexe mais. O movimento ocorre _____ o lado que não recebe luz cresce mais rápido _____o lado iluminado, inclinando o caule para a fonte de luz._____ , uma espécie de relógio interno faz com que o girassol se volte para leste durante a noite. Assim, _____ já "espera" o Sol nascer inclinado para o lado certo. Segundo a botânica Heike Hofmann, da Universidade de Zurique, o movimento da haste e das folhas acompanhando a luz solar serve _____ facilitar a fotossíntese e acumular energia necessária para o desenvolvimento das sementes. Para Rolf Rutishauser, também da Universidade de Zurique, a orientação solar também atrairia, _____ calor, insetos polinizadores, indispensáveis para a reprodução da espécie.

(Raffaela Schaus. *Mundo Estranho,* nº 162, jan. de 2015.)

por causa do — esse — porque — para — ele — ela — além disso — esse — do que?

Questão 130

Leia esta imagem, do cartunista Márcio Costa:

Você sabe o que é uma natureza-morta? É um tipo de pintura em que se retratam coisas ou seres inanimados. Observe e compare as três naturezas-mortas a seguir.

a) Com base na observação que você fez, conclua: Quais elementos normalmente fazem parte desse tipo de pintura?
b) Quais desses elementos estão presentes na imagem de Márcio Costa?
c) As frutas da imagem de Márcio Costa são reais ou artificiais? Justifique sua resposta.
d) Que elemento "intruso" se observa na natureza-morta do artista brasileiro?

Questão 131

Na crônica de Rubem Braga, "Recado ao senhor 903", o morador de um apartamento vizinho queixa-se do barulho do apartamento do narrador. Este responde com ironia, usando vários numerais, como mostra o trecho a seguir:
"Quem fala aqui é o homem do 1003. (...) Eu, 1003, me limito a leste pelo 1005, a oeste pelo 1001, ao sul pelo Oceano Atlântico, ao norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903, que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos; apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis, nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão; ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8:15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus algarismos. (...)"
BRAGA, Rubem. 200 crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: Record, 1977, p.178.

a) Escreva por extenso os numerais do texto.
b) Use numerais ordinais para dizer em que andares ficavam, respectivamente, os apartamentos 1003, 1103 e 903. Escreva por extenso.
c) No texto, os números 783, 109 e 527 designam o quê? Para responder, procure fazer mentalmente o trajeto do morador do 903.
d) Alguém chega a um apartamento às 21h e se retira às 21:45. Se 1 hora for dividida em partes de 15 minutos, que numeral fracionário representará o tempo em que a pessoa permaneceu no apartamento? Escreva por extenso.

Questão 132

Faça uma pesquisa sobre algum acontecimento recente relacionado à produção de lixo. Escreva uma notícia sobre esse fato, que pode ter ocorrido no mundo, no Brasil, no seu bairro ou na sua escola. Não se esqueça de dar um título adequado e de construir seu texto com as partes básicas que compõem uma notícia.

Questão 133

Leia um trecho da entrevista que Cris Eich, ilustradora de livros infantojuvenis, concedeu ao *site* Garatujas Fantásticas.
GF: Como é o lugar onde você trabalha? Não esqueça de detalhar sua mesa.
Cris Eich: Trabalho no estúdio que fica no jardim de minha casa, aqui no interior. Gosto de trabalhar em minha mesa, nos espaços que sobram entre uma gatinha deitada e um gato esparramado. Pratico uma espécie de ritual ao iniciar o processo de pintura: abro todas as caixas onde estão as pastilhas e tubos de aquarela, escolho os pincéis pra me acompanhar naquele dia e os deixo lado a lado com a folha branca de papel.
Um suspiro e me desligo do mundo, que passa a ser apenas a gota-d'água caminhando sobre o papel. Claro que essa visão idílica só dura até que uma de minhas filhas, Clarice ou Juju, entre no estúdio fazendo bagunça. Mas assim o tempero fica mais gostoso pra trabalhar, muito mais.
GF: Quando é melhor ler ou pintar?

Cris Eich: Ler é tão bom quando se está deitada na rede, debaixo da amoreira. Automaticamente, as imagens começam a brotar, é instantâneo, dá vontade de pintar nas próprias páginas do livro (já fiz isso em alguns, risos). Por que mesmo a literatura adulta não pode ser acompanhada de imagens?

Papo Pá-Pum com Cris Eich, gatos e aquarelas. Disponível em: <http://garatujasfantasticas.com/criseich>. Acesso em: 12 mar. 2016.

a) Reescreva este trecho da entrevista "[…]nos espaços que sobram entre uma gatinha deitada e um gato esparramado", invertendo a posição apenas dos substantivos "gatinha" e "gato". Faça as alterações necessárias para manter a concordância nominal.

b) Reescreva o trecho abaixo, substituindo o substantivo "caixas" por "estojos" e "pincéis" por "paletas".

Pratico uma espécie de ritual ao iniciar o processo de pintura: abro todas as caixas onde estão as pastilhas e tubos de aquarela, escolho os pincéis pra me acompanhar naquele dia e os deixo lado a lado com a folha branca de papel.

c) Considere esse trecho: "[…]e os deixo lado a lado com a folha branca de papel". Agora compare com as frases:

e os deixo lado a lado com a folha de papel **branca**.

e os deixo lado a lado com a folha de papel **branco**.

Com a mudança da posição do adjetivo "branco", houve alteração de sentido nessas duas frases em relação ao trecho original? Explique.

d) Na resposta à segunda pergunta, Cris Eich diz "Ler é tão bom quando se está deitada na rede, debaixo da amoreira". Que palavra precisaria ser modificada, para se manter a concordância nominal, se a resposta fosse dada por um homem?

Questão 134

Observe o cartum a seguir, de Guilherme Bandeira, e responda à questão.

Guilherme Bandeira

(*Objetos inanimados*. Editora Meu Bolso. p. 34.)

A Internet é responsabilizada pela tristeza de um dos balanços porque:

(d) a Internet não divulga informações corretas sobre balanços.

(b) Renata não conhece a Internet.

(a) as crianças de hoje se interessam mais por Internet do que por balanços.

(c) eles estão velhos e precisam ser substituídos por novos balanços.

Questão 135

Negócio de menino com menina

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina de uns nove anos ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:

— Olha que lindo! Compra pra mim?

O homem parou o carro e chamou:

— Ô menino.

O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem:

— Este passarinho é pra vender?

— Não senhor.

O pai olhou para a filha com uma cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:

— Fala pra ele vender.

O pai, mais para atendê-la, apenas **intermediário**:

— Quanto você quer pelo passarinho?

— Não tou vendendo não senhor.

A menina ficou decepcionada e segredou:

— Ah, pai, compra.

Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios, **águia** da Bolsa, acostumado a **encorajar** os mais **hesitantes** ou a virar a cabeça dos mais **recalcitrantes**:
— Dou dez mil.
— Não senhor.
— Vinte mil.
— Vendo não.
O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.
— Trinta mil.
— Não tou vendendo, não, senhor.
O homem resmungou "que menino chato" e falou pra filha:
— Ele não quer vender. Paciência.
A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades da **transação**:
— Mas eu queria. Olha que bonitinho.
O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho de sol.
— Deixa comigo.
Levantou-se, deu meia-volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas **gretas** da gaiola.
O homem, **maneiro**, estudando o adversário:
— Qual é o nome deste passarinho?
— Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.
O homem, quase impaciente:
— Não perguntei se ele é batizado não, menino.
É pintassilgo, é sabiá, é o quê?
— Aaaah. É bico-de-lacre.
A menina, pela primeira vez, falou com o menino:
— Ele vai crescer?
O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.
— Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.
O homem:
— Canta?
— Canta nada. Só faz chiar assim.
— Passarinho besta, hein?
— É. Não presta pra nada, é só bonito.
— Você pegou ele dentro da fazenda?
— É. Aí no mato.
— Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.
O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.
— Dou quarenta mil! Toma aqui.
— Não senhor, muito obrigado.
O homem, meio mandão:
— Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?
— Não, não tou vendendo não.
— Cinquenta mil! Toma! — e puxou a gaiola.
Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha.
O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.
— Quero não senhor. Tou vendendo não.
— Não vende por que, hein? Por quê?

O menino acuado, tentando explicar:
— É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.
O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.
— Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam'bora.
O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, pra só ela ouvir:

— Amanhã eu dou ele pra você.
Ela sorriu e compreendeu.
(Ivan Ângelo. *O ladrão de sonhos e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1994. p. 9-11.)

águia: em sentido figurado, pessoa de grande talento e perspicácia, notável.

encorajar: animar, estimular alguém.

greta: fenda, abertura estreita.

hesitante: que hesita, indeciso, vacilante.

intermediário: que intervém, mediador, árbitro.

maneiro: hábil, jeitoso.

recalcitrante: obstinado, teimoso.

transação: combinação, ajuste, operação comercial.

Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.

Mesmo diante das negativas do menino, a menina insiste em que o pai compre o passarinho. O que esse comportamento revela sobre o tipo de mundo em que ela vive?

Questão 136

Texto:

Pirilampos
Quando a noite
vem baixando,
nas várzeas ao lusco-fusco
e na penumbra das moitas
e na sombra erma dos campos,
piscam, piscam pirilampos.
São pirilampos ariscos
que acendem pisca-piscando
as suas verdes lanternas,
ou são claros olhos verdes
de menininhos travessos,
verdes olhos semitontos,
que estão lutando com o sono?
(Henriqueta Lisboa)

Com base na sua leitura, responda.
Faça uma pesquisa no dicionário e encontre o significado para as palavras:
a) erma
b) travessos

Questão 137

"Um dia, a casca azulada do ovo começou a se quebrar e de lá saiu um lindo patinho. Era azul? Não, não era. Era um patinho normal."
Observe que, para criar certo efeito, o próprio narrador pergunta se o patinho "era azul" e ele mesmo responde. Que efeito ele cria com esse procedimento?

Questão 138

O humor da tira está nas duas cenas finais, quando Gaturro pergunta a Ágata o que ele é (ou representa) para ela.
(b) Você acha que Gaturro gostou da comparação? por quê?
(a) Troque ideias com os colegas: Quem é o Quico, citado na tira?

Questão 139

Um menino acaba de tomar um refrigerante e, não sabendo onde pôr a lata, joga-a pela janela do carro. Uma família deixa a praia, mas, no lugar onde estava, larga uma garrafa pet de refrigerante vazia, uma lata de cerveja amassada, um coco e um papel de sorvete. Será que essas ações são inofensivas para o meio ambiente?
Leia os textos a seguir. O primeiro é uma cena do filme *Midway*, dirigido por Cris Jordan, filmado nas Ilhas *Midway*, no oceano Pacífico; o segundo é parte de uma reportagem de uma revista brasileira. Depois responda à questão proposta.

Cenas do filme *Midway*

Veja o *trailer* do filme *Midway*, acessando o site: http://www.midwayfilm.com/

Texto I

Chris Jordan

(Veja *Sustentabilidade*, dez. 2011.)

Texto II

Em metade dos 5.565 municípios brasileiros os detritos são despejados nos chamados lixões – pontos clandestinos, ou quase, em que tudo é jogado e nada é tratado, ameaçando a saúde dos catadores e da população em geral com a contaminação do solo e dos cursos de água. Os estados de Alagoas, Rondônia e Roraima lideram esse ranking negativo: os lixões são o destino de mais de 90% dos seus detritos. Nesse cenário, a taxa de coleta seletiva é ínfima – só 18% dos municípios a praticam. Segundo especialistas, se o problema do lixo já estivesse bem resolvido no Brasil, 10% da sua energia poderia ter como fonte o biogás, constituído basicamente por metano e dióxido de carbono liberados por detritos. Na contabilidade geral, somando-se inclusive o dinheiro usado por governos e prefeituras para cuidar de aterros que não geram energia, está-se jogando fora, por assim dizer, uma receita que pode alcançar 10 bilhões de reais. Pois é: além de fazer bem ao meio ambiente, à saúde e à paisagem, o tratamento adequado do lixo ajuda a economia. É o desafio de uma nova era.
Colaborou Andréa Licht

Fonte: *Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais* (Abrepe)

Compare os dois textos.
a) O que eles apresentam em comum?
b) Logo, a questão que envolve o lixo é um problema estritamente brasileiro? Justifique sua resposta.

Questão 140

Observe o esquema com o ciclo da água.

Glossário:
Condensação: passagem do estado de vapor ao estado líquido (quando o vapor da água forma a chuva).
Evaporação: passagem do estado líquido ao estado de vapor (quando a água de rios, mares, oceanos evapora).
Precipitação: queda (da água, chuva).
Agora você já sabe como acontece o ciclo da água na natureza! Mas muitas pessoas ainda não conhecem esse processo. Pensando nisso, escreva um texto para explicar o que é mostrado pelo esquema.

Questão 141

Beijo traiçoeiro
Saiba como o comportamento de baratas e formigas pode ajudar a fazê-las desaparecer de sua casa!

Ela chega devagarzinho e, quando você menos espera, está plantada no chão de sua sala. Argh, a barata! Todo mundo quer que ela suma, e não faltam inseticidas para eliminar o indesejável inseto. Pois saiba que alguns métodos para fazer as baratas desaparecerem das casas usam o próprio comportamento desses bichos como estratégia!

As baratas têm o estranho hábito de comerem umas às outras – isso acontece quando a companheira está morta, machucada ou se há muitas baratas vivendo juntas. “Elas são um dos poucos grupos que fabricam, no sistema digestório, potentes quitinases, substâncias que ajudam a digerir o corpo de outros insetos”, conta o entomólogo Eduardo Fox, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sabendo disso, a armadilha perfeita é oferecer à barata uma pequena dose de veneno, com a qual ela ainda será capaz de chegar viva à colônia. Lá, por estar debilitada, será alvo de outras baratas, que se contaminarão com o veneno e morrerão após jantarem a primeira contaminada.

Além de praticarem o canibalismo, esses insetos têm um outro comportamento inusitado: adoram se beijar! Isto é, trocar secreções pela boca. Assim, passam microrganismos importantes aos seus pares. Mas esse hábito também facilita a contaminação por inseticidas e torna mais fácil exterminá-los.

O mesmo acontece com aquelas formiguinhas que são doidas por um pedaço de bolo: também são muito beijoqueiras! Uma das formas de fazê-las desaparecer é por meio de uma massinha que contém substâncias doces e um pouco de veneno. Colocada nos cantos da cozinha, são uma armadilha para as formigas doceiras que se contaminam e retornam ao formigueiro, passando o veneno para as companheiras, inclusive a formiga- rainha e as larvas.

Entendeu como funcionam alguns remédios contra insetos? Pode ser necessário usá- los, mas lembre-se: existem empresas especializadas em aplicar esse tipo de produto – nada de testá-los por conta própria!

Disponível em: <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/beijo-traicoeiro/>. Acesso em: 2 fev. 2016.

Sobre o texto, é correto afirmar que:

(d) se dirige a todos os leitores, empregando a expressão destacada “todo mundo”.

(b) não se dirige diretamente a nenhum leitor.

(a) se dirige diretamente ao leitor.

(c) se dirige diretamente ao leitor, empregando o pronome **tu**.

Questão 142

Texto I:

A árvore

Era uma árvore
ameaçada
onde se ouvia
a passarada
Ninguém subia
nos galhos não
porque da árvore
só tinha o chão.
Todos só viam
uma clareira
porque a árvore
virou barreira.
Meu cão que ia
fazer pipi
não encontrou
um tronco ali.
Ela deixava
tão bela a vista,
e foi embora
sem deixar pista

Mas foi plantada
com esperança
na velha estrada
pela criança.
(Rosa Clement)

(Direitos do autor reservados)

Você já deve ter visto com seu professor a estrutura básica que compõe um poema. Já sabemos que ele pode ser formado por estrofes, versos e rimas.
Em vista disso, responda:
a) O poema é composto por quantas estrofes?
b) Todos os versos são rimados? Dê exemplos que confirmem sua resposta.

Questão 143

Você tem uma gaveta onde guarda um mundo de coisas importantes? O poema a seguir, de Elias José, conta como é a gaveta de uma adolescente. Leia-o.

Na gaveta

Nesta gaveta guardo metade do meu mundo:
fotos, fatos, joias,
cartas de tarô, desenhos,
bilhetes de namorados, canções,
recados de amigas, poemas,
florais, defumadores,
cristais, flores secas,
o meu diário
com mil segredos anotados
e mil bugigangas
inúteis para os outros
mas riquezas pra mim.
Falta na minha gaveta
o retrato de uma pessoa
que me fará esquecer de tudo,
?até desta minha gaveta.
(*Amor adolescente*. São Paulo: Atual, 2009. p. 22.)

Na 1ª estrofe do poema, o eu lírico diz: "Nesta gaveta guardo / metade do meu mundo".
(b) Essa "outra metade" é muito importante para o eu lírico? Justifique com elementos do texto.
(a) Levante hipóteses: O que poderia ser a metade que falta para completar o mundo do eu lírico?

Questão 144

<u>Texto I</u>:

A Raposa e a Cegonha

Um dia a Raposa foi visitar a Cegonha e convidou-a para jantar. Na noite seguinte, a Cegonha chegou à casa da Raposa.
– Que bem que cheira! – disse a Cegonha ao ver a Raposa a fazer o jantar.
– Vem comer – disse a Raposa, olhando o comprido bico da Cegonha e rindo-se para si mesma.
A Raposa, que tinha feito uma saborosa sopa, serviu-a em dois pratos rasos e começou a lamber a sua. Mas a Cegonha não conseguiu comer: o bico era demasiado comprido e estreito; e o prato, demasiado plano.
Era, porém, muito educada para se queixar e voltou para casa cheia de fome.
Claro que a Raposa achou montes de piada à situação!

A Cegonha pensou, voltou a pensar e achou que a Raposa merecia uma lição. E convidou-a também para jantar. Fez uma apetitosa e bem cheirosa sopa, tal como a Raposa tinha feito. Porém, desta vez serviu-a em jarros muito altos e estreitos, totalmente apropriados para enfiar o seu bico.
– Anda, vem comer amiga Raposa, a sopa está simplesmente deliciosa. – Espicaçou a Cegonha, fazendo o ar mais cândido deste mundo.
E foi a vez de a Raposa não conseguir comer nada: os jarros eram demasiado altos e muito estreitos.
– Muito obrigado, amiga Cegonha, mas não tenho fome nenhuma – respondeu a Raposa com um ar muito pesaroso.
E voltou para casa de mau humor, porque a Cegonha lhe tinha retribuído a partida.
MORAL – Nunca faças aos outros o que não gostas que te façam a ti.
(Esopo. *Fábulas de Esopo*. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2005.)

O numeral "um" pode, algumas vezes, ser confundido com o artigo indefinido "um". Identifique a classificação do vocábulo "um" no trecho: "Um dia a Raposa foi visitar a Cegonha e convidou-a para jantar". Justifique sua resposta.

Questão 145

A parte visual do texto foi criada pelo artista plástico Gustavo Rosa. Observe a figura do homem de uniforme.
a) Qual é a atividade profissional desse homem?
b) A que correspondem as cores do uniforme?
c) Repare nas feições do homem, no número 10 que se vê no calção e levante hipóteses: Quem ele representa?

Questão 146

Todo entrevistador deve se preparar para fazer uma entrevista. E uma das etapas desse preparo é obter informações sobre o entrevistado e sobre o tema a ser tratado.
Para realizar esta atividade, imagine que você é um repórter designado para entrevistar o garoto Christian McPhilamy.
O texto a seguir servirá para embasar a produção da entrevista (perguntas e respostas). Leia-o com atenção.
Menino deixa cabelo crescer para fazer perucas a crianças com câncer

Christian McPhilamy é um garoto de apenas 8 anos que mora na Flórida, nos Estados Unidos. Há cerca de dois anos, ele viu um comercial na televisão que mudou a sua vida: o anúncio falava sobre um hospital no país que trata de crianças com câncer, o Saint Jude Children's Hospital.
Depois disso, ele ficou determinado em deixar o cabelo bem comprido para fazer perucas para crianças que perdem o cabelo devido ao tratamento da doença. Há poucas semanas, Christian conseguiu cumprir o planejado e cortou mais de 25 centímetros de seu cabelo loiro para doação.
Mas atingir seu objetivo não foi fácil e sua atitude gerou muito bullying na escola. "De seus colegas de escola chamando-o de menina, até mesmo professores e amigos da família dizendo que ele deveria cortar o cabelo e até mesmo oferecendo dinheiro para que ele cortasse. Mesmo assim, ele nunca se desviou do objetivo e procurou educar os outros sobre o porquê da escolha de deixar o cabelo crescer", contou a mãe do garoto, Deeanna Thomas.

DIsponível em: <https://queminova.catracalivre.com.br/eficiente/mesmo- -sofrendo-bullying-garoto-deixa-cabelo-crescer-para-fazer-perucas-para-criancas-com-cancer>.Acesso em: 8 maio 2016.
Baseando-se nessas informações e no que pressupõe ser do interesse dos leitores de seu jornal, **crie cinco perguntas para uma entrevista com ele**. Em seguida, escreva as respostas dele, mas sem copiar o texto lido.
Instruções complementares:

• Procure ser objetivo, isto é, faça perguntas diretas, sobre um único tema.
• Utilize linguagem adequada, já que Christian é uma criança de 8 anos.
• Quando a primeira versão da entrevista estiver pronta, faça a introdução do texto e passe à revisão.

Questão 147

Texto I:

O sapo e a borboleta

Sabia que sou mais bonita?
A borboleta disse ainda ao sapo:
Pobre batráquio asqueroso,
O que você é me causa nojo!
E o sapo, com toda calma do mundo,
Assim respondeu à borboleta:
Bonita é minha natureza anfíbia,
O que, também, me protege mais,
Rios e solo me dão guarida,
Brejos e até mesmo matagais!
O que você faz para se defender?
Livre, viajo sobre todos os animais!
E, num segundo, o sapo projetou
Tamanha língua no espaço,
Acabando, assim, com o embaraço!

(Pedro Lavirod)

No texto são apresentadas diferenças físicas entre o sapo e a borboleta, esta identificada pela beleza; aquele, pela feiura. Que palavras foram utilizadas para marcar essas divergências?

Questão 148

Leia o texto.

Era um jovem pescador muito pobre, que vivia sozinho numa praia distante. Tinha um pequeno barco em que saía à noite para pescar e, no dia seguinte, vendia **os** peixes no povoado mais próximo. Certa vez uma onda enorme tragou **o** barquinho, mas, na manhã seguinte, acordou em sua cabana miserável e viu que tudo era como sempre tinha sido. Veio à sua lembrança uma bela moça que **o** socorrera em meio às águas e **o** carregara para seu palácio no fundo do mar.

LIMA, Edy. Acontece para quem acredita. *Revista Nova Escola.* São Paulo: Abril, 2007, edição especial nº 13. p. 22.

a) Verifique se as palavras destacadas são artigos ou pronomes, transcrevendo o trecho em que foram empregadas.
b) Exponha o raciocínio que você desenvolveu para responder ao item a.
c) Que palavra o pronome pessoal "o" substitui no texto?

Questão 149

Uma entrevista com Steven Spielberg

Por que, através da sua carreira, você volta sempre ao tema da infância? Seria porque a sua foi especialmente feliz?

Steven Spielberg: Não sei se alguma infância é completamente feliz. Ou melhor: não sei se a gente se lembra da nossa infância como época completamente feliz. Não conheço ninguém que diga "Ah, minha infância foi perfeita, meus pais eram ideais, nada aconteceu comigo, eu me sentia são e salvo o tempo todo". Agora que tenho filhos eu consigo entender melhor os meus pais, que trabalhavam duro, que eram obcecados com o trabalho do jeito que as pessoas eram nos anos 1950. Mas a minha infância foi o.k. Foi boa e foi ruim ao mesmo tempo. Foi caótica. Foi barulhenta. Muito barulhenta. Tenho uma família grande,

com três irmãs mais moças. Todos gritavam muito uns com os outros. Agora tenho cinco filhos que gritam e brigam o tempo todo entre si. Posso mesmo entender o que meus pais passaram.

Certa vez você disse que, apesar de ter crescido numa família judaica, você não tinha necessariamente orgulho de ser judeu. É verdade?

Spielberg: É. E foram precisos muitos anos para me confrontar a mim mesmo com esse fato. Meu pai era um executivo bem-sucedido de um a empresa de informática, e nós morávamos sempre em bairros gentios. Eu não tinha amigos judeus: em geral eu era o único menino judeu do bairro, meus pais a única família judia, a nossa casa era a única judia. Nesse sentido lutei a vida inteira com minha identidade como judeu, porque ela representava o ostracismo, a discriminação: não ser popular, não ser simpatizado, ficar em casa e ser parte somente da minha tribo, enquanto tudo em mim queria ser aceito, ser assimilado. Creio que o maior desejo que sempre tive foi o de ser como todo mundo.

De onde vem a fascinação com o mito de Peter Pan, que você cita em *E.T., O Extraterrestre* e ao qual você retornou com *Hook, a Volta do Capitão Gancho*?

Spielberg: Eu sempre fui fascinado pela história de Peter Pan, desde criança. Minha mãe me leu a história quando eu tinha, não sei, uns três anos. Nos meus onze anos eu dirigi uma versão mais curta da peça de James Barrie na minha escola — por isso é que incluí aquela cena no início de *Hook, a Volta do Capitão Gancho*. Ou seja, venho dirigindo essa história há muito, muito tempo...

De certo modo, é curioso que você não tenha feito há mais tempo um filme sobre Peter Pan.

Spielberg: Exatamente. Eu ia fazer esse filme em 1985. Comprei os direitos da peça *Peter Pan*, e já estava prestes a começar a filmar uma versão cinematográfica bastante fiel à peça quando algo muito sério aconteceu: meu primeiro filho nasceu. Num instante, minha cabeça mudou. Eu não podia mais ser Peter Pan. Eu tinha que ser um pai. Meu filho, de certo modo, tirou minha infância de mim: eu me tornei a cópia perfeita de meu pai e da minha mãe, com todos os clichês possíveis da paternidade. Essa, literalmente, foi a razão pela qual não fiz o filme na época. Eu já tinha começado a desenhar os cenários e tudo. Eu me senti adulto, incapaz de contar a história do garoto que não queria crescer. Foram precisos muitos anos, e um roteiro novo, contando a mesma história com um ângulo adulto, para que eu me interessasse de novo por Peter Pan.

O que era, para você, particularmente fascinante na história? O fato de que Peter Pan é "o menino que não queria crescer"?

Spielberg: Para mim ele simboliza o poder da imaginação – essa é, para mim, a metáfora escondida no ato de voar. As pessoas hoje em dia estão perdendo a imaginação. Estão interpretando "crescer" como sinônimo de "perder a imaginação". E todos nós morremos de medo de crescer. Mas acho que, sobretudo, para mim, é a noção de que ele voa, de que ele pode voar. Talvez porque eu seja ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado pela ideia do voo – ao ponto de que, em todos os meus filmes, alguém em geral acaba voando, de um jeito ou de outro. Para mim, Peter Pan foi o super-herói original – não importa quem veio depois, Super-homem, Batman, ou mesmo o E.T.: quem voou em primeiro lugar, para mim, foi Peter Pan.

Como é essa sua relação com o ato de voar que o deixa, como você disse, "ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado"?

Spielberg: Não sei exatamente. Sei que, sim, sou absolutamente fascinado com o voo e morro de medo de voar. Voar é um elemento importante dos meus filmes. Todos os meus filmes, ou quase todos, têm aviões e personagens voando. Diga um filme – todos eles voam. Creio que, para mim, voar é sinônimo de liberdade e imaginação ilimitada. Mas o interessante é que, quando eu voo, como passageiro, eu morro de medo. Sabe Robin Willians no início de *Hook*, no avião? Sou eu, morrendo de medo. Eu só não tenho medo de voar nos meus sonhos e nos meus filmes.

Há muito tempo existem rumores de que você, na verdade, é um emissário, um espécie de embaixador de inteligências extraterrestres, preparando os humanos para um encontro – um contato imediato – iminente. Esses rumores já chegaram até você? Qual a sua reação?

Spielberg (*rindo*): Ah sim, já ouvi isso. Já ouvi isso várias vezes. Infelizmente, não é verdade. É uma bela ideia, aliás. Mas não é verdade. Existe também o boato de que eu sou um extraterrestre. Isso também, eu

sinto, não é verdade. Fiz *E.T. e Contatos imediatos do terceiro grau* pelo mesmo motivo que acabo fazendo todos os meus filmes – porque eram grandes histórias. Na verdade, com E.T. o que eu achava que estava fazendo era um pequeno filme experimental sobre um garoto de classe média, muito solitário, muito parecido comigo mesmo, vivendo no interior da Califórnia. Eu não tinha a menor noção de que as pessoas pelo mundo afora iam abraçar esse filme do modo que fizeram, que ele ia se tornar o que ele se tornou.

Qual a ideia mais errada que as pessoas fazem a seu respeito?

Spielberg: A de que sou obcecado com o sucesso. Que faço filmes exclusivamente pensando no sucesso comercial, que sou calculista. Nada poderia ser mais longe da verdade, eu estaria me repetindo eternamente e não arriscando jamais. Os roteiros que me mandam, os projetos que me oferecem são, em geral, totalmente estereotipados. São coisas parecidas com *Hook*, ou com *Caçadores da arca perdida* ou com E.T. As outras pessoas parecem que querem que eu faça apenas o que eu fiz com sucesso antes. E o irônico é que eu tenho que ir à caça de coisas diferentes, porque a última coisa que eu quero é me repetir interminavelmente.

Olhando para trás, você se arrepende de algum filme que fez?

Spielberg: Não, não. Como eu disse, gosto de todos os meus filmes. Não tenho nada de que pedir desculpas. [...]

Por que você faz filmes?

Spielberg: Porque gosto de contar histórias, e o cinema é o meio através do qual eu conto essas histórias melhor. E porque acredito que as pessoas, moços, velhos, de qualquer idade, querem, no fundo, que se conte uma história para elas. Eu vejo por meus filhos: eu tenho que contar uma história para eles toda noite.

Você inventa essas histórias?

Spielberg: Invento, toda noite. Algumas delas eu escrevo, para guardar a ideia para o futuro. Algumas vezes eles gostam, outras vezes não, pedem que eu conte outra. Mas não posso sair do quarto sem contar uma história. Crianças são cineastas, intuitivamente.

Como assim?

Spielberg: A garotada faz filmes desde que nasce, sem saber. Eu me deito no chão com a minha lente e tento ver a cena, com os atores, com os elementos do cenário. É como coreografar uma dança – é isso que as crianças fazem com seus bonecos, seus super-heróis, suas Tartarugas Ninja, colocando Michelangelo e Leonardo cara a cara, inventando os movimentos deles… Só que eles crescem e viram médicos e professores e eu... cresci e continuei fazendo a mesma coisa.

BAHIANA, Ana Maria. *A luz da lente*: conversa com 12 cineastas contemporâneos. São Paulo: Globo. 1996.

Steven Spielberg nasceu em 1947 na cidade de Cincinatti, capital do estado americano de Ohio. A profissão do pai – engenheiro – motivou mudanças da família para o Arizona e para a Califórnia.

A carreira cinematográfica de Spielberg começou muito cedo: tinha apenas treze anos quando, em 1961, ganhou seu primeiro prêmio, pelo curta-metragem *Scape to Nowhere* (Fuga para Lugar Nenhum). Aos vinte e um anos já era um diretor profissional.

Seu primeiro grande sucesso (recorde de bilheteria em 1975) foi o filme Tubarão. Novo recorde em 1982, com E.T., O Extraterrestre. O Oscar veio em 1994 (melhor diretor e melhor filme) por *A lista de Schindler*.

Spielberg é conhecido sobretudo por seus filmes de aventura – *Os caçadores da arca perdida* (1981); *Indiana Jones e o Templo da perdição* (1984); *Indiana Jones e a última cruzada* (1989); *Hook – A volta do Capitão Gancho* (1991) – e pelos filmes de ficção científica – *Contatos Imediatos de terceiro grau* (1977); *E.T., O Extraterrestre* (1982); *O parque dos dinossauros* (1993); *A guerra dos mundos* (2005). Mas dirigiu também filmes de suspense – *Encurralado* (1971) e *Tubarão* (1975) – e belíssimos "dramas" – *A cor púrpura* (1985); *Império do Sol* (1987); *A lista de Schindler* (1993); *Amistad* (1997) e *O resgate do soldado Ryan* (1998).

Nas aulas de português você leu textos de diversos gêneros: poemas, narrativas de ficção (de humor, realistas, fantásticas), textos informativos e textos dramáticos (teatro).

a) Em qual desses gêneros a entrevista de Spielberg poderia ser incluída? Por quê?

b) Embora sejam textos muito diferentes, há pelo menos uma semelhança entre uma entrevista e um texto teatral. Que semelhança é essa?

Questão 150
Leia o cartum a seguir e responda à questão.

Levante hipóteses: Onde estão as personagens retratadas pelo cartum?
(d) Estão em casa.
(a) Em uma escola.
(b) Diante de uma vitrine de bonecos.
(c) No berçário de um hospital.

Questão 151
Leia o texto a seguir e responda à questão proposta.
O melhor amigo
A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha na direção de seu quarto.

— Meu filho? — gritou ela.
— O que é? — respondeu, com ar o mais natural que lhe foi possível.
— Que é que está carregando aí?
Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ganhar tempo:
— Eu? Nada...
— Está sim. Você entrou carregando uma coisa.
Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar, o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:
— Olha aí, mamãe: é um filhote...
Seus olhos súplices aguardavam a decisão.
— Um filhote? Onde é que você arranjou isso?
— Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?
Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de ISSO. Insistiu ainda:
— Deve estar com fome, olha a carinha que ele faz.
— Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!
— Ah! Mamãe... — já compondo cara de choro.
— Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.
O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima.
Voltou para o quarto emburrado: a gente também não tem nenhum direito nessa casa — pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado dessa maneira!
— Que diabo também, nessa casa tudo é proibido! — gritou lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.
— Dez minutos! — repetiu ela, com firmeza.
— Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.
— Você não é todo mundo.
— Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.
— Veremos — limitou-se a mãe, de novo distraída com a costura.
— A senhora é ruim mesmo, não tem coração.
— Sua alma, sua palma.
Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar, com seu novo amigo, e depois... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:
— Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.
— Ah, mamãe deixa! — choramingou ainda. — Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nessa vida...

— E eu? Que bobagem é essa, você não tem a sua mãe?
— Mãe e cachorro não é a mesma coisa.
— Deixa de conversa: obedece a sua mãe.
Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...
Meia hora depois, o menino voltava da rua, radiante:
— Pronto, mamãe!
E lhe exibia uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.
— Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza de que ele dava — murmurou pensativo.
(Fernando Sabino. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática. p. 35.) Alexandre Matos

O texto narra um acontecimento comum na vida de muitas famílias: a possível adoção de animais.
a) No primeiro parágrafo, por que o menino pensa que a mãe não tinha notado que ele havia entrado com um filhote nas mãos escondido?
b) Justifique sua resposta com base no pensamento do menino.

Questão 152

Leia esta tira, de Laerte:

Há, na língua portuguesa, muitos substantivos que trazem sufixos formadores de aumentativo e diminutivo, mas perderam ao longo do tempo esses valores e adquiriram significados especiais.
a) Que palavra da tira exemplifica esse fenômeno?
b) Cite outros desses substantivos.

Questão 153

Leia, a seguir, a letra de uma canção de Arnaldo Antunes.

Meu anjinho

Meu anjinho (4 vezes)
Feche os olhos
De mansinho
Deixa o sono
Pousar
Pra sonhar
Com borboletas
Amarelas
Violetas
Brancas, azuis, vermelhas, verdes, pretas
Pintadas, listradas, xadrezes
Pois o sol
Já foi dormir
Para a noite
Te abraçar
E as estrelas
Prateadas (douradas, brilhantes, de esmeraldas)
Lá do céu
Vão iluminar
As fadas (e os duendes, elfos, curupiras)
As fl ores
O rio
O mar
E aqui dentro

No escurinho
Os braços
Desta canção
Vou te ninar
(*Pequeno cidadão*. Disponível em: https://www.letras.mus.br/pequeno-cidadao/1533361/?ajax=1. Acesso em: 18/4/2016.)
O eu lírico do poema se dirige ao seu interlocutor como "Meu anjinho".
(a) Levante hipóteses: A quem ele chama de "anjinho"?
(b) Que sentido tem a palavra **anjinho**, no diminutivo?

Questão 154

Identifique o tempo (presente, pretérito ou futuro) em que estão as formas verbais destacadas neste texto:
Saiba mais sobre o mico-leão-dourado, um macaco que só existe no Brasil
É fácil saber por que o mico-leão-dourado **ganhou** esse nome: seus pelos **formam** uma juba cabeluda, dourada e brilhante, como a dos leões.
Esse animal só **existe** na Mata Atlântica brasileira e **esteve** ameaçado de desaparecer do planeta. Muita gente **lutou** para preservar essa espécie e hoje a população de micos-leões-dourados **está** crescendo.
Os micos **passam** o dia entre as árvores, procurando frutos, insetos e animais pequenos para comer. À noite, eles se **escondem** em ocos de árvores e **vão dormir** tranquilos.
Se **percebe** a aproximação de uma cobra, uma jaguatirica ou um gavião, o líder do bando dos micos **dá** um assobio forte. Aí todos se escondem rapidinho entre os galhos.
(Maria Carolina Cristianini. *Recreio*, nº 462, p. 26.)

Questão 155

Leia este trecho do conto "O companheiro de viagem", de Figueiredo Pimentel.
André, [...] menino querido e estimado por todos que o conheciam, achava-se desesperado [...] porque sabia que o seu extremoso pai estava nos paroxismos finais da vida.
Só ele velava no pequeno [...] aposento onde jazia o moribundo. A lamparina acesa derramava amortecida claridade. **Era noite alta**.
De súbito, o velho, quebrando o silêncio, falou:
? Sempre foste bom filho, André [...].
Depois, olhou tristemente o filho, pela última vez; fechou os olhos para sempre [...]. Estava morto, mas parecia dormir apenas um sono doce [...] porque morrera serenamente [...]
André [...] chorava amargamente: ajoelhado junto à cama, tendo entre as suas as mãos do seu amado morto, beijando-as [...] deixou-se ficar na mesma posição, sempre a chorar, até que, vencido pelo sono [...] adormeceu.
Sonhou. [...] Viu o velho, de perfeita saúde, sorrindo-se, alegre como outrora [...] Uma encantadora mocinha [...] estendia-lhe a mão, enquanto seu pai lhe dizia: "Eis tua noiva, André. É a moça mais formosa do mundo inteiro".
O menino despertou.
A agradável [...] visão havia desaparecido. Ninguém se achava a seu lado: no quarto, só estavam ele e o cadáver.
No dia seguinte enterraram o morto.
(PIMENTEL, Figueiredo. O companheiro de viagem. In: *Histórias da Avozinha*. Disponível em:
<www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000137.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2018.)

Glossário:
Paroxismo: respiração ruidosa de quem agoniza.
Observe a reprodução das falas dos personagens no fragmento e responda:
a) Que tipo de discurso o narrador utiliza?
b) Que efeito de sentido esse discurso provoca no texto?

Questão 156

No conto a seguir, do jornalista e cartunista Marcelo Alencar, o menino Mateus se habitua a consultar o dicionário e põe a mãe em apuros com as novas palavras que vai descobrindo. Leia o conto. Nele, omitimos propositalmente o significado de algumas das palavras descobertas pelo garoto.

Amplexo

— Mãe, me dá um amplexo?

A pergunta pega Cinira desprevenida. Antes que possa retrucar, ela nota o dicionário na mão do filho, que completa o pedido:

— E um ósculo também.

Ainda surpresa, a mulher procura no livro a definição das duas estranhas palavras.

E encontra. Mateus quer apenas um _____ e um _____.

Conversa vai, conversa vem, Cinira finalmente se dá conta de que o garoto, recém-apresentado às classes gramaticais nas aulas de Português, brinca com os sinônimos.

"O que vai ser de mim quando esse tiquinho de gente cismar com parônimos, homônimos, heterônimos e pseudônimos?", pensa ela, misturando as estações. "Valha-me, Santo Antônimo!" E emenda:

— Para com essa bobagem, menino!

— Ah, mãe, o que é que tem? Você nunca chamou cachorro de cão? E casa de residência? E carro de automóvel?

— É verdade, mas...

Mas a verdade é que Cinira não tem uma boa resposta.

— Sei, sei. Tudo bem se eu usar nosocômio e cogitabundo em vez de _____ e _____? E criptobrânquio no lugar de mutabílio?

— Mutabílio? O que é que é isso?

— O mesmo que derotremado, ora. Tá aqui no Aurélio.

Está mesmo. É um bichinho. Mas pouco importa. A mãe questiona a opção do menino por vocábulos incomuns. Mateus sai-se com esta:

— A professora disse que aprender palavras é como ganhar roupas e guardar numa gaveta. Quando a gente precisa delas, tira de lá e usa. Cada uma serve para uma ocasião, por mais esquisita que pareça. Igual à querê-querê roxa que você me deu no último aniversário.

Lembra?

Como esquecer? Cinira nem se dá ao trabalho de consultar o dicionário. Sabe que a explicação para essa última provocação está no verbete _____.

(Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/amplexo-634320.shtml. Acesso em: 18/3/2016.)

Relacione as palavras do texto com seus significados. Depois, escreva os significados no texto.

Questão 157

Leia o texto a seguir, encontrado em vários sites portugueses e brasileiros.

Nossa língua, embora feita sobre a mesma plataforma do português de Portugal, ganhou adaptações e transformações com a passagem dos séculos. Exemplos: aqui, você enfrenta uma fila; lá, uma **bicha**; o menino de cá é o **puto** de lá; se algo aqui é legal, em Portugal é **bestial**. O vocabulário automobilístico de nossos conterrâneos também apresenta algumas diferenças que merecem estudo prévio. Assim você evita constrangimentos, especialmente se resolver alugar um carro nas terras de Camões e Saramago. Leia, agora, o texto que segue e veja se você é um **gandarro** no assunto.

• Escreva ao lado das seguintes palavras e expressões do português brasileiro as formas do português lusitano, correspondentes a elas, destacadas no texto.

Questão 158

Leia o texto:

Quais são as injeções que mais doem?

A dor da picada depende de três fatores principais: o calibre da agulha, a profundidade em que a injeção é aplicada e a substância contida na seringa.

"Substâncias mais viscosas, por exemplo, são mais difíceis de dispersar pelo tecido e, portanto, podem doer mais", diz Marta Heloísa Lopes, médica da Faculdade de Medicina da USP.

Em relação à profundidade e ao calibre, a regra é clara: quanto mais profunda e mais grossa é a agulha, maior a dor. A temida Benzetacil combina com todos os fatores: é um medicamento viscoso, aplicado dentro do músculo e com uma agulha de calibre relativamente grosso. Ai!

(Gabriela Portilho. Revista *Mundo Estranho*, junho 2009.)

Por que as palavras **contida** e **dispensar** estão divididas da maneira como aparecem no texto?

Questão 159

Leia a tira a seguir e responda à questão.

(Fernando Gonsales. *Folha de S. Paulo*, 21/4/2012.)

Levante hipóteses: Se a personagem que está se confessando não fosse um porco, mas um homem, a tira teria o mesmo humor?

(b) Sim, porque seria natural um homem matar um porco.
(d) Sim, porque não seria natural um homem matar um porco.
(a) Não, porque seria natural um homem matar um porco.
(c) Não, porque não seria natural um homem matar um porco.

Questão 160

No enunciado: "Gaetaninho ficou **banzando** bem no meio da rua.", a palavra em destaque pode ter o sentido de:

(c) ficar pulando.
(a) ficar se distraindo.
(d) ficar gritando.
(b) ficar sorrindo.

Questão 161

Leia a tira a seguir, de Fernando Gonsales, e responda à questão.

Fernando Gonsales

(Niquel Náusea – Botando os bofes pra fora. São Paulo: Devir, 2002. p. 31.)

Na tira, o uso da linguagem não verbal é fundamental para:

(b) dar a ela beleza e colorido.
(a) confirmar a expectativa do leitor.
(c) quebrar a expectativa do leitor e gerar humor.
(d) ilustrar o texto verbal.

Questão 162

Observe este cartum, de Mordillo:

(Mordillo. *Opus*. Lisboa: Meribérica/Liber. v. 2.)

Alguns elementos do cartum fazem lembrar um conhecido conto maravilhoso dos irmãos Grimm. No conto, uma princesa de tranças longas vive no alto de uma torre, aprisionada ali por uma bruxa. Um príncipe passa pelo castelo e, ouvindo o canto da princesa, apaixona-se por ela e resolve libertá-la.

a) Qual é esse conto?

b) No conto, de que modo o príncipe sobe à torre do castelo na qual ficava a princesa?

c) Que semelhanças há entre o conto maravilhoso e o cartum em estudo?

Questão 163

Observe este cartaz sobre o combate à dengue.

Assinale a alternativa que apresenta o plural de alguns termos do enunciado do cartaz, segundo as regras da norma-padrão, mantendo um sentido coerente para a campanha.

(d) Abram as portas para os combates às dengues.
(b) Abram as portas para o combate à dengue.
(a) Abra as porta para os combates à dengue.
(c) Abram a porta para os combates às dengues.

Questão 164

Leia o título da notícia.

Casos de sarampo e gripe alertam para a importância da vacinação

(Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/casos-de-sarampo-e-gripe-alertam-para-a-importancia-davacinacao,aee

26a13df3a4056db4fcba78b50ae71e7cbmlgy.html>. Acesso em: 1º out. 2018.)

a) Se na página de um *site* os termos "sarampo" e "gripe" fossem *hiperlinks*, de que forma eles seriam identificados no título da notícia?
b) Qual é a função de um *hiperlink*?

Questão 165

Leia a tira a seguir, de Laerte, e responda às questões.

No 1º quadrinho, o comandante do avião cumprimenta os passageiros com um tipo de mensagem.
(b) Por que o comandante, no 3º quadrinho, retira o que disse antes?
(a) Que tipo de mensagem ele produz?

Questão 166

Leia a notícia e a canção a seguir, que tratam do mesmo tema: o mar.

Texto I

Mar está engolindo a faixa de areia em praias de Florianópolis

[...]

Parece simples lógica da natureza: maré alta, água que sobe; maré baixa, água que volta para o mar. Opa, nem sempre! Praias de Florianópolis encolheram nos últimos dois anos. O mar está engolindo a faixa de areia em diversos pontos de Florianópolis.

[...]

(G1. Disponível em: http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/12/mar-esta-engolindo-faixa-de-areia-em-praias-deflorianopolis.html.

Acesso em: 13/8/2018.)

Texto II

Canção ao mar

Oh mar eterno sem fundo
Sem fim
Oh mar de túrbidas[1] vagas
Oh mar!
De ti e das bocas do mundo
a mim
Só me vem dores e pragas[2]
Oh mar!
Que mal te fiz oh mar, oh mar
Que ao ver-me pões-te a arfar[3], a arfar

Quebrando as ondas tuas
[...]
(Eugénio Tavares. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000001.pdf.

Acesso em: 3/7/2018.)

Glossário
[1]**túrbida**: perturbada, agitada.
[2]**praga**: algo ruim, desastroso.
[3]**arfar**: mover-se em um mesmo ritmo.
De qual dos dois textos você mais gostou? Justifique sua resposta, explicando o porquê de ter gostado mais de um texto que de outro, com base nas características observadas em cada um dos gêneros textuais.

Questão 167

Leia esta página do diário de Greg, protagonista do *Diário de um banana*:
Segunda-feira
Bem, outubro finalmente chegou e só faltam trinta dias para o Dia das Bruxas. Esse é o meu dia FAVORITO, mesmo com a mamãe dizendo que eu estou ficando velho para sair pedindo doces ou travessuras.
[...]
Essa noite, abriu a casa mal-assombrada da Escola de Crossland, e convenci a mamãe a levar eu e o Rowley.
[...]
[...] quando a gente chegou na entrada, comecei a pensar duas vezes se eu queria mesmo entrar.
[...] Assim que a gente entrou, foi um susto atrás do outro. Tinha vampiros pulando em você, pessoas sem cabeça e todo o tipo de coisa doida.
[...]
(Jeff Kinney. *Diário de um banana*: as memórias de Greg Heffley. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B19EpiKf-GEIbnhtWDJsY2RNd3M/view.

Acesso em: 11/7/2018.)

Em um diário é comum relatar momentos especiais, planos, pensamentos e sonhos. Coloque-se no lugar de Greg e reescreva o texto contando qual é seu dia favorito e um acontecimento que você tenha vivenciado nesse dia.

Questão 168

Observe o anúncio:

O anúncio publicitário é um gênero do discurso que normalmente tem por finalidade promover um produto ou uma marca, ou o nome de uma empresa, ou uma ideia. No anúncio lido:
a) Quem são o locutor e o locutário?
b) O que o anúncio promove?

Questão 169

Leia os textos a seguir.
Texto I
Canção do exílio
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida mais amores.
[...]
(Gonçalves Dias. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000100.pdf. Acesso em: 9/7/2018.)

Texto II
Canção do exílio
Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!
Meu Deus! eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!
[...]
(Casimiro de Abreu. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000460.pdf.

Acesso em: 9/7/2018.)

O poema de Casimiro de Abreu tem uma relação de intertextualidade com o poema de Gonçalves Dias, uma vez que os dois textos dialogam entre si. Sabendo disso, crie uma história em quadrinhos na qual a personagem principal esteja longe de sua terra natal e, em algum momento, estabeleça, em sua fala, relação intertextual direta com os poemas lidos.

Questão 170

Leia o cartaz abaixo, de 2004, criado por Armando Milani, e responda à questão proposta

Na parte de baixo do cartaz, aparece, em inglês: “United Nations: translating war into peace” (Organização das Nações Unidas: traduzindo guerra em paz).
Leia o boxe ao lado e depois responda:
a) Quem é o enunciador do cartaz, ou seja, quem é responsável por sua publicação e veiculação?
b) Levante hipóteses: O que o número 60, com o logotipo da ONU fazendo as vezes do zero, representa?
c) Quem é o destinatário do cartaz, ou seja, a quem o cartaz se dirige?

Questão 171

Menino de cidade
Papai, você deixa eu ter um cabrito no meu sítio?
Deixo.
E porquinho-da-índia? E ariranha? E macaco? E quatro cachorros? E duzentas pombas? E um boi? Um rinoceronte?
Rinoceronte não pode.
Tá bem, mas cavalo pode, não pode?
O sítio é apenas um terreno do Estado do Rio, sem maiores perspectivas imediatas. Mas o garoto precisa acreditar no sítio como outras pessoas precisam acreditar no céu. O céu dele é exatamente o da festa folclórica, a bicharada toda, e ele, que nasceu no Rio e, de má vontade, vive nessa cidade sem animais. Aliás, ele mesmo desmente que o Rio seja uma cidade sem bichos, possuindo o dom de descobri-los nos lugares mais inesperados. Se entra na casa de alguém, desaparece ao transpor a porta, para voltar depois de três segundos com um gato ou cachorro na mão. A gente vai andando por uma rua de Copacabana, ele some e ressurge com um pinto em flor. É chegar na Barra da Tijuca, e daí a cinco minutos, já apanhou um siri vivo.
Localiza eletronicamente todos os animais da redondeza, anda pela rua em disparada, cumprimentando aqui um papagaio, ali um ganso, mais adiante um gato, incansável e frustrado.
Não distingue marcas de automóvel, em futebol não vai além de Garrincha e Nilton Santos, mas sabe perfeitamente o que é um *mastiff*, um *boxer*, um *doberman*. Dá informações sobre as pessoas de acordo

com os bichos que possuam: aquele é o dono do *Malhado*, aquela é a dona do *Lord*... Ao telefone, pergunta por patos, gatos, e outros cachorros, centenas, milhares de cachorros, cachorros que prefere aos companheiros, cachorros que o absorvem na rua, na escola, na hora das refeições, cachorros que costumam latir e pular em seus sonhos, cachorros mil.
Sua literatura é rigorosamente especializada: livros coloridos sobre bichos. Engatinha mal e mal na leitura, mas fala com uma proficiência um pouco alarmante a respeito de répteis, batráquios etc. Filho de mãe inglesa, confunde *fork* e *knife*, mas sabe o que é *seal* e *walrus*. Se pede um pedaço de papel é para desenhar a zebra ou a baleia.
É claro que sua frustração causa pena. Por isso mesmo, há algum tempo ganhou como consolo um canarinho-da-terra. Um dia, como lhe dissessem que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola.
Deram-lhe um bicudo, mas o bicudo morreu de tanto alpiste. Ganhou mais tarde uma tartaruga, pequenina e estúpida, que recebeu na pia do banheiro o nome de Henriqueta. Nunca qualquer outro quelônio deu tanto serviço. Foi ao dentista na cidade, e, ao voltar, disse ao pai pela primeira vez uma palavra horrível: *estou desesperado*. Tinha perdido a tartaruguinha no lotação.
Ficou o vazio em sua vida. O alívio era ligar o telefone interurbano para a avó e indagar pelos patos que "possuía" em outra cidade. Ou fazer uma visita à futura mãe de *Poppy*, este é um *poodle* que deverá nascer daqui a meio ano, prometido de pedra e cal para ele.
Outro expediente: caçar borboletas, mariposas, grilos, alojar carinhosamente os insetos nas gaiolas vazias, chamar-lhes pelos nomes dos antigos bichos mortos ou desaparecidos.
Um tio deu-lhe outra vez um canário, o carinho foi demais, o passarinho morreu. Não há nada a fazer, por enquanto, e ele dedicou-se à arte de desenhar bichos. De vez em quando ainda se anima e entra em casa afogueado, mostrando alguma coisa invisível nas mãos:
"Olha que estouro de grilo!"
Mas os grilos e as borboletas *legais* morrem ou saem tranquilamente das gaiolas, e ei-lo novamente de mãos e alma vazias.
Deu um jeito: arranjou alguns pires sem uso e plantou sementes de feijão. O banheiro está cheio de brotos verdes, tímidos. E ele já sabe que possui uma fazenda.
(Paulo Mendes Campos. In: *Elenco de cronistas modernos*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 45-7.)

absorver: atrair a atenção, levar alguém a concentrar-se.
alarmante: que causa alarme, que surpreende.
batráquio: animal vertebrado, como o sapo, que vive tanto na terra como na água.
boxer, dobermann e mastiff: raças de cães.
expediente: meio ou recurso utilizado para atingir um fim.
fork: (do inglês) garfo.
frustrado: que não atingiu o ideal pretendido ou não realizou um projeto pessoal.
knife: (do inglês) faca.
perspectiva: expectativa, esperança.
proficiência: competência, mestria.
seal: (do inglês) foca.
walrus: (do inglês) morsa, mamífero marinho que vive principalmente nas regiões costeiras do oceano Ártico.
Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.

No sexto parágrafo, o narrador afirma que o sítio ao qual o menino se refere é apenas um terreno do Estado do Rio de Janeiro.
a) Levante hipóteses: Por que o menino chama o terreno de sítio?
b) Para o narrador, "o garoto precisa acreditar no sítio, como outras pessoas precisam acreditar no céu". Por que, para o menino, o sítio é uma espécie de céu?

Questão 172

No final de julho deste ano, um *site* divulgou uma notícia com o seguinte título:

Evento sobre HQs leva palestras, filmes e mostra para biblioteca de SP

Sobre a linguagem desse título, é correto dizer que

(d) ela não contém a informação essencial do fato, pois utiliza palavras desnecessárias.

(a) a falta de pontuação no final revela um erro gramatical.

(c) não há artigo antes do substantivo "evento", para indicar que se trata de um evento qualquer.

(b) o tempo verbal usado é o presente do indicativo.

Questão 173

Leia esta anedota:

Um mineiro estava sossegado, sentado em frente à televisão, quando passa um compadre na janela e pergunta:

— Firme, cumpade?

E o outro responde:

— Não, é novela mermo!!!

(Da tradição popular.)

A linguagem falada pelas personagens é chamada de **dialeto caipira**.

a) De que parte do Estado de Minas Gerais você acha que são as personagens?

b) Qual é a importância do uso desse dialeto na construção da anedota?

Questão 174

A questão baseia-se na tira a seguir:

Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-DEUVVYM1T98/T56ywUCUQwI/AAAAAAAAAHs/TsAVteI3J6g/s1600/tirinha.jpg>. Acesso em: 26 jun. 2015.

Responda ao que se pede.

a) Que raciocínio possibilita à personagem dizer que "Osmar" é um erro de concordância?

b) Se "Osmar" não fosse um nome próprio, mas uma expressão nominal formada pelo artigo "os" e o substantivo "mar", como ela ficaria se a concordância nominal se realizasse?

c) Interprete a tira.

Questão 175

Leia este trecho do poema "A borboleta", do autor Olavo Bilac.

Trazendo uma borboleta,
Volta Alfredo para casa.
Como é linda! é toda preta,
Com listas douradas na asa.
Tonta, nas mãos de criança,
Batendo as asas, num susto,
Quer fugir, porfia, cansa,
E treme, e respira a custo.
[...]

(BILAC, Olavo. *Poesias Infantis*. Disponível em: <www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/poesias_infantis_de_olavo_bilac-1.htm#OP%C3%A1ssaroCativo>. Acesso em: 4 ago. 2018.)

Aliteração é a repetição frequente de sons consonantais iguais ou similares.

a) Em qual verso do poema há maior número de aliterações? Qual som se repete nesse verso?

b) Que som essa repetição procura imitar?

Questão 176

Observe o texto a seguir e responda à questão.

O texto faz aos motoristas uma advertência sobre:
(a) a existência, adiante, de local para travessia sinalizada de escolares.
(b) a existência, adiante, de local sinalizado com faixa de travessia de idosos.
(c) a existência, adiante, de local sinalizado com faixa de travessia de pessoas com necessidades especiais.
(d) a não existência de faixa de travessia.

Questão 177

Leia o anúncio a seguir e responda à questão proposta.

http://www.putasacada.com.br/honda-airbag/

As palavras ***air*** e ***bag*** são originárias do inglês. O que elas significam?

Questão 178

Quais dos itens abaixo apresentam duas palavras com divisão silábica inadequada?
Língua Portuguesa - Capítulo 4 - Fonema e letra - Exercícios (pg. 91 - 92)

(d) ál-co-ol, rit-mo, psi-co-lo-gi-a, co-or-de-na-ção
(b) u-suá-rio, subs-ti-tu-ir, ex-ce-ssi-vo, so-li-dá-rio
(a) sa-guão, ra-i-nha, a-plau-so, af-ta, ra-í-zes
(c) se-is-cen-tos, pneu, ba-ú, na-sci-men-to
(e) sub-lo-car, ex-tra-or-di-ná-ri-o, ex-cur-são, qu-ais-quer

Questão 179

Leia a tira a seguir, de Pedro Balboni, e responda a questão.

(João e Joanas – Primeiras impressões. Editora Meu Bolso, 2012. p. 68.)

No último quadrinho, uma das joaninhas pergunta se o método está dando certo, e a outra responde: “Meu ritmo melhorou muito de lá pra cá”. Nessa resposta, há uma ambiguidade, que provoca o humor da tira. Qual é essa ambiguidade?
(a) A joaninha pode estar melhorando o ritmo com que fala alemão, ou piorando o ritmo musical.
(c) A joaninha pode estar piorando o ritmo com que fala alemão, ou piorando apenas seu ritmo musical.
(b) A joaninha pode estar melhorando o ritmo com que fala alemão, ou melhorando apenas o seu ritmo musical.
(d) A joaninha pode estar piorando o ritmo com que fala alemão, ou melhorando o seu ritmo musical.

Questão 180

Nas frases a seguir, alguns pronomes estão empregados em desacordo com as regras da norma-padrão. Reescreva as frases, empregando tais pronomes de acordo com a norma-padrão.
a) O livro não está comigo. Emprestei ele para minha prima.
b) A vovó trouxe um pedaço de bolo para eu e uns salgadinhos para você.
c) A vovó trouxe um pedaço de bolo para mim experimentar.
d) Você não vai acreditar no que aconteceu! Mas prometo te contar tudo com detalhes.
e) Eu não vi elas na festa. Será que elas não foram convidadas?
f) Preciso falar consigo ainda hoje.

Questão 181

Leia a seguinte questão e dê a resposta solicitada.
A assembleia dos ratos
Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria duma casa velha que os sobreviventes, sem ânimo de sair das tocas, estavam a ponto de morrer de fome.
Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão. Aguardaram para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos miados pelo telhado, fazendo sonetos à lua.

— Acho — disse um deles — que o meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim que ele se aproxime, o guizo o denuncia e pomo-nos ao fresco a tempo.
Palmas e bravos saudaram a luminosa ideia. O projeto foi aprovado com delírio. Só votou contra um rato casmurro, que pediu a palavra e disse:
— Está tudo muito direito. Mas quem vai amarrar o guizo no pescoço de Faro-Fino?
Silêncio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembleia dissolveu-se no meio de geral consternação.
Dizer é fácil — fazer é que são elas!
(Monteiro Lobato. In: William J. Bennett. *Livro das virtudes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 308.)

Na assembleia dos ratos, o projeto para atar um guizo ao pescoço do gato foi:
(a) aprovado com um voto contrário.
(b) aprovado pela metade dos participantes.
(d) negado pela maioria dos presentes.
(c) negado por toda a assembleia.

Questão 182

Tente descobrir a incoerência que existe nestes textos:
a) Ana é uma menina muito bonita. É loira, mede 1,40 m, tem cabelos longos e uma pintinha no lado esquerdo do rosto. Um charme! Por isso, foi escolhida como a melhor jogadora de vôlei da escola.
b) De todos os cardápios da Ásia, o chinês foi o que mais se popularizou pelo planeta porque, por lá, comida é um assunto que está na boca do povo desde que o dia amanhece. Em vez de dizer "Bom dia", o chinês pergunta: "Já comeu hoje?".
c) Luís não tem tempo para nada. Vai à escola pela manhã, almoça rapidamente na casa de sua avó. À tarde, vai para o curso de inglês e joga tênis; à noite, faz suas lições. Apesar da correria, não deixa de jogar bola com seus amigos, todos os dias, das 9 às 11 horas.

Questão 183

Veja esta peça publicitária, veiculada em *outdoors*.

Campanha da Santa Casa de Misericórdia feita pela agência Y&R Brasil. Disponível em:<http://yrbrasil.com.br/tag/santa-casa>. Acesso em: 20 mar. 2016.

Nela se lê: "Obesidade mata mais que acidente de trânsito. Reeduque-se e faça exercícios".
Muitos textos publicitários precisam comunicar sua mensagem de forma rápida e direta. Para isso, usam os verbos no tempo e modo adequados.
a) Qual das frases comunica um fato? Qual foi o tempo e modo verbal usados?
b) Qual das frases sugere ao leitor da mensagem que realize uma ação? Qual foi o modo verbal usado?
c) Considerando o meio em que foi veiculado esse anúncio, relacione o texto publicitário (texto verbal e imagem) e a mensagem transmitida.

Questão 184

Observe a fotografia:

Getty Images

Levando em conta as respostas das questões anteriores, considere as seguintes afirmativas a respeito do garoto.
I. Trata-se de um pré-adolescente, alguém em fase de transformação para a vida adulta.
II. Trata-se de um pré-adolescente vaidoso, preocupado com sua imagem.
III. Trata-se apenas de uma criança que brinca de imitar o pai.
IV. Trata-se de um menino que quer se tornar logo um homem.
Estão corretas as afirmativas:
(c) II e III.
(a) I e IV.

(d) todas.
(b) I, II e IV

Questão 185

Leia esta receita:
Bolo de cenoura
Ingredientes?
Para a massa
cenoura picada
ovos
óleo de soja
farinha de trigo
açúcar
fermento químico em pó
Para a cobertura
leite
achocolatado em pó
açúcar
manteiga ou margarina
Modo de fazer
Coloque todos os ingredientes, menos a farinha de trigo, no liquidificador. Bata bem, acrescentando a farinha aos poucos. A seguir, leve a massa ao forno, em uma fôrma untada. Depois de assado, cubra com a cobertura.

Converse com os colegas: O que falta na receita para que ela seja coerente com a finalidade desse gênero?

Questão 186

Leia os textos a seguir. Depois indique aquele cujo narrador é observador.
a)A caixa do correio ficava na entrada da casa, junto a um muro baixo onde cresciam trepadeiras. Esta foi a mais provável explicação para o estranho achado que tanto o perturbou — e fascinou —, quando um dia abriu a tal caixa: ela estava cheia de grandes formigas pretas. Um formigueiro completo se havia instalado ali.

(Moacyr Scliar. "Formigas postais". In: *Pai e filho, filho e pai e outros contos escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 46.)

b)Preciso escrever uma carta, não sei o endereço do destinatário, não sei quem é o destinatário, não sei a respeito de que assunto, nem qual a agência em que devo registrá-la, qual o porte, qual o papel que devo usar.
Dessa carta, de seu conteúdo e de suas consequências, sei apenas o que não sei, e esse nada é tudo. Há muitos anos me acorda a necessidade dessa carta, e em sonho procuro começar a escrevê-la: "Prezado senhor", depois emendo para "Meu caro Fulano", mas rasgo e começo outra vez: "Querida três vezes querida e esquecida", porém não é isso que eu quero dizer, é outra coisa, qual? como? [...]
(Carlos Drummond de Andrade. "Projeto de carta". In: *O homem que fazia chover & outras histórias de Carlos Drummond de Andrade*.

São Paulo: Boa Companhia, 2013. p. 63.)

Questão 187

Para construir o humor da história, o autor dá uma informação importante apenas no último quadrinho. Qual é ela?

Questão 188

Texto I

Emergência

Mário Quintana

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
– para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado

Texto II

Moda da Menina

Trombuda Cecília Meireles

É a moda
da menina muda
da menina trombuda
que muda de modos
e dá medo.
(A menina mimada!)
É a moda
da menina muda
que muda
de modos
e já não é trombuda
(A menina amada!)

Texto III

Cantiguinha de Verão

Mário Quintana

Anda a roda
Desanda a roda
E olha a lua a lua a lua!
Cada rua tem a sua roda
E cada roda tem a sua lua
No meio da rua
Desanda a roda: Oh,
Ficou a lua
Olhando em roda...
Triste de ser uma lua só!

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 38 e 56.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, p. 724.

No texto II, qual a causa da mudança de comportamento e de humor da menina?

Questão 189

Vamos fazer, em grupo, histórias em quadrinhos?
Criem uma história em quadrinhos a partir de personagens de gibis velhos.
Sigam estas instruções:
• Recortem cinco ou mais personagens de diferentes gibis.

• Coloquem-se no papel de argumentistas e imaginem uma história da qual participem todas as personagens recortadas. Façam um esboço dos quadrinhos, indicando a sequência da história, o lugar onde ficarão as personagens, as falas dos balões, as onomatopeias.
• Em uma folha de papel sulfite, desenhem os quadrinhos, colem as personagens, desenhem os balões, escrevam as falas, as onomatopeias, se houver, e completem com o que vocês julgarem necessário, incluindo detalhes do cenário e cores.
• Coloquem o título da história e o nome dos autores.

Questão 190

Você sabe de onde é originária a mandioca? Leia o texto:

Mandioca

Quando Pedro Alvares Cabral chegou ao Brasil, a mandioca ja era um dos principais alimentos de nossos índios. Ela e originária do Nordeste e das regiões centrais do país. O Brasil e o maior produtor mundial de mandioca.

Existem 2 tipos:

• A mandioca-doce, tambem chamada de aipim ou macaxeira, e usada na alimentação. Depois de cozida em água e sal, ela esta pronta para ser consumida. [...] Sua farinha e insubstituível em receitas tipicas brasileiras, como o Tutu à Mineira e os pirões de peixe. [...]

• A mandioca-brava ou amarga e usada na produção de polvilho ou de farinha. Ela tem uma quantidade maior de acido cianidrico, um veneno, que a mandioca-doce. Provaca náuseas, vomitos e sonolência. [...]

(Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos — Brasil.* São Paulo: Panda, 2011. p. 405.)

No texto, foram propositalmente eliminados os acentos gráficos das palavras que são monossílabos tônicos e das oxítonas e proparoxítonas. Identifique essas palavras e reescreva-as em seu caderno, acentuando-as, devidamente.

Questão 191

Texto I

Emergência

Mário Quintana

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
– para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado

Texto II

Moda da Menina

Trombuda Cecília Meireles

É a moda
da menina muda
da menina trombuda
que muda de modos
e dá medo.
(A menina mimada!)
É a moda
da menina muda
que muda
de modos
e já não é trombuda

(A menina amada!)

Texto III

Cantiguinha de Verão

Mário Quintana

Anda a roda
Desanda a roda
E olha a lua a lua a lua!
Cada rua tem a sua roda
E cada roda tem a sua lua
No meio da rua
Desanda a roda: Oh,
Ficou a lua
Olhando em roda...
Triste de ser uma lua só!

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 38 e 56.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, p. 724.

No texto 2 há um paralelismo entre as duas primeiras e as duas últimas estrofes. Apesar disso, há uma grande diferença de significado entre elas.

Paralelismo: processo de composição em que uma estrofe repete a anterior com pequenas modificações nos versos.

a) Explique o significado da expressão "muda de modos" na primeira estrofe.

b) Explique o significado da expressão na terceira estrofe.

Questão 192

(O Brasil de Pierre Verger. Rio de Janeiro: Fundação Pierre Verger, 2006. p. 114.)

O menino está numa casa de taipa (pau a pique), construção feita com madeiras entrelaçadas e barro.

a) Considerando a casa e as roupas do menino, deduza: Qual é a condição financeira da família?

b) O menino parece infeliz ou feliz? Justifique.

Questão 193

Numa sala de aula, o professor conta a história dos Três Porquinhos [...].

— Então, o primeiro porquinho encontrou um homem que transportava uma carroça de palha e pediu educadamente: "O senhor poderia me dar um pouco da sua palha, para que eu possa construir uma casa e me proteger do lobo mau?" E agora, quem sabe me dizer o que o homem respondeu?

Joãozinho [...] levanta a mão rapidamente.

— Eu! Eu!

— Pode falar, Joãozinho.

— O homem saiu correndo, gritando: "Socorro! Um porco falante!"

Rico

(*Piadas para rachar o bico*. São Paulo: Fundamento, 2010. p 13.)

O narrador afirma que o porquinho "pediu educadamente".

a) Que expressão verbal empregada dá ideia de modo educado de fazer um pedido?

b) Que forma verbal simples equivale à locução empregada pela personagem?

c) Qual é o tempo dessa forma verbal com apenas um verbo?

Questão 194

Leia o texto a seguir, de Elias José, e responda à questão proposta.

O bilhete do amor

Logo que colocou os objetos embaixo da carteira, Pitu encontrou o bilhete. Leu, ficou vermelho, colocou no bolso, não mostrou pra ninguém. De vez em quando, mordia-lhe uma curiosidade grande, uma vontade de reler pra ter certeza. Era uma revelação que ele não estava esperando. Não podia dizer que estivesse achando ruim, pelo contrário... Ele estava com vontade de olhar pra trás, para as últimas carteiras e procurar uma resposta com o olhar. Era um tímido e não se encorajava. A professora explicava num mapa as regiões do Brasil e ele viajava num rumo diferente. Ainda bem que ela não estava olhando pra ele, nem fazendo perguntas, só estava expondo a matéria. Na hora da verificação, acabaria saindo-se mal. Não gostava de ignorar as coisas perguntadas. [...] Estava meio perdido nos pensamentos confusos. O bilhete queimando no bolso. Uma vontade de relê- lo, palavra por palavra. Interessante, não era um bilhete bem-escrito, tinha até erro de Português – por que a curiosidade? Só ele sabia dele, não foi como no dia do correio elegante, pai, mãe e seu Francisco do armazém querendo saber, dando palpites. Agora, tinha um bilhete e era diferente. Tinha um bilhete que trazia uma declaração de amor e uma assinatura. Trazia mais: trazia um convite para um bate-papo na praça, às duas horas, se ele quisesse namorar de verdade. Marina era bonitinha, ele queria. Falta-lhe jeito de dizer, tinha que escrever um bilhete respondendo, era mais fácil. No intervalo, escreveu o bilhete, fechado no banheiro. Quando ela chegou, a resposta a esperava na carteira. Quase no fim da aula, ele criou força e olhou pra trás. Marina sorria, confirmando. Ele sorria também. Diversas vezes ele olhou pra trás e a encontrou olhando. Trocaram sorrisos e olhares. Os dois estavam vivendo uma ternura primeira e não sabiam escondê-la mais. Tanto assim que a professora pediu que ele virasse pra frente, observasse o que ela estava pedindo pra pesquisa do fim de semana. Naquele fim de semana, ele iria pesquisar alguma coisa nova que não tinha experimentado, como alguns outros de sua idade e turma.

(In: *Histórias de amor*. Para gostar de ler. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004. v. 22, p. 209-11.)

Logo que Pitu colocou os objetos embaixo da carteira, encontrou o bilhete.
a) Como ele se sentiu ao ler o bilhete?
b) Pitu já havia recebido um bilhete pelo correio-elegante, mas este era diferente. Explique por quê.
c) Interprete: O que significa “o bilhete queimando no bolso”?

Questão 195

Leia o texto a seguir, de Luis Fernando Verissimo, e responda às questões propostas.

O diamante

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste.
— O que foi? — perguntou a mãe de Maria.
Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopy e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada.
A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.
— Nada, disse Maria.
A mãe resolveu não insistir. Deixou Maria deitada na cama, abraçada com o seu Snoopy, emburrada.
Quando o pai de Maria chegou em casa do trabalho, a mãe de Maria avisou:
— Melhor nem falar com ela...
Maria estava com cara de poucos amigos. Pior. Estava com cara de amigo nenhum.
Na mesa do jantar, Maria de repente falou:
— Eu não valo nada.
O pai de Maria disse:
— Em primeiro lugar, não se diz “eu não valo nada”. É “eu não valho nada”. Em segundo lugar, não é verdade. Você valhe muito. Quer dizer, vale muito.
— Não valho.

— Mas o que é isso? — disse a mãe de Maria. — Você é a nossa filha querida. Todos gostam de você. A mamãe, o papai, a vovó, os tios, as tias. Para nós, você é uma preciosidade.
Mas Maria não se convenceu. Disse que era igual a mil outras pessoas. A milhões de outras pessoas.
— Só na minha aula tem sete Marias!
— Querida... — começou a dizer a mãe. Mas o pai interrompeu.
— Maria — disse o pai —, você sabe por que um diamante vale tanto dinheiro?
— Porque é bonito.
— Porque é raro. Um pedaço de vidro também é bonito. Mas o vidro se encontra em toda parte. Um diamante é difícil de encontrar. Quanto mais rara é uma coisa, mais ela vale. Você sabe por que o ouro vale tanto?
— Por quê?
— Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. Se o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja. Agora, imagina se em todo o mundo só existisse uma pepita de ouro.
— Ia ser a coisa mais valiosa do mundo.
— Pois é. E em todo o mundo só existe uma Maria.
— Só na minha sala são sete.
— Mas são outras Marias.
— São iguais a mim. Dois olhos,um nariz...
— Mas esta pintinha aqui nenhuma delas tem.
— É...
— Você já se deu conta que em todo o mundo só existe uma você?
— Mas, pai...
— Só uma. Você é uma raridade. Podem existir outras parecidas. Mas você, você mesma, só existe uma. Se algum dia aparecer outra você na sua frente, você pode dizer: é falsa.
— Então eu sou a coisa mais valiosa do mundo.
— Olha, você deve estar valendo aí uns três trilhões...
Naquela noite a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria falando com o Snoopy:
— Sabe um diamante?
(In: *O santinho.* 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 10-2.)

Maria chega muito triste da escola, não conversa com ninguém, pega seu Snoopy e se atira na cama, emburrada.
a) Diante desse comportamento da menina, quais são as preocupações de sua mãe?
b) As preocupações da mãe se confirmam?
c) Explique por que a menina estava triste.

Questão 196

Leia o texto a seguir, de Luis Fernando Verissimo, e responda às questões propostas.

O diamante

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste.
— O que foi? — perguntou a mãe de Maria.
Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopy e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada.
A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.
— Nada, disse Maria.
A mãe resolveu não insistir. Deixou Maria deitada na cama, abraçada com o seu Snoopy, emburrada.
Quando o pai de Maria chegou em casa do trabalho, a mãe de Maria avisou:
— Melhor nem falar com ela...
Maria estava com cara de poucos amigos. Pior. Estava com cara de amigo nenhum.

Na mesa do jantar, Maria de repente falou:
— Eu não valo nada.
O pai de Maria disse:
— Em primeiro lugar, não se diz “eu não valo nada”. É “eu não valho nada”. Em segundo lugar, não é verdade. Você valhe muito. Quer dizer, vale muito.
— Não valho.
— Mas o que é isso? — disse a mãe de Maria. — Você é a nossa filha querida. Todos gostam de você. A mamãe, o papai, a vovó, os tios, as tias. Para nós, você é uma preciosidade.
Mas Maria não se convenceu. Disse que era igual a mil outras pessoas. A milhões de outras pessoas.
— Só na minha aula tem sete Marias!
— Querida... — começou a dizer a mãe. Mas o pai interrompeu.
— Maria — disse o pai —, você sabe por que um diamante vale tanto dinheiro?
— Porque é bonito.
— Porque é raro. Um pedaço de vidro também é bonito. Mas o vidro se encontra em toda parte. Um diamante é difícil de encontrar. Quanto mais rara é uma coisa, mais ela vale. Você sabe por que o ouro vale tanto?
— Por quê?
— Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. Se o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja. Agora, imagina se em todo o mundo só existisse uma pepita de ouro.
— Ia ser a coisa mais valiosa do mundo.
— Pois é. E em todo o mundo só existe uma Maria.
— Só na minha sala são sete.
— Mas são outras Marias.
— São iguais a mim. Dois olhos,um nariz...
— Mas esta pintinha aqui nenhuma delas tem.
— É...
— Você já se deu conta que em todo o mundo só existe uma você?
— Mas, pai...
— Só uma. Você é uma raridade. Podem existir outras parecidas. Mas você, você mesma, só existe uma. Se algum dia aparecer outra você na sua frente, você pode dizer: é falsa.
— Então eu sou a coisa mais valiosa do mundo.
— Olha, você deve estar valendo aí uns três trilhões...
Naquela noite a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria falando com o Snoopy:
— Sabe um diamante?
(In: *O santinho.* 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 10-2.)

O pai diz a Maria: “— Olha, você deve estar valendo aí **uns** três trilhões...”. Qual é o sentido da palavra uns nesse contexto?
(d) aproximadamente
(c) menos de
(a) exatamente
(b) mais de

Questão 197

Leia este poema, de Sebastião Nuvens:
Gato no mato

Um gato
foi passear no mato.
Quando chegou

no meio do mato encontrou
outro gato.
Os dois gatos
foram caçar patos.
Quando chegaram perto dos patos,
surgiram outros
dois gatos.
Os quatro gatos
foram procurar
ninho de carrapato.
Quando chegaram
perto dos chatos,
apareceram outros
quatro gatos.
Os oito gatos foram
brincar de dar saltos.
Enquanto davam
saltos muito altos,
se encontraram
com mais oito gatos.
Os dezesseis gatos
resolveram sair do mato.
Quando saíram do mato,
deram de cara com
outros dezesseis gatos.
Os trinta e dois gatos
decidiram caçar ratos.
Enquanto caçavam ratos,
apareceram outros
trinta e dois gatos.
Aí, os ratos gritaram:
— Assim, não!
Desse jeito é covardia!
Envergonhados,
os gatos foram saindo
de mansinho,
cada um para o seu lado.
E, como não tinha
nada para fazer,
um dos gatos resolveu
ir passear no mato.
(*Ciência Hoje das Crianças*, nº 128, p. 8.)

Até a quinta estrofe do poema, há referência a um ou mais numerais.
a) Qual é a quantidade de gatos em cada estrofe, em relação à da estrofe anterior?
b) Qual é a quantidade de gatos em cada estrofe, em relação à da estrofe seguinte?
c) Qual é a maior quantidade a que chegam os gatos? Indique-a com algarismos.
d) Como se classificam os numerais **primeira**, **dobro**, **metade** e **trinta e dois**?

Questão 198

Imagine a seguinte situação: um casal vai receber alguns convidados para um almoço no domingo. Por isso, compra frutas e prepara alguns doces para a sobremesa. Depois do almoço, a mulher diz para o marido:
— Válter, tem fruta e sobremesa na geladeira.
Considerando os interlocutores e a situação em que esse enunciado é produzido, responda:
Língua Portuguesa - Capítulo 2 - Da língua ao texto; do texto ao discurso - Exercícios (pg. 39)

(b) De que outro modo ela poderia fazer o pedido ao marido, tornando explícita sua intenção?
(a) Qual é a verdadeira intenção da mulher ao dizer ao marido esse enunciado?

Questão 199

Leia este texto, de Lya Luft:
[...]
Menina no terraço que podia também ser um penhasco sobre o mar. O mar de árvores resmunga porque tem vento. Os talos de capim roçam uns nos outros cochichando. Aqui e ali, fl ores, ou são estrelas-do-mar?
A voz dos sapos fazendo renda para o casamento, o cliqueclique da tesoura de podar que também corta a língua das crianças mentirosas, a água da torneira no tanque, os passos na escada, e sempre árvores, árvores, tudo infi nitamente o mesmo mar.
De repente a tempestade era um animal empurrando aquele súbito silêncio que fazia a avó dizer: "Olha a chuva!" E o rumor era de pedregulhos pisoteados. Um rugido baixo e distante intercalado pela respiração do bicho invisível.
A criança no terraço sente o que está vindo por cima das árvores e das águas: vem, vem, vem, vem, ela pensa, e o monstro vem e se chama tempestade, e assusta e encanta ao mesmo tempo, dando uma incrível sensação de estar abrigada naquela casa.
[...]
("Panorama visto da infância". Em: *A riqueza do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2011. p. 115.)
A narrativa, de Lya Luft, pode ser considerada um texto, pois apresenta unidade de sentido. Além disso, contém as três partes essenciais que a maioria dos textos tem: começo, meio e fim. Associe cada uma dessas partes aos fatos da história:
(c) fim
(b) meio
(a) começo

Questão 200

Tuim criado no dedo
João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente, mas de dentro daquela casa de joão-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim...
A casa estava num galho alto, mas um menino subiu até perto, depois com uma vara de bambu conseguiu tirar a casa sem quebrar e veio baixando até o outro menino apanhar. Dentro, naquele quartinho que fica bem escondido depois do corredor de entrada para o vento não incomodar, havia três filhotes, não de joão-de-barro, mas de tuim.
De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser menor. Tem bico redondo, rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles, um morreu, outro morreu, ficou um.
Em geral a gente cria em casa é casal de tuim, especialmente para se apreciar o namorinho deles. Mas aquele tuim macho foi criado sozinho e, como se diz na roça, criado no dedo. Passava o dia solto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinhas de **imbaúba**. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e gritar para o arvoredo: tuim, tuim, tuim!

Às vezes demorava, então a visita achava que aquilo era brincadeira do menino, de repente surgia a ave, vinha certinho pousar no dedo do garoto.
Mas o pai disse: “Menino, você está criando muito amor a esse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Esse bichinho se acostuma assim, toda tarde vem procurar sua gaiola para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuins, adeus. Ou você prende o tuim ou ele vai embora com os outros, mesmo ele estando preso e ouvindo o bando passar, está arriscado ele morrer de tristeza.”
E o menino vivia de ouvido no ar, com medo de ouvir bando de tuim.
Foi de manhã, ele estava catando minhoca para pescar, quando viu o bando chegar, não tinha engano: era tuim, tuim, tuim... Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, dividido em partes. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio deles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz, o menino gritava com o dedinho esticado para o tuim voltar, mas nada dele vir.
Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa e disse: “Venha cá.” E disse: “O senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais.”
O menino parou de chorar, porque seu pai o havia consolado, mas como doía seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou que ele também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.
Houve quase um conselho de família, quando acabaram as férias: deixar o tuim, levar o tuim para São Paulo? Voltaram para a cidade com o tuim, o menino toda hora dando comidinha a ele na viagem. O pai avisou: “Aqui na cidade ele não pode andar solto, é um bicho da roça e se perde, o senhor está avisado.”
Aquilo encheu de medo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com ele no dedo, ele voava pela sala, a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.
Soltar um pouquinho no quintal não devia ser perigo, desde que ficasse perto, se ele quisesse voar para longe era só chamar que voltava, mas uma vez não voltou.
De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: “Que é tuim?” – perguntavam pessoas ignorantes. “Tuim?”
Que raiva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para a escola, foi para outra rua, para outra.
Teve uma ideia, foi ao armazém de “seu” Perrota: “Tem gaiola para vender?” Disseram que tinha. “Venderam alguma gaiola hoje?” Tinham vendido uma para uma casa ali perto.
Foi lá, chorando, disse ao dono da casa: “Se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?”
O homem acabou confessando que tinha aparecido um periquitinho verde sim, de rabo curto, não sabia que chamava tuim. Ofereceu comprar, o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o bichinho. “Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim.”
Voltou para casa com o tuim no dedo.
Pegou uma tesoura: era triste, era uma judiação, mas era preciso, cortou as asinhas, assim o bichinho poderia andar solto no quintal, e nunca mais fugiria.
Depois foi dentro de casa para fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento. Subiu num caixote para olhar por cima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.
(Rubem Braga. *Os melhores contos de Rubem Braga*. Seleção de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Global, 1998. p. 31.)

brio: sentimento de dignidade pessoal, orgulho.

imbaúba: árvore de tronco oco, folhas grandes e ásperas e frutos em forma de noz; também chamada embaúba.

Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.

Passando férias na fazenda da família, o menino encontra três filhotes de tuim e os leva para casa.
a) Onde esses filhotes estavam?
b) Como eram os três filhotes?
c) Na sua opinião, por que dois dos filhotes morreram?

Questão 201

Leia o texto abaixo:

Homem tira soneca em esteira de bagagem em aeroporto na Rússia

Cena ocorreu no aeroporto internacional de Domodedovo.
Apesar do barulho, homem parecia dormir em sono profundo.

Um homem foi flagrado tirando uma soneca na esteira de bagagem no aeroporto internacional de Domodedovo, em Moscou, na Rússia. Passageiros aguardavam para retirar suas bagagens quando se depararam com um homem deitado na esteira. Apesar do barulho, ele parecia dormir em sono profundo.

Disponível em: <http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2015/04/homem-tira-soneca-em-esteira-debagagem-em-aeroporto-na-russia.html>.

Com base nessa notícia, imagine que você é este homem e crie uma narrativa ficcional que explique os motivos pelos quais ele resolveu ou teve de dormir naquele lugar tão inusitado.

Instruções:

• O narrador deve ser em 3ª pessoa.
• Você pode criar outras personagens.

Roteiro de trabalho

Ao escrever, siga estas etapas:

• Transforme o homem citado numa personagem de ficção. Atribua-lhe características que lhe deem "personalidade": nome, idade, profissão, procedência (nacionalidade ou de onde vem) etc. Mas, atenção: utilize apenas atributos que serão úteis para o leitor compreender a história que você contará.
• Inicie a história contando:
• quem era o protagonista;
• como, quando e por que a personagem chegou àquele aeroporto russo.
• Crie um desenvolvimento para a história. Conte:
• por que decidiu ou teve que dormir naquele lugar;
• por que seu sono era tão profundo.
• Conte como tudo terminou.
• o homem acordou por si mesmo ou foi acordado por alguém?
• como ele reagiu a isso?

Pense em explicações criativas, porém verossímeis para os fatos narrados. E não se esqueça de dar um título atraente para o texto.

Questão 202

Leia e observe a seguinte propaganda, postada em um *blog* da internet:

Ao fazer compras, opte pelas "ecobags" ou sacolas reutilizáveis! Sacolas plásticas demoram mais de 100 anos para desaparecer da natureza. Se cada um fizer a sua parte, todo mundo sai ganhando! #ficaadica

Disponível em: <www.facebook.com/WWFBrasil/photos/a.10150224147426803.358846.7970426802/10153479917911803/?type=1&theater>.

Acesso em: 24 set. 2015.

Uma das características da propaganda é a busca de grande eficiência da linguagem, combinando elementos visuais e verbais: comunicar o máximo com o mínimo de recursos. Esta propaganda da WWF é composta de um texto escrito (mensagem verbal) e de uma imagem com uma frase superposta (mensagem verbal + mensagem visual).

a) Explique o duplo sentido da palavra **saco** na frase que se superpõe à imagem.

b) Qual é o trecho do texto escrito que explica por que a sacola é um saco, em um dos sentidos explicados no item anterior.

Questão 203

Releia este trecho:
“As outras palavras bateram palmas para a proposta das duas **presidentas**”
A palavra destacada é o feminino de que palavra?
Presidente ou presidenta?
A língua portuguesa admite as duas formas para indicar o feminino de **presidente**.
Dilma Rousseff, entretanto, primeira mulher que foi eleita presidente no país, preferiu ser chamada de **presidenta**.

http://www.dilma.com.br/site/

Questão 204

Observe esta fotografia, de Pierre Verger:

(O Brasil de Pierre Verger. Rio de Janeiro: Fundação Pierre Verger, 2006. p. 114.)

A foto de Verger retrata duas crianças: um menino em primeiro plano e outra criança, ao fundo, na penumbra. Levante hipóteses:

a) Quantos anos as crianças têm, aproximadamente?
b) Quem é, provavelmente, a criança que está na penumbra? O que ela está fazendo?
c) Em que local as crianças estão?

Questão 205

Observe a tira:

CEDRAZ, A. L. Ramos. *Turma do Xaxado,* Salvador: Cedraz, 2003. v. 3, p. 9.

a) No primeiro quadrinho, o balão de fala é formado por bolinhas. O que esse formato indica?
b) Observe a pontuação da tira. Explique a função do ponto de exclamação e das reticências.

Questão 206

Texto I:

(Jim Davis)

Nas histórias em quadrinhos do gato Garfield, seu comportamento costuma ser surpreendente. Isso ocorre no **texto I**? Justifique.

Questão 207

A questão baseia-se na propaganda a seguir:

Disponível em: <https://picasaweb.google.com/116903009416670541642/CampanhasImpressas#slideshow/5738742374597785490> link hospedado no site <www.ondazul.org.br/#>. Acesso em: 22 jul. 2015.

Os textos nessa propaganda são:
Acima, à esquerda: “Quem é que está andando pra trás aqui?”
Embaixo: “Atualmente, cerca de 1 milhão de habitantes no planeta não têm acesso a água potável.
Em breve não haverá mais água doce. Preserve-se. 19 de setembro. Dia Mundial pela Limpeza da Água.”
A frase “Preserve-se”, dirigida ao leitor, está corretamente interpretada na alternativa:
Língua Portuguesa - Setor Estudo da Língua - Exercícios - Módulo 44

(b) Resguarde sua saúde e sua vida evitando beber água não potável.
(d) Reserve grande quantidade de água doce a fim de proteger sua saúde.
(a) Resguarde a limpeza da água e, desse modo, proteja sua própria vida.

(c) Proteja-se contra os habitantes do planeta que não usam água potável.

Questão 208

A história em quadrinhos a seguir mostra Gaturro, um gato apaixonado pela gatinha Ágatha. Leia-a e responda à questão proposta.

Você já passou o dia realizando várias atividades, mas ficou com a sensação de não ter feito nada? Ou em algum dia fez muitas coisas para passar o tempo? Conte para os colegas como foi.

Questão 209

CONSTRUINDO O CONCEITO

Você conhece Mafalda, personagem criada pelo cartunista argentino Quino? Ela é uma menina inteligente, que adora questionar tudo o que vê. Leia esta tira com a personagem:

(Quino. *Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. v. 2, p. 3.)

No 4°. quadrinho da tira, a mulher foge.

a) Você acha que a mulher entendeu o que Mafalda disse?

b) Deduza: O que a mulher pode ter pensado a respeito de Mafalda?

Questão 210

Leia o texto a seguir, extraído do *site* do Greenpeace.

O maior degelo da história

© Daniel Beltrá/Greenpeace

Notícia - 19 - set - 2012

O Greenpeace realizou um evento em Nova York, às vésperas da reunião da Assembleia Geral da ONU, para reforçar a necessidade de uma resposta internacional para a crise no Polo Norte.

Mais do que níveis alarmantes, o volume de gelo no Ártico nunca foi tão baixo na história humana. O maior nível de degelo, alcançado em 2012, foi apontado por dados preliminares do Centro Nacional de Dados sobre Neve e Gelo dos Estados Unidos (NSIDC). A extensão de gelo que reveste o Oceano Ártico durante o verão este ano equivale a 3,41 milhões de quilômetros quadrados, a menor de que se tem conhecimento. Desde 1979, ano em que se iniciaram as medições, ela foi reduzida em 45%.

Getty Images/iStockphoto

Kumi Naidoo, diretor-executivo do Greenpeace Internacional, definiu o anúncio como um momento decisivo na história da humanidade: “Em pouco mais de 30 anos, alteramos a aparência do nosso planeta e em breve o Polo Norte deve estar completamente sem gelo durante o verão”, afirma. A esperança é de que o dia de hoje seja lembrado como um dia de mudanças, em que a comunidade global decidiu se unir para lutar contra os efeitos das mudanças climáticas e contra a ganância das grandes corporações no Ártico.

A tripulação do navio Arctic Sunrise esteve na região para testemunhar a época do ano em que se encontram as menores quantidades de gelo no polo. Como forma de apelar aos líderes mundiais para que tomem a decisão de proteger o Ártico, os tripulantes construíram um coração suspenso com as bandeiras dos 193 países-membros das Nações Unidas.

O Ártico é um ecossistema vital para a Terra e as ameaças que vem sofrendo são determinantes para o equilíbrio climático do nosso planeta. Sara Ayech, da Campanha de Clima e Energia, que faz parte da tripulação que está na expedição no Ártico, afirma que “assim como o coração bombeia sangue por nossas artérias, o Ártico é uma das bombas que fazem as correntes do oceano circularem ao redor do planeta”.

O navio Arctic Sunrise foi à região para documentar o maior degelo da história, pesquisar o volume atual de gelo e montar uma imagem em 3D da região que será usada em estudos sobre as mudanças climáticas.

“Estávamos assistindo o Sol nascer sobre os bancos de gelo, alguns finos e fracos, outros tão fundos que o oceano abaixo se coloria de um azul frio claríssimo, quando vimos pegadas na neve. Um solitário urso polar apareceu ao longe, parecia uma mancha creme contra o mar azul. Pareceu inimaginável que essa

beleza de tirar o fôlego que víamos a nossa frente pudesse estar sendo ameaçada por um punhado de empresas que se importam mais com seus resultados trimestrais que com o futuro desta região maravilhosa."
Você também pode ajudar a proteger o Ártico. Assine e divulgue a petição que promove a criação de um santuário internacional e que manterá a exploração de petróleo e a pesca predatória longe deste frágil ecossistema. Já são mais de 1,8 milhão de assinaturas de pessoas no mundo todo.
(Disponível em: http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/O-maior-degelo-da-historia/. Acesso em: 19/12/2012.)

Degelo documentado
Assista a algumas cenas da expedição realizada pelo Greenpeace ao Polo Norte, acessando o *site*: http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/O-maiordegelo-da-historia/
O texto lido é apresentado no *site* do Greenpeace como **notícia**. O último parágrafo, entretanto, foge ao padrão desse gênero textual.
a) O que o texto noticia?
b) A quem o texto se dirige?
c) Qual é o objetivo do último parágrafo do texto?

Questão 211

Leia a tira a seguir, de Adão Iturrusgarai, e responda.

A tira satiriza o emprego da "tiponite" e do "gerundismo".
a) O que é "tiponite"?
b) Sabendo-se que o sufixo **-ite** é muito empregado em nomes de doença (como **apendicite**, **amigdalite**) e significa "inflamação", conclua: Qual é a visão do autor da tira a respeito da "tiponite"?
c) Que grupos sociais costumam apresentar esse uso na linguagem?
d) Dê sua opinião: Empregar a "tiponite" ajuda as pessoas a se identificarem com os colegas e serem aceitas no grupo? Por quê?

Questão 212

Leia o texto a seguir e responda à questão.
Origens do cordel
Originária de Portugal, a literatura de cordel instalou-se em Salvador, na Bahia, que foi a primeira capital do Brasil, e dali irradiou-se para os demais estados do Nordeste. Por esta razão os livretos de feira, como também são conhecidos, se desenvolveram substancialmente entre os nordestinos.
Cordel quer dizer barbante ou corda fina, que era a antiga forma de exposição dos livretos, nas praças e feiras do interior do Nordeste.
A xilogravura popular nordestina, com seus símbolos e mitos ingenuamente expressos em traços fortes, juntou-se ao cordel, num casamento perfeito, feito feijão e arroz. É a técnica preferida, pelos criadores de cordel, para a confecção das capas e ilustrações das pequenas revistas. O cordel também utiliza nas capas arabescos, vinhetas, imagens, fotos e borracha vulcanizada. A maioria, no entanto, continua usando a xilogravura, com bases de madeiras macias como cedro, pinho ou umburana.
(Chico Salles. *Cordelinho*. Rio de Janeiro: Rovelle, 2008.)

Assinale a alternativa correta:
(b) Cordel quer dizer barbante ou corda fina; nele ficavam dependurados antigamente os livretos.
(d) Cordel e xilogravura são técnicas usadas em livretos no Nordeste.
(c) O cordel se originou na cidade de Salvador, na Bahia, e irradiou-se dali para outras cidades.
(a) Cordel é a técnica preferida para a criação de capas e ilustrações dos livretos de feira.

Questão 213

Os artigos foram retirados da fábula a seguir, o que torna difícil compreendê-la totalmente. Complete os espaços entre colchetes usando os artigos adequados, selecionando entre definidos e indefinidos.
[ ] velho e [ ] morte

[ ] dia, [ ] velho, tendo cortado madeira, carregou-a nos ombros e pôs-se a andar por [ ] longo caminho. Fatigado pela caminhada, depositou [ ] fardo no chão e chamou [ ] morte. Como esta aparecesse e perguntasse por que ele a chamava, [ ] velho disse: “Para que levantes [ ] fardo.”
[ ] fábula mostra que todo homem é amante da vida, mesmo que ela seja miserável.
SMOLKA, Neide. Esopo: fábulas completas. São Paulo: Moderna, 1994. p.52.

Questão 214

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:

a) No 1º quadrinho da tira, a palavra **incríveis** aparece dividida em sílabas. Que efeito resulta dessa divisão da palavra?
b) Pelo contexto do 1º quadrinho, o leitor é levado a supor que a personagem tem qual profissão? Essa hipótese se confirma no 2º quadrinho?

Questão 215

Texto 1

A morte da tartaruga?

Millôr Fernandes

O menininho foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força.
A mãe, a princípio, ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. “Cuidado, senão você acorda seu pai”. Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação. Afinal, com tanto choro, o pai acordou, lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse:
— Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que faço. Já lhe prometi tudo, mas ele continua berrando desse jeito.
O pai examinou a situação e propôs:
— Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta, não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai.
O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse:
— Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral. (Empregou de propósito uma palavra difícil).
O menininho parou imediatamente de chorar.
— Que é funeral?
O pai lhe explicou que era um enterro.
— Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastantes balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário. Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o “happy-birth-day-to-you” pra tartaruguinha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e com o dia em que ela morreu. Isso é que é um funeral! Vamos fazer isso?
O garotinho estava com outra cara.
— Vamos, papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela.
Saiu correndo. Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal.
— Papai, papai, vem cá, ela está viva!

O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruguinha estava andando de novo, normalmente.
— Que bom, hein? — disse. — Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!
— Vamos, sim, papai — disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande. — Eu mato ela.
Moral: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.
Fábulas fabulosas. São Paulo: Círculo do Livro, 1973, p. 108. Texto adaptado: o original possui apenas dois parágrafos, antes da "moral"; para facilitar a leitura, foi ampliada a paragrafação.?

?Sobre o texto, responda à questão:
Como seria organizado o funeral proposto pelo pai? Explique por que essa proposta provoca um efeito de humor.

Questão 216

Complete adequadamente as frases com uma das palavras que constam no vocabulário no final do exercício. Não vale repetir. Observe que em qualquer uma delas poderiam ser empregadas palavras de sentido vago, como **coisa** ou **objeto**.
ingredientes - argumentos - procedimento - instrumento - façanhas - brinquedos - substâncias - entretenimento - ferramentas - atrativo - paixões - hábitos - fenômeno - utensílios - tarefa
a) O bisturi é um _____ usado por dentistas e cirurgiões.
b) Para fazer um bolo de chocolate são necessários muitos _____
c) A água e o álcool são duas _____ líquidas.
d) Filho, os _____ que você apresentou não me convencem.
e) Faltar com o respeito ao próximo é um _____ reprovável.
f) As letras destas músicas são o grande _____ destes CDs.
g) Acordar cedo, caminhar e praticar esporte são _____ saudáveis.
h) O menino tinha uma imaginação fértil: inventava _____ mirabolantes com seu herói preferido.
i) O maior _____ nacional ainda é a televisão.
j) As panelas são _____ de cozinha; a serra e o formão são ferramentas de carpintaria.
Língua Portuguesa - Unidade 3 - Capítulo 2 - História em quadrinhos (II) - Exercícios - Pare escrever com expressividade

Questão 217

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:

Na tira, uma barata e um rato dialogam sobre as consequências de uma guerra nuclear. Você considera coerente o diálogo dessas personagens? Por quê?

Questão 218

Leia o texto a seguir e responda à questão proposta.
O melhor amigo

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha na direção de seu quarto.

— Meu filho? — gritou ela.
— O que é? — respondeu, com ar o mais natural que lhe foi possível.
— Que é que está carregando aí?
Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ganhar tempo:
— Eu? Nada...
— Está sim. Você entrou carregando uma coisa.

Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar, o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:
— Olha aí, mamãe: é um filhote...
Seus olhos súplices aguardavam a decisão.
— Um filhote? Onde é que você arranjou isso?
— Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?
Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de ISSO. Insistiu ainda:
— Deve estar com fome, olha a carinha que ele faz.
— Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!
— Ah! Mamãe... — já compondo cara de choro.
— Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.
O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima.
Voltou para o quarto emburrado: a gente também não tem nenhum direito nessa casa — pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado dessa maneira!
— Que diabo também, nessa casa tudo é proibido! — gritou lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.
— Dez minutos! — repetiu ela, com firmeza.
— Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.
— Você não é todo mundo.
— Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.
— Veremos — limitou-se a mãe, de novo distraída com a costura.
— A senhora é ruim mesmo, não tem coração.
— Sua alma, sua palma.
Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar, com seu novo amigo, e depois... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:
— Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.
— Ah, mamãe deixa! — choramingou ainda. — Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nessa vida...
— E eu? Que bobagem é essa, você não tem a sua mãe?
— Mãe e cachorro não é a mesma coisa.
— Deixa de conversa: obedece a sua mãe.
Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...
Meia hora depois, o menino voltava da rua, radiante:
— Pronto, mamãe!
E lhe exibia uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.
— Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza de que ele dava — murmurou pensativo.
(Fernando Sabino. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática. p. 35.) Alexandre Matos

Diante da firmeza da mãe, o menino tenta comovê-la.
a) De que modo ele faz isso?
b) Por que tinha importância, naquele momento, dizer à mãe que o animal era um “filhote”?

Questão 219

Observe o quadrinho a seguir, de Quino, e responda à questão.

Joaquín Salvador Lavado (QUINO).”Mafalda”. Ediciones de la Flor, 1965.

O que a personagem, Mafalda, está fazendo?
(a) Está brincando com o globo terrestre.
(d) Está limpando o globo terrestre.

(b) Está estudando o globo terrestre.
(c) Está medicando o globo terrestre.

Questão 220

Leia este cartum:

Na **situação** ou no **contexto** em que o enunciado (o comentário do cachorro) foi produzido, que sentido ele tem?

Questão 221

Na tira, a personagem emite uma opinião. Como essa opinião pode ser traduzida?
(c) Os pássaros são desumanos.
(d) Os pássaros não são solidários.
(a) Os humanos são superiores aos animais.
(b) Os humanos não são solidários.

Questão 222

Leia a anedota. Em seguida, registre as sequências de artigos e substantivos.
Um gato estava caçando um rato. Depois de muita correria, o rato se esconde em sua toca e escuta um latido:
— Au! Au! Au!
Pensando que estava salvo, o rato sai da toca e o gato abocanha ele! Antes de ser engolido, o rato pergunta pro gato:
— Mas e o cachorro que estava aqui?
E o gato:
— Pois é, meu filho... Hoje em dia, quem não fala dois idiomas não sobrevive!
Agora, observe o trecho da anedota e os destaques:
"Um gato estava caçando **um rato**. Depois de muita correria, **o rato** se esconde em sua toca..."
a) Classifique os artigos destacados.
b) Por que o rato é mencionado inicialmente como "um rato" e, em seguida, como "o rato"?

Questão 223

Leia a tira a seguir, de Laerte, e responda a questão.

Observe agora o 1º quadrinho da tira.
(a) Em que modo está a forma verbal é?
(b) Que ideia essa forma verbal exprime: de certeza ou de possibilidade?

Questão 224

Observe este título de uma reportagem.
Idosos se mantêm firmes e fortes no mercado de trabalho
(Ana Cláudia Martins. Disponível em: https://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/902766/ idosos-se-mantem-firmes-e-fortes-no-mercado-de-trabalho. Acesso em: 11/7/2018.)

Justifique, com base nas regras de acentuação, por que a palavra **mantêm** recebe acento. Em seguida, explique por que, no título lido, essa palavra foi acentuada com um acento circunflexo.

Questão 225

Todas as pessoas têm histórias engraçadas para contar. Até sobre si mesmas. Porque talvez não haja ninguém que não tenha dado um grande "fora": falando o que não devia; aparecendo na hora errada; quebrando um vaso de estimação na casa da tia ou a janela de seu vizinho...
Disponível em: <http://atrevidinha.uol.com.br/atrevidinha/beleza-idolos/75/imagens/i203984.jpg>.

Acesso em: 24 fev. 2015.

E você? De que história engraçada foi protagonista (personagem principal)? Conte essa história.
Ao escrever seu texto:
• Lembre-se de que está criando um texto ficcional, por isso, pode inventar à vontade;
• Utilize recursos gráficos (letras maiúsculas, vários sinais de pontuação...) e onomatopeias que contribuam para a construção do humor.
Quando terminar a primeira versão, crie um título para ele e inicie a revisão.
Revisão do texto
Leia o **roteiro** abaixo e, a partir da leitura atenta do texto que produziu, faça as alterações necessárias.
a) A história que narrou tem começo, meio e fim bem claros?
b) Há, realmente, algo inusitado e que a torne engraçada?
c) Você utilizou letras maiúsculas nos nomes próprios e depois dos pontos finais?
d) Deixou espaço no início dos parágrafos?
e) Pontuou corretamente os diálogos (com dois pontos, parágrafo e travessão), caso os tenha criado?
f) Utilizou sinais de pontuação, onomatopeias e outros recursos gráficos que ajudem a expressar melhor o que deseja?
g) Criou um título coerente com a história narrada e que chame a atenção do leitor?

Questão 226

Leia o desfecho do conto "Polegadazinha", de Hans Christian Andersen:

[...]
Havia uma grande coluna de mármore branco, que tinha tombado no chão e se partira em três pedaços e entre estes cresciam as flores mais lindas, grandes e brancas. A andorinha voou para lá com a Polegadazinha e colocou-a sobre uma das folhas largas. Mas como ficou admirada! Aí estava sentado um homenzinho no meio da flor, tão branco e translúcido, como se fosse de vidro. Tinha na cabeça a coroa de ouro mais linda e nos ombros as asas mais lindas e claras. Ele próprio não era maior do que a Polegadazinha. Era o anjo da flor. Em cada flor morava assim um homenzinho ou mulherzinha, mas aquele era o rei de todos.
— Meu Deus, como é bonito! — segredou a Polegadazinha à andorinha. O principezinho ficou tão assustado diante da andorinha, pois esta era uma ave gigante perante ele, que era tão pequeno e fino. Quando viu a Polegadazinha ficou muito contente. Era a menina mais bonita que até então tinha visto. Por isso tirou a coroa de ouro da cabeça e colocou-a na cabeça dela, perguntou como se chamava e se queria ser sua mulher, seria rainha de todas as flores! Sim, era um homem verdadeiro [...]. Disse, portanto, que sim ao bonito príncipe e de cada flor veio uma dama ou um cavalheiro, tão belos, que dava gosto vê-los! Cada um trazia para a Polegadazinha um presente, mas o melhor de todos foi um par de lindas asas de uma grande mosca branca. Foram fixadas às costas da Polegadazinha para poder também voar de flor para flor. Era tal a alegria que a andorinha sentou-se em cima, no seu ninho, e cantou para eles, tão bem quanto podia, mas o coração estava, contudo, triste, pois gostava muito da Polegadazinha e não queria separar-se dela.
— Não deves ter o nome Polegadazinha! — disse-lhe o anjo da flor. — É um nome feio e tu és bonita. Vamos chamar-te Maia!
— Adeus! Adeus! — despediu-se a andorinha, e partiu. Deixou os países quentes, e voou lá para longe, de regresso à Dinamarca. Ali tinha um ninhozinho sobre a janela onde mora o homem que sabe contar contos. Para ele, a andorinha cantou o «que-vivi», de que temos toda a história.
(*Os contos de Hans Christian Andersen*. Disponível em: http://arquivos.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/16/2013/12/

OsContos-H-C-Andersen.pdf. Acesso em: 13/8/2018.)

Crie dois parágrafos para esse conto, um de introdução e outro de desenvolvimento. Neles, você deverá usar expressões típicas de contos maravilhosos, ou seja, que indicam quando e onde a história se passou. Além disso, você deverá apresentar e descrever a protagonista do conto, que é a Polegadazinha, e os acontecimentos que se passaram com ela. Lembre-se: o trecho que você leu é a conclusão do texto.

Questão 227

Leia este trecho de uma notícia e responda a questão.

Ciclista carioca percorre o mundo em uma bicicleta de bambu

[...]

Jaqueline Deister

Brasil de Fato | Rio de Janeiro (RJ), 22 de Junho de 2018 às 09:00

Já pensou em dar a volta ao mundo em uma bicicleta de bambu? A ideia, que parece um bom roteiro de filme, foi colocada em prática pelo carioca Ricardo Martins. O cicloviajante de 33 anos está na estrada desde 2016 [...] e já percorreu toda a África e agora está na Europa a caminho do continente asiático.

[...]

(Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2018/06/22/ciclista-carioca-percorre-o-mundo-emuma-bicicleta-de-bambu/. Acesso em: 8/7/2018.)

Há, no trecho acima, apenas duas formas verbais no pretérito perfeito. Assinale, a seguir, a alternativa que apresenta, em destaque, uma dessas formas verbais.

Língua Portuguesa - PNLD 2020 - 6º ano

(b) "Ciclista carioca percorre o mundo em uma bicicleta de bambu"

(d) "A ideia, que parece um bom roteiro de filme, foi colocada em prática [...]"

(c) "Já pensou em dar a volta ao mundo em uma bicicleta de bambu?"

(a)

"O cicloviajante de 33 anos está na estrada desde 2016 [...]"

Questão 228

Reescreva as orações, colocando as palavras grifadas no plural e realizando a concordância nominal. Quando necessário, faça também a concordância verbal.

a) Alguma **criança** aparecia e se divertia no parque durante o domingo.

b) Pedro queria mostrar seu **brinquedo** novo para o **tio** francês.

c) Maria não esquece sua longa e bem-sucedida **viagem** a Paris.

d) Terminada a **prova**, o **aluno** deixou a sala cansado.

Questão 229

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.

No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.

a) Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?

b) A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?

Questão 230

Leia, a seguir, a letra de uma canção de Arnaldo Antunes.

Cultura

O girino é o peixinho do sapo
O silêncio é o começo do papo
O bigode é a antena do gato
O cavalo é pasto do carrapato

O cabrito é o cordeiro da cabra
O pescoço é a barriga da cobra
O leitão é um porquinho mais novo

A galinha é um pouquinho do ovo

O desejo é o começo do corpo
Engordar é a tarefa do porco
A cegonha é a girafa do ganso
O cachorro é um lobo mais manso

O escuro é a metade da zebra
As raízes são as veias da seiva
O camelo é um cavalo sem sede
Tartaruga por dentro é parede

O potrinho é o bezerro da égua
A batalha é o começo da trégua
Papagaio é um dragão miniatura
Bactérias num meio é cultura
(Disponível em http://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/cultura.html. Acesso em: 29/3/2016.)
Explique por que são feitas, no texto, estas associações:
(c) "O escuro é a metade da zebra"
(b) "Tartaruga por dentro é parede"
(a) "O pescoço é a barriga da cobra"

Questão 231

Texto:

Pirilampos
Quando a noite
vem baixando,
nas várzeas ao lusco-fusco
e na penumbra das moitas
e na sombra erma dos campos,
piscam, piscam pirilampos.
São pirilampos ariscos
que acendem pisca-piscando
as suas verdes lanternas,
ou são claros olhos verdes
de menininhos travessos,
verdes olhos semitontos,
que estão lutando com o sono?
(Henriqueta Lisboa)

Com base na sua leitura, responda.
Quem são os pirilampos que piscam-piscando?

Questão 232

Leia este conto, dos irmãos Grimm:
A água da vida
Era uma vez um rei que ficou doente, e ninguém acreditava que pudesse escapar com vida. Mas ele tinha três filhos, que ficaram muito tristes com isso, desceram ao jardim do castelo e ficaram chorando. Aí eles deram com um homem velho, que lhes perguntou a razão da sua tristeza. Eles lhe contaram que seu pai estava tão doente que iria morrer logo, porque não havia nada que pudesse ajudá-lo.
Então o velho disse: — Eu conheço um remédio, que é a água da vida; se o rei beber dessa água, recobrará a saúde. Mas ela é difícil de encontrar.

O mais velho disse: — Eu vou encontrá-la.
E foi ao rei doente e pediu sua permissão para sair à procura da água da vida, pois só ela poderia curá-lo.
— Não — disse o rei —, é perigoso demais, eu prefiro morrer.
Mas o filho insistiu e implorou tanto que o rei acabou concordando. O príncipe pensou no fundo do seu coração: "Se eu trouxer essa água ao meu pai, serei o seu preferido e herdarei o reino".
Então ele partiu, e quando já estava cavalgando há algum tempo, encontrou no caminho um anão, que lhe perguntou:

— Para onde vai tão apressado?
— Ó nanico bobo — disse o príncipe, muito *arrogante** —, isso não é da sua conta — e continuou o seu caminho.
Mas o *homúnculo** ficara muito irritado e fizera um mau desejo. Pouco depois o príncipe foi parar numa *garganta** entre montanhas, e quanto mais ele cavalgava, mais os rochedos se estreitavam diante dele, e por fim o caminho ficou tão apertado que ele não pôde se adiantar nem mais um passo; não era possível fazer o cavalo voltar e nem descer da sela, e lá ficou ele, como aprisionado.
O rei doente esperou pelo filho durante muito tempo, mas este não voltava. Aí o segundo filho disse: — Pai, deixe-me partir e procurar a água — e pensou consigo: "Se o meu irmão está morto, o reino fica para mim".
No começo o rei também não quis deixá-lo partir, mas acabou cedendo. O príncipe enveredou pelo mesmo caminho seguido pelo seu irmão e encontrou o mesmo anão, que o deteve e lhe perguntou aonde ia com tanta pressa.
— Ó nanico miúdo — disse o príncipe —, isso não é da sua conta.
E continuou a cavalgar, sem olhar para trás. Mas o anão o enfeitiçou e ele, como o outro, foi parar numa garganta rochosa, sem poder avançar, nem recuar. É assim que acontece com os arrogantes.
Quando também o segundo filho não retornava, o mais novo ofereceu-se para ir procurar a água, e o rei, por fim, teve de deixá-lo partir. E quando ele encontrou o anão e este lhe perguntou para onde ia assim apressado, o moço parou, deu-lhe atenção e resposta, e disse:
— Vou à procura da água da vida, pois meu pai está mortalmente *enfermo**.
— Mas você sabe onde encontrá-la?
— Não — disse o príncipe.
— Porque você se comportou como é devido, não foi arrogante como seus falsos irmãos, eu lhe darei informação. Ela brota de um poço no pátio de um castelo enfeitiçado, mas você não poderá entrar lá, se eu não lhe der uma vara de ferro e dois filões de pão. Com a vara você baterá três vezes no portal de ferro do castelo, e ele se abrirá. Lá dentro estão dois leões, que vão escancarar as *fauces**. Mas se você atirar um pão nas suas goelas, eles ficarão quietos. Então corra e busque a água da vida antes de baterem as doze horas, senão o portão se fechará de novo e você ficará preso.
O príncipe agradeceu, pegou a vara e o pão e pôs-se a caminho. Quando chegou à sua meta, tudo aconteceu como o anão lhe dissera. O portão abriu-se ao terceiro golpe da vara, e depois de acalmar os leões com os filões de pão, ele adentrou o castelo num grande e belo salão. Lá estavam sentados os príncipes *encantados**, de cujos dedos ele tirou os anéis. Ele viu também uma espada e um pão que levou consigo.
Mais adiante, entrou numa sala onde estava uma formosa donzela, que se alegrou ao vê-lo, beijou-o e disse que ele a desencantara, e que ele ganharia o seu reino inteiro e, quando voltasse dali a um ano, se casaria com ela. Depois, contou-lhe onde estava o poço com a água da vida, mas disse que ele devia se apressar e tirar a água logo antes que batessem as doze badaladas.
Ele continuou andando e chegou por fim a um quarto onde havia uma bela cama, recém-arrumada. E como estivesse *fatigado**, ele quis antes descansar um pouco. Então deitou-se e adormeceu; e quando acordou, ouviu bater um quarto para as doze. O príncipe levantou-se de um pulo, assustado, correu para o poço, encheu com sua água uma taça que estava ali, e apressou-se a sair de lá. Mas quando já estava saindo pelo portão de ferro, o relógio bateu doze horas e o portão fechou-se com tanta força que lhe cortou um pedaço do calcanhar.

Mas ele estava contente porque conseguira a água da vida; pôs-se a caminho de casa e encontrou-se de novo com o anão. Quando este viu a espada e o pão, falou:
— Com isso você saiu ganhando muito: com esta espada, pode vencer exércitos inteiros, e este pão não acabará nunca.
O príncipe não queria voltar para o pai sem os irmãos e disse:
— Querido anão, não pode dizer-me onde estão os meus dois irmãos? Eles saíram antes de mim à procura da água da vida e nunca mais voltaram.
— Eles estão presos entre os rochedos das montanhas — disse o anão. — Eu os enfeiticei, porque foram tão arrogantes.
Então o príncipe suplicou tanto, que o anão acabou por libertá-los, mas advertiu-o e disse:
— Tenha cuidado com eles, pois têm um coração perverso.
Quando seus irmãos chegaram, ele ficou contente e contou-lhes o que lhe tinha acontecido, que ele encontrara a água da vida e trouxera consigo uma taça cheia dela, e que desencantara uma bela princesa, que queria esperar por ele um ano, quando seria celebrado o casamento, e ele ganharia um grande reino.
Os três continuaram a cavalgar juntos e chegaram a um país onde havia fome e guerra, e o rei já pensava que o país estava perdido, e ele também, tão grande era a sua *aflição**.
Então o príncipe foi ter com ele e deu-lhe o pão, com o qual o rei alimentou e satisfez todo o seu reino. Aí o príncipe deu-lhe também a espada, com a qual o rei venceu os exércitos inimigos, e agora podia viver em paz e sossego. Depois disso, o príncipe retomou a sua espada e o seu pão, e os três irmãos continuaram a cavalgar adiante. Eles ainda chegaram a mais dois países onde reinavam a fome e a guerra, e das duas vezes o príncipe deu aos reis a sua espada e o seu pão, salvando assim três reinos. Depois, eles embarcaram num navio e atravessaram o mar.
Durante a viagem, os dois mais velhos *confabularam** entre si:
— O caçula encontrou a água da vida e nós não. Por isso o nosso pai lhe entregará o reino que cabe a nós, e ele nos privará da nossa felicidade.
Então eles ficaram vingativos e combinaram destruir o irmão mais novo. Esperaram até ele dormir profundamente, roubaram-lhe a água da vida e ficaram com ela, enquanto enchiam a taça do caçula com a água salgada do mar.
Quando chegaram em casa, o mais moço levou a sua taça ao pai, para que bebesse dela e sarasse. Mas assim que o rei bebeu um pouco da água do mar, ficou mais doente do que antes. E quando ele se lamentava disso, vieram os dois irmãos mais velhos e denunciaram o mais novo, dizendo que ele queria envenenar o pai, mas que eles é que traziam a verdadeira água da vida, e deram-na para o rei beber. E assim que ele a tomou, sentiu sua doença desaparecer e ficou forte e sadio como nos dias da sua juventude.
Então os dois foram até o irmão caçula, zombaram dele e disseram:
— Você pode ter encontrado a água da vida, mas você teve todo o trabalho, e nós teremos a recompensa. Você devia ter sido mais esperto, ficando de olhos abertos. Nós lhe tiramos a água enquanto você dormia em alto-mar, e daqui a um ano será um de nós que irá buscar a bela princesa. Porém trate de não dizer nada disso ao pai, ele não vai acreditar mesmo. Mas se revelar uma só palavra de tudo isso, acabará perdendo a vida. Só se você ficar calado, ela lhe será poupada.
O velho rei estava *irado** com o seu filho mais novo e pensava que ele atentara contra sua vida. Por isso, mandou reunir a corte para pronunciar julgamento contra ele, para que fosse secretamente fuzilado.
Quando o príncipe partiu um dia para a caça, sem desconfiar de nada, o caçador do rei teve ordem de acompanhá-lo. Quando os dois estavam sozinhos no meio da floresta e o caçador parecia tão triste, o príncipe lhe perguntou: — Meu caro caçador, o que lhe falta?
O caçador disse: — Não posso contá-lo, mas devo fazê-lo.
Então o príncipe falou: — Conte-me o que é, eu lhe perdoarei.
— Ai — disse o caçador — eu devo fuzilá-lo; foi o rei quem me ordenou.
O príncipe ficou assustado e pediu: — Meu bom caçador, deixe-me viver, eu lhe darei meus trajes reais, dê-me sua roupa comum em troca.
O caçador respondeu: — Isto eu farei de bom grado, eu não poderia mesmo atirar no senhor.

Então eles trocaram suas roupas e o caçador voltou para casa, mas o príncipe embrenhou-se no mais fundo da floresta.
Algum tempo depois chegaram ao castelo do velho rei três carros cheios de ouro e pedras preciosas para o seu filho mais novo. Eram enviados pelos três reis que venceram os inimigos com a espada do príncipe e alimentaram os seus povos com o seu pão, e queriam mostrar a sua gratidão.
Então o velho rei pensou: "Será que meu filho era inocente?" E ele disse aos seus homens: — Se ele ainda estivesse vivo! Como eu me arrependo de ter mandado matá-lo.
— Ele ainda vive — disse o caçador —, eu não pude forçar-me a cumprir a ordem do rei.

E ele contou ao rei o que tinha acontecido. Então foi como se a pedra rolasse do coração do rei, e ele mandou anunciar por todos os reinos que o seu filho podia voltar e seria recebido de braços abertos.
A princesa, porém, mandara abrir, na frente do seu castelo, uma rua toda calçada de ouro *faiscante** e dissera aos seus homens que aquele que viesse cavalgando pelo meio dessa rua, direto para ela, seria o verdadeiro esperado, a quem deviam deixar entrar. Mas quem viesse pelo lado dessa rua não seria o verdadeiro e não poderia entrar.
Quando o prazo decorreu e chegou a hora certa, o mais velho dos filhos do rei resolveu apressar-se e apresentar-se à princesa como o seu noivo, para então recebê-la por esposa e o seu reino também. Então saiu galopando e quando chegou e viu a bela rua de ouro, pensou: "Seria uma pena pisoteá-la com os cascos do cavalo"; desviou-se para a direita e passou ao lado da pista. Mas, quando chegou ao portão, os guardas lhe disseram que ele não era o homem certo e que fosse embora. Pouco depois, o segundo príncipe partiu por sua vez e, quando chegou à rua de ouro e o cavalo pôs uma pata sobre ela, ele pensou: "Seria uma pena, o cavalo poderia estragar alguma coisa", desviou-o para a esquerda e passou ao largo da pista. Mas, quando chegou ao portão, os guardas disseram que ele não era o homem certo e mandaram-no embora.
Quando o ano terminou, o terceiro filho quis sair da floresta e cavalgar até a sua amada, para esquecer sua tristeza ao seu lado. Então partiu e, com o pensamento sempre nela e a vontade de já estar ali, ele nem viu a rua de ouro e o seu cavalo passou bem no meio da pista. E, quando chegou ao portão, este se abriu e a princesa o recebeu cheia de alegria e disse que ele era o seu libertador e o senhor de todo o reino.
Então o casamento foi celebrado com grande *júbilo**. E quando a festa acabou, ela contou-lhe que seu pai o convidava a voltar e que o tinha perdoado.
Aí ele voltou ao pai e contou-lhe tudo: como seus irmãos o haviam enganado e ele se calara sobre tudo o que acontecera.
O velho rei queria castigá-los, mas eles já tinham fugido para o mar e embarcado num navio para nunca mais voltar.
(*Os contos de Grimm*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 225-231.)

***aflição:** preocupação, angústia.

***arrogante:** insolente, atrevido, orgulhoso.

***confabular:** conversar, falar, trocar ideias.

***encantado:** enfeitiçado.

***enfermo:** doente.

***faiscante:** brilhante.

***fatigado**: cansado, esgotado.

***fauce**: goela, garganta.

***garganta**: desfiladeiro, passagem estreita.

***homúnculo**: pequeno homem.

***irado:** enraivecido, bravo.

***júbilo**: grande alegria.

Os contos maravilhosos geralmente apresentam um herói ou uma heroína e um vilão ou uma vilã. No conto "A água da vida", quem é o herói? E o vilão ou os vilões?

Questão 233

Leia esta fábula:

O leão, o asno e a raposa

O leão, o asno e a raposa tinham caçado juntos e feito uma boa provisão. O leão deu ordem para dividi-la e o asno assim o fez. Dividiu tudo em três partes iguais e pediu ao leão para escolher a sua. Furioso, o leão saltou em cima do asno e o devorou. Depois, pediu à raposa para fazer a divisão. Ela juntou tudo e deixou só alguns pedaços para si.

— Agora é a sua vez — disse para o leão.

Este lhe perguntou quem lhe ensinara a dividir assim.

— O triste destino do asno — respondeu a raposa.

A infelicidade de uns é fonte de sabedoria para outros.

(Esopo. *Fábulas de Esopo*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 75.)

As fábulas apresentam geralmente uma cena vivida por animais, plantas ou objetos que falam e agem como se fossem pessoas. Na fábula "O leão, o asno e a raposa", os fatos são vividos por três espécies de animais.

a) Que fato indica que eles viviam em harmonia?

b) Por que o asno repartiu o produto da caçada em três partes iguais?

c) Como a raposa salvou sua vida?

Questão 234

Leia a conclusão de um artigo sobre a procura da felicidade.

Felicidade não é um fim em si, e sim uma consequência do jeito que você leva a vida. As pessoas que procuram receitas e respostas complicadas para ela acabam perdendo de vista os pequenos prazeres e alegrias. É o dia a dia de uma pessoa e a maneira como ela reage às situações mais banais que definem seu nível de felicidade. Ou, para resumir tudo: um jeito garantido de ser feliz é se preocupando menos em ser feliz.

(AXT, Bárbara. *A busca da felicidade*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-busca-da-felicidade/>.

Acesso em: 5 ago. 2018.)

Observe como o fragmento está organizado e responda:

a) Que expressão presente abrevia uma série de informações ditas anteriormente?

b) Que outra expressão de mesmo sentido pode substituí-la?

Questão 235

Leia o poema de Vinicius de Moraes:

A porta

Eu sou feita de madeira
Madeira, matéria morta
Mas não há coisa no mundo
Mais viva do que uma porta.

Eu abro devagarinho
Pra passar o menininho
Eu abro bem com cuidado
Pra passar o namorado
Eu abro bem prazenteira
Pra passar a cozinheira
Eu abro de supetão
Pra passar o capitão.
Só não abro pra essa gente
Que diz (a mim bem me importa...)

Que se uma pessoa é burra
É burra como uma porta.

Eu sou muito inteligente!
Eu fecho a frente da casa
Fecho a frente do quartel
Fecho tudo nesse mundo
Só vivo aberta no céu!
MORAES, Vinicius. In: A Arca de Noé. Disponível em: <www.viniciosdemoraes.com.br/pt-br/poesia/livros/arca-de-noe>. Acesso em: 4 ago. 2015.

Sobre a rima neste poema, é correto afirmar:
(b) todas as palavras rimadas são paroxítonas e têm mais de uma sílaba.
(d) a maioria das palavras rimadas é paroxítona, e há dois versos em que palavras trissílabas oxítonas rimam.
(a) a maioria das palavras rimadas é oxítona, e há um verso com monossílabo tônico que não rima com nenhuma palavra.
(c) todas as palavras paroxítonas rimam no poema, com exceção do último verso.

Questão 236

Leia a tira a seguir, de Bill Watterson, criador da personagem Calvin.

Quais dessas palavras paroxítonas têm acento gráfico?

Questão 237

O trecho abaixo é parte de uma crônica intitulada “Como se conjuga um empresário”, do cartunista e escritor cearense Mino.
Acordou. Levantou-se. Aprontou-se. Lavou-se. Barbeou-se. Enxugou-se.
Perfumou-se. Lanchou. Escovou. Abraçou. Beijou. Saiu. Entrou. [...]
MINO. Como se conjuga um empresário. Disponível em: <docslide.com.br/documents/como-se-conjuga-um-empresario.html>. Acesso em: 13 ago. 2018.

Essa sequência de ações parece expressar:
(c) fatos surpreendentes.
(b) um dia incomum.
(a) fatos inesperados.
(d) ações rotineiras.

Questão 238

Leia o anúncio publicitário abaixo e responda a questão.

Como indicação de que esse festival ocorre com certa frequência, um algarismo acompanha seu título.
(b) Escreva o numeral correspondente ao algarismo. Trata-se de um numeral cardinal ou ordinal?
(a) Qual é esse algarismo?

Questão 239

Há, a seguir, pares de palavras. Reescreva, acentuando corretamente, apenas as paroxítonas que devem ser acentuadas.
a) saci — taxi
b) urubus — Venus
c) nuvem — hifen
d) orfãs — irmãs
e) carater — temer
f) futil — sutil

Questão 240

Há substantivos que possuem gêneros diferentes para significados diferentes. Escreva o significado do substantivo em destaque dos conjuntos de frases a seguir.
a) Marcos Paulo considera-se **o cabeça** do grupo de estudo.
Parece que aquele garoto tem **uma cabeça** muito grande.

b) Os adolescentes ouvem muito **a rádio** jovem.
Muitas pessoas gostariam de adquirir **aquele rádio** antigo.

Questão 241

Leia um trecho do conto "Conto ou não conto?", de Abel Sidney.
[...] E minha tia, com muito cuidado, voltou a tratar do assunto.
— Eu preciso contar uma coisa pra vocês... Minha avó, quando eu era pequena, me ensinou uma coisa que nunca mais me esqueci. E hoje, ouvindo uma notícia no rádio, lembrei-me dela. _____ dizia que nós temos uma boca e dois ouvidos; por isso, nós temos que mais ouvir do que falar. E mais: nem tudo o que ouvimos, devemos passar adiante, pois quem conta um conto, aumenta um ponto. E se o que se conta é um segredo, pior ainda. Por isso, nessas horas em que a nossa língua coça, o melhor é lembrar que boca fechada não entra mosquito...
E contou também histórias de outras gentes: mexeriqueiros, dedos-duros, fofoqueiros, enfim, _____...
[...] Só no dia seguinte, quando minha prima decidiu contar para mim outro dos seus segredos, foi que eu tomei coragem de me sentar ao seu lado, bem quietinha. Disse ela:
— Sabe, o outro segredo é mais sério que o primeiro...
E fez suspense — disse, repentinamente, que estava com sede e foi buscar água na cozinha, para ouvir a conversa de minha mãe com as outras pessoas. E por acaso eu estava ontem, tranquilamente sentada no meu cantinho secreto, quando alguém chegou para conversar com ela. Como esta pessoa é minha conhecida (e eu gosto muito _____), não posso contar o que aconteceu por lá... [...]
(SIDNEY, Abel. *Conto ou não conto?*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000337.pdf>.

Acesso em: 1º ago. 2018.)

Observe novamente este trecho e responda às questões a seguir.
[...] Só no dia seguinte, quando minha prima decidiu contar para mim outro dos seus segredos, foi que eu tomei coragem de me sentar ao seu lado, bem quietinha. Disse ela:
— Sabe, o outro segredo é mais sério que o primeiro...
(SIDNEY, Abel. *Conto ou não conto?*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000337.pdf>.

Acesso em: 1º ago. 2018.)

a) A fala da prima está no discurso direto ou indireto?
b) Reescreva a frase da personagem utilizando outro sinal de pontuação que mantenha o texto nesse tipo de discurso que você identificou.
c) Qual verbo introduz essa fala? Qual é a intenção expressa por seu uso?

Questão 242

No texto a seguir, faltam conjunções para unir algumas orações. Escolha as conjunções ou locuções conjuntivas no quadro para completar as lacunas.
porque – embora – quando – de modo que – como – ou – que – e – mas
Atenção: As conjunções do quadro podem ser usadas mais de uma vez no texto.
Pedro gostava de brincar com bolhas de sabão. _____ já fosse um rapazinho, ele não dispensava algumas brincadeiras do tempo de criança.
Ao fazer as bolhas de sabão, ele pegava um canudinho, um copo e um pouco de detergente. Primeiro punha um pouco de água no copo,_____ acrescentava o detergente. Soprava com o canudinho, _____ as bolhas se formavam _____ lá iam pelos ares_____ borboletas esvoaçando._____ Pedro brincava assim, ele se esquecia do mundo_____ as bolhas

criavam um mundo novo, refletindo as árvores, o céu, as flores..._____ , em um abrir e fechar de olhos, elas desmanchavam levemente no ar,_____ se espatifavam ao tocar em algo.
Pedro imaginava _____ as bolhas eram pequenos espelhos móveis refletindo pedacinhos da paisagem. Era tão bonito de se ver! Parecia mesmo mágica de um artista genial.

Questão 243

Leia esta tira, de Adão Iturrusgarai:

a) No último quadrinho da tira, que efeito de sentido produz o numeral empregado?
b) O que significam as abreviaturas **km/h** e **km/s**?
c) Ordene os elementos referidos nos quadrinhos de acordo com sua velocidade, da maior para a menor. Escreva por extenso as palavras correspondentes à classificação.
d) Escreva por extenso os numerais correspondentes às velocidades indicadas nos quadrinhos, com exceção do último.
e) Considerando-se a sequência **mil**, **milhão**, **bilhão**, **trilhão**, **quatrilhão**, **quintilhão** e **sextilhão**, como se diz o numeral do último quadrinho?

Questão 244

Leia o texto a seguir e responda à questão.

Na parte inferior do ingresso, aparecem o nome e o logotipo (o símbolo) dos patrocinadores do Palácio de Cristal, que são a Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis e a Prefeitura de Petrópolis. Qual o objetivo desses órgãos ao patrocinar e incentivar a visitação ao palácio?
(b) Incentivar o turismo no exterior.
(c) Promover a cidade de Petrópolis no exterior.
(a) Promover o patrimônio cultural da cidade e incentivar o turismo.
(d) Promover o Palácio de Cristal somente para os demais Estados brasileiros.

Questão 245

As explicações científicas
Vimos que o mito é uma forma muito antiga de explicação da realidade. Mas não é a _____. Para explicar os fenômenos naturais e sua própria existência, os seres humanos também se valem da Ciência.
Ao contrário dos mitos, que utilizam histórias **simbólicas** para responder às questões fundamentais da humanidade, as explicações científicas são baseadas em dados concretos, métodos rigorosos e argumentos lógicos.
Os arqueólogos e os historiadores utilizam vestígios e indícios (dados concretos) e mé- todos próprios para conhecer o passado, e por isso são considerados cientistas.
O aperfeiçoamento da Ciência não fez a mitologia perder sua importância. Enquanto as pesquisas científicas oferecem a cada dia novas descobertas e teorias, os mitos continuam a oferecer explicações baseadas na crença em forças superiores ao homem e que podem revelar muito a respeito do povo que os criou.
Vocabulário
Simbólico: elemento descritivo ou narrativo que pode assumir mais de um significado; aquele que permite fazer mais de uma leitura e interpretação.
Sublinhe as palavras-chave de cada parágrafo e anote-as no caderno.

Questão 246

“Sorria: você está sendo filmado”

> *Você já percebeu que, em qualquer lugar aonde vamos, estamos sendo filmados? E já pensou que os filmes em que aparecemos podem ser postados na Internet ou ir parar na televisão? Será que não temos mais o direito à privacidade??*

Leia o texto a seguir, de Pedro Doria, e responda à questão proposta.

Mulher do cocô de cachorro

No dia 6 de junho último, uma jovem sul-coreana pegou o metrô em Seul acompanhada de seu cachorro. O bicho fez cocô no chão. Os passageiros ao lado pediram que tivesse a delicadeza de limpar – ela se recusou. Um rapaz, com celular de câmera, registrou o incidente. A moça levantou, deixou o vagão, foi-se embora; um senhor se ajoelhou, recolheu os restos num saco e jogou no lixo.

Neuroses da vida urbana. A diferença é que as fotografias foram para a internet e se espalharam pelos blogs de lá. Culturalmente, a Coreia do Sul é um país um bocado rígido. Não chega à intolerância de Cingapura, onde ponta de cigarro no chão pode disparar perseguição policial, mas ordem pública é coisa levada muito a sério.

Com as fotos na rede sendo distribuí- das à velocidade de vírus, um movimento de identificação da moça teve início. Ela ganhou o apelido de "gae-ttong-nyue", mulher do cocô de cachorro. E um movimento de repulsa igualmente forte veio à tona, primeiro na blogosfera, depois nas páginas da imprensa sul-coreana e, então, no "The Washington Post"*.

Ela foi identificada – num país onde quase todo mundo acessa a internet e se informa por ela, não é difícil. Na fotografia estavam não apenas seu rosto como também a bolsa grande que costuma usar, o focinho do cachorro e um relógio particularmente chamativo. Apontada na rua, localizada na universidade, trancou matrícula, enfurnou-se em casa. Em qualquer sociedade é normal se preocupar com o que pensam os outros; nas do Oriente extremo, o peso é soberbo*.

Mas é uma caça às bruxas. Por conta de um deslize, talvez um dia de mau humor ou um segundo de egoísmo, repentinamente vem a execração* pública. É mais ou menos o mesmo processo que dá início aos linchamentos. De fato, a moça do cocô de cachorro foi punida. Mas seu deslize estará a um Google de distância para qualquer um, daqui a dez ou 20 anos, que lance seu nome no mecanismo de busca. Talvez um namorado potencial, um futuro chefe. [...]

Essa é uma das características possíveis de um mundo onde todos são jornalistas em potencial. O abuso. [...] o acesso a coisas como câmeras de celular, publicação e distribuição instantânea de informação carregam consigo seus perigos.

No fim, a história da "gae-ttong-nyue" é só mais uma história típica da rede, esta fantástica construção tecnológica. Através dela, abusos em cantos como Iraque são denunciados, mentiras de políticos reveladas, amizades feitas. Amores se descobrem. E linchamentos morais ocorrem. Não há legislação para a web e, mesmo que houvesse, provavelmente não teria chance de ser eficaz. Na rede, a exacerbação* das características humanas é às vezes insuportável.

(*Folha de S. Paulo,* 28/8/2005. Revista da Folha.)

*exacerbação: exagero

*execração: ódio profundo, maldição, praga

*soberbo: em posição de destaque, grandioso

**The Washington Post*: jornal americano

O autor conclui o texto com a frase: "Na rede, a exacerbação das características humanas é às vezes insuportável".

a) Na repercussão pela Internet do fato ocorrido, houve exacerbação de qual característica humana?

b) Você acha justa a punição sofrida pela moça? Por quê?

Questão 247

Leia o texto a seguir e responda à questão.

Alunos se empolgam com o uso do tablet na escola

Há mais de dois mil anos, pessoas usavam lápis feito de bambu para aprender a escrever sobre uma placa de argila mole.

Hoje, a novidade que chega às escolas tem o mesmo formato de placa, ou melhor, de tablete. Mas agora pode-se escrever com o dedo, já que possui tela sensível ao toque. É preciso dizer o que é?!

> Desde 2010, os tablets ganham espaço nas salas de aula, ao lado de livros e cadernos. Em algumas escolas, começaram a fazer parte da lista de materiais obrigatórios. [...]

(*Folha de S. Paulo,* 29/9/2012. Folhinha.)

De acordo com o texto, os *tablets* começaram a ser usados como material didático em algumas escolas. No texto, eles são comparados com:

(a) o dedo, que sempre foi utilizado para escrever.
(c) outros materiais escolares usados na escola.
(d) o bambu, que foi muito usado nas escolas há mais de dois mil anos.
(b) as placas de argila, usadas há mais de dois mil anos.

Questão 248

Leia os dois textos a seguir.

Texto 1

> Um dia descobri que minha mãe trabalhava numa revista. Revistas, para mim, eram as da Turma da Mônica, que eu folheava avidamente, desde muito antes de aprender a ler. Minha mãe me explicou que a dela era diferente, uma revista para gente grande, mas que era feita no mesmo prédio que as da Mônica. Animado, imaginei pilhas de Cascão, Cebolinha, Mônica e Magali de graça. Pedi que me trouxesse algumas no dia seguinte. Não dava, ela me explicou. Infelizmente, não era dona da editora, apenas empregada.
>
> Que revelação! Imaginei-a fazendo almoço e café numa enorme cozinha. Vislumbrei seu quarto, no fundo de um quintal. Teria ela, também, uma TV preto e branco? Pintaria as unhas, sentada na cama, de bobes na cabeça, cantarolando músicas da novela? Como seria sua vida, depois que saía de casa na Brasília branca e ia ser "a moça que trabalha lá na editora"? Que empresa incrível devia ser aquela, que se dava ao luxo de ter minha mãe como empregada.
>
> [...]

(Antonio Prata. *Nu, de botas!.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.14.)

Texto 2?

A quem interessar possa?

> Abriu a janela no exato momento em que a garrafa com a mensagem passava, levada pelo vento. Pegou-a pelo gargalo e, sem tirar a rolha, examinou-a cuidadosamente. Não tinha endereço, não tinha remetente.
>
> Certamente, pensou, não era para ele. Então, com toda delicadeza, devolveu-a ao vento.
>
> (Marina Colasanti. *Fragatas para terras distantes.* Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 217.)

Do que resulta o humor presente no texto 1?

Questão 249

Leia esta anedota:

Um mineiro estava sossegado, sentado em frente à televisão, quando passa um compadre na janela e pergunta:

— Firme, cumpade?

E o outro responde:

— Não, é novela mermo!!!

(Da tradição popular.)

A anedota é um gênero textual que tem a finalidade de criar humor, divertir. A anedota lida retrata uma situação ficcional vivida por dois mineiros. O humor nasce da ambiguidade (duplo sentido) observada no diálogo entre eles.

a) Que palavra é responsável pela ambiguidade na anedota?

b) O que o compadre queria saber quando disse ao outro "— Firme, cumpade?"
c) Pela resposta, como o mineiro que assistia à televisão entendeu a pergunta do amigo?

Questão 250

Há palavras que devem ser colocadas em classes diferentes, dependendo do contexto em que apareçam. Por exemplo:
O apartamento do meu amigo fica no décimo **andar** do prédio.
Nessa frase, a palavra **andar** é substantivo, sinônimo de "pavimento".
O garotinho começou a **andar** com 11 meses.
Aqui, **andar** é verbo, sinônimo de "caminhar".
Andar (substantivo) e **andar** (verbo) são pronunciadas da mesma maneira, mas têm significados diferentes. Por isso, são chamadas de palavras homônimas (homo = igual + onom[a] = nome). Agora, leia o texto "O amigo", de Mário Quintana:
Amigo é a criatura que escuta todas as nossas coisas sem aquela cara que parece estar dizendo: — E eu com isso?
QUINTANA, Mário. O amigo. In: Sapo amarelo. 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 37.

a) No texto, a palavra "amigo" é substantivo. Justifique essa afirmação.
b) Crie uma frase em que a palavra "amigo" seja adjetivo em qualquer gênero ou número.

Questão 251

(*Ozzy. Família? Pra que serve isso?* São Paulo: Cia. das Letras, 2006. p. 18.)

A mãe de Ozzy deixa por escrito uma série de recomendações ao filho. Por essas recomendações, como você acha que Ozzy é?

Questão 252

Você provavelmente conhece o Menino Maluquinho, personagem de Ziraldo. De tão maluco que ele é, usa uma panela na cabeça. Leia a história em quadrinhos a seguir, na qual ele é a personagem principal.

Reconte em linguagem verbal a história lida.
Siga as instruções:
• Escreva um parágrafo, situando as personagens no tempo e no espaço.
• Caracterize as personagens empregando adjetivos para descrever seus gestos e ações: esperto, astuto, entusiasmado, irônico, simpático, alegre, etc.
• Empregue o travessão antes das falas das personagens.
• Dê ao texto um título que represente uma síntese da sua interpretação da história.

Questão 253

Na mesma notícia a que nos referimos na questão anterior, há o depoimento de um cientista. Leia-o a seguir.
"Os fósseis da região, da formação de São José do Rio Preto, são bem resistentes. A rocha se desfaz, mas o fóssil se mantém preservado. Por isso Romildo teve a sorte de achar o objeto", comenta o paleontólogo.

Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/morador-encontra-osso-de-tiranossauro-emestrada-mais-facil-ganhar-na-mega-sena.ghtml>.
Acesso em: 26 set. 2018.

Transcreva do texto o que se pede:
a) um fato.
b) uma opinião.

Questão 254

Salvador Dalí vendeu falso fio de bigode a Yoko Ono por US$ 10 mil
'A idiota pagou', diz ex-cantora Amanda Lear, que era amante do pintor.
Segundo ela, artista 'gostava de enganar as pessoas'.

O pintor espanhol Salvador Dalí (1904-1989) vendeu por US$ 10 mil dólares um falso fio de seu bigode a Yoko Ono, viúva de John Lennon, afirma a ex-cantora Amanda Lear, amante do artista na época, em uma entrevista à revista *VSD* publicada nesta quinta-feira.
Dalí jamais conseguiu resistir à atração pelo dinheiro, afirmou Amanda Lear. “Inclusive, um dia vendeu um fio de seu bigode a Yoko Ono”, contou Lear. Dalí achava que Yoko Ono “era uma bruxa e temia que ela o enfeitiçasse. Ele me mandou ao jardim pegar uma erva seca e a colocou em um lindo cofre”, explicou Lear. “A idiota pagou 10 mil dólares. Dalí gostava de enganar as pessoas”, afirmou Lear, que virou amante do pintor em 1965, quando ele tinha 61 anos e ela 18. “Ele era meu professor de arte, meu pai, meu amante”, comentou ainda.
Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/11/dali-vendeu-por-us-10-mil-a-yoko-ono-um-falso-fio-de-seu-bigode.html>.

Acesso em 28 jan. 2015.

na frase “ele me mandou ao jardim pegar uma erva seca”, o pronome pessoal “me” refere-se:

(a) a Yoko ono.
(c) a salvador dalí.
(d) a uma bruxa.
(b) a Amanda Lear.

Questão 255

Leia o texto a seguir e responda à questão.

Prefeitura de São Paulo

(*Folha de S. Paulo*, 27/1/2010.)

A finalidade do texto é:
(a) conscientizar as pessoas sobre os problemas da cidade e alertá-las contra doenças.
(c) conscientizar as pessoas de que todo tipo de lixo, de pequeno ou grande porte, traz prejuízos à saúde da população
(b) conscientizar as pessoas sobre a importância de não jogar lixo nas ruas e, consequentemente, evitar doenças e prejuízos para a cidade.
(d) conscientizar as pessoas de que somente o lixo de pequeno porte pode ser jogado nas ruas.

Questão 256

Leia este texto:

Seu corpo é uma máquina extremamente complexa e regulada com precisão. É necessário um bocado de atenção para que ele funcione sem problemas 24 horas por dia, 365 dias por ano, durante cerca de 70 anos (normalmente) sem parar! Dois terços do corpo são compostos de água. Esta é eliminada (alguns copos por dia) pelo suor e por idas ao banheiro, precisando ser reposta regularmente. Na realidade, é possível sobreviver sem comida por semanas, mas sem água você duraria apenas alguns dias. A água também colabora para que você tenha um aspecto saudável e é extremamente benéfica para o organismo, pois em sua passagem pelo corpo ela carrega todos os venenos (toxinas) consigo, que são eliminados com a água pelo suor e pela urina. Procure beber diversos copos de água por dia.
(Samanta Rugen. *Coisas que toda garota deve saber*. São Paulo: Melhoramentos, 2005. p. 8.)

Quais são os benefícios da água, segundo o texto?

Questão 257

Leia este quadrinho, de Angeli:

Ozzy, personagem de Angeli, é um menino que odeia tomar banho e se arrumar. Observe o quarto da personagem. Ozzy cuida da arrumação do seu quarto?

Questão 258

Disponível em: <http://consultoriodasletras.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html>.Acesso em: 25 mar. 2016.

No aviso apresentado, o verbo de ligação "ser" está subentendido na expressão "É proibido". A regra de concordância para esse caso justifica-se porque
(b) "entrada" é palavra feminina precedida de artigo que a especifica.
(c) "entrada" é predicativo e, portanto, concorda com o verbo oculto "ser".
(d) "entrada" é palavra feminina tomada em seu sentido genérico.
(a) "entrada" é adjetivo e concorda com o substantivo "permanência".

Questão 259

Leia este cartum, de Rafael Koff:

O cartum retrata um diálogo entre duas pessoas.
(a) Qual é a situação retratada?
(b) Qual é o objetivo desse diálogo?

Questão 260

Texto I:
O sapo e a borboleta
Sabia que sou mais bonita?
A borboleta disse ainda ao sapo:
Pobre batráquio asqueroso,
O que você é me causa nojo!
E o sapo, com toda calma do mundo,
Assim respondeu à borboleta:
Bonita é minha natureza anfíbia,
O que, também, me protege mais,
Rios e solo me dão guarida,
Brejos e até mesmo matagais!
O que você faz para se defender?
Livre, viajo sobre todos os animais!
E, num segundo, o sapo projetou
Tamanha língua no espaço,
Acabando, assim, com o embaraço!
(Pedro Lavirod)

O texto **I** é baseado em um diálogo entre a borboleta e o sapo. Que sinais de pontuação foram utilizados para estabelecer essa interlocução?

Questão 261

(O Brasil de Pierre Verger. Rio de Janeiro: Fundação Pierre Verger, 2006. p. 114.)

Em que momento do dia a foto foi tirada? Justifique sua resposta com elementos do texto.

Questão 262

Leia o texto a seguir, de Elias José, e responda à questão proposta.

O bilhete do amor

> Logo que colocou os objetos embaixo da carteira, Pitu encontrou o bilhete. Leu, ficou vermelho, colocou no bolso, não mostrou pra ninguém. De vez em quando, mordia-lhe uma curiosidade grande, uma vontade de reler pra ter certeza. Era uma revelação que ele não estava esperando. Não podia dizer que estivesse achando ruim, pelo contrário... Ele estava com vontade de olhar pra trás, para as últimas carteiras e procurar uma resposta com o olhar. Era um tímido e não se encorajava. A

professora explicava num mapa as regiões do Brasil e ele viajava num rumo diferente. Ainda bem que ela não estava olhando pra ele, nem fazendo perguntas, só estava expondo a matéria. Na hora da verificação, acabaria saindo-se mal. Não gostava de ignorar as coisas perguntadas. [...] Estava meio perdido nos pensamentos confusos. O bilhete queimando no bolso. Uma vontade de relê- lo, palavra por palavra. Interessante, não era um bilhete bem-escrito, tinha até erro de Português – por que a curiosidade? Só ele sabia dele, não foi como no dia do correio elegante, pai, mãe e seu Francisco do armazém querendo saber, dando palpites. Agora, tinha um bilhete e era diferente. Tinha um bilhete que trazia uma declaração de amor e uma assinatura. Trazia mais: trazia um convite para um bate-papo na praça, às duas horas, se ele quisesse namorar de verdade. Marina era bonitinha, ele queria. Falta-lhe jeito de dizer, tinha que escrever um bilhete respondendo, era mais fácil. No intervalo, escreveu o bilhete, fechado no banheiro. Quando ela chegou, a resposta a esperava na carteira. Quase no fim da aula, ele criou força e olhou pra trás. Marina sorria, confirmando. Ele sorria também. Diversas vezes ele olhou pra trás e a encontrou olhando. Trocaram sorrisos e olhares. Os dois estavam vivendo uma ternura primeira e não sabiam escondê-la mais. Tanto assim que a professora pediu que ele virasse pra frente, observasse o que ela estava pedindo pra pesquisa do fim de semana. Naquele fim de semana, ele iria pesquisar alguma coisa nova que não tinha experimentado, como alguns outros de sua idade e turma.
(In: *Histórias de amor*. Para gostar de ler. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004. v. 22, p. 209-11.)

A história se passa em quanto tempo? Justifique a sua resposta com um trecho do texto.

Questão 263

Leia esta tira, de Mauricio de Sousa:

Cebolinha associa os nomes à ideia de maior e menor e de mais velho e mais novo.
a) Como ele estabelece essas relações?
b) No último quadrinho, ele pergunta o que é maior que Cebolão. A quem ele pretende atribuir esse nome?
c) Você teria alguma sugestão do nome a ser dado para o que é maior que Cebolão?
d) Cebolinha queria saber como era o nome do bisavô. Mas não se preocupou em saber como deveria chamar futuramente o próprio filho. Mantendo a lógica seguida por Cebolinha, como você acha que se chamaria o filho dele?

Questão 264

Texto I
Emergência
Mário Quintana

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
– para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado

Texto II
Moda da Menina
Trombuda Cecília Meireles

É a moda
da menina muda
da menina trombuda

que muda de modos
e dá medo.
(A menina mimada!)
É a moda
da menina muda
que muda
de modos
e já não é trombuda
(A menina amada!)

Texto III

Cantiguinha de Verão

Mário Quintana

Anda a roda
Desanda a roda
E olha a lua a lua a lua!
Cada rua tem a sua roda
E cada roda tem a sua lua
No meio da rua
Desanda a roda: Oh,
Ficou a lua
Olhando em roda...
Triste de ser uma lua só!

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 38 e 56.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, p. 724.

No texto II – "Moda da Menina trombuda" –, Cecília Meireles brinca com os sons das palavras. Veja, por exemplo, o jogo que ela faz com as sílabas iniciadas por M: amada – menina – mimada – moda – muda. Entre essas brincadeiras estão os trocadilhos, ou jogos de palavras.

a) Quais os dois sentidos da palavra "moda" no texto?

b) E da palavra "muda"?

Questão 265

Troca de amores nos contos maravilhosos

Num bosque distante existia um castelo de cristal, e nele vivia uma princesa chamada Cinderela. Ela era tão má e desobediente, que deixava a madrasta enlouquecida. Além disso, ela vivia tentando roubar os namorados das irmãs.

Certo dia, o príncipe Peter convidou as irmãs de Cinderela para ir ao baile real em seu castelo.

No dia do baile, Cinderela trancou as irmãs no quarto, dentro do guarda-roupas, e foi ao baile. Ela usou o vestido e o par de sapatinhos de cristal da irmã mais velha. Os pés de Cinderela eram menores, e o par de sapatinhos ficou grande, mas ela foi ao baile mesmo assim.

[...]

(In: Beatriz M. Garcia, Bruno A. A. Judic e Ingrid M. J. da Silva. *O mundo encantado – VII antologia de contos maravilhosos*. Taubaté-SP: Colégio Idesa, 2012. p. 122.)

Você notou como nesse texto a história de Cinderela é diferente da original? A ideia presente nas propostas a seguir também é essa, ou seja, brincar com a tradição dos contos maravilhosos. Para isso, você deverá modificar as histórias, adaptando-as para os dias de hoje, misturando personagens de histórias diferentes, e assim por diante. Enfim, a ideia é você se divertir reinventando os contos maravilhosos.

Você já imaginou como seria a história *A Bela Adormecida* se a moça sofresse de insônia? Ou se em *Chapeuzinho Vermelho* o lobo fosse vegetariano? Ou se em *Branca de Neve* a moça odiasse maçãs? A exemplo do conto "O patinho bonito", escolha um conto maravilhoso e recrie-o, fazendo as alterações que quiser. Você poderá, por exemplo, inverter as características de uma personagem ou adaptar a história aos dias de hoje.

Questão 266

Leia esta fábula chinesa:

A conclusão do príncipe de Wu

O príncipe de Wu anunciou que iria invadir Chu e *ameaçou matar quem fosse contra seus planos*.
Uma tarde, andando por uma estrada, viu Wang Zhenmao contar uma história. Nessa história, havia uma cigarra, numa árvore, bebendo o orvalho da manhã, sem perceber que atrás dela um louva-deus aproximava-se para agarrá-la. O louva-deus, pronto para pegar a cigarra, ignorava que atrás dele acabava de pousar um pardal, querendo levá-lo de almoço para seus filhotes. O pardal, alongando o pescoço e abrindo o bico, não sabia que mais embaixo um menino mirava sua cabeça com um estilingue, a fim de matá-lo.
O príncipe de Wu pensou durante algum tempo e decidiu suspender o ataque contra Chu.
(Liu Xiang. Fábulas chinesas. Tradução de Sérgio Capparelli e Márcia Schmaltz. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 14.)

No trecho "*ameaçou matar quem fosse contra seus planos*", que sentido a palavra seus acrescenta à palavra **planos**?

Questão 267

Saber ler, nos dias atuais

Como se relaciona a questão da leitura com o analfabetismo? Segundo definição da Unesco, analfabetos "absolutos" são pessoas incapazes de "ler e escrever um texto simples e breve sobre fatos de sua vida cotidiana". Essas pessoas atingem um número em torno de 960 milhões em todo o mundo. Mas há também o que se convencionou chamar de "analfabetos funcionais". São aquelas pessoas que, ao deixarem a escola, perderam o convívio com a leitura e a escrita e, embora tenham aprendido a ler e a escrever, com o tempo foram-se tornando incapazes de fazê-lo. Se acrescentássemos o número de analfabetos funcionais ao de analfabetos absolutos, o analfabetismo mundial ultrapassaria a cifra de um bilhão de adultos, sendo a maioria mulheres.
Um estudo recente sobre o analfabetismo funcional revelou que, nos Estados Unidos, "um em cada oito adultos não era capaz de ler" e, no Reino Unido, entre jovens de 23 anos, "13% tinham dificuldade de ler, escrever e contar". Índices equivalentes foram encontrados na França, Canadá e outros países industrializados. Esses números confirmam que, tão importante quanto investir no processo de aprendizado da leitura, é investir num trabalho de pós-alfabetização, um trabalho capaz de inserir o aluno na corrente da comunicação escrita, levá-lo a tornar-se um usuário permanente dessa modalidade da língua, lendo e escrevendo.
Os países que conseguiram sucesso na erradicação do analfabetismo, para consolidar esse sucesso, fizeram investimentos maciços em medidas capazes de dar aos recém-alfabetizados a possibilidade de se tornarem, realmente, leitores. Cuba, por exemplo, que em alguns meses passou o índice de analfabetos de 23,6 para 3,9% e atualmente o mantém próximo de zero, após a Campanha Nacional de Alfabetização, de 1961, não mediu esforços para popularizar a leitura [...]
[...]
Quando pegamos um livro para ler, um romance ou mesmo um ensaio, ou até mesmo um jornal ou revista, o que nos move é muito mais a experiência e o prazer que essa leitura nos proporciona, do que simplesmente a busca de informação. Ao diferenciar informação e experiência, o pesquisador americano [Frank Smith] nos mostra como a leitura, enquanto oportunidade de enriquecimento e acumulação de experiências, se torna primordial na formação do ser humano: "O que é experiência? Não pode ser medida e não é facilmente definida. Talvez nem precise de definições. A experiência é sinônimo de estar vivo, criando e explorando, interagindo com mundos – reais, possíveis e inventados. Não existe necessidade de se 'explicar' a tensão contínua entre a procura de possibilidades e a redução da incerteza. É uma condição essencial para ser-se humano e se estar vivo. A leitura é uma experiência. Ler sobre uma tempestade não é o mesmo que estar em uma tempestade, mas ambos são experiências. Respondemos emocionalmente a ambos e podemos aprender com ambos. Mas o aprendizado, em cada caso, é um derivado da experiência.

Não vivemos para adquirir informação, mas a informação, assim como conhecimento, sabedoria, habilidades, atitudes e satisfações, vem com a experiência de estar vivo".
?
(Luzia de Maria. Leitura & colheita – *Livros, leitura e formação de leitores.* Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17-8 e 23-4)

Segundo o texto, não basta alfabetizar as pessoas. O que, então, é necessário para que a leitura e a escrita façam parte da vida de pessoas que foram alfabetizadas?

Questão 268

A história em quadrinhos a seguir mostra Gaturro, um gato apaixonado pela gatinha Ágatha. Leia-a e responda à questão proposta.

Observe que o último quadrinho é bem maior do que os outros. Que importância tem isso para a história?

Questão 269

Leia o anúncio publicitário abaixo e responda a questão.

Observe a parte verbal e as imagens do anúncio.
(a) Qual é a finalidade principal do anúncio?
(b) Você acha que o anúncio é dirigido às crianças ou aos pais? Por quê?

Questão 270

Os textos a seguir foram extraídos de cartazes referentes a campanhas de vacinação do Ministério da Saúde.
O primeiro cartaz traz a imagem de várias pessoas em uma disposição que lembra uma foto de um time de futebol. Compõem o "time": uma criança no colo da mãe, uma criança menor de 5 anos, pessoas com mais de 60 anos e representantes de gestantes, pessoas com necessidades especiais, profissionais da educação e da saúde, além de Pelé e da figura do Zé Gotinha.
O segundo cartaz traz um menino e uma menina em posição de destaque, como se fossem protagonistas de uma série de televisão ou filme.

Texto 1
ENTRE PARA O TIME DA SAÚDE
VACINE-SE CONTRA A GRIPE E FIQUE PROTEGIDO
Convocados:
• Pessoas com mais de 60 anos
• Doentes crônicos
• Gestantes
• Mães no pós-parto
• Crianças de 6 meses a menores de 5 anos
• Portadores de condições especiais
• Professores
• Profissionais de saúde
DE 23 DE ABRIL A 1º DE JUNHO
Procure uma unidade de saúde e leve a caderneta de vacinação
Saiba mais em saude.gov.br/vacinagripe
(Disponível em: http://portalms.saude.gov.br/campanhas/43001-campanha-nacional-de-vacinacaocontra-a-influenza-2018.

Acesso em: 2/7/2018.)

Texto 2
Não perca a nova temporada de
VACINAÇÃO CONTRA A MENINGITE C E O HPV
Proteja-se para as próximas aventuras.
Verifique a idade certa para tomar as vacinas e fique completamente protegido para maratonar em várias outras aventuras.

HPV: são necessárias 2 doses para a proteção.
Tomar a 2ª dose 6 meses após a primeira.
Essa temporada você não pode perder.
Procure uma unidade de saúde e vacine-se. Não se esqueça de levar a caderneta de vacinação.
Acesse saude.gov.br/vacinahpv e saiba mais.
(Disponível em: http://portalms.saude.gov.br/campanhas/42745-campanha-vacinacao-contrameningite-e-o-hpv-2018.

Acesso em: 2/7/2018.)

Com base nas partes verbal e não verbal dos cartazes, responda:
a) As campanhas se dirigem ao mesmo público-alvo? A quem elas se dirigem?
b) Cada cartaz foi elaborado com base em estratégias para atrair seu público. Quais foram elas?

Questão 271

Tempestade

? Menino, vem para dentro,
olha a chuva lá na serra,
olha como vem o vento!
? Ah! como a chuva é bonita
e como o vento é valente!
? Não sejas doido, menino,
esse vento te carrega,
essa chuva te derrete!
? Eu não sou feito de açúcar
para derreter na chuva.
Eu tenho força nas pernas
para lutar contra o vento!
E enquanto o vento soprava
e enquanto a chuva caía,
que nem um pinto molhado,
teimoso como ele só:
? Gosto de chuva com vento,
gosto de vento com chuva!
(Henriqueta Lisboa)

Observe que, para dar ritmo ao poema, foram feitas repetições expressivas de fonemas.

a) Quais fonemas foram mais repetidos?
b) Como são chamadas essas repetições expressivas de fonemas?

Questão 272

Um menino acaba de tomar um refrigerante e, não sabendo onde pôr a lata, joga-a pela janela do carro. Uma família deixa a praia, mas, no lugar onde estava, larga uma garrafa pet de refrigerante vazia, uma lata de cerveja amassada, um coco e um papel de sorvete. Será que essas ações são inofensivas para o meio ambiente?
Leia os textos a seguir. O primeiro é uma cena do filme *Midway*, dirigido por Cris Jordan, filmado nas Ilhas *Midway*, no oceano Pacífico; o segundo é parte de uma reportagem de uma revista brasileira. Depois responda à questão proposta.

Cenas do filme *Midway*

Veja o *trailer* do filme *Midway*, acessando o site: http://www.midwayfilm.com/

Texto I

Chris Jordan

(Veja *Sustentabilidade*, dez. 2011.)

Texto II

Em metade dos 5.565 municípios brasileiros os detritos são despejados nos chamados lixões – pontos clandestinos, ou quase, em que tudo é jogado e nada é tratado, ameaçando a saúde dos catadores e da população em geral com a contaminação do solo e dos cursos de água. Os estados de Alagoas, Rondônia e Roraima lideram esse ranking negativo: os lixões são o destino de mais de 90% dos seus detritos. Nesse cenário, a taxa de coleta seletiva é ínfima – só 18% dos municípios a praticam.

Segundo especialistas, se o problema do lixo já estivesse bem resolvido no Brasil, 10% da sua energia poderia ter como fonte o biogás, constituído basicamente por metano e dióxido de carbono liberados por detritos. Na contabilidade geral, somando-se inclusive o dinheiro usado por governos e prefeituras para cuidar de aterros que não geram energia, está-se jogando fora, por assim dizer, uma receita que pode alcançar 10 bilhões de reais. Pois é: além de fazer bem ao meio ambiente, à saúde e à paisagem, o tratamento adequado do lixo ajuda a economia. É o desafio de uma nova era.

Colaborou Andréa Licht

Fonte: *Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais* (Abrepe)

A cena do filme *Midway* retrata um albatroz morto.

a) Em que lugar a ave está?

b) Pelas características da ave, é possível deduzir que ela está morta há muito ou pouco tempo? Por quê?

c) Observe o corpo da ave. O que há dentro dela?

Questão 273

Observando que todas as palavras a seguir apresentam **me-**, **en-** ou ditongo antes do som "chê", complete-as com **x** ou **ch**, conforme for apropriado.

en___arcar	en___ovalhar	en___otar
en___ergar	trou___a	me___a
en___ente	en___er	quei___o
me___ilhão	me___erico	me___icano
en___erido	pai___ão	me___erica
rou___inol	en___ugar	en___erto
en___aqueca	me___er	

Questão 274

A natureza pede socorro

Existem listas e listas. Em lista de premiados, todo o mundo quer ter o nome; já em lista de quem ficou em recuperação, por exemplo, ninguém quer entrar. Uma das listas existentes é a dos animais em extinção. Nela estão os bichos que, por motivos diversos, correm o risco de desaparecer, como aconteceu com os dinossauros.

Tartaruga-de-pente, espécie classificada como em perigo na lista de animais ameaçados de extinção.

A longa lista dos condenados

A extinção de animais faz parte da evolução da vida na Terra, mas, desde que o bicho homem resolveu dar sua contribuição a esse processo, o desaparecimento de espécies tem se acelerado de forma preocupante. Na semana passada, foi divulgado o mais completo estudo sobre a situação dos mamíferos no planeta. O quadro que emerge da pesquisa é o mais sombrio desenhado sobre essa classe de animais. Um quarto das 5 487 espécies de mamíferos classificadas pela ciência se encontra em risco de desaparecer. Isso significa 1 141 espécies, quinze vezes mais do que o número de mamíferos extintos nos últimos cinco séculos. O estudo foi realizado pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), uma instituição composta de 11 000 cientistas de 160 países. Alguns dos animais relacionados estão ameaçados de

desaparecer por causas naturais. É o caso do diabo-da-tasmânia, um marsupial carnívoro que lembra um urso pequeno, que desenvolveu um tipo de câncer fatal que contagia os exemplares da espécie através do contato físico. Segundo os cientistas, porém, a grande maioria dos animais ameaçados é vítima da ação humana. "O perigo de extinção das espécies, hoje, decorre quase exclusivamente do desmatamento, que destrói os hábitats, e da caça", disse a VEJA o biólogo sul-africano Mike Hoffmann, do departamento de biodiversidade da IUCN.

Calcula-se que o desmatamento atinja 40% dos mamíferos do mundo. As florestas são destruídas para dar lugar à expansão urbana e à agricultura, o que explica os altos índices de animais sob risco no sul e no sudeste da Ásia, onde as populações crescem em ritmo acelerado. Nessas regiões, 80% dos primatas podem desaparecer. A população de orangotangos-de-bornéu que habitam florestas da Malásia e da Indonésia resume-se a 14% da existente em meados do século XX. A outra grande ameaça às espécies, a caça indiscriminada, frequentemente é praticada por total desconhecimento da importância da preservação desses animais. "Moradores de regiões remotas, que matam primatas e cervos para comê-los, não fazem ideia de que estão caçando espécies ameaçadas de extinção", explica a primatóloga inglesa Liza Veiga, que vive em Belém e participou do estudo da IUCN fornecendo informações sobre animais da Amazônia. "O cuxiú-preto, um macaco já próximo de desaparecer, é caçado para que seu pelo seja usado na fabricação de espanadores", ela relata. [...]

Os mamíferos aquáticos encontram-se em situação ainda mais grave do que os terrestres: 35% das espécies correm perigo. [...] Os principais fatores que levam os mamíferos aquáticos à morte são os acidentes ocasionados durante a pesca de outras espécies – eles são capturados e feridos nas redes – e a poluição das águas, geralmente causada pelo crescimento das cidades nas regiões costeiras. [...]

(*Veja, nº* 2082.)

Quais são os animais ameaçados de extinção no Brasil

Atualmente, 627 espécies brasileiras estão ameaçadas. Confira algumas das que enfrentam maior risco

Que o Brasil é um dos países com maior biodiversidade, com uma grande quantidade de espécies de fauna e flora, não é novidade para ninguém. Que alguns desses animais correm sério risco de extinção, devido a uma série de fatores como desmatamento, caça ilegal, poluição, também não. Mas quais são, afinal, as espécies brasileiras ameaçadas?

A resposta está no *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas*, produzido pelo Instituto Chico Mendes, do Ministério do Meio Ambiente, e pela organização internacional IUCN, com base nos estudos de uma série de pesquisadores. Atualmente, 627 espécies estão na lista de ameaçadas de extinção, em diferentes categorias de risco. Metade dessas espécies está protegida em unidades de conservação, e o governo aprovou planos de ação para cerca de 33% das espécies.

A lista divide os animais de acordo com o estado de conservação de cada espécie. Essas categorias vão desde Vulnerável até Extinta, além das espécies classificadas como Quase ameaçadas ou Pouco preocupante. Confira alguns animais de cada categoria.

Extintas

Essa é a categoria mais dramática: sete espécies brasileiras são consideradas Extintas (EX), e as sete eram encontradas na Mata Atlântica – o bioma mais devastado do Brasil. São espécies como a perereca *Phrynomedusa fimbriata* ou a arara *Anodorhynchus glaucus*, além de quatro invertebrados terrestres, como a minhoca-branca e uma espécie de minhocuçu.

Extintas na natureza

Duas espécies estão listadas como Extintas na Natureza (EW). São duas aves que não são encontradas mais em seus hábitats naturais, e existem apenas em cativeiro. O **mutum-dealagoas** é uma ave que antes era encontrada na Mata Atlântica, mas desde 1999 acredita-se que esteja extinta na natureza: há cerca de 120 indíviduos vivendo em cativeiro. Já a **ararinha-azul** é uma ave de plumagem azul e cinza que vivia na caatinga. O último indivíduo desapareceu na natureza em outubro de 2000, mas cerca de 60 indivíduos vivem em cativeiro. A ararinha-azul é conhecida do grande público: é a espécie que inspirou o filme *Rio*. [...]

Mutum-de-alagoas, espécie brasileira que foi extinta da natureza.

Criticamente em perigo

O peixe-boi (*Trichechus manatus*), espécie classificada como "Criticamente em Perigo" na lista de animais ameaçados de extinção.

São considerados Criticamente em Perigo (CR) as espécies de animais que tiveram grande declínio de população e vivem em apenas algumas áreas – a destruição dessas áreas coloca em risco a existência desses animais. Atualmente, há 125 espécies brasileiras classificadas nessa categoria, como o **peixe-boi-marinho**, que sofre principalmente por causa da caça e de capturas acidentais, e o **mico-leão-da-carapreta**, o mais ameaçado dos mico-leões da Mata Atlântica.

Em perigo

São 163 espécies classificadas como Em Perigo (EN). Elas também enfrentam alto risco de extinção, mas a situação não é tão crítica como a categoria CR. A **tartaruga-de-pente** é um exemplo de animal em perigo. Essa tartaruga vive no litoral da Bahia, e tem esse nome porque, antigamente, o seu casco era usado para fazer pentes. Hoje, o que mais ameaça a espécie é a poluição marinha.

Vulneráveis

A maior parte dos animais da lista encontra-se nessa categoria: são 330 espécies brasileiras consideradas Vulneráveis (VU), em praticamente todos os biomas do país. É o caso dos principais felinos brasileiros, as **onças**. As três espécies de onça do país estão vulneráveis e enfrentam ameaças como a destruição de seus hábitats com o avanço do desmatamento, além da caça. Os animais vulneráveis também correm grande risco, mas muitos já estão sendo atendidos por planos de ação de conservação. O **lobo-guará**, por exemplo, outra espécie considerada vulnerável, tem 19 metas e 25 ações para reverter o declínio populacional da espécie.

Onça-parda (*Puma concolor capricornensis*), espécie classificada como "Vulnerável" na lista de animais ameaçados de extinção.

(*Época*, 16/5/2012.)

Sigla é uma sequência formada pelas letras ou sílabas iniciais de palavras que constituem uma expressão correspondente ao nome de instituições, empresas, etc.

a) Que siglas aparecem nos textos lidos? O que elas significam?

b) Crie uma sigla para **Centro de Reabilitação de Tartarugas Marinhas**.

Questão 275

"Sorria: você está sendo filmado"

> *Você já percebeu que, em qualquer lugar aonde vamos, estamos sendo filmados? E já pensou que os filmes em que aparecemos podem ser postados na Internet ou ir parar na televisão? Será que não temos mais o direito à privacidade??*

Leia o texto a seguir, de Pedro Doria, e responda à questão proposta.

Mulher do cocô de cachorro

> No dia 6 de junho último, uma jovem sul-coreana pegou o metrô em Seul acompanhada de seu cachorro. O bicho fez cocô no chão. Os passageiros ao lado pediram que tivesse a delicadeza de limpar – ela se recusou. Um rapaz, com celular de câmera, registrou o incidente. A moça levantou, deixou o vagão, foi-se embora; um senhor se ajoelhou, recolheu os restos num saco e jogou no lixo. Neuroses da vida urbana. A diferença é que as fotografias foram para a internet e se espalharam pelos blogs de lá. Culturalmente, a Coreia do Sul é um país um bocado rígido. Não chega à intolerância de Cingapura, onde ponta de cigarro no chão pode disparar perseguição policial, mas ordem pública é coisa levada muito a sério.
>
> Com as fotos na rede sendo distribuí- das à velocidade de vírus, um movimento de identificação da moça teve início. Ela ganhou o apelido de "gae-ttong-nyue", mulher do cocô de cachorro. E um movimento de repulsa igualmente forte veio à tona, primeiro na blogosfera, depois nas páginas da imprensa sul-coreana e, então, no "The Washington Post"*.

Ela foi identificada – num país onde quase todo mundo acessa a internet e se informa por ela, não é difícil. Na fotografia estavam não apenas seu rosto como também a bolsa grande que costuma usar, o focinho do cachorro e um relógio particularmente chamativo. Apontada na rua, localizada na universidade, trancou matrícula, enfurnou-se em casa. Em qualquer sociedade é normal se preocupar com o que pensam os outros; nas do Oriente extremo, o peso é soberbo*.

Mas é uma caça às bruxas. Por conta de um deslize, talvez um dia de mau humor ou um segundo de egoísmo, repentinamente vem a execração* pública. É mais ou menos o mesmo processo que dá início aos linchamentos. De fato, a moça do cocô de cachorro foi punida. Mas seu deslize estará a um Google de distância para qualquer um, daqui a dez ou 20 anos, que lance seu nome no mecanismo de busca. Talvez um namorado potencial, um futuro chefe. [...]

Essa é uma das características possíveis de um mundo onde todos são jornalistas em potencial. O abuso. [...] o acesso a coisas como câmeras de celular, publicação e distribuição instantânea de informação carregam consigo seus perigos.

No fim, a história da "gae-ttong-nyue" é só mais uma história típica da rede, esta fantástica construção tecnológica. Através dela, abusos em cantos como Iraque são denunciados, mentiras de políticos reveladas, amizades feitas. Amores se descobrem. E linchamentos morais ocorrem. Não há legislação para a web e, mesmo que houvesse, provavelmente não teria chance de ser eficaz. Na rede, a exacerbação* das características humanas é às vezes insuportável.

(*Folha de S. Paulo,* 28/8/2005. Revista da Folha.)

*exacerbação: exagero

*execração: ódio profundo, maldição, praga

*soberbo: em posição de destaque, grandioso

**The Washington Post*: jornal americano

Observe este trecho do texto:

"Por conta de um deslize, talvez um dia de mau humor ou um segundo de egoísmo, repentinamente vem a execração pública."

No trecho, é possível notar, por meio da linguagem, certo posicionamento do autor em relação aos fatos e à moça envolvida neles. Qual é esse posicionamento?

Questão 276

O texto que você vai ler a seguir é recriação de um tradicional conto maravilhoso de Hans Christian Andersen.

O patinho bonito

Era uma vez um pato chamado Mílton. Sei que Mílton não é nome de pato. Mas este se chamava assim, e você vai logo saber por quê. Quando ele nasceu, todos tiveram a maior surpresa. Aliás, não foi quando ele nasceu. Foi quando viram o ovo dele, quer dizer, o ovo que depois seria ele.

Não era um ovo de pato comum. Era meio azulado e brilhante, quase como um ovo de Páscoa. Mas ovos de Páscoa são embrulhados. Esse ovo não era; a casca é que era meio azul. Os pais de Mílton, quando viram o ovo no ninho, foram logo perguntando:

— Mas que é que esse ovo está fazendo aí?

— Isso não é ovo de pato.

— Acho que é ovo de galinha.

— Não seja bobo! Galinhas botam ovos brancos!

— Brancos nada! Já vi uns que são meio amarelos, meio beges. Se ovos de galinha podem ser amarelos, por que é que não podem também ser azuis?

— Bom, então pode ser que seja um ovo de pato. Vai ver que também existem ovos de pato que são azuis.

E acharam melhor esperar para ver o que acontecia.

Um dia, a casca azulada do ovo começou a se quebrar e de lá saiu um lindo patinho. Era azul? Não, não era. Era um patinho normal. Só que muito mais bonito do que os outros, e os patos sabiam disso. Acharam o patinho tão bonito que resolveram logo uma coisa. Não era justo dar para ele um nome qualquer. Ele era diferente. Era mais bonito. Como é que poderia ter um nome comum, como "Quém-Quém"?

— Esse nome é para patos comuns — disse a mãe dele.
— Então vamos chamá-lo de Quá-Quá — disse a madrinha dele.
— Esse também é para patos comuns, sua boba! — respondeu a mãe. — Eu quero que ele se chame Mílton.
Ela gostava do nome Mílton. Todos acharam meio estranho, mas acabaram concordando que um patinho tão bonito merecia um nome especial.
O tempo foi passando, e Mílton era o patinho mais bonito da escola. Todos olhavam para ele e diziam: "Como ele é bonito!" Ele se olhava no espelho e dizia: "Como eu sou bonito!". E ficava pensando: "Sou tão bonito que talvez eu nem seja um pato de verdade. Tenho até nome diferente. Meu ovo era azul. Eu me chamo Mílton. Quem sabe eu sou gente?".
E Mílton começou a ficar meio besta. Diziam: "Mílton, vem nadar!". Ele respondia: "Eu não. Pensam que eu sou pato como vocês?". Todos os outros patos começaram a achar o Mílton meio chato. Ele foi ficando sozinho. E dizia: "Não faz mal. Sou mais bonito. Vou terminar na televisão. Vou ser o maior galã".
Uma noite Mílton resolveu fugir de casa. Foi até a cidade para tentar entrar na televisão. Quando chegou na porta da estação de TV, foi logo dizendo: "Eu me chamo Mílton. Além de bonito, acho que tenho muito talento artístico". Ele falava difícil. Queria dizer que tinha jeito para ser ator de novela. Juntou gente em volta.
— Ih, não enche — disse alguém. — Todo dia alguém arranja uma fantasia de bicho e vem aqui procurar lugar na televisão.
— Mas você não vê que eu não estou fantasiado? — perguntou Mílton. — Se eu estivesse usando uma roupa de pato, se eu fosse uma pessoa com roupa de pato, eu seria da sua altura. Mas eu sou baixinho como um pato! Como um pato de verdade!
— Então como é que você sabe falar?
— Mas os patos falam! — disse Mílton, quase chorando.
— Não vem com essa, ô malandro — disse um guarda que estava ali perto. — Para mim você é um pato mecânico. Deve ser uma espécie de robô com um computador na cabeça!
E o guarda foi logo agarrando o Mílton para arrancar a cabeça dele e ver o que tinha dentro.
— Me larga! Me larga! — gritava Mílton. — Eu sou um pato! Um pato de verdade! Sou um PATO! Um PATOOO...
De repente Mílton teve um estremeção. Abriu os olhos e viu que estava em casa. Ele tinha sonhado. Olhou para seus pais, ainda meio assustado, e disse:
— Eu sou um pato... eu sou um pato...
E seus pais disseram:
— Puxa, ainda bem que você se convenceu disso!
— É verdade, já estava na hora de você achar que era um pato mesmo!
— E todo mundo estava cheio dessa sua história de achar que não era um pato, que era diferente...
Mílton ouviu tudo aquilo e ficou pensando: "Puxa, ainda bem que eu sou um pato, um patinho como todos os outros! Ainda bem!".
E daí em diante não havia pato mais contente, que tivesse mais vontade de nadar na lagoa, do que o Mílton. De vez em quando ele ainda dizia: "Sou um pato! Um pato mesmo!". E dava um suspiro de alívio.
(Marcelo Coelho. In: Otavio Frias Filho e outros . *Vice-versa ao contrário*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993. p. 21-4.)

"O patinho bonito" é um texto criado a partir de um conhecido conto maravilhoso.
a) Qual é esse conto?
b) Se você conhece esse conto, conte para os colegas como é a história.

Questão 277

Leia um trecho de matéria jornalística.
O mais assombroso dos presságios, divulgado em relatório do Fórum Econômico Mundial de 2016, afirma que, em 2050, teremos mais plástico nos oceanos do que peixes. Segundo o documento, a cada ano despejamos 8 milhões de toneladas de plástico, é uma caçamba de caminhão de lixo sendo jogada nas

águas por minuto. Se nada for feito, a expectativa é de que pule para duas por minuto em 2030 e para quatro em 2050. Hoje, diz o relatório, temos mais de 150 milhões de toneladas de plástico nos oceanos.
(Canudos plásticos: eles foram eleitos vilões, mas problema vai bem além. Revista *Galileu*. Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2018/08/canudos-plasticos-eles-foram-eleitos-viloes-masproblema-vai-bem-alem.html>. Acesso em: 11 set. 2018.)

Qual é o fato apresentado pela notícia e qual é a previsão desse fato para os próximos anos?

Questão 278

Eu sou Malala

Aquela manhã de terça-feira começou como qualquer outra, embora um pouco mais tarde que o normal. Era época de provas, e então as aulas tinham início às nove horas em vez de às oito, o que era bom, pois não gosto de acordar cedo e consigo dormir mesmo com o cacarejar dos galos e o chamado do muezim para as orações. [...]

A escola não ficava muito longe da minha casa, e eu costumava fazer o percurso a pé, mas desde o início de 2012 passei a ir com as outras meninas, usando o riquixá. [...]

Passei a tomar o ônibus porque minha mãe começou a sentir medo de que eu andasse sozinha. Tínhamos recebido ameaças o ano inteiro. Algumas estavam nos jornais, outras vinham na forma de bilhetes ou de mensagens transmitidos pelos moradores. Minha mãe andava preocupada comigo, mas a milícia talibã nunca atacara uma menina e eu estava mais preocupada com a hipótese de que eles talvez visassem meu pai, que sempre os criticava publicamente. [...]

Eu não estava assustada, mas passei a verificar, à noite, se o portão de casa estava mesmo trancado. E comecei a perguntar a Deus o que acontece quando a gente morre. Contei tudo à minha melhor amiga, Moniba. Morávamos na mesma rua quando pequenas, somos amigas desde a época do ensino fundamental e dividimos tudo: músicas do Justin Bieber, filmes da série *Crepúsculo*, os melhores cremes clareadores. Seu sonho era virar designer de moda, apesar de saber que sua família jamais concordaria; então dizia a todo mundo que queria ser médica. É difícil, para as meninas de nossa sociedade, ser qualquer coisa que não professora ou médica – isso, se quiserem trabalhar. Eu era diferente. Nunca escondi minha vontade, quando deixei de querer ser médica para ser inventora ou política. Moniba sempre sabia quando algo não ia bem comigo. "Não se preocupe", eu lhe dizia. "Os talibãs nunca pegaram uma menina".

Quando nosso ônibus chegou, descemos a escadaria correndo. As outras meninas cobriram a cabeça antes de sair para a rua e subir pela parte traseira do veículo. [...] O fundo do veículo, onde estávamos sentadas, não tinha janelas, apenas uma proteção de plástico grosso cujas laterais batiam na lataria.

[...]

Na realidade, o que aconteceu foi que o ônibus parou de repente. [...] Devíamos estar a menos de duzentos metros do posto militar.

Não conseguíamos ver adiante, mas um jovem barbudo, vestido em cores claras, invadiu a pista e, acenando, fez o ônibus parar.

"Este é o ônibus da Escola Khushal?", perguntou a Bhai Jan. O motorista achou aquela uma pergunta idiota, já que o nome estava pintado na lateral do ônibus. "Sim", respondeu.

"Quero informações sobre algumas crianças", o homem disse.

"Então você deve ir à secretaria da escola", orientou-o Bhai Jan.

Enquanto ele falava, outro rapaz, de branco, aproximou-se pela traseira do veículo. "Olhe, é um daqueles jornalistas que vêm pedir entrevistas a você", disse Moniba. Desde que eu começara a falar em público com meu pai, para fazer campanha pela educação de meninas e contra aqueles que, como o Talibã, querem nos esconder, muitas vezes apareciam jornalistas, até mesmo estrangeiros, mas nunca daquele jeito, no meio da rua.

O homem usava um gorro de lã tradicional e tinha um lenço sobre o nariz e a boca, como se estivesse gripado. Parecia um estudante universitário. Então avançou para a porta traseira do ônibus e se debruçou em nossa direção.

"Quem é Malala?", perguntou.

Ninguém disse nada, mas várias das meninas olharam para mim. Eu era a única que não estava com o rosto coberto.
Foi então que ele ergueu uma pistola preta. Depois fiquei sabendo que era uma Colt 45. Algumas meninas gritaram. Moniba me contou que apertei sua mão.
Minhas amigas disseram que o homem deu três tiros, um depois do outro. O primeiro entrou perto do meu olho esquerdo e saiu embaixo do meu ombro esquerdo. Caí sobre Moniba, com sangue espirrando do ouvido. Os outros tiros acertaram as meninas que estavam perto de mim. O segundo entrou na mão esquerda de Shazia. O terceiro atingiu seu ombro esquerdo, acertando também a parte superior do braço direito de Kainat Riaz.
Minhas amigas mais tarde me contaram que a mão do rapaz tremia ao atirar.
Quando chegamos ao hospital, meu cabelo longo e o colo de Moniba estavam cobertos de sangue.
Quem é Malala? Malala sou eu, e esta é minha história.
(Malala Yousafzai. *Eu sou Malala.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.13-7.)

muezim: é a pessoa que, em uma torre alta e estreita, chamada minarete, conclama os religiosos a fazerem suas orações.

riquixá: tipo de veículo, pequeno e leve, muito usado no Oriente.

O texto narra os acontecimentos que precederam um fato decisivo na vida de Malala. Qual é esse fato?

Questão 279

A história em quadrinhos a seguir mostra Gaturro, um gato apaixonado pela gatinha Ágatha. Leia-a e responda à questão proposta.

Na última cena, Ágatha pergunta a Gaturro: "Gaturro, o que você fez hoje?". E ele responde inicialmente: "Uuuuuuuufff!!". A palavra **uuuuuuuufff** é uma onomatopeia, ou seja, uma palavra que imita um som.
a) O que esse som representa no contexto?
b) Identifique os sons que as onomatopeias reproduzem, de acordo com o que ocorre na história.
• crunch, crunch, crunch
• z z z z z z z
• chuuiiiiiip
• plop plop plop plop

Questão 280

Leia estes quadrinhos, de Nik:

(*Gaturro*. Cotia-SP: Vergara & Riba, 2008. v. 1, p. 79.)

O humor dos quadrinhos reside, em grande parte, na relação entre a linguagem verbal e as imagens. O que sugerem os bigodes associados aos estados:
a) apaixonado?
b) triste?

Questão 281

Leia a letra de uma canção de Sandra Peres e Paulo Tatit:

O eu lírico da canção tem alguns pensamentos filosóficos.
(a) Sobre o que ele pensa?
(d) Você também costuma ter pensamentos filosóficos desse tipo? Se sim, conte como são seus pensamentos.
(b) O que ele quer dizer com o trecho "A vida é uma balança / Ontem, hoje e depois"?
(c) Das palavras ontem, hoje e depois, qual equivale ao centro do equilíbrio da balança?

Questão 282

Era linda, era filha, era única. Filha de rei. Mas de que adiantava ser princesa se não tinha com quem brincar?

Sozinha no palácio chorava e chorava. Não queria saber de bonecas, não queria saber de brinquedos. Queria uma amiga para gostar.

De noite o rei ouvia os soluços da filha. De que adianta a coroa se a filha da gente chora à noite? Decidiu acabar com tanta tristeza. Chamou o vidraceiro, chamou o moldureiro. E em segredo mandou fazer o maior espelho do reino. E em silêncio mandou colocar o espelho ao pé da filha que dormia.

Quando a filha acordou, já não estava sozinha. Uma menina linda e única olhava surpresa para ela, os cabelos ainda desfeitos do sono. Rápido saltaram as duas da cama. Rápido chegaram perto e ficaram se encontrando. Uma sorriu e deu bom-dia. A outra deu bom-dia sorrindo.

— Engraçado — pensou uma —, a outra é canhota.

E riram as duas.

Riram muito depois. Felizes juntas, felizes iguais. A brincadeira de uma era a graça da outra. O salto de uma era o pulo da outra. E quando uma estava cansada, a outra dormia.

O rei, encantado com tanta alegria, mandou fazer brinquedos novos, que entregou à filha numa cesta. Bichos, bonecas, casinhas, e uma bola de ouro. A bola no fundo da cesta. Porém tão brilhante, que foi o primeiro brinquedo que escolheram.

Rolaram com ela no tapete, lançaram na cama, atiraram para o alto. Mas quando a princesa resolveu jogá-la nas mãos da amiga, a bola estilhaçou jogo e amizade.

Uma moldura vazia, cacos de espelho no chão.

A tristeza pesou nos olhos da única filha do rei. Abaixou a cabeça para chorar. A lágrima inchou, já ia cair, quando a princesa viu o rosto que tanto amava. Não um só rosto de amiga, mas tantos rostos de tantas amigas. Não na lágrima que logo caiu, mas nos cacos todos que cobriam o chão.

— Engraçado, são canhotas — pensou.

E riram.

Riram por algum tempo depois. Era diferente brincar com tantas amigas. Agora podia escolher. Um dia podia escolher uma, e logo se cansou. No dia seguinte preferiu outra, e esqueceu dela em seguida. Depois outra e mais outra, até achar que todas eram poucas. Então pegou uma, jogou contra a parede e fez duas. Cansou das duas, pisou com o sapato e fez quatro. Não achou mais graça nas quatro, quebrou com martelo e fez oito. Irritou-se com as oito, partiu com uma pedra e fez doze.

Mas duas eram menores do que uma, quatro menores do que duas, oito menores do que quatro, doze menores do que oito.

Menores, cada vez menores.

Tão menores que não cabiam mais em si, pedaços de amigas com as quais não se podia brincar. Um olho, um sorriso, um lado de nariz. Depois, nem isso, pó brilhante de amigas espalhado pelo chão.

Sozinha outra vez a filha do rei.

Chorava? Nem sei.

Não queria saber das bonecas, não queria saber dos brinquedos.

Saiu do palácio e foi correr no jardim para cansar a tristeza.

Correu, correu, e a tristeza continuava com ela. Correu pelo bosque, correu pelo prado. Parou à beira do lago.

No reflexo da água a amiga esperava por ela.

Mas a princesa não queria mais uma única amiga, queria tantas, queria todas, aquelas que tinha tido e as novas que encontraria. Soprou na água. A amiga encrespou-se mas continuou sendo uma. Atirou-lhe uma pedra. A amiga abriu-se em círculos, mas continuou sendo uma.

Então a linda filha do rei atirou-se na água de braços abertos, estilhaçando o espelho em tantos cacos, tantas amigas que foram afundando com ela, sumindo nas pequenas ondas com que o lago arrumava a superfície.

Uma ideia toda azul. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. p. 44.

MARINA COLASANTI (1937) é filha de italianos, nascida na Etiópia – na época, África Oriental Italiana. Mudou-se para o Brasil em 1948. Estudou na Escola Nacional de Belas Artes, tornando-se ilustradora. A partir de 1962, ingressou no jornalismo como redatora e cronista. Seus livros de contos revelam sua sensibilidade e imaginação, encantando tanto as crianças como os adultos.
Reconte, com suas palavras, a história da princesa. Atenção: seu texto deve ser bastante curto, suprimindo os detalhes que julgar desnecessários. Comece assim: Uma princesa, filha única do rei, vivia triste porque não tinha uma amiga. O rei preocupava-se com a situação da menina e imaginou uma solução:

Questão 283

A respeito do anúncio, responda:
a) Quem é o anunciante?
b) Quem são os destinatários do texto?
c) Qual é a finalidade do anúncio?

Questão 284

Leia a notícia:

Cometa poderá ser visto na segunda-feira

Da associated press

o Lulin, um cometa esverdeado descoberto há dois anos, terá sua aproximação máxima da Terra na madrugada de segunda-feira para terça-feira (23 e 24) e poderá ser visto com ajuda de binóculos. Ele estará a cerca de 60 milhões de quilômetros, menos da metade da distância entre a Terra e o Sol. O cometa é verde por causa da estrutura de seus compostos de carbono e porque têm cianogênio, um gás tóxico. Sua órbita, ao contrário do que ocorre na maioria dos cometas, é no sentido horário. Esta é a primeira passagem de Lulin perto do Sol, dizem astrônomos, porque ele ainda preserva a maior parte dos seus gases. Quando ele se aproximar da estrela, o chamado "vento solar" deve varrer esses gases, formando a cauda do cometa.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1802200905.htm>. Acesso em: 2 fev. 2016.

a) Se alguém lhe pedisse três sinais claros de que o texto é uma notícia, quais você indicaria?
b) Observe os verbos do texto. Em qual tempo se situa o fato noticiado?
c) Destaque, no texto, as frases que, por descreverem características permanentes do cometa, têm verbos no tempo presente.
d) A notícia foi publicada no dia 18 de fevereiro, antes da passagem do cometa. Em seu caderno, reescreva-a como se ela tivesse sido divulgada após essa passagem.

Questão 285

Texto 1

A morte da tartaruga?

Millôr Fernandes

O menininho foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força.
A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. "Cuidado, senão você acorda seu pai". Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação. Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: — Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que faça. Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito. O pai examinou a situação e propôs: — Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e

vem cá com o pai. O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse:
Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral. (Empregou de propósito uma palavra difícil).
O menininho parou imediatamente de chorar.
— Que é funeral?
O pai lhe explicou que era um enterro.
— Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário. Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o "Happy-Birth-Day-To-You" pra tartaruguinha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia em que ela morreu. Isso é que é funeral! Vamos fazer isso?
O garotinho estava com outra cara.
— Vamos, papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela.
Saiu correndo. Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal.
— Papai, papai, vem cá, ela está viva!
O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruguinha estava andando de novo, normalmente.
— Que bom, hein? — disse — Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!
— Vamos sim, papai — disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande — Eu mato ela.
MORAL: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.
Fábulas fabulosas. São Paulo: Círculo do Livro, 1973, p. 108. Texto adaptado: o original possui apenas dois parágrafos, antes da "moral"; para facilitar a leitura, foi ampliado a paragrafação.?

Sobre o texto, responda à questão:
Assinale a frase que produz efeito de humor:
(a) "O menininho foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido".
(b) "A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra [...]".
(c) "[...] o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava".
(d) "O pai explicou que era um enterro."

Questão 286

Nas frases a seguir, a palavra destacada atrai o pronome, que deve, por isso, ser colocado antes do verbo. Considerando esse fato e, ao mesmo tempo, a forma que soa melhor e que está de acordo com a norma padrão da língua, complete adequadamente as frases com o pronome indicado entre parênteses:
Língua Portuguesa - Capítulo 9 - O pronome - Exercícios (pg. 197 - 199)

(g)
Quem _____ chamou _____? (me)
(b)
Quando _____ viu _____, veio correndo de braços abertos. (nos)
(f)
Tudo _____ aborrece _____ (o)
(h)
Quem é que _____ deu _____ permissão para entrar sem bater? (lhe)
(i)
O rapaz que _____ atendeu _____ foi muito educado e gentil. (nos)
(c)
Ninguém _____ convidou _____ para a festa junina da escola. (nos)
(e)
Mãe, amanhã é sábado. por favor, não _____ acorde _____ cedo. (me)

(d)
Elas nada _____ contaram _____ sobre isso. (lhe)
(a)
ele nunca _____ falou _____ sobre esse assunto. (me)

Questão 287

Observe o cartum de Quino.

O cartum retrata uma situação em que pessoas interagem pela linguagem.
(c) Justifique a resposta que você deu no item anterior.
(b) Que tipo de linguagem é utilizada na interação entre as personagens?
(a) Quem são os interlocutores envolvidos nessa interação?

Questão 288

Observe a imagem principal do anúncio. Nela, há uma mala, uma forquilha de galho de árvore e uma corda. Juntos, esses elementos se parecem com outro objeto.
a) Qual é esse objeto e para que ele serve?
b) Se você conhece esse objeto, explique para os colegas como ele funciona.

Questão 289

Leia este poema, de Sebastião Nuvens:
Gato no mato
Um gato
foi passear no mato.
Quando chegou
no meio do mato,
encontrou
outro gato.
Os dois gatos
foram caçar patos.
Quando chegaram
perto dos patos,
surgiram outros
dois gatos.
Os quatro gatos
foram procurar
ninho de carrapato.
Quando chegaram
perto dos chatos,
apareceram outros
quatro gatos.
Os oito gatos foram
brincar de dar saltos.
Enquanto davam
saltos muito altos,
se encontraram
com mais oito gatos.
Os dezesseis gatos
resolveram sair do mato.
Quando saíram do mato,

deram de cara com
outros dezesseis gatos.
Os trinta e dois gatos
decidiram caçar ratos.
Enquanto caçavam ratos,
apareceram outros
trinta e dois gatos.
Aí os ratos gritaram:
— Assim, não!
Desse jeito é covardia!
Envergonhados,
os gatos foram saindo
de mansinho,
cada um para o seu lado.
E, como não tinha
nada para fazer,
um dos gatos resolveu
ir passear no mato.
(*Ciência Hoje das Crianças,* nº 128.)
A diversão dessa brincadeira está na mudança da quantidade de gatos. De uma estrofe para outra, o que acontece com o número de gatos?

Questão 290

Leia este miniconto, de Milu Leite:
Tec tec tec;)
Eles estavam
conversando pelo
computador.
Ela digitava rápido.
Tec tec tec.
Logo vinha a resposta
dele. Tec tec tec ;)
Ela começou uma poesia:
Viro a xícara.
Ele completou:
Plaft.
Ela, tec tec:
Empurro o balanço.
Ele, bem depressa:
Zum.
Ela:
Masco chiclete.
Logo apareceu na tela:
Nhoc.
Ela pensou um pouco.
Em seguida, enviou:
Cadê o grilo?
Ele respondeu:
Cri.
Ela:
Cadê o sorvete?

Ele:
Hummm!
Ela arriscou:
Cadê você?
No dia seguinte, o coração dela bateu forte
assim que ele entrou na sala de aula.
Ele baixou os olhos quando disse oi pra ela.
Não se falaram. Os dois não viam a hora de voltar pra
casa e tec tec tec no computador.
(*Folha de S. Paulo*. Folhinha. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di20050618.htm. Acesso em: 8/1/2013.)

A propósito do miniconto lido:
a) Explique o título "Tec tec tec ;)".
b) No final do título, o autor emprega um *emoticon*, isto é, uma combinação de caracteres do teclado de computador que constitui sentido. Veja alguns *emoticons* e seus significados:
:-D – grande sorriso
:'(– chorando
:-)' – babando
:* – beijo
:-{ – bigode
: (– triste
:) – sorriso
:-) – sorriso
Troque ideias com os colegas: O que significa o *emoticon* que finaliza o título? Que novo sentido ele atribui a **tec tec tec**?
c) Geralmente esse gênero textual é escrito de forma que cada linha ocupe toda a largura da folha de papel, isto é, vai de margem a margem. Levante hipóteses: Por que o texto se compõe de linhas curtas, como se fosse um poema?

Questão 291

Observe o cenário e a expressão do rosto e do corpo da personagem da história em quadrinhos a seguir. Depois, em seu caderno, crie balões para a história. Procure fazer balões de diferentes tipos e usar diferentes letras. Lembre-se de que a linguagem empregada nas histórias em quadrinhos é informal, semelhante à que usamos no dia a dia, e que as frases costumam ser curtas. Se quiser, crie onomatopeias também. Quando terminar, compare seus balões com os de seus colegas.

(http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/quadri/qa17120501.htm)

Questão 292

Estadão. Caderno 2. C4, 24 out. 2014.

No último quadrinho, a substituição das locuções verbais pelas formas correspondentes com apenas um verbo está correta na alternativa:
(a) Isso não ficaria assim. Chamo o esquadrão de resgate.
(b) Isso não fica assim. Chamamos o esquadrão de resgate.
(c) Isso não pode ficar assim. Chame o esquadrão de resgate.
(d) Isso não ficará assim. Chamaremos o esquadrão de resgate.

Questão 293

Leia o fragmento de um artigo.

A mata atlântica, que já se estendeu por mais de um milhão de quilômetros quadrados do Piauí ao Rio Grande do Sul, hoje se encontra completamente fragmentada, reduzida a 16% de sua exuberância original, de acordo com as estimativas otimistas. Ainda assim, essa floresta mantém parte de sua grandiosidade, abrigando uma rica biodiversidade, da qual uma fração significativa é endêmica, ou seja, não existe em outro lugar.

(CALDEIRA. Henrique C.; ARGOLÔ, Antônio J.; MOURA, Mario R. Serpentes Atlânticas. *Ciência Hoje*. Disponível em:

<http://cienciahoje.org.br/serpentes-atlanticas/>. Acesso em: 6 ago. 2018.)

De que forma o leitor é convencido de que a mata atlântica está sendo desmatada? Que efeito essa informação cria no texto?

Questão 294

Leia esta história em quadrinhos, de Ziraldo:

Quase sempre, o título das histórias em quadrinhos é divertido e se refere de maneira indireta ao assunto narrado.

a) O que normalmente significa a expressão **sair pela tangente**?

b) O título é adequado à história? Por quê?

Questão 295

Texto:

Pela toca do Coelho passou Alice

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, "e de que serve um livro", pensou Alice, "sem figuras nem diálogos?"

Assim, refletia com seus botões, se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as flores, quando, de repente, um Coelho Branco, de olhos cor-de-rosa, passou, então, correndo por ela.

Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou assim tão esquisito ouvir o Coelho dizer consigo mesmo: "Ai, ai, ai, vou chegar atrasado demais!" (quando pensou sobre isso mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter ficado espantada, mas na hora tudo lhe pareceu muito natural); mas quando viu o Coelho tirar um relógio do bolso do colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca.

No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois. Por um trecho, a toca de coelho seguia na horizontal, com num túnel, depois se afundava de repente, tão de repente que Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando num poço muito fundo.

Ou o poço era muito fundo, ou ela caía muito devagar, porque enquanto caía teve tempo de sobra para olhar à sua volta e imaginar o que iria acontecer em seguida. [...] Olhou para as paredes do poço e reparou que estavam forradas de guarda-louças e estantes de livros; aqui e ali, viu mapas e figuras pendurados em pregos. Ao passar, tirou um pote de uma das prateleiras; o rótulo dizia "Geleia de laranja", mas para seu grande desapontamento, estava vazio. Bem!, pensou Alice, depois de uma queda desta, não vou me importar nada de levar um trambolhão na escada! Como vão me achar corajosa lá em casa! Ora, eu não diria nadinha, mesmo que caísse do topo da casa! (O que muito provavelmente era verdade.) Caindo, caindo, caindo. A queda não terminava nunca?

(Lewis Carrol)

A leitura do início do texto nos leva a crer que Alice, em princípio, estava tendo um dia:

(a) desastroso.

(c) perigoso.

(b) tedioso.

(d) cavernoso.

Questão 296

Você aprendeu que os escritores de narrativas ficcionais muitas vezes inventam personagens e acontecimentos
que não poderiam existir ou acontecer na realidade. E que, nesse caso, inventar não é mentir.
O escritor escreve como se o fato tivesse realmente ocorrido e o leitor age como quem realmente acredita em tudo que ouve ou lê.
Nesta atividade você também escreverá uma narrativa ficcional (inventada), narrando um fato extraordinário.
Para isso, leia os primeiros parágrafos de uma história envolvendo uma menina e uma caixa brilhante.
Carol e sua família mudaram para uma casa que estivera desabitada por muitos anos,
mas onde haviam deixado um armário antigo, pesadão e mal cheiroso, que a mãe dela deixou num dos quartos antes de decidir o que fazer com ele.
Alguns dias depois da mudança, a garota e seu irmão Rafael estavam brincando de esconde-esconde e Carol resolveu entrar no velho armário. Pensava que o irmão não a acharia
ali, já que ambos evitavam aproximar-se daquele estranho guarda-roupas.
Ao abrir a porta, a garota pensou em desistir, mas, de longe o irmão já gritava:
Estou indo!
Ela então entrou e fechou a porta atrás de si. E, na quase escuridão, viu um pequeno objeto, que começou a brilhar.
Curiosa, a garota estendeu a mão e pegou. Era uma pequena caixa. E, brilhando cada vez mais, parecia uma lâmpada quadrada.
Carol sentiu um arrepio. Pensou em atirar longe aquele estranho objeto e sair correndo dali. Mas disse para si mesma: “Que medrosa que sou. É só uma caixinha. E linda.” E, trazendo a caixa para bem perto dos olhos, viu que num dos lados havia um pequeno fecho.
Não resistiu. Prendendo a respiração, pousou devagar dois dedos sobre o fecho e abriu.
Escreva uma continuação para essa história. Abrir a caixa trouxe uma boa surpresa para a garota? Ou foi uma decisão que ela nunca deveria ter tomado?
Quando terminar a primeira versão da história, crie um título para o texto. Depois, revise-o.

Questão 297

Leia o poema a seguir, de Roseana Murray, e responda.

A venda do seu Chico

A venda do seu Chico tem de tudo:
desde renda até penico.
Tem arroz, feijão, carne de sol,
bota para peão, lençol, semente de girassol.
Tem agulha e linha, milho para galinha,
panela de barro, unguento para catarro,
folhinha, mala para viagem,
tem tudo quanto é bobagem.
Tem até dicionário de rima!
(*Pera, uva, maçã.* São Paulo: Scipione, 2005. p. 43.)
O poema apresenta um grande número de substantivos. Por que, na sua opinião, acontece isso?

Questão 298

Logo cedo já começa... O garoto posta umas fotos pelo Instagram, vê as novidades no Facebook, responde a dezenas de mensagens no celular, comenta alguns *posts* do Twitter, navega pela Internet, baixa músicas, edita vídeos... Ao final do dia, tem a sensação de não ter feito nada, mas se sente muito cansado. Por quê?
Leia os textos a seguir e responda à questão proposta.

Texto I

Tecnologia cansa

Especialista americano diz que a maneira como nos relacionamos com os avanços modernos é prejudicial à saúde

O psicólogo americano Larry Rosen, 50 anos, é uma das maiores autoridades mundiais quando o assunto é a relação entre o homem e a tecnologia. Há vinte anos ele pesquisa os efeitos dos avanços tecnológicos no dia a dia das pessoas. Seu diagnóstico é alarmante: todos nós, sem exceção, somos vítimas de uma nova modalidade de stress, provocada pela dependência cada vez maior da tecnologia. [...]

Veja – ***Bipes, celulares, secretárias eletrônicas, internet, e-mails... A tecnologia foi feita para facilitar a vida das pessoas, não?***

Rosen – A tecnologia é fascinante. As máquinas são rápidas e nos permitem fazer uma série de coisas até há bem pouco tempo inimagináveis. O mundo todo está a um clique no mouse do computador. Enviamos e recebemos mensagens eletrônicas de um lugar para qualquer outro. Nós nos comunicamos das mais variadas formas com as pessoas. Mas há um lado negro. Temos a impressão de que não podemos funcionar sem ela. Fazemos cada vez mais e mais coisas, estamos mais irritados do que nunca e, por incrível que pareça, nosso tempo é cada vez mais curto. Todas essas reações à tecnologia nos estressam. Chamamos essa tensão de *tecnostress*. É o mal da modernidade. Todas as pessoas do mundo – da criança ao velho, do executivo ao empregado – sofrem com isso, de uma maneira ou de outra.

Veja – ***O que define essa nova modalidade de stress?***

Rosen – Ela é o resultado da convivência cada vez maior das pessoas com a tecnologia. É a irritação que sentimos por não conseguir operar o videocassete novo ou quando ligamos para alguém insistentemente e ouvimos que o telefone celular está fora de área. Veja o caso da internet. Nunca as pessoas tiveram acesso a tanta informação. Mas, em muitos casos, o efeito pode ser inverso. Ao invés de ajudar, atrapalha. Estatísticas mostram que o volume de informações disponível dobra a cada 72 dias. As pessoas correm o risco de se perder diante de tanta coisa. A consequência imediata? Stress.

Veja – ***De que maneira a tecnologia afeta o comportamento das pessoas?***

Rosen – A velocidade da tecnologia está alterando nosso relógio biológico. As pessoas querem fazer tudo na velocidade do computador, querem que tudo se resolva num piscar de olhos. A consequência é que elas estão se programando para correr cada vez mais. Estão vivendo um constante estado de alerta. E isso gera nervosismo, ansiedade. O elevador demora e as pessoas já se irritam. A tecnologia está invadindo nossos limites por todos os lados. As pessoas estão mais impacientes do que nunca. Você começa a ver isso nas crianças.

Veja – ***Como assim?***

Rosen – Pesquisas feitas com essa geração de crianças criadas com o computador mostram que o limite de paciência delas é muito baixo. Elas não suportam nada que não se resolva imediatamente. O resultado é que estão apresentando cada vez mais problemas na escola, que definitivamente não é um universo multimídia. Pela sua própria natureza, a escola vira um tédio para essas crianças. Elas não conseguem prestar atenção às aulas, participar de reuniões, e se irritam com qualquer atividade demorada. A tecnologia está mudando nossa percepção de tempo. E ela nunca ocupou tanto espaço em nossas vidas. A questão é que ainda não aprendemos a usá-la de maneira adequada. Veja o grande paradoxo: os avanços que teoricamente vieram para agilizar as nossas tarefas e nos proporcionar mais tempo livre acabaram nos ocupando cada vez mais.

[...]

Veja – ***A tecnologia vicia?***

Rosen – Vejo cada vez mais pessoas depender dos produtos tecnológicos. É o que nós chamamos de tecnose. Elas simplesmente não conseguem imaginar a vida sem tecnologia.

Veja – *Quais são os sintomas da tecnose?*
Rosen – A dependência da tecnologia significa que você não pode viver sem ela. Uma pessoa que fica nervosa porque não tem acesso à tecnologia, ou que não se lembra de como fazia suas atividades antigamente, certamente sofre de tecnose. Não podemos esquecer que a tecnologia falha, às vezes. Aí você começa a ver pessoas entrando em crise porque o microondas estragou ou o computador pifou. Eu conheço pessoas que se viciaram tanto em tecnologia que passaram a levar uma vida fora do normal. Elas não sabem o que é relaxar, sair em férias, tirar um dia de folga. Ficam totalmente perdidas. E, acredite, isso está se tornando cada vez mais comum. As máquinas estão ditando as regras. Guardadas as devidas proporções, é como nos filmes de ficção científica: elas estão nos controlando!
Veja – *Por que a tecnologia vicia?*
Rosen – As pessoas não estão sendo capazes de controlar o uso da tecnologia. Por dois motivos. Primeiro, porque a tecnologia é muito atraente. Pense num computador, por exemplo. Ele trabalha rápido, é interessante, mostra fotos bonitas e coloridas, toca música, ou seja, faz praticamente tudo o que você quiser. O segundo motivo é que ainda não aprendemos a dizer chega. Sabemos que o computador é capaz de executar diversas tarefas ao mesmo tempo. Por isso, concluímos que também somos. E começamos a fazer tudo ao mesmo tempo. Temos a ilusão de que conseguimos fazer muito mais coisas. É um passo para desenvolver o transtorno das múltiplas tarefas, uma das facetas do tecnostress.
Veja – *O que é isso?*
Rosen – Quando executamos diversas atividades complexas ao mesmo tempo, nossa atenção se divide entre todas elas e não conseguimos nos concentrar numa só. Acabamos exigindo demais de nós mesmos, expondo nosso cérebro a constantes situações-limite e não demora muito para começarmos a sentir os efeitos disso. Quando passamos o dia fazendo várias coisas ao mesmo tempo, ao dormir é que nosso cérebro ganha tempo para processar todas as informações. É por isso que às vezes acordamos no meio da noite com a resposta para aquela pergunta que tanto nos incomodou durante o dia ou lembrando de um recado que não podemos esquecer de dar. Tudo isso junto nos faz perder a memória com frequência e altera nosso humor.
[...]
Veja – *É possível conviver com a tecnologia sem se estressar, ou a solução é evitá-la?*
Rosen – Toda nova tecnologia tem de ser aceita de uma maneira ou de outra. Evitá-la vai deixar as pessoas ainda mais estressadas, porque desse modo elas vão ficar de fora. Pense num executivo que não tem e-mail hoje em dia. Ele está numa clara posição de desvantagem no mercado. O mesmo vale para uma empresa que ainda não tem site na internet. É preciso encarar a tecnologia. Porque a tendência é que ela faça cada vez mais parte de nossa vida.
Veja – *E onde vamos parar?*
Rosen – Eu gostaria muito de ter uma bola de cristal. Acho que vamos continuar a sentir os efeitos do tecnostress cada vez mais, a menos que tenhamos sucesso em estabelecer onde estão as fronteiras saudáveis. Temos de parar e avaliar nossas vidas, porque somos nós que estamos causando os problemas, não a tecnologia. Afinal de contas, quem aperta os botões?
(Veja, nº 1674. Disponível em: http://veja.abril.com. br/081100/entrevista.html. Acesso em: 8/1/2013.)

Texto II
TECNOESTRESSE
O hábito de ficar sempre conectado expõe adolescentes a um excesso de estímulos que pode interferir no desenvolvimento mental e social.

[...]
Segundo o neurologista pediátrico Eduardo Jorge, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisas já associam overdose de tecnologia com problemas neurológicos e psiquiátricos.

“Estão aumentando os casos de doenças relacionadas ao isolamento. A depressão é a que mais cresce.”
O neurologista também diz que há uma incidência maior do transtorno de déficit de atenção entre adolescentes aficionados por computador.
“Não é fácil de diagnosticar. Os pais não acham que o filho tem dificuldade de concentração porque ele fica parado no computador.”
Outro risco é a enxaqueca. “Essas novas telas de LED são um espetáculo, mas têm um brilho e uma luminosidade que fazem com que aumentem tanto o número de crises de enxaqueca como a intensidade delas”, alerta.
IMPACTO SOCIAL
Para o pediatra americano Michael Rich, professor da Universidade de Harvard, o impacto das mídias digitais tem efeitos de ordem física e social. “Do ponto de vista da saúde, o principal risco é o da obesidade; do social, o fato é que, quanto mais conectado, mais isolados os jovens ficam no sentido das relações pessoais. É comum ver casais de mãos dadas e falando ao celular com outras pessoas.”
Opinião parecida tem o psicólogo Cristiano Nabuco, do Instituto de Psiquiatria da USP. Segundo ele, a tecnologia invadiu tanto o cotidiano que as pessoas se perdem no seu uso. “É mais preocupante em crianças e adolescentes porque nessa faixa etária o cérebro ainda não atingiu sua maturidade, não exerce plenamente a função de controle de impulsos”, diz.
A internet arrebata ainda mais dependentes quando se torna móvel: estatísticas internacionais apontam que 20% da população mundial de usuários de smartphones não consegue exercer um uso equilibrado da internet, de acordo com Nabuco.
Mas é claro que nem tudo são pedras no mundo virtual, como explica Eduardo Jorge. “Pesquisas também mostram que crianças usuárias de tecnologias da informação são mais ágeis, mais inventivas e têm uma capacidade maior de raciocínio em alguns testes de QI. A tecnologia não é um bicho de sete cabeças do qual elas tenham que ficar afastadas”, afirma. “Devem ser estimuladas a fazer bom uso, com limites.”
[...]
(Annette Schwartsman. *Folha de S. Paulo*, 15/5/2012. Equilíbrio.) Alexandre Matos

Que sentimentos ou sensações a vítima do tecnoestresse experimenta?

Questão 299

Logo cedo já começa... O garoto posta umas fotos pelo Instagram, vê as novidades no Facebook, responde a dezenas de mensagens no celular, comenta alguns *posts* do Twitter, navega pela Internet, baixa músicas, edita vídeos... Ao final do dia, tem a sensação de não ter feito nada, mas se sente muito cansado. Por quê? Leia os textos a seguir e responda à questão proposta.

Texto I

Tecnologia cansa

Especialista americano diz que a maneira como nos relacionamos com os avanços modernos é prejudicial à saúde

O psicólogo americano Larry Rosen, 50 anos, é uma das maiores autoridades mundiais quando o assunto é a relação entre o homem e a tecnologia. Há vinte anos ele pesquisa os efeitos dos avanços tecnológicos no dia a dia das pessoas. Seu diagnóstico é alarmante: todos nós, sem exceção, somos vítimas de uma nova modalidade de stress, provocada pela dependência cada vez maior da tecnologia. [...]

Veja – *Bipes, celulares, secretárias eletrônicas, internet, e-mails... A tecnologia foi feita para facilitar a vida das pessoas, não?*

Rosen – A tecnologia é fascinante. As máquinas são rápidas e nos permitem fazer uma série de coisas até há bem pouco tempo inimagináveis. O mundo todo está a um clique no mouse do computador. Enviamos e recebemos mensagens eletrônicas de um lugar para qualquer outro. Nós nos comunicamos das mais variadas formas com as pessoas. Mas há um lado negro. Temos a impressão

de que não podemos funcionar sem ela. Fazemos cada vez mais e mais coisas, estamos mais irritados do que nunca e, por incrível que pareça, nosso tempo é cada vez mais curto. Todas essas reações à tecnologia nos estressam. Chamamos essa tensão de *tecnostress*. É o mal da modernidade. Todas as pessoas do mundo – da criança ao velho, do executivo ao empregado – sofrem com isso, de uma maneira ou de outra.

Veja – *O que define essa nova modalidade de stress?*
Rosen – Ela é o resultado da convivência cada vez maior das pessoas com a tecnologia. É a irritação que sentimos por não conseguir operar o videocassete novo ou quando ligamos para alguém insistentemente e ouvimos que o telefone celular está fora de área. Veja o caso da internet. Nunca as pessoas tiveram acesso a tanta informação. Mas, em muitos casos, o efeito pode ser inverso. Ao invés de ajudar, atrapalha. Estatísticas mostram que o volume de informações disponível dobra a cada 72 dias. As pessoas correm o risco de se perder diante de tanta coisa. A consequência imediata? Stress.
Veja – *De que maneira a tecnologia afeta o comportamento das pessoas?*
Rosen – A velocidade da tecnologia está alterando nosso relógio biológico. As pessoas querem fazer tudo na velocidade do computador, querem que tudo se resolva num piscar de olhos. A consequência é que elas estão se programando para correr cada vez mais. Estão vivendo um constante estado de alerta. E isso gera nervosismo, ansiedade. O elevador demora e as pessoas já se irritam. A tecnologia está invadindo nossos limites por todos os lados. As pessoas estão mais impacientes do que nunca. Você começa a ver isso nas crianças.
Veja – *Como assim?*
Rosen – Pesquisas feitas com essa geração de crianças criadas com o computador mostram que o limite de paciência delas é muito baixo. Elas não suportam nada que não se resolva imediatamente. O resultado é que estão apresentando cada vez mais problemas na escola, que definitivamente não é um universo multimídia. Pela sua própria natureza, a escola vira um tédio para essas crianças. Elas não conseguem prestar atenção às aulas, participar de reuniões, e se irritam com qualquer atividade demorada. A tecnologia está mudando nossa percepção de tempo. E ela nunca ocupou tanto espaço em nossas vidas. A questão é que ainda não aprendemos a usá-la de maneira adequada. Veja o grande paradoxo: os avanços que teoricamente vieram para agilizar as nossas tarefas e nos proporcionar mais tempo livre acabaram nos ocupando cada vez mais.
[...]
Veja – *A tecnologia vicia?*

Rosen – Vejo cada vez mais pessoas depender dos produtos tecnológicos. É o que nós chamamos de tecnose. Elas simplesmente não conseguem imaginar a vida sem tecnologia.
Veja – *Quais são os sintomas da tecnose?*
Rosen – A dependência da tecnologia significa que você não pode viver sem ela. Uma pessoa que fica nervosa porque não tem acesso à tecnologia, ou que não se lembra de como fazia suas atividades antigamente, certamente sofre de tecnose. Não podemos esquecer que a tecnologia falha, às vezes. Aí você começa a ver pessoas entrando em crise porque o microondas estragou ou o computador pifou. Eu conheço pessoas que se viciaram tanto em tecnologia que passaram a levar uma vida fora do normal. Elas não sabem o que é relaxar, sair em férias, tirar um dia de folga. Ficam totalmente perdidas. E, acredite, isso está se tornando cada vez mais comum. As máquinas estão ditando as regras. Guardadas as devidas proporções, é como nos filmes de ficção científica: elas estão nos controlando!
Veja – *Por que a tecnologia vicia?*
Rosen – As pessoas não estão sendo capazes de controlar o uso da tecnologia. Por dois motivos. Primeiro, porque a tecnologia é muito atraente. Pense num computador, por exemplo. Ele trabalha rápido, é interessante, mostra fotos bonitas e coloridas, toca música, ou seja, faz praticamente tudo o

que você quiser. O segundo motivo é que ainda não aprendemos a dizer chega. Sabemos que o computador é capaz de executar diversas tarefas ao mesmo tempo. Por isso, concluímos que também somos. E começamos a fazer tudo ao mesmo tempo. Temos a ilusão de que conseguimos fazer muito mais coisas. É um passo para desenvolver o transtorno das múltiplas tarefas, uma das facetas do tecnostress.

Veja – *O que é isso?*

Rosen – Quando executamos diversas atividades complexas ao mesmo tempo, nossa atenção se divide entre todas elas e não conseguimos nos concentrar numa só. Acabamos exigindo demais de nós mesmos, expondo nosso cérebro a constantes situações-limite e não demora muito para começarmos a sentir os efeitos disso. Quando passamos o dia fazendo várias coisas ao mesmo tempo, ao dormir é que nosso cérebro ganha tempo para processar todas as informações. É por isso que às vezes acordamos no meio da noite com a resposta para aquela pergunta que tanto nos incomodou durante o dia ou lembrando de um recado que não podemos esquecer de dar. Tudo isso junto nos faz perder a memória com frequência e altera nosso humor.

[...]

Veja – *É possível conviver com a tecnologia sem se estressar, ou a solução é evitá-la?*

Rosen – Toda nova tecnologia tem de ser aceita de uma maneira ou de outra. Evitá-la vai deixar as pessoas ainda mais estressadas, porque desse modo elas vão ficar de fora. Pense num executivo que não tem e-mail hoje em dia. Ele está numa clara posição de desvantagem no mercado. O mesmo vale para uma empresa que ainda não tem site na internet. É preciso encarar a tecnologia. Porque a tendência é que ela faça cada vez mais parte de nossa vida.

Veja – *E onde vamos parar?*

Rosen – Eu gostaria muito de ter uma bola de cristal. Acho que vamos continuar a sentir os efeitos do tecnostress cada vez mais, a menos que tenhamos sucesso em estabelecer onde estão as fronteiras saudáveis. Temos de parar e avaliar nossas vidas, porque somos nós que estamos causando os problemas, não a tecnologia. Afinal de contas, quem aperta os botões?

(Veja, nº 1674. Disponível em: http://veja.abril.com. br/081100/entrevista.html. Acesso em: 8/1/2013.)

Texto II

TECNOESTRESSE

O hábito de ficar sempre conectado expõe adolescentes a um excesso de estímulos que pode interferir no desenvolvimento mental e social.

[...]

Segundo o neurologista pediátrico Eduardo Jorge, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisas já associam overdose de tecnologia com problemas neurológicos e psiquiátricos. "Estão aumentando os casos de doenças relacionadas ao isolamento. A depressão é a que mais cresce."

O neurologista também diz que há uma incidência maior do transtorno de déficit de atenção entre adolescentes aficionados por computador.

"Não é fácil de diagnosticar. Os pais não acham que o filho tem dificuldade de concentração porque ele fica parado no computador."

Outro risco é a enxaqueca. "Essas novas telas de LED são um espetáculo, mas têm um brilho e uma luminosidade que fazem com que aumentem tanto o número de crises de enxaqueca como a intensidade delas", alerta.

IMPACTO SOCIAL

Para o pediatra americano Michael Rich, professor da Universidade de Harvard, o impacto das mídias digitais tem efeitos de ordem física e social. "Do ponto de vista da saúde, o principal risco é o da obesidade; do social, o fato é que, quanto mais conectado, mais isolados os jovens ficam no sentido das relações pessoais. É comum ver casais de mãos dadas e falando ao celular com outras pessoas."

Opinião parecida tem o psicólogo Cristiano Nabuco, do Instituto de Psiquiatria da USP. Segundo ele, a tecnologia invadiu tanto o cotidiano que as pessoas se perdem no seu uso. “É mais preocupante em crianças e adolescentes porque nessa faixa etária o cérebro ainda não atingiu sua maturidade, não exerce plenamente a função de controle de impulsos”, diz.
A internet arrebata ainda mais dependentes quando se torna móvel: estatísticas internacionais apontam que 20% da população mundial de usuários de smartphones não consegue exercer um uso equilibrado da internet, de acordo com Nabuco.
Mas é claro que nem tudo são pedras no mundo virtual, como explica Eduardo Jorge. “Pesquisas também mostram que crianças usuárias de tecnologias da informação são mais ágeis, mais inventivas e têm uma capacidade maior de raciocínio em alguns testes de QI. A tecnologia não é um bicho de sete cabeças do qual elas tenham que ficar afastadas”, afirma. “Devem ser estimuladas a fazer bom uso, com limites.”
[...]
(Annette Schwartsman. *Folha de S. Paulo*, 15/5/2012. Equilíbrio.) Alexandre Matos

No último parágrafo do texto I, Larry Rosen diz: “Temos de parar e avaliar nossas vidas, porque somos nós que estamos causando os problemas, não a tecnologia. Afinal de contas, quem aperta os botões?”.
a) Por que a frase “Afinal de contas, quem aperta os botões?” resume o ponto de vista do entrevistado?
b) O ponto de vista de Larry Rosen coincide com o expresso no texto II? Por quê?

Questão 300

Leia a tirinha a seguir.
Tirinha 1

Disponívem em: <https://renatofelix.wordpress.com/2012/03/10/a-formula-do-riso/>?

a) A qual característica de Cascão essa tirinha se refere?
b) Com qual elemento da tirinha o quadrinista (desenhista de histórias em quadrinhos) produz o efeito de humor? Explique.

Questão 301

Leia o cartum a seguir e responda à questão.

O cartum denuncia um problema relacionado:
(b) às relações políticas.
(c) ao meio ambiente.
(a) às relações sociais.
(d) à saúde.

Questão 302

Leia esta tira:

Considere o que Miguelito diz no último quadrinho.
a) Conclua: O que ele relatou nos quadrinhos anteriores aconteceu de fato?
b) Por que o garoto fez tal relato para a professora?

Questão 303

Leia o texto a seguir:
[...] “A extinção [da saíra] está associada à destruição secular da Mata Atlântica, porque a espécie só sobrevive em florestas muito bem conservadas”, diz o biólogo Edson Ribeiro Luiz, coordenador de projetos da SAVE Brasil, ONG ligada à Bird Life International, que tem como foco a proteção das aves brasileiras. [...]

BEER, Raquel. À beira da extinção, ave saíra apunhalada tem rara chance de se recuperar na natureza. *Veja*.

Disponível em: <veja.abril.com.br/ciencia/a-beira-da-extincao-ave-saira-apunhalada-tem-rara-chance-de-se-recuperar-na-natureza/>.

Acesso em: 14 ago. 2018.

Assinale a alternativa em que todas as palavras têm um hiato.

(c) biólogo – saíra – coordenador

(a) saíra – associada – proteção

(d) proteção – biólogo – coordenador

(b) espécie - Ribeiro – brasileiras

Questão 304

Há, a seguir, dois textos sobre a autoestima de crianças e adolescentes. O primeiro é parte de um texto da psicóloga Rosely Sayão, publicado no *blog* da autora; o segundo é parte de uma reportagem da revista *Atrevida*. Leia-os.

AUTOESTIMA DOS FILHOS

[…]

O que vem a ser autoestima? De um modo geral, é o valor que a pessoa se dá.

[…] a psicanalista Isabel Menéndez afirma: "Entende-se por autoestima que a criança tenha uma percepção de si mesma como alguém valioso e querido, especialmente pelos pais. Ela é construída quando os adultos acompanham a criança no crescimento, impondo-lhe limites, quer dizer, educando-a e formando sua personalidade.". Lurdes Cestero, psicóloga clínica, acrescenta: "Autoestima é a capacidade de estar bem consigo mesmo e com o entorno, em um sentido profundo, íntimo". "Às vezes se confunde autoestima com egolatria. A egolatria é uma estima inflada, baseada em ouvir 'você é maravilhoso'".

Talvez um dos motivos desse novo costume de os pais declararem constantemente o amor aos filhos tenha relação com a busca de uma boa autoestima para os rebentos. […]

De fato: a criança que sente que é amada por seus pais se valoriza, mas é preciso lembrar que o amor dos pais não é feito só de palavras. […]

Considero a declaração de amor dos pais aos filhos algo extremamente valioso em sua formação, mas essa declaração nem sempre é feita por meio de palavras. Afinal, dizer "eu te amo" é simples. O complexo é manifestar isso na convivência, seja com filhos, seja com companheiros, não é verdade?

(Disponível em: http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2007-05-01_2007-05-15.html. Acesso em: 29/10/2014.)

VOCÊ PODE TUDO!

Vale a pena amar a si mesma porque, com a autoestima nas alturas, curtimos a vida com muuuito mais alegria!

Por *Rita Trevisan*

Aqui na Atrê, a gente vive falando sobre essa tal autoestima que, no fundo, tem muito a ver com a imagem que fazemos de nós mesmas. Quando conseguimos ver no espelho uma garota cheia de qualidades é sinal de que nosso amor-próprio vai muito bem. Porém, basta enxergar mil problemas e está feita a confusão: nesse caso, a autoestima precisa de uma injeção de ânimo. Infelizmente, a maioria das meninas faz parte da turma das não muito contentes assim. "Na adolescência, o corpo muda muito rápido. Para ajudar, os jovens são cobrados demais: pela escola, pelos amigos, pela família. E é difícil mesmo manter as emoções sob controle. É natural ter um certo medo de crescer", diz a psicóloga Márcia Ferreira. Como consequência, começamos a achar que não vamos dar conta, pinta o desânimo, a tristeza e a frustração. Para passar longe disso, vale a pena se esforçar para aprender a cuidar dessa pessoa tão importante e especial: você!

[…]

(Disponível em: http://atrevida.uol.com.br/Edicoes/171/artigo113878-1.asp. Acesso em: 29/11/2014.)

Em relação ao segundo texto, responda:

a) Quem são os interlocutores?

b) Qual é o perfil do público leitor da revista em que o texto foi publicado? Justifique sua resposta.
c) Qual é a finalidade principal dele?

Questão 305

(31º Anuário do Clube de Criação de São Paulo.)

Todo texto é produzido por alguém e para alguém; além disso, cumpre uma finalidade comunicativa.
a) Quem é o anunciante, no anúncio lido?
b) O que o anúncio promove ou divulga?
c) Levante hipóteses: Qual é o público-alvo desse anúncio?

Questão 306

Leia os dois textos a seguir.

Texto 1

Um dia descobri que minha mãe trabalhava numa revista. Revistas, para mim, eram as da Turma da Mônica, que eu folheava avidamente, desde muito antes de aprender a ler. Minha mãe me explicou que a dela era diferente, uma revista para gente grande, mas que era feita no mesmo prédio que as da Mônica. Animado, imaginei pilhas de Cascão, Cebolinha, Mônica e Magali de graça. Pedi que me trouxesse algumas no dia seguinte. Não dava, ela me explicou. Infelizmente, não era dona da editora, apenas empregada.

Que revelação! Imaginei-a fazendo almoço e café numa enorme cozinha. Vislumbrei seu quarto, no fundo de um quintal. Teria ela, também, uma TV preto e branco? Pintaria as unhas, sentada na cama, de bobes na cabeça, cantarolando músicas da novela? Como seria sua vida, depois que saía de casa na Brasília branca e ia ser "a moça que trabalha lá na editora"? Que empresa incrível devia ser aquela, que se dava ao luxo de ter minha mãe como empregada.

[...]

(Antonio Prata. *Nu, de botas!.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.14.)

Texto 2?

A quem interessar possa?

Abriu a janela no exato momento em que a garrafa com a mensagem passava, levada pelo vento. Pegou-a pelo gargalo e, sem tirar a rolha, examinou-a cuidadosamente. Não tinha endereço, não tinha remetente. Certamente, pensou, não era para ele. Então, com toda delicadeza, devolveu-a ao vento.

(Marina Colasanti. *Fragatas para terras distantes.* Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 217.)

No texto 1:
a) Quem é o autor?
b) O narrador é uma criança ou é um adulto rememorando o que viveu e sentiu na infância?
c) Observe as palavras destacadas nestes trechos: "**minha** mãe", "para **mim**", "**eu** folheava", "**imaginei** pilhas de Cascão", "**pedi** que **me** trouxesse". Por essas palavras, é possível dizer que o narrador participa da história?

Questão 307

A verdadeira história dos três porquinhos

Em todo o mundo, as pessoas conhecem a história dos três porquinhos. Ou, pelo menos, acham que conhecem.

Mas eu vou contar um segredo. Ninguém conhece a história verdadeira, porque ninguém jamais escutou o meu lado da história.

Eu sou o lobo. Alexandre T. Lobo. Pode me chamar de Alex.

Eu não sei como começou todo esse papo de Lobo Mau, mas está completamente errado.

Talvez seja por causa de nossa alimentação.

Olha, não é culpa minha se os lobos comem bichos engraçadinhos como coelhos e porquinhos. É apenas nosso jeito de ser. Se os *cheeseburguers* fossem uma gracinha, todos iam achar que você é Mau.
Mas como eu estava dizendo, todo esse papo de Lobo Mau está errado.
A verdadeira história é sobre um espirro e uma xícara de açúcar. E eu vou explicar pra vocês.
No tempo do Era uma Vez, eu estava fazendo um bolo de aniversário para minha querida e amada vovozinha.
Eu estava com um resfriado terrível, espirrando muito.
Fiquei sem açúcar.
Então resolvi pedir uma xícara de açúcar emprestada para o meu vizinho.
Agora, esse vizinho era um porco.
E não era muito inteligente também.
Ele tinha construído a sua casa toda de palha.
Dá para acreditar? Quero dizer, quem tem a cabeça no lugar não constrói uma casa de palha.
[...]
Jon Scieszka. *A verdadeira história dos três porquinhos*. Ilustr. Lane Smith; trad.

Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993.

Paródia – obra literária, musical, teatral, etc., que, com intenção humorística ou satírica, imita outra obra, gênero ou estilo conhecido.
Este texto é uma paródia do conto "Os três porquinhos", divulgada no século XIX pelo autor australiano Joseph Conrad.
Mesmo que não conhecesse a história original, você poderia prever o que acontecerá na visita de Alex à casa do vizinho. Quais são os dois índices que possibilitam essa previsão? Como esses índices permitirão uma desculpa de Alex para suas ações?

Questão 308

Observe o emprego dos artigos nestes trechos do poema:
“Carolina, você não é mais **uma** menina”
“com **os** meus olhos morrendo à míngua”
“para passear assim, distraída, n**o** meu coração”
“**o** jacarandá florido, ali na praça”
(d) Considerando o sentido que esses artigos dão às palavras no texto, conclua: Quais desses artigos são definidos? Qual é indefinido?
(b) E os artigo **os** e **o** (2º e 3º trechos, respectivamente): eles se referem a olhos e coração e alguém em particular ou a olhos e coração de qualquer pessoa?
(a) O artigo **uma** se refere a uma menina em particular ou a uma menina qualquer entre muitas?
(c) O artigo o que precede jacarandá dá a entender que o **jacarandá** é específico, conhecido pelo eu lírico e por Carolina, ou que ele é um jacarandá qualquer entre muitos?

Questão 309

Leia este poema, de Sebastião Nuvens:
Gato no mato

Um gato
foi passear no mato.
Quando chegou
no meio do mato encontrou
outro gato.
Os dois gatos
foram caçar patos.
Quando chegaram perto dos patos,
surgiram outros

dois gatos.
Os quatro gatos
foram procurar
ninho de carrapato.
Quando chegaram
perto dos chatos,
apareceram outros
quatro gatos.
Os oito gatos foram
brincar de dar saltos.
Enquanto davam
saltos muito altos,
se encontraram
com mais oito gatos.
Os dezesseis gatos
resolveram sair do mato.
Quando saíram do mato,
deram de cara com
outros dezesseis gatos.
Os trinta e dois gatos
decidiram caçar ratos.
Enquanto caçavam ratos,
apareceram outros
trinta e dois gatos.
Aí, os ratos gritaram:
— Assim, não!
Desse jeito é covardia!
Envergonhados,
os gatos foram saindo
de mansinho,
cada um para o seu lado.
E, como não tinha
nada para fazer,
um dos gatos resolveu
ir passear no mato.
(*Ciência Hoje das Crianças*, nº 128, p. 8.)

Personificação é um recurso de linguagem que consiste em atribuir qualidades humanas a seres não humanos ou inanimados. No poema, que ações ou atitudes dos gatos são exemplos de personificação?

Questão 310

Texto 1

A morte da tartaruga?

Millôr Fernandes

O menininho foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força.

A mãe, a princípio, ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. "Cuidado, senão você acorda seu pai". Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o

pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação. Afinal, com tanto choro, o pai acordou, lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse:
— Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que faço. Já lhe prometi tudo, mas ele continua berrando desse jeito.
O pai examinou a situação e propôs:
— Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta, não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai.
O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse:
— Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral. (Empregou de propósito uma palavra difícil).
O menininho parou imediatamente de chorar.
— Que é funeral?
O pai lhe explicou que era um enterro.
— Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastantes balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário. Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o "happy-birth-day-to-you" pra tartaruguinha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e com o dia em que ela morreu. Isso é que é um funeral! Vamos fazer isso?
O garotinho estava com outra cara.
— Vamos, papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela.
Saiu correndo. Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal.
— Papai, papai, vem cá, ela está viva!
O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruguinha estava andando de novo, normalmente.
— Que bom, hein? — disse. — Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!
— Vamos, sim, papai — disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande. — Eu mato ela.
Moral: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.
Fábulas fabulosas. São Paulo: Círculo do Livro, 1973, p. 108. Texto adaptado: o original possui apenas dois parágrafos, antes da "moral"; para facilitar a leitura, foi ampliada a paragrafação.?

Sobre o texto, responda à questão:
A mãe não teve sucesso em suas tentativas de acalmar o menino. Qual foi a tática do pai para que ele parasse de chorar?

Questão 311

O texto a seguir é o segundo capítulo de um romance de aventuras – Raptado – escrito por Robert L. Stevenson.
No primeiro capítulo o leitor fica conhecendo o jovem David Balfour, cujos pais haviam morrido recentemente. Seu pai determinara, antes de morrer, que David deveria partir de Essendan, sua terra natal, para a casa de um tio, na aldeia de Cramond. Assim ele fez, levando uma carta de apresentação assinada por seu pai. No segundo capítulo, David chega ao seu destino, depois de dois dias de caminhada.
Chego ao fim da viagem
Robert Louis Stevenson?

[...]
Mais adiante, disseram-me que eu me encontrava no povoado de Cramond, e comecei a perguntar pela casa de Shaws. Era uma palavra que parecia surpreender àqueles a quem eu pedia informações. A princípio pensei que minha aparência humilde, meus trajes de camponês e toda a poeira da estrada contrastavam com a grandeza do lugar para onde me dirigia. Mas depois que duas ou três pessoas me lançaram o mesmo olhar e me deram a mesma resposta, comecei a desconfiar de que havia algo estranho com os próprios Shaws.

Para evitar esse tipo de problema, mudei a forma de minhas indagações; e vendo um tipo de aparência honesta vindo pelo caminho, sentado no varal de sua carroça, perguntei- -lhe se já ouvira falar de uma dita casa de Shaws.

Ele parou a carroça e me olhou da mesma forma que os outros.

— Sim — respondeu. Por quê?

— É uma casa grande? — perguntei.

— Com certeza — disse ele. É uma casa grande e esquisita.

— Sei. E a gente que mora nela?

— Gente? — perguntou. — Você é bobo? Não tem ninguém lá... que possa se chamar de gente.

— O quê? — disse eu. — E o senhor Ebenezer?

— Hum, sim — tornou o homem. O dono da casa sim, claro, se é ele quem você procura. Que tipo de negócio você tem com ele, mocinho?

— Disseram-me que eu conseguiria uma colocação — expliquei, procurando ser o mais humilde possível.

— O quê? gritou o carroceiro, de uma forma que assustou até o cavalo. — Bem, mocinho — acrescentou ele —, não tenho nada com essa história; mas você parece ser um tipo decente; e se quer um conselho, fique longe dos Shaws.

A pessoa com quem cruzei em seguida era um homenzinho elegante, com uma bela peruca, que logo percebi ser o barbeiro fazendo sua ronda; e sabendo muito bem que os barbeiros costumam ser fofoqueiros, perguntei-lhe abertamente que tipo de homem era o senhor Balfour de Shaws.

— Ora, ora, ora — disse o barbeiro —, aquilo nem chega a ser um homem. [...]

Não consigo descrever a decepção que isso me causou. Quanto mais vagas eram as acusações, menos eu gostava delas, pois deixava mais campo à imaginação. Que diabos de grande casa era essa, que toda pessoa se surpreendia e olhava de lado quando perguntada sobre ela? Que espécie de fidalgo era aquele, cuja má fama corria mundo? Se com uma hora de viagem eu pudesse voltar a Essendean, eu acabaria a minha aventura ali mesmo, e voltaria para a casa do senhor Campbell. Mas, uma vez que eu tinha viajado para tão longe, eu iria até o fim para tirar o caso a limpo, nem que fosse só pela vergonha de desistir antes do tempo; por uma questão de amor próprio, eu tinha de continuar; e por menos que eu gostasse do que me diziam, e por mais devagar que eu viajasse, continuava perguntando o caminho e indo adiante.

Já estava começando a anoitecer quando encontrei uma mulher corpulenta, escura, com expressão amargurada, que vinha descendo um morro penosamente; e quando lhe fiz minha pergunta de sempre ela deu um giro brusco, acompanhou-me morro acima retomando o caminho que acabara de fazer, e apontou o grande vulto do edifício solitário no meio do campo verde no fundo do vale. As cercanias eram muito agradáveis, com muitas colinas, com muitas águas e bosques, e a meu ver as colheitas deviam ser excelentes. Mas a casa era uma espécie de ruína; nenhum caminho levava até ela; de suas chaminés não saía nenhuma fumaça; nada havia nela que lembrasse um jardim. Senti um peso no coração.

— Aquilo! — gritei.

O rosto da mulher teve um brilho de raiva maligna.

— Aquela é a casa de Shaws! — exclamou. — O sangue a edificou, o sangue interrompeu sua construção, o sangue a destruirá. Olhe aqui! — continuou a mulher aos berros —, cuspo no chão e estalo os dedos para amaldiçoá-la! Sua queda será terrível! Se você encontrar o dono da casa, diga-lhe o que ouviu; diga-lhe que esta foi a milésima ducentésima quinta vez que Jennet Clouston amaldiçoou a ele, suas propriedades, sua família, incluindo estábulo, hóspedes, homens, mulheres e crianças — terrível, terrível será sua queda!

E a mulher, cuja voz assumira um tom de cantilena antiga, girou com um salto, e se foi. Fiquei onde ela me deixou, com os cabelos em pé. Naquele tempo as pessoas ainda acreditavam em bruxas e tremiam diante de uma maldição; e aquela, que parecia vir bem a propósito para impedir que eu realizasse meus planos, me deixou de pernas bambas.

Sentei-me e fiquei olhando a casa de Shaws. [...] Finalmente o sol desapareceu e eu vi, contra o fundo amarelo do céu, uma espiral de fumaça subindo, não muito mais grossa que a fumaça de uma vela, segundo me pareceu; mas de qualquer maneira lá estava ela, e significava fogo, calor e comida, e algum habitante que devia tê-lo acendido; e isso confortou meu coração.

Comecei a andar em direção à casa por uma trilha quase imperceptível. Era uma trilha tão indefinida que dificilmente poderia ser o único caminho que levava à casa; mas não vi nenhum outro. O caminho passava por colunas de pedra, com uma cabana destelhada do lado, encimadas por brasões. Evidentemente aquilo deveria ter sido a entrada principal, nunca concluída; ao invés de portões de ferro batido, havia um par de obstáculos improvisados, amarrados com uma corda; e como não havia muros que circundassem um jardim, nenhum sinal de alameda, a trilha que eu seguia passava à direita das colunas e levava à casa.

Quanto mais perto eu chegava, mais lúgubre ela parecia. Dava a impressão de ser a única ala de uma casa cuja construção nunca fora concluída. Os andares de cima estavam abertos e elevavam-se contra o céu, com degraus e escadarias inacabadas. Muitas das janelas não tinham vidraças, e os morcegos entravam e saíam com toda familiaridade, como pombos num pombal.

A noite começara a cair quando cheguei mais perto; e em três das janelas do térreo, que ficavam a grande altura, eram pequenas e muito bem guarnecidas de barras, começou a brilhar a luz trêmula de uma pequena chama. [...]

Aproximei-me com cuidado, e pondo-me à escuta, ouvi alguém mexendo em pratos, e uma tossezinha seca e impaciente que ia e voltava; mas não se ouvia nenhuma voz, nem o latido de um cão.

A porta, pelo que pude ver àquela fraca luz, era uma grande peça de madeira toda guarnecida de cravos; sem muito ânimo, levantei a mão e bati à porta uma vez. Parei e esperei. A casa caíra num silêncio mortal. Passou-se um minuto, e nada se mexia além dos morcegos lá no alto. Bati novamente, e novamente me pus a escutar. Àquela altura meus ouvidos estavam tão afinados com o silêncio que eu conseguia ouvir o tique-taque do relógio dentro da casa marcando devagar os segundos; mas a pessoa que estava dentro da casa continuava quieta, e devia ter prendido a respiração.

Eu estava em dúvida se devia fugir; mas a raiva foi mais forte e comecei a martelar a porta incessantemente e a gritar bem alto chamando o senhor Balfour. Eu estava em plena ação, quando ouvi a tosse bem acima de minha cabeça. Dando um salto para trás e levantando a vista vi a cabeça de um homem com um gorro comprido, e a boca de sino de um bacamarte, em uma das janelas do primeiro andar.

— Está carregado — disse a voz.

— Vim aqui com uma carta — disse eu — para o senhor Ebenezer Balfour de Shaws. Ele está aqui?

— De quem é a carta? — perguntou o homem do bacamarte.

— Isso não vem ao caso — respondi, porque já estava ficando furioso.

— Bem — disse ele —, você pode deixar a carta aí na porta e dar o fora.

— Não vou fazer isso — gritei. — Vou entregar essa carta nas mãos do senhor Balfour como me propus a fazer. É uma carta de apresentação.

— Carta de quê? — gritou a voz, rispidamente.

Repeti o que havia dito.

— Quem é você? — perguntou ele depois de um longo silêncio.

— Não me envergonho do meu nome — respondi. — Chamo-me David Balfour.

Ao ouvir estas palavras, o homem estremeceu; estou certo disso porque ouvi o bacamarte raspar o peitoril da janela; e foi depois de uma pausa ainda maior, e com uma curiosa mudança de voz que ele fez mais uma pergunta:

— Seu pai morreu?

Fiquei tão surpreso que não tive voz para responder, e fiquei olhando.

— Sim — continuou o homem —, sem dúvida ele deve ter morrido e é por isso que você veio bater à minha porta.

Mais uma pausa, depois do que ele falou num tom de desafio.

— Bem, homem, vou deixar você entrar.

E desapareceu da janela.

Raptado. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ática, 1997.

No parágrafo 22 o narrador descreve a trilha que leva à casa como **quase imperceptível** e **indefinida**. Que características da casa e de seu proprietário o leitor pode inferir dessa descrição?

Questão 312

Leia o poema a seguir, de Elias José, e responda à questão

Morada do inventor

A professora pedia e a gente levava,
achando loucura ou monte de lixo:
latas vazias de bebidas, caixas de fósforo,
pedaços de papel de embrulho, fitas,
brinquedos quebrados, xícaras sem asa,
recortes e bichos, pessoas, luas e estrelas,
revistas e jornais lidos, retalhos de tecido,
rendas, linhas, penas de aves, cascas de ovo,
pedaços de madeira, de ferro ou de plástico.
Um dia, a professora deu a partida
e transformamos, colamos e colorimos.
E surgiram bonecos esquisitos,
bichos de outros planetas, bruxas
e coisas malucas que Deus não inventou.
Tudo o que nascia ganhava nome, pais,
casa, amigos, parentes e país.
E nasceram histórias de rir ou de arrepiar!…
E a escola virou morada de inventor!

(Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/linguaportuguesa/pratica-pedagogica/morada-inventor-423524.shtml. Acesso em: 10/12/2013.)

O poema sugere que, pela imaginação, é possível

(d) transformar lixo em coisas inúteis.
(b) combinar elementos e formar um mundo sem criatividade.
(a) transformar e dar significado a coisas aparentemente sem sentido.
(c) criar um mundo já existente no mundo real.

Questão 313

Texto I:

Poesia e prosa

Pode-se escrever em prosa ou em verso.
Quando se escreve em prosa,
a gente enche a linha do caderno até o fim,
antes de passar para a outra linha.
E assim por diante até o fim da página.
Em poesia não: a gente muda de linha antes do fim,
deixando um espaço em branco antes de ir para a linha seguinte.
Essas linhas incompletas se chamam de versos.
Acho que o espaço em branco é para o leitor poder ficar pensando.
Pensando bem no que o poeta acabou de dizer.

Algumas vezes, lendo um verso, a gente tem de
voltar aos versos de trás para entender
melhor o que ele quer dizer.
Principalmente quando há uma rima, isto é,
uma palavra com o mesmo som de outra lida há pouco.
Então a gente vai procurá-la para ver se é isso mesmo.
A prosa é como trem, vai sempre em frente.
A poesia é como o pêndulo dos relógios de parede de antigamente,
que ficava balançando de um lado para outro.
Embora balançasse sempre no mesmo lugar,
o pêndulo não marcava sempre a mesma hora.
Avançava de minuto a minuto,
registrando a passagem das horas: 1, 2, 3, até 12.
Também a poesia vai marcando,
na passagem da vida, cada minuto importante dela.
De tanto ir e vir de um verso a outro,
de uma rima a outra,
a gente acaba decorando um poema e guardando-o na memória.
E quando vê acontecer alguma coisa parecida
com um poema que já leu, a gente logo se recorda dele.
Geralmente, a prosa entra por um ouvido e sai pelo outro.
A poesia, não: entra pelo ouvido e fica no coração.

(José Paulo Paes)

A que ele compara a poesia?

Questão 314

Apesar de hoje em dia os jovens estarem usando pouco o *e-mail*, vale a pena conhecer melhor esse gênero, pois certamente um dia você precisará escrever ou responder a um e-mail. O mais difícil para o internauta de hoje talvez seja adequar corretamente a linguagem desse gênero ao perfil do interlocutor e à formalidade ou informalidade da situação.

Por isso, você vai redigir dois *e-mails*, cada um deles direcionado a um destinatário diferente:
• um adolescente como você e com quem você tem bastante intimidade;
• uma pessoa mais velha, que ocupa um cargo importante na escola — o(a) diretor(a), o(a) orientador(a) pedagógico(a), um(a) coordenador(a), etc. — e com quem, portanto, você não tem intimidade.
Em cada *e-mail*, informe que vai precisar viajar no dia da prova de Português e faça um pedido, que deve ser o mesmo, a cada destinatário.

Questão 315

Texto IV

Outro presente para a senhora

Mário Quintana

– Mãe, taqui seus chocolates!
– Que chocolates, meu anjo?
– A senhora não sabe que, no Dia das Mães, dê chocolate para ela? Comprei um pacotão divino-maravilhoso-fora-de-série, pra senhora. Tem bombons, tablettes, figurinhas, pastilhas, drágeas... Um negócio, mãe!
– Filhinho, eu não posso comer chocolate.
– Como não pode? É uma curtição. Todas as mães do Brasil, no Dia das Mães, vão saborear produtos achocolatados. Não precisa engolir tudo e duma vez, guarda pra semana toda, pro mês inteiro.
– Alfredinho, o médico me proibiu de comer chocolate.

– E daí, esquece o médico. Não é Dia dos Médicos, é Dia das Mães, dia da senhora. Quando é que as mulheres vão se emancipar da tutela dos homens?
– E você não é homem, criatura? Você quer que eu seja independente comendo chocolate que você faz questão de me dar?
– Fico triste com a senhora.
– Fique não, querido. Vamos fazer uma coisa. Dê esse pacote tão lindo pra sua namorada.
– A Georgiana? A Georgiana não é casada nem mãe solteira, como é que eu vou dar presente a ela no Dia das Mães? Pega mal.
– Toda namorada merece ganhar presentes em qualquer dia do ano.
– Não posso dar chocolates a Georgiana.
– Não pode por quê?
– Engorda.
– Ah, muito bonito. Então a Georgiana não pode engordar, eu, que sou mãe do namorado dela, posso, né?
– Não é nada disso, mãe. Também não quero que a senhora engorde, mas se engordar, problema de papai.
– O problema é meu antes de mais ninguém, ouviu? Ou você não acha mais que a mulher deve resolver por si mesma o que lhe convém ou não convém?
– Mas chocolate, uma coisa à toa... Que importância tem isso?
– Tem importância pra Georgiana, tem importância pra você que não quer ver Georgiana barriguda por causa de chocolate, não tem importância pra mim, só porque no Dia das Mães usa oferecer chocolate à autora dos seus dias?
– Autora de quê? A senhora tá falando difícil, mãe. Até parece linguagem de vestibular. Deixa, não tem importância. Quer dizer que a senhora tá mandando meu presente praquela parte.
– Alfredinho, não repita!
– Não disse nada de mal.
– Disse sem dizer. Não admito que você use essas expressões falando comigo.
– Que expressões? Desculpe. Não quis ofender a senhora, evidente. Estou só defendendo o chocolate, entende?
– Está bem.
– É muito alimentício.
– Eu sei.
– Numa dieta bem balanceada...
– Chega, Alfredinho. Não precisa falar em calorias. Quem não sabe que chocolate é bom e gostoso? Eu adoro chocolate, mas...
– Então pega o pacote.
– É uma tentação. Mas eu resisto.
– Eu ajudo a destruir o que tá aí dentro, mãe.
– Não.
– Prova só um chocolatezinho mais legal, com recheio de licor.
– Não.
– Unzinho só. Delícia.
– Nããããão. Leve pra Georgiana, já disse.
– Já vi tudo. Você quer ter uma nora de barrigona estufada de tanto comer chocolate, só pra ter o gosto de mostrar que a sogra dela é mais leve que manequim!
– Bandido, some da minha frente com essa porcaria, que eu não sou mais sua mãe!

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os dias lindos*. Em: Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988.

Esta crônica de Carlos Drummond de Andrade não possui a voz de um narrador. Que outro gênero literário possui características semelhantes? Explique.

Questão 316

Leia a letra de uma canção de Vinícius de Morais e Paulo Soledade:

A formiga

As coisas devem ser bem grandes
Pra formiga pequenina
A rosa, um lindo palácio
E o espinho, uma espada fina
A gota d'água, um manso lago
O pingo de chuva, um mar
Onde um pauzinho boiando
É navio a navegar
O bico de pão, o corcovado
O grilo, um rinoceronte
Uns grãos de sal derramados
Ovelhinhas pelo monte.

(http://letras.terra.com.br/vinicius-de-moraes/87245/. Acesso em 19/1/2010.)

Os compositores, nessa canção, apresentam duas visões de mundo: a do homem e a da formiga.
a) Os elementos a seguir expressam a visão do ser humano. Dê os elementos que correspondem a eles, na visão da formiga.
• rosa
• gota d'água
• pauzinho
• grilo
• espinho
• pingo de chuva
• bico de pão
• grãos de sal
b) Observe as respostas do item anterior. A que classe gramatical pertencem as palavras dadas como resposta?
c) Alguma dessas palavras designa sentimento, sensação ou qualidade?

Questão 317

O telescópio

Por longo tempo lá ficaram na varanda ouvindo as histórias do céu. Dona Benta parecia um Camilo Flammarion de saia. Esse Flammarion foi um sábio francês que escreveu livros lindos e explicativos. "*Quem não entender o que esse homem conta" — costumava dizer Dona Benta*, "é melhor que desista de tudo. Seus livros são poemas de sabedoria, claríssimos como água."
Quem mais se interessou por aqueles estudos foi Pedrinho. Sonhou a noite inteira com astros e no dia seguinte pulou da cama com uma ideia na cabeça: construir um telescópio! "Que é, afinal de contas, um telescópio?" — refletiu ele. "Um canudo com uns tantos vidros de aumento dentro. Esses vidros aumentam o tamanho dos astros, de modo que eles parecem ficar mais próximos — foi como disse vovó."
E logo depois do café da manhã tratou de construir um telescópio. Canudos havia no mato em quantidade — nas moitas de taquara; e vidros de aumento havia no binóculo da vovó. Pedrinho serrou os canudos necessários, de grossuras bem calculadas, de modo que uns se encaixassem nos outros, colocou lá dentro as lentes do binóculo de Dona Benta e fez uma armação de pau onde aquilo pudesse ser manobrado com facilidade, ora apontando para este lado, ora para aquele.
Enquanto ia construindo o telescópio, dava aos outros, reunidos em redor dele, amostras de sua ciência.
— O telescópio saiu da luneta astronômica inventada por aquele italiano antigo, o tal Galileu. Um danado! Inventou também o termômetro e mais coisas. — Mas telescópio é invenção que até eu invento — disse Emília. — É só cortar canudos de taquara e grudar uns monóculos dentro...
Pedrinho ia respondendo sem interromper o serviço.

— Parece fácil, e é fácil hoje que a coisa já está sabida. Mas o mundo passou milhões de anos sem conhecer este meio tão simples de ver ao longe, até que Galileu o inventou. Também para tomar a temperatura das coisas nada mais simples do que fazer um termômetro — um pouco de mercúrio dentro dum tubinho de vidro, mas foi preciso que Galileu o inventasse. *Tudo na vida são* "*ovos de Colombo*".
Depois de pronto o telescópio, houve discussão quanto ao astro que veriam primeiro.
— Eu acho que o primeiro tem que ser o Sol, que é o pai de todos — disse Narizinho.
— Eu acho que deve ser a Grande Ursa, porque é um bicho raro — propôs Emília.
Pedrinho riu-se com superioridade.
— A Grande Ursa não pode, boba, porque fica nos céus do Norte. Estes céus aqui são os céus do Sul. E o senhor que acha, Dr. Livingstone? — perguntou ele ao Visconde.
O Dr. Livingstone respondeu batendo na bibliazinha.
— Deus fez por último as estrelas, como diz aqui o Gênesis, mas Cristo disse que os últimos serão os primeiros. Logo, temos que começar pelas estrelas.
Todos se admiraram daquela sabedoria, mas Pedrinho não se contentou. Quis também consultar tia Nastácia lá na cozinha.
— E você, tia Nastácia, que acha? — perguntou-lhe.
A negra, que acabava de matar um frango, foi de opinião que o bonito seria começar pela Lua, "onde São Jorge vive toda a vida matando um dragão com sua lança!"
A ideia foi recebida com palmas e berros.
— O dragão! O dragão! Viva São Jorge!... — exclamaram todos — e a lembrança de Tia Nastácia foi vencedora. Uma linda Lua cheia estava empalamando no céu. Pedrinho apontou para ela o telescópio. Espiou e nada viu. Emília, porém, viu coisas tremendas.
— Estou vendo, sim! — gritou. — Estou vendo um dragão verde, tal qual lagarto, com uma língua vermelha de fora. Língua de ponta de flecha. São Jorge, a cavalo, está espetando a lança no pescoço do coitado...
— Será possível? — exclamou Pedrinho, afastando-a do telescópio para espiar de novo — mas continuou a não ver nada.
— Você está sonhando, Emília. Não se vê nem a Lua, quanto mais o dragão.
— *Pois eu vejo tudo com o maior "perfeiçume" — insistiu Emília voltando ao telescópio*. — Um dragão de escamas... Com unhas afiadas... Um rabo comprido dando duas voltas.
Os meninos entreolharam-se. Verdade ou mentira? A boneca tinha fama de possuir uns olhos verdadeiramente mágicos — mas quem podia jurar sobre o que ela afirmava? A ânsia de ver coisas, porém, era maior que a dúvida, de modo que resolveram aceitar como verdade as afirmações da Emília *e nomeá-la a "olhadeira do telescópio"*. Ela que fosse vendo tudo e contando aos outros.
Emília começou. Depois de enumerar todas as coisas que viu na Lua, apontou o telescópio para uma estrela qualquer.
— Chi — exclamou fazendo cara de espanto. — Como é peluda!... E tem dois ursinhos ao colo... Está brincando com um de cara preta... Agora franziu a testa... Parece que percebeu que estamos apontando para lá... Com certeza pensa que este telescópio é espingarda... A Grande Ursa é enormíssima..
— A Grande Ursa não é estrela daqui, Emília. Vovó já disse. Você está nos bobeando — gritou Pedrinho meio zangado.
Mas Emília continuou a ver coisas e a insistir que era realmente uma estrela Ursa. "*Com certeza cansou-se dos gelos polares e chegou cá a estes céus do Sul para esquentar o corpo...*"
Pedrinho deu-lhe um peteleco.
LOBATO, Monteiro. *Viagem no céu*. In: *Obra infantil completa*: edição centenário: 1882-1982. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 632.

No trecho "'*Quem não entender o que esse homem conta' — costumava dizer Dona Benta*" (parágrafo 1), as aspas, pela função que desempenham, poderiam ser substituídas por travessão, após uma mudança de parágrafo. Isso poderia ocorrer também no trecho:
(d) "*Com certeza cansou-se dos gelos polares e chegou cá a estes céus do Sul para esquentar o corpo...*" (parágrafo 29).

(c) [...] *e nomeá-la a "olhadeira do telescópio"* (parágrafo 25).
(a) T*udo na vida são* "*ovos de Colombo*" (parágrafo 8)
(b) *Pois eu vejo tudo com o maior "perfeiçume" — insistiu Emília voltando ao telescópio* (parágrafo 24).

Questão 318

Texto

Outro presente para a senhora

Mário Quintana

– Mãe, taqui seus chocolates!
– Que chocolates, meu anjo?
– A senhora não sabe que, no Dia das Mães, dê chocolate para ela? Comprei um pacotão divino-maravilhoso-fora-de-série, pra senhora. Tem bombons, tablettes, figurinhas, pastilhas, drágeas... Um negócio, mãe!
– Filhinho, eu não posso comer chocolate.
– Como não pode? É uma curtição. Todas as mães do Brasil, no Dia das Mães, vão saborear produtos achocolatados. Não precisa engolir tudo e duma vez, guarda pra semana toda, pro mês inteiro.
– Alfredinho, o médico me proibiu de comer chocolate.
– E daí, esquece o médico. Não é Dia dos Médicos, é Dia das Mães, dia da senhora.
Quando é que as mulheres vão se emancipar da tutela dos homens?
– E você não é homem, criatura? Você quer que eu seja independente comendo chocolate que você faz questão de me dar?
– Fico triste com a senhora.
– Fique não, querido. Vamos fazer uma coisa. Dê esse pacote tão lindo pra sua namorada.
– A Georgiana? A Georgiana não é casada nem mãe solteira, como é que eu vou dar presente a ela no Dia das Mães? Pega mal.
– Toda namorada merece ganhar presentes em qualquer dia do ano
– Não posso dar chocolates a Georgiana.
– Não pode por quê?
– Engorda.
– Ah, muito bonito. Então a Georgiana não pode engordar, eu, que sou mãe do namorado dela, posso, né?
– Não é nada disso, mãe. Também não quero que a senhora engorde, mas se engordar, problema de papai.
– O problema é meu antes de mais ninguém, ouviu? Ou você não acha mais que a mulher deve resolver por si mesma o que lhe convém ou não convém?
– Mas chocolate, uma coisa à toa... Que importância tem isso?
– Tem importância pra Georgiana, tem importância pra você que não quer ver Georgiana barriguda por causa de chocolate, não tem importância pra mim, só porque no Dia das Mães usa oferecer chocolate à autora dos seus dias?
– Autora de quê? A senhora tá falando difícil, mãe. Até parece linguagem de vestibular.
Deixa, não tem importância. Quer dizer que a senhora tá mandando meu presente praquela parte.
– Alfredinho, não repita!
– Não disse nada de mal.
– Disse sem dizer. Não admito que você use essas expressões falando comigo.
– Que expressões? Desculpe. Não quis ofender a senhora, evidente. Estou só defendendo o chocolate, entende?
– Está bem.
– É muito alimentício.
– Eu sei.
– Numa dieta bem balanceada...
– Chega, Alfredinho. Não precisa falar em calorias. Quem não sabe que chocolate é bom e gostoso? Eu adoro chocolate, mas...
– Então pega o pacote.

– É uma tentação. Mas eu resisto.
– Eu ajudo a destruir o que tá aí dentro, mãe.
– Não.
– Prova só um chocolatezinho mais legal, com recheio de licor.
– Não.
– Unzinho só. Delícia.
– Nããããão. Leve pra Georgiana, já disse.
– Já vi tudo. Você quer ter uma nora de barrigona estufada de tanto comer chocolate, só pra ter o gosto de mostrar que a sogra dela é mais leve que manequim!
– Bandido, some da minha frente com essa porcaria, que eu não sou mais sua mãe!

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os dias lindos*. Em: Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988

Para convencer a mãe a aceitar os chocolates, Alfredinho usa o argumento de que ela deve ser livre para tomar suas decisões. Segundo ele, as mulheres não devem se submeter às ordens dos homens, nem mesmo do médico.

a) Transcreva a frase de Alfredinho que traduz esse argumento.

b) A mãe não foi convencida por esse argumento, considerando-o contraditório. Explique a resposta da mãe, apontando a contradição de Alfredinho.

c) Alfredinho defende o direito de liberdade das mulheres em relação aos homens. Para ele, esse direito se aplica a Georgiana, sua namorada? Explique.

Questão 319

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé.
Comprida história que não acaba mais.
No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!
Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

campear: andar a cavalo pelo campo, geralmente em busca de gado

(Antologia poética. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991. p. 67.)

De acordo com a terceira estrofe do poema, pode-se afirmar que a vida na fazenda era:

(b) conturbada.
(c) tranquila.
(d) triste.
(a) agitada.

Questão 320

Nhaaac!!!

As plantas carnívoras têm este nome porque capturam e digerem seres vivos. Mas você não precisa ter medo. Elas são tão pequenas e delicadas que não oferecem perigo para nós.

Existem cerca de 550 espécies dessas plantas no mundo. Os cientistas acham que as primeiras surgiram na Terra há uns 65 milhões de anos, na época dos dinossauros! A maioria se alimenta apenas de animais minúsculos, mas algumas podem capturar pequenos pássaros e roedores.

Armadilha

As plantas carnívoras atraem bichinhos com suas cores e perfume, mas cada espécie tem um jeito de prendê-los. Algumas se fecham, aprisionando o inseto quando ele se aproxima. Outras capturam a presa com seus pelos pegajosos. E há ainda as que têm folhas colantes. É só um bicho pousar nelas e não consegue mais sair! [...]

(*Recreio*, nº 2.)

A coerência textual está diretamente ligada à coesão textual, isto é, à conexão entre palavras e partes do texto. Observe o 1º parágrafo do texto.

a) A que palavra ou expressão empregada anteriormente se referem a expressão **este nome** e a palavra **elas**?

b) A palavra **mas** liga duas ideias do texto: o fato de as plantas digerirem seres vivos e a possibilidade de o leitor ter medo das plantas. Que sentido a palavra **mas** expressa nesse contexto? Indique a melhor opção:

• adição
• oposição
• causa
• consequência

Questão 321

Negócio de menino com menina

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina, de uns nove anos, ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:

– Olha que lindo! Compra pra mim?

O homem parou o carro e chamou:

– Ô menino.

O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem:

– Esse passarinho é pra vender?

– Não senhor.

O pai olhou para a filha com uma cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:

– Fala pra ele vender.

O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:

– Quanto você quer pelo passarinho?

– Não tou vendendo não senhor.

A menina ficou decepcionada e segredou:

– Ah, pai, compra.

Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios, águia da Bolsa, acostumado a encorajar os mais hesitantes ou a virar a cabeça dos mais recalcitrantes:

– Dou dez mil!

– Não senhor.

– Vinte mil.

– Vendo não.

– O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.
– Trinta mil.
– Não vendo, não, senhor.
O homem resmungou “que menino chato” e falou pra filha:
– Ele não quer vender. Paciência.
A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades da transação:
– Mas eu queria. Olha que bonitinho.
O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho de sol.
– Deixa comigo.
Levantou-se, deu a volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas gretas da gaiola. O homem, maneiro, estudando o adversário:
– Qual é o nome deste passarinho?
– Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.
O homem, quase impaciente:
– Não perguntei se ele é batizado não, menino. É pintassilgo, é sabiá, é o quê?
– Aaaah. É bico-de-lacre.
A menina, pela primeira vez, falou com o menino:
– Ele vai crescer?
O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.
– Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.
O homem:
– E canta?
– Canta nada. Só faz chiar assim.
– Passarinho besta, hein?
– É. Não presta pra nada. É só bonito.
– Você pegou ele dentro da fazenda?
– É. Aí no mato.
– Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.
O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.
– Dou quarenta mil, pronto. Toma aqui.
– Não senhor, muito obrigado.
O homem, meio mandão:
– Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?
– Não, não tou vendendo não.
– Cinquenta mil! Toma! – e puxou a gaiola.
Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha.
O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.
– Quero não senhor. Tou vendendo não.
– Não vende por quê, hein? Por quê?
O menino acuado, tentando explicar:
– É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.
O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.
– Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam’bora.
O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, para só ela ouvir:
– Amanhã eu dou ele pra você.
Ela sorriu e compreendeu.

Ivan Ângelo. *O ladrão de sonhos e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1994.

Observe que nesta crônica predominam os diálogos e que o narrador quase não faz comentários aos acontecimentos e às atitudes das personagens.
Depois de suas insistentes e inúteis tentativas de convencer o menino a vender-lhe o passarinho, o pai da menina conclui:
“ – Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam’bora.”
a) Procure no dicionário o significado das palavras **preconceito** e **arrogância**.
b) Por que essa conclusão revela um grande preconceito por parte do fazendeiro?

Questão 322

Leia a tira:

(Dik Browne. *Folha de S. Paulo,* 11/11/2012.)

Observe as palavras **têm** e **vem**, empregadas na tira.
a) Justifique o acento da palavra **têm**, do 1º quadrinho.
b) Por que a palavra vem, do 2º quadrinho, não é acentuada?

Questão 323

Observe com atenção o quadro a seguir, do pintor norte-americano Norman Rockwell, e responda à questão proposta.

Pelas características do ambiente, dos móveis e das roupas das personagens, você imagina que essa pintura seja antiga ou atual? Justifique sua resposta com base em elementos do quadro.

Questão 324

Texto I:

(Bill Watterson)

A personagem Calvin, embora seja representada por um menino, demonstra maturidade em seus posicionamentos. Que argumento ele usa para deixar a sala de aula e ir para o parquinho?

Questão 325

Texto I

Emergência

Mário Quintana

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
– para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado

Texto II

Moda da Menina

Trombuda Cecília Meireles

É a moda
da menina muda
da menina trombuda
que muda de modos
e dá medo.
(A menina mimada!)

É a moda
da menina muda
que muda
de modos
e já não é trombuda
(A menina amada!)

Texto III

Cantiguinha de Verão

Mário Quintana

Anda a roda
Desanda a roda
E olha a lua a lua a lua!
Cada rua tem a sua roda
E cada roda tem a sua lua
No meio da rua
Desanda a roda: Oh,
Ficou a lua
Olhando em roda...
Triste de ser uma lua só!

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 38 e 56.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, p. 724.

O texto I – "Emergência" – diz que os poemas têm ritmo para que possamos respirar profundamente. O verbo "respirar" foi utilizado pelo poeta em seu sentido próprio ou em sentido figurado? Explique.

Questão 326

Nas frases a seguir, foi empregada uma conjunção ou locução conjuntiva inadequada ao sentido. Reescreva-as empregando a conjunção ou a locução conjuntiva apropriadas.

a) João comprou um carro portanto cansou de andar a pé.

b) Paulo cumprimentou um por um dos presentes à inauguração de sua loja, à medida que foi simpático com todos.

c) Os garotos sentiram medo no cinema, mas o filme era de arrepiar!

Língua Portuguesa - Setor Estudo da Língua - Exercícios - Módulo 38

Questão 327

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé.
Comprida história que não acaba mais.
No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:

— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!
Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

campear: andar a cavalo pelo campo, geralmente em busca de gado

(Antologia poética. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991. p. 67.)

Observe estes versos do poema:
"Minha mãe ficava sentada **cosendo** /olhando para mim"
O verbo **coser** tem o mesmo som que o verbo **cozer**, mas sentido diferente.
a) Qual é o sentido do verbo **coser** no contexto?
b) Qual é o sentido do verbo **cozer** no enunciado abaixo?
Para **cozer** devidamente os alimentos, você precisa ter uma boa panela.

Questão 328

Um cartaz pode servir a diferentes objetivos: informar os leitores, estimulá-los a fazer algo ou orientá-los sobre como agir. Dos itens abaixo, qual traduz melhor a finalidade principal do cartaz?
• Levar as pessoas a reciclar o lixo.
• Estimular o consumo entre as pessoas de poder aquisitivo.
• Conscientizar as pessoas da importância de consumir de modo racional, como forma de preservar o meio ambiente.

Questão 329

Leia a tira abaixo e reconte-a por escrito.

Bill Watterson. *O mundo é mágico*: as aventuras de Calvin & Haroldo. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Conrad Editora, 2007. p. 14.

Para manter o humor:
• a história deve ser curta. Mas, nesse caso, é importante explicitar o espaço (escola / sala de aula) onde se passa a cena.
• não descreva as personagens. Apresente-as pelo que se conhece delas:
• o garoto se chama Calvin;
• a mulher é professora dele.
• utilize linguagem coloquial;
• inclua o diálogo entre as personagens.

Questão 330

Orientação para a questão
O conto de Marina Colasanti é de fácil compreensão, mas podemos aprofundá-la através de alguns exercícios.
É muito importante que você perceba todos os detalhes – acontecimentos, descrições, personagens, ambiente... – e que os relacione com o conjunto do texto. Assim, para realizar estas atividades você deve sempre voltar ao texto.
Qual foi a grande surpresa da princesa quando olhou para os cacos do espelho?

Questão 331

veja a diferença entre as formas verbais veem e vêm:

Que forma deve ser usada em cada espaço: *veem* ou *vêm*?
a) todos_____ sem boné ao clube.
b) os garotos_____ sempre de bicicleta.
c) vocês_____ aquela luz lá longe?
d) o que os olhos não_____ , o coração não sente.

Questão 332

Uma entrevista com Steven Spielberg

Por que, através da sua carreira, você volta sempre ao tema da infância? Seria porque a sua foi especialmente feliz?

Steven Spielberg: Não sei se alguma infância é completamente feliz. Ou melhor: não sei se a gente se lembra da nossa infância como época completamente feliz. Não conheço ninguém que diga "Ah, minha infância foi perfeita, meus pais eram ideais, nada aconteceu comigo, eu me sentia são e salvo o tempo todo". Agora que tenho filhos eu consigo entender melhor os meus pais, que trabalhavam duro, que eram obcecados com o trabalho do jeito que as pessoas eram nos anos 1950. Mas a minha infância foi o.k. Foi boa e foi ruim ao mesmo tempo. Foi caótica. Foi barulhenta. Muito barulhenta. Tenho uma família grande, com três irmãs mais moças. Todos gritavam muito uns com os outros. Agora tenho cinco filhos que gritam e brigam o tempo todo entre si. Posso mesmo entender o que meus pais passaram.

Certa vez você disse que, apesar de ter crescido numa família judaica, você não tinha necessariamente orgulho de ser judeu. É verdade?

Spielberg: É. E foram precisos muitos anos para me confrontar a mim mesmo com esse fato. Meu pai era um executivo bem-sucedido de um a empresa de informática, e nós morávamos sempre em bairros gentios. Eu não tinha amigos judeus: em geral eu era o único menino judeu do bairro, meus pais a única família judia, a nossa casa era a única judia. Nesse sentido lutei a vida inteira com minha identidade como judeu, porque ela representava o ostracismo, a discriminação: não ser popular, não ser simpatizado, ficar em casa e ser parte somente da minha tribo, enquanto tudo em mim queria ser aceito, ser assimilado. Creio que o maior desejo que sempre tive foi o de ser como todo mundo.

De onde vem a fascinação com o mito de Peter Pan, que você cita em *E.T., O Extraterrestre* e ao qual você retornou com *Hook, a Volta do Capitão Gancho*?

Spielberg: Eu sempre fui fascinado pela história de Peter Pan, desde criança. Minha mãe me leu a história quando eu tinha, não sei, uns três anos. Nos meus onze anos eu dirigi uma versão mais curta da peça de James Barrie na minha escola — por isso é que incluí aquela cena no início de *Hook, a Volta do Capitão Gancho*. Ou seja, venho dirigindo essa história há muito, muito tempo...

De certo modo, é curioso que você não tenha feito há mais tempo um filme sobre Peter Pan.

Spielberg: Exatamente. Eu ia fazer esse filme em 1985. Comprei os direitos da peça *Peter Pan*, e já estava prestes a começar a filmar uma versão cinematográfica bastante fiel à peça quando algo muito sério aconteceu: meu primeiro filho nasceu. Num instante, minha cabeça mudou. Eu não podia mais ser Peter Pan. Eu tinha que ser um pai. Meu filho, de certo modo, tirou minha infância de mim: eu me tornei a cópia perfeita de meu pai e da minha mãe, com todos os clichês possíveis da paternidade. Essa, literalmente, foi a razão pela qual não fiz o filme na época. Eu já tinha começado a desenhar os cenários e tudo. Eu me senti adulto, incapaz de contar a história do garoto que não queria crescer. Foram precisos muitos anos, e um roteiro novo, contando a mesma história com um ângulo adulto, para que eu me interessasse de novo por Peter Pan.

O que era, para você, particularmente fascinante na história? O fato de que Peter Pan é "o menino que não queria crescer"?

Spielberg: Para mim ele simboliza o poder da imaginação – essa é, para mim, a metáfora escondida no ato de voar. As pessoas hoje em dia estão perdendo a imaginação. Estão interpretando "crescer" como sinônimo de "perder a imaginação". E todos nós morremos de medo de crescer. Mas acho que, sobretudo, para mim, é a noção de que ele voa, de que ele pode voar. Talvez porque eu seja ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado pela ideia do voo – ao ponto de que, em todos os meus filmes, alguém em geral

acaba voando, de um jeito ou de outro. Para mim, Peter Pan foi o super-herói original – não importa quem veio depois, Super-homem, Batman, ou mesmo o E.T.: quem voou em primeiro lugar, para mim, foi Peter Pan.

Como é essa sua relação com o ato de voar que o deixa, como você disse, "ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado"?

Spielberg: Não sei exatamente. Sei que, sim, sou absolutamente fascinado com o voo e morro de medo de voar. Voar é um elemento importante dos meus filmes. Todos os meus filmes, ou quase todos, têm aviões e personagens voando. Diga um filme – todos eles voam. Creio que, para mim, voar é sinônimo de liberdade e imaginação ilimitada. Mas o interessante é que, quando eu voo, como passageiro, eu morro de medo. Sabe Robin Willians no início de *Hook*, no avião? Sou eu, morrendo de medo. Eu só não tenho medo de voar nos meus sonhos e nos meus filmes.

Há muito tempo existem rumores de que você, na verdade, é um emissário, um espécie de embaixador de inteligências extraterrestres, preparando os humanos para um encontro – um contato imediato – iminente. Esses rumores já chegaram até você? Qual a sua reação?

Spielberg (*rindo*): Ah sim, já ouvi isso. Já ouvi isso várias vezes. Infelizmente, não é verdade. É uma bela ideia, aliás. Mas não é verdade. Existe também o boato de que eu sou um extraterrestre. Isso também, eu sinto, não é verdade. Fiz *E.T. e Contatos imediatos do terceiro grau* pelo mesmo motivo que acabo fazendo todos os meus filmes – porque eram grandes histórias. Na verdade, com E.T. o que eu achava que estava fazendo era um pequeno filme experimental sobre um garoto de classe média, muito solitário, muito parecido comigo mesmo, vivendo no interior da Califórnia. Eu não tinha a menor noção de que as pessoas pelo mundo afora iam abraçar esse filme do modo que fizeram, que ele ia se tornar o que ele se tornou.

Qual a ideia mais errada que as pessoas fazem a seu respeito?

Spielberg: A de que sou obcecado com o sucesso. Que faço filmes exclusivamente pensando no sucesso comercial, que sou calculista. Nada poderia ser mais longe da verdade, eu estaria me repetindo eternamente e não arriscando jamais. Os roteiros que me mandam, os projetos que me oferecem são, em geral, totalmente estereotipados. São coisas parecidas com *Hook*, ou com *Caçadores da arca perdida* ou com E.T. As outras pessoas parecem que querem que eu faça apenas o que eu fiz com sucesso antes. E o irônico é que eu tenho que ir à caça de coisas diferentes, porque a última coisa que eu quero é me repetir interminavelmente.

Olhando para trás, você se arrepende de algum filme que fez?

Spielberg: Não, não. Como eu disse, gosto de todos os meus filmes. Não tenho nada de que pedir desculpas. [...]

Por que você faz filmes?

Spielberg: Porque gosto de contar histórias, e o cinema é o meio através do qual eu conto essas histórias melhor. E porque acredito que as pessoas, moços, velhos, de qualquer idade, querem, no fundo, que se conte uma história para elas. Eu vejo por meus filhos: eu tenho que contar uma história para eles toda noite.

Você inventa essas histórias?

Spielberg: Invento, toda noite. Algumas delas eu escrevo, para guardar a ideia para o futuro. Algumas vezes eles gostam, outras vezes não, pedem que eu conte outra. Mas não posso sair do quarto sem contar uma história. Crianças são cineastas, intuitivamente.

Como assim?

Spielberg: A garotada faz filmes desde que nasce, sem saber. Eu me deito no chão com a minha lente e tento ver a cena, com os atores, com os elementos do cenário. É como coreografar uma dança – é isso que as crianças fazem com seus bonecos, seus super-heróis, suas Tartarugas Ninja, colocando Michelangelo e Leonardo cara a cara, inventando os movimentos deles… Só que eles crescem e viram médicos e professores e eu... cresci e continuei fazendo a mesma coisa.

BAHIANA, Ana Maria. *A luz da lente*: conversa com 12 cineastas contemporâneos. São Paulo: Globo. 1996.

Steven Spielberg nasceu em 1947 na cidade de Cincinatti, capital do estado americano de Ohio. A profissão do pai – engenheiro – motivou mudanças da família para o Arizona e para a Califórnia.

A carreira cinematográfica de Spielberg começou muito cedo: tinha apenas treze anos quando, em 1961, ganhou seu primeiro prêmio, pelo curta-metragem *Scape to Nowhere* (Fuga para Lugar Nenhum). Aos vinte e um anos já era um diretor profissional.
Seu primeiro grande sucesso (recorde de bilheteria em 1975) foi o filme Tubarão. Novo recorde em 1982, com E.T., O Extraterrestre. O Oscar veio em 1994 (melhor diretor e melhor filme) por *A lista de Schindler*.
Spielberg é conhecido sobretudo por seus filmes de aventura – *Os caçadores da arca perdida* (1981); *Indiana Jones e o Templo da perdição* (1984); *Indiana Jones e a última cruzada* (1989); *Hook – A volta do Capitão Gancho* (1991) – e pelos filmes de ficção científica – *Contatos Imediatos de terceiro grau* (1977); *E.T., O Extraterrestre* (1982); *O parque dos dinossauros* (1993); *A guerra dos mundos* (2005). Mas dirigiu também filmes de suspense – *Encurralado* (1971) e *Tubarão* (1975) – e belíssimos "dramas" – *A cor púrpura* (1985); *Império do Sol* (1987); *A lista de Schindler* (1993); *Amistad* (1997) e *O resgate do soldado Ryan* (1998).
Substitua as palavras destacadas por sinônimos:
a) Minha infância foi **caótica**.
b) Minha identidade como judeu representava o **ostracismo**.
c) "[…] eu me tornei a cópia perfeita de meu pai e da minha mãe, com todos os **clichês** possíveis da paternidade."
d) "[…] sou absolutamente **fascinado** com o voo e morro de medo de voar."
e) Segundo os **rumores**, Spielberg é um **emissário** que prepara os humanos para um encontro **iminente** com extraterrestres.
f) "Que faço filmes exclusivamente pensando no sucesso comercial, que sou **calculista**."

Questão 333

Leia estes substantivos:
rabo fazenda forno jogo barba mulher corpo porta barca fedor
Tente descobrir qual (ou quais) deles:
a) faz(em) o aumentativo com o sufixo **-aço/a**;
b) faz(em) o aumentativo com o sufixo **-ina**;
c) faz(em) o aumentativo com o sufixo **-alha**;
d) faz(em) o diminutivo com o sufixo **-ola**;
e) faz(em) o diminutivo com o sufixo **-icho/a**.

Questão 334

Uma entrevista com Steven Spielberg
Por que, através da sua carreira, você volta sempre ao tema da infância? Seria porque a sua foi especialmente feliz?
Steven Spielberg: Não sei se alguma infância é completamente feliz. Ou melhor: não sei se a gente se lembra da nossa infância como época completamente feliz. Não conheço ninguém que diga "Ah, minha infância foi perfeita, meus pais eram ideais, nada aconteceu comigo, eu me sentia são e salvo o tempo todo". Agora que tenho filhos eu consigo entender melhor os meus pais, que trabalhavam duro, que eram obcecados com o trabalho do jeito que as pessoas eram nos anos 1950. Mas a minha infância foi o.k. Foi boa e foi ruim ao mesmo tempo. Foi caótica. Foi barulhenta. Muito barulhenta. Tenho uma família grande, com três irmãs mais moças. Todos gritavam muito uns com os outros. Agora tenho cinco filhos que gritam e brigam o tempo todo entre si. Posso mesmo entender o que meus pais passaram.
Certa vez você disse que, apesar de ter crescido numa família judaica, você não tinha necessariamente orgulho de ser judeu. É verdade?
Spielberg: É. E foram precisos muitos anos para me confrontar a mim mesmo com esse fato. Meu pai era um executivo bem-sucedido de um a empresa de informática, e nós morávamos sempre em bairros gentios. Eu não tinha amigos judeus: em geral eu era o único menino judeu do bairro, meus pais a única família judia, a nossa casa era a única judia. Nesse sentido lutei a vida inteira com minha identidade como judeu, porque ela representava o ostracismo, a discriminação: não ser popular, não ser simpatizado, ficar em casa

e ser parte somente da minha tribo, enquanto tudo em mim queria ser aceito, ser assimilado. Creio que o maior desejo que sempre tive foi o de ser como todo mundo.

De onde vem a fascinação com o mito de Peter Pan, que você cita em *E.T., O Extraterrestre* e ao qual você retornou com *Hook, a Volta do Capitão Gancho*?

Spielberg: Eu sempre fui fascinado pela história de Peter Pan, desde criança. Minha mãe me leu a história quando eu tinha, não sei, uns três anos. Nos meus onze anos eu dirigi uma versão mais curta da peça de James Barrie na minha escola — por isso é que incluí aquela cena no início de *Hook, a Volta do Capitão Gancho*. Ou seja, venho dirigindo essa história há muito, muito tempo...

De certo modo, é curioso que você não tenha feito há mais tempo um filme sobre Peter Pan.

Spielberg: Exatamente. Eu ia fazer esse filme em 1985. Comprei os direitos da peça *Peter Pan*, e já estava prestes a começar a filmar uma versão cinematográfica bastante fiel à peça quando algo muito sério aconteceu: meu primeiro filho nasceu. Num instante, minha cabeça mudou. Eu não podia mais ser Peter Pan. Eu tinha que ser um pai. Meu filho, de certo modo, tirou minha infância de mim: eu me tornei a cópia perfeita de meu pai e da minha mãe, com todos os clichês possíveis da paternidade. Essa, literalmente, foi a razão pela qual não fiz o filme na época. Eu já tinha começado a desenhar os cenários e tudo. Eu me senti adulto, incapaz de contar a história do garoto que não queria crescer. Foram precisos muitos anos, e um roteiro novo, contando a mesma história com um ângulo adulto, para que eu me interessasse de novo por Peter Pan.

O que era, para você, particularmente fascinante na história? O fato de que Peter Pan é "o menino que não queria crescer"?

Spielberg: Para mim ele simboliza o poder da imaginação – essa é, para mim, a metáfora escondida no ato de voar. As pessoas hoje em dia estão perdendo a imaginação. Estão interpretando "crescer" como sinônimo de "perder a imaginação". E todos nós morremos de medo de crescer. Mas acho que, sobretudo, para mim, é a noção de que ele voa, de que ele pode voar. Talvez porque eu seja ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado pela ideia do voo – ao ponto de que, em todos os meus filmes, alguém em geral acaba voando, de um jeito ou de outro. Para mim, Peter Pan foi o super-herói original – não importa quem veio depois, Super-homem, Batman, ou mesmo o E.T.: quem voou em primeiro lugar, para mim, foi Peter Pan.

Como é essa sua relação com o ato de voar que o deixa, como você disse, "ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado"?

Spielberg: Não sei exatamente. Sei que, sim, sou absolutamente fascinado com o voo e morro de medo de voar. Voar é um elemento importante dos meus filmes. Todos os meus filmes, ou quase todos, têm aviões e personagens voando. Diga um filme – todos eles voam. Creio que, para mim, voar é sinônimo de liberdade e imaginação ilimitada. Mas o interessante é que, quando eu voo, como passageiro, eu morro de medo. Sabe Robin Willians no início de *Hook*, no avião? Sou eu, morrendo de medo. Eu só não tenho medo de voar nos meus sonhos e nos meus filmes.

Há muito tempo existem rumores de que você, na verdade, é um emissário, um espécie de embaixador de inteligências extraterrestres, preparando os humanos para um encontro – um contato imediato – iminente. Esses rumores já chegaram até você? Qual a sua reação?

Spielberg (*rindo*): Ah sim, já ouvi isso. Já ouvi isso várias vezes. Infelizmente, não é verdade. É uma bela ideia, aliás. Mas não é verdade. Existe também o boato de que eu sou um extraterrestre. Isso também, eu sinto, não é verdade. Fiz *E.T. e Contatos imediatos do terceiro grau* pelo mesmo motivo que acabo fazendo todos os meus filmes – porque eram grandes histórias. Na verdade, com E.T. o que eu achava que estava fazendo era um pequeno filme experimental sobre um garoto de classe média, muito solitário, muito parecido comigo mesmo, vivendo no interior da Califórnia. Eu não tinha a menor noção de que as pessoas pelo mundo afora iam abraçar esse filme do modo que fizeram, que ele ia se tornar o que ele se tornou.

Qual a ideia mais errada que as pessoas fazem a seu respeito?

Spielberg: A de que sou obcecado com o sucesso. Que faço filmes exclusivamente pensando no sucesso comercial, que sou calculista. Nada poderia ser mais longe da verdade, eu estaria me repetindo eternamente e não arriscando jamais. Os roteiros que me mandam, os projetos que me oferecem são, em geral,

totalmente estereotipados. São coisas parecidas com *Hook*, ou com *Caçadores da arca perdida* ou com E.T. As outras pessoas parecem que querem que eu faça apenas o que eu fiz com sucesso antes. E o irônico é que eu tenho que ir à caça de coisas diferentes, porque a última coisa que eu quero é me repetir interminavelmente.

Olhando para trás, você se arrepende de algum filme que fez?

Spielberg: Não, não. Como eu disse, gosto de todos os meus filmes. Não tenho nada de que pedir desculpas. [...]

Por que você faz filmes?

Spielberg: Porque gosto de contar histórias, e o cinema é o meio através do qual eu conto essas histórias melhor. E porque acredito que as pessoas, moços, velhos, de qualquer idade, querem, no fundo, que se conte uma história para elas. Eu vejo por meus filhos: eu tenho que contar uma história para eles toda noite.

Você inventa essas histórias?

Spielberg: Invento, toda noite. Algumas delas eu escrevo, para guardar a ideia para o futuro. Algumas vezes eles gostam, outras vezes não, pedem que eu conte outra. Mas não posso sair do quarto sem contar uma história. Crianças são cineastas, intuitivamente.

Como assim?

Spielberg: A garotada faz filmes desde que nasce, sem saber. Eu me deito no chão com a minha lente e tento ver a cena, com os atores, com os elementos do cenário. É como coreografar uma dança – é isso que as crianças fazem com seus bonecos, seus super-heróis, suas Tartarugas Ninja, colocando Michelangelo e Leonardo cara a cara, inventando os movimentos deles… Só que eles crescem e viram médicos e professores e eu... cresci e continuei fazendo a mesma coisa.

BAHIANA, Ana Maria. *A luz da lente*: conversa com 12 cineastas contemporâneos. São Paulo: Globo. 1996.

Steven Spielberg nasceu em 1947 na cidade de Cincinatti, capital do estado americano de Ohio. A profissão do pai – engenheiro – motivou mudanças da família para o Arizona e para a Califórnia.

A carreira cinematográfica de Spielberg começou muito cedo: tinha apenas treze anos quando, em 1961, ganhou seu primeiro prêmio, pelo curta-metragem *Scape to Nowhere* (Fuga para Lugar Nenhum). Aos vinte e um anos já era um diretor profissional.

Seu primeiro grande sucesso (recorde de bilheteria em 1975) foi o filme Tubarão. Novo recorde em 1982, com E.T., O Extraterrestre. O Oscar veio em 1994 (melhor diretor e melhor filme) por *A lista de Schindler*.

Spielberg é conhecido sobretudo por seus filmes de aventura – *Os caçadores da arca perdida* (1981); *Indiana Jones e o Templo da perdição* (1984); *Indiana Jones e a última cruzada* (1989); *Hook – A volta do Capitão Gancho* (1991) – e pelos filmes de ficção científica – *Contatos Imediatos de terceiro grau* (1977); *E.T., O Extraterrestre* (1982); *O parque dos dinossauros* (1993); *A guerra dos mundos* (2005). Mas dirigiu também filmes de suspense – *Encurralado* (1971) e *Tubarão* (1975) – e belíssimos "dramas" – *A cor púrpura* (1985); *Império do Sol* (1987); *A lista de Schindler* (1993); *Amistad* (1997) e *O resgate do soldado Ryan* (1998).

Apesar de descrever sua vida familiar infantil como caótica e muito barulhenta, convivendo com três irmãs mais moças, Spielberg revela, ao longo da entrevista, que a solidão foi o lado infeliz de sua infância. Explique a principal causa de sua solidão.

Questão 335

Texto I:

Poesia e prosa

> Pode-se escrever em prosa ou em verso.
> Quando se escreve em prosa,
> a gente enche a linha do caderno até o fim,
> antes de passar para a outra linha.
> E assim por diante até o fim da página.
> Em poesia não: a gente muda de linha antes do fim,
> deixando um espaço em branco antes de ir para a linha seguinte.
> Essas linhas incompletas se chamam de versos.

Acho que o espaço em branco é para o leitor poder ficar pensando.
Pensando bem no que o poeta acabou de dizer.
Algumas vezes, lendo um verso, a gente tem de
voltar aos versos de trás para entender
melhor o que ele quer dizer.
Principalmente quando há uma rima, isto é,
uma palavra com o mesmo som de outra lida há pouco.
Então a gente vai procurá-la para ver se é isso mesmo.
A prosa é como trem, vai sempre em frente.
A poesia é como o pêndulo dos relógios de parede de antigamente,
que ficava balançando de um lado para outro.
Embora balançasse sempre no mesmo lugar,
o pêndulo não marcava sempre a mesma hora.
Avançava de minuto a minuto,
registrando a passagem das horas: 1, 2, 3, até 12.
Também a poesia vai marcando,
na passagem da vida, cada minuto importante dela.
De tanto ir e vir de um verso a outro,
de uma rima a outra,
a gente acaba decorando um poema e guardando-o na memória.
E quando vê acontecer alguma coisa parecida
com um poema que já leu, a gente logo se recorda dele.
Geralmente, a prosa entra por um ouvido e sai pelo outro.
A poesia, não: entra pelo ouvido e fica no coração.

(José Paulo Paes)

A fim de apresentar uma definição de poesia, o eu lírico utiliza o recurso da comparação. A que ele compara a prosa?

Questão 336

Leia este cartum, de Rafael Koff:

Repare que há somente um balão, que registra a fala do entrevistado.
Língua Portuguesa - Capítulo 2 - Da língua ao texto; do texto ao discurso - Exercícios - Para escrever com coêrencia e coesão

(b) O que chama a atenção na fala do entrevistado?
(a) Pela fala do entrevistado, há indícios da fala do entrevistador? Justifique sua resposta com elementos do texto.

Questão 337

Leia o primeiro parágrafo de uma notícia publicada na internet:

Por G1 Rio Preto e Araçatuba

29/11/2017 08h24 Atualizado 29/11/2017 14h05

Um morador de Jaci (SP) encontrou no fim de semana um fóssil de um dinossauro na zona rural da cidade. O comerciante Romildo Goldoni estava trabalhando quando viu o objeto curioso e o levou para casa.

Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/morador-encontra-osso-de-tiranossauro-emestrada-mais-facil-ganhar-na-mega-sena.ghtml>.

Acesso em: 30 jul.2018.

O primeiro parágrafo de uma notícia – chamado **lide** – geralmente traz informações importantes para o leitor entender a notícia. Há informações que não devem faltar em um lide:

• **o que** aconteceu;

• **quem** está envolvido no fato;
• **onde e quando** aconteceu o fato.
Assinale a alternativa que indica o que é informado nesse lide.
(a) parágrafo traz duas informações: **quem** participou do fato e **quando** aconteceu.
(c) Não há informações sobre **quando** o fato aconteceu.
(d) O parágrafo informa apenas **quem** está envolvido no fato.
(b) O parágrafo traz todas as informações: o **que**, **quem**, **onde** e **quando** aconteceu o fato.

Questão 338

Negócio de menino com menina

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina, de uns nove anos, ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:
– Olha que lindo! Compra pra mim?
O homem parou o carro e chamou:
– Ô menino.
O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem:
– Esse passarinho é pra vender?
– Não senhor.
O pai olhou para a filha com uma cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:
– Fala pra ele vender.
O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:
– Quanto você quer pelo passarinho?
– Não tou vendendo não senhor.
A menina ficou decepcionada e segredou:
– Ah, pai, compra.
Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios, águia da Bolsa, acostumado a encorajar os mais hesitantes ou a virar a cabeça dos mais recalcitrantes:
– Dou dez mil!
– Não senhor.
– Vinte mil.
– Vendo não.
– O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.
– Trinta mil.
– Não vendo, não, senhor.
O homem resmungou “que menino chato” e falou pra filha:
– Ele não quer vender. Paciência.
A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades da transação:
– Mas eu queria. Olha que bonitinho.
O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho de sol.
– Deixa comigo.
Levantou-se, deu a volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas gretas da gaiola. O homem, maneiro, estudando o adversário:
– Qual é o nome deste passarinho?
– Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.
O homem, quase impaciente:
– Não perguntei se ele é batizado não, menino. É pintassilgo, é sabiá, é o quê?
– Aaaah. É bico-de-lacre.

A menina, pela primeira vez, falou com o menino:
– Ele vai crescer?
O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.
– Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.
O homem:
– E canta?
– Canta nada. Só faz chiar assim.
– Passarinho besta, hein?
– É. Não presta pra nada. É só bonito.
– Você pegou ele dentro da fazenda?
– É. Aí no mato.
– Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.
O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.
– Dou quarenta mil, pronto. Toma aqui.
– Não senhor, muito obrigado.
O homem, meio mandão:
– Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?
– Não, não tou vendendo não.
– Cinquenta mil! Toma! – e puxou a gaiola.
Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha.
O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.
– Quero não senhor. Tou vendendo não.
– Não vende por quê, hein? Por quê?
O menino acuado, tentando explicar:
– É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.
O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.
– Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam'bora.
O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, para só ela ouvir:
– Amanhã eu dou ele pra você.
Ela sorriu e compreendeu.

Ivan Ângelo. *O ladrão de sonhos e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1994.

Para dizer que o fazendeiro era um negociante muito hábil, capaz de convencer a todos, o narrador afirma que ele estava "acostumado a encorajar os mais **hesitantes** ou a virar a cabeça dos mais **recalcitrantes**" (§ 15).
Se o adjetivo **hesitantes** significa indecisos, o adjetivo **recalcitrantes** deve significar
(c) obedientes.
(b) fracos.
(d) resistentes.
(a) vacilantes.

Questão 339

O anúncio a seguir foi exposto em *outdoors* de estradas brasileiras. Leia-o e responda às questões.

Quando observamos a parte não verbal do anúncio, notamos que há uma ambiguidade (duplo sentido) no enunciado verbal.
(a) Que figura aparece em destaque no anúncio?
(d) Qual foi o motivo da divulgação do anúncio na época do ano em que ele foi veiculado?
(b) De que material é formada essa figura?
(c) Relacionando-se o enunciado verbal com a figura, que novo sentido a palavra ***pet*** ganha?

Questão 340

Leia a tira a seguir, de Laerte, e responda a questão

(*Folha de S. Paulo*, 4/5/2013. Folhinha.)

Na tira, as placas apresentam informações que se ampliam à medida que as personagens avançam.
a) Que locução adjetiva é empregada nas placas para caracterizar a ilha?
b) Que adjetivos são empregados para caracterizar as flores?
c) Qual adjetivo ou locução adjetiva justifica a advertência feita nas placas?

Questão 341

O Vento e o Sol

O Vento e o Sol discutiam para ver quem era o mais forte. Ficou estabelecido que ganharia aquele que conseguisse arrancar o casaco de um viajante. O Vento começou: pôs-se a soprar violentamente e, como o homem segurasse o casaco com força, ele redobrou os ataques. Transido de frio, o viajante pôs um segundo casaco, de modo que o Vento, desencorajado, deu a vez ao Sol. Este a princípio brilhou moderadamente e o homem tirou o segundo casaco. O Sol lançou então seus raios mais fortes e, assim, sem suportar mais o calor, o viajante tirou toda a roupa e se jogou num rio próximo.
Conseguirás o que queres pela persuasão, não pela violência.
persuasão: arte de convencer; dom de fazer alguém acreditar em algo.
(*Fábulas de Esopo*. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 79-80.)

Leia estas palavras do texto:
vento princípio conseguirás suportar casaco
violência força começou calor assim
a) Identifique a sílaba tônica de cada palavra e indique quais palavras são oxítonas e quais são paroxítonas.
b) Todas as sílabas tônicas dessas palavras apresentam acento gráfico?
c) Qual palavra oxítona apresenta acento gráfico?
d) Quais palavras paroxítonas apresentam acento gráfico?

Questão 342

Texto:

Juro dizer a verdade

Todo mundo já cansou de ver filmes americanos de julgamento em que as testemunhas juram "dizer a verdade, toda a verdade, só a verdade e nada além da verdade", não é? Pois eu juro que, nas crônicas deste livro, eu digo a verdade. Mas não sei se digo toooda a verdade e garanto que não digo sóóó a verdade e nada além dela, pois escritor é feito as quituteiras que, depois de tirar o bolo do forno, fofinho, cheiroso e pronto para consumo, ainda capricham cobrindo-o com glacê, confeitados coloridos e morangos espetados na cobertura.
Mas, apesar dos exageros devidos à profissão, que você há de desculpar, juro que tudo que está aqui aconteceu mesmo comigo entre meus dois anos e as vésperas da puberdade, na cidade de Santos, onde nasci e me criei até os 18, quando me mudei para São Paulo.
São recordações de um menino antigo, de um tempo antigo, quando não havia televisão, videogame nem computador. Mas tempos gostosos de se viver, como deliciosos deveriam ser sempre todos os anos de todas as meninices de todos os tempos.
Feche os olhos, procure pescar também láá́á no fundo de sua memória e você há de redescobrir uma porção de momentos deliciosos, em que você foi tropeçando, tentando, brincando e aprendendo a viver. Aí, você há de concordar comigo: é muito gostoso ser criança!
(Pedro Bandeira)

Com base no texto, responda a questão a seguir:
O narrador do texto faz uma comparação para melhor explicar o trabalho de um escritor.
A quem ele compara o escritor? Explique o conteúdo dessa comparação.

Questão 343

Você conhece um cofre eletrônico? Esse tipo de cofre normalmente é utilizado como recurso de segurança em residências, hotéis e no comércio em geral. Leia o texto a seguir e responda à questão.

Textos como o que você leu acompanham os cofres eletrônicos. Eles têm como finalidade:
(a) dar informações sobre o que é um cofre eletrônico e como ele funciona.
(b) instruir o leitor sobre como usar determinado cofre a partir de uma senha eletrônica.
(c) relatar experiências de uso de um cofre eletrônico a partir de senhas.
(d) advertir o usuário sobre os riscos de usar determinado cofre eletrônico.

Questão 344

Leia este poema, de Mário Quintana:

VI

Na minha rua há um menininho doente.
Enquanto os outros partem para a escola,
Junto à janela, sonhadoramente,
Ele ouve o sapateiro bater sola.
Ouve também o carpinteiro, em frente,
Que uma canção napolitana engrola.
E pouco a pouco, gradativamente,
O sofrimento que ele tem se evola...
Mas nesta rua há um operário triste:
Não canta nada na manhã sonora
E o menino nem sonha que ele existe.
Ele trabalha silenciosamente...
E está compondo este soneto agora,
Pra alminha boa do menino doente...

(In: *A Rua dos Cata-ventos*. São Paulo:

Globo © by Elena Quintana.)

engrolar: pronunciar de maneira imperfeita, recitar mal.

evolar: evaporar, dissipar.

soneto: tipo de poema formado por quatro estrofes, as duas primeiras com quatro versos e as duas últimas com três versos.

Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.?

Na primeira estrofe, o autor emprega artigo indefinido em "**um** menininho doente". Na terceira e na quarta estrofes, entretanto, emprega artigos definidos em "**o** menino" e "d**o** menino doente". O que justifica a mudança de tipo de artigo para acompanhar o substantivo **menininho** ou **menino**?

Questão 345

Releia este trecho:
"A quem devo pedir que na minha vida se repita a felicidade? Como sentir com a frescura da inocência o sol vermelho a se levantar? Nunca mais?
Nunca mais.
Nunca."
a) Observe que a autora, Clarice Lispector, faz três perguntas em sequência e depois responde-as, em tom conclusivo: "Nunca mais. Nunca". Que efeito ela cria por meio desse procedimento?
b) Por que, no trecho, a palavra **nunca** é repetida três vezes?

Questão 346

Leia a transcrição da explicação oral de como fazer almôndegas:

[...] Então pega todos os temperos, bota alho, cebola, sal, eh, eh, tomate bem picadinho, cheiro-verde bem picadinho e vinagre, enfim, faz aquele, bota todos os temperos na carne e mistura aquilo bem, com, com a mão, né, mistura, mistura, mistura bastante. Quando estiver bem misturado, estiver já com sal, eh, bota uma gema de ovo, pra poder untar a carne, ligar a carne. Bom, aí mistura bem, bastante, novamente, vê se está bom de sal, se precisa de mais algum tempero e faz as bolinhas. Pra fazer as bolinhas, pras bolinhas ficarem melhores, a gente passa um bocadinho de farinha de trigo na mão (ruído de esfregar as mãos) pra não ficar muito grudenta e faz as bolinhas e vai botando do lado. Depois frita, depois faz um molho à parte, com, um molho feito cachorro-quente, cebolada, tomate, um molho bem gostoso, bem, bem gro... grosso, depois coloca elas lá, pra acabar de cozinhar. É assim.
(Disponível em: http://nurcrj.letras.ufrj.br/corpora/did/did_78.htm. Acesso em: 5/7/2018.)

Como se trata da transcrição de uma receita contada oralmente a outra pessoa, o texto
(b) deprecia a imagem do falante, que não sabe utilizar a norma-padrão da língua.
(d) comprova que ninguém conseguirá entender essa receita, pois ela não foi escrita na variedade urbana de prestígio.
(c) representa a transcrição de uma modalidade diferente da escrita, que também tem características próprias.
(a) se limita a uma fala instrucional, que é específica de apenas uma região.

Questão 347

Leia a anedota e organize as palavras destacadas de acordo com a classe a que pertencem: substantivos ou verbos.
O **garoto está** na **casa** da **vizinha**, que lhe **dá** um **pedaço** de **pão** com **manteiga**. Ele **agradece**:
— Muito obrigado.
Ela se **entusiasma**:
— "Muito obrigado".
E o **garoto**:
— Se a **senhora quiser ouvir** de novo, **é** só **passar** um pouco de **geleia** no **pão**...

Questão 348

Leia também estas palavras da carta, em voz alta:

(b) Classifique cada uma das palavras quanto à posição da sílaba tônica.
(a) Destaque a sílaba tônica de cada uma delas, isto é, a sílaba que foi pronunciada de maneira mais forte.

Questão 349

Leia esta história em quadrinhos:

(Ziraldo. *Maluquinho por bichos*. São Paulo: Globo, 2006. p. 70-3.).

Nina não se separa nunca de seu peixinho. A mãe a alerta sobre a possibilidade de o peixe morrer e, para consolar a menina, diz que, quando isso ocorrer, comprarão outro "mais bonito ainda". Por que a reação da menina surpreende a mãe?

Questão 350

Tuim criado no dedo
João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente, mas de dentro daquela casa de joão-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim...
A casa estava num galho alto, mas um menino subiu até perto, depois com uma vara de bambu conseguiu tirar a casa sem quebrar e veio baixando até o outro menino apanhar. Dentro, naquele quartinho que fica

bem escondido depois do corredor de entrada para o vento não incomodar, havia três filhotes, não de joão-de-barro, mas de tuim.
De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser menor. Tem bico redondo, rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles, um morreu, outro morreu, ficou um.
Em geral a gente cria em casa é casal de tuim, especialmente para se apreciar o namorinho deles. Mas *aquele tuim macho foi criado sozinho e, como se diz na roça, criado no dedo*. Passava o dia solto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinhas de **imbaúba**. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e gritar para o arvoredo: tuim, tuim, tuim! Às vezes demorava, então a visita achava que aquilo era brincadeira do menino, de repente surgia a ave, vinha certinho pousar no dedo do garoto.
Mas o pai disse: "Menino, você está criando muito amor a esse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Esse bichinho se acostuma assim, toda tarde vem procurar sua gaiola para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuins, adeus. Ou você prende o tuim ou ele vai embora com os outros, mesmo ele estando preso e ouvindo o bando passar, está arriscado ele morrer de tristeza."
E o menino vivia de ouvido no ar, com medo de ouvir bando de tuim.
Foi de manhã, ele estava catando minhoca para pescar, quando viu o bando chegar, não tinha engano: era tuim, tuim, tuim... Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, dividido em partes. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio deles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz, o menino gritava com o dedinho esticado para o tuim voltar, mas nada dele vir.
Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa e disse: "Venha cá." E disse: "O senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais."
O menino parou de chorar, porque seu pai o havia consolado, mas como doía seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou que ele também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.
Houve quase um conselho de família, quando acabaram as férias: deixar o tuim, levar o tuim para São Paulo? Voltaram para a cidade com o tuim, o menino toda hora dando comidinha a ele na viagem. O pai avisou: "Aqui na cidade ele não pode andar solto, é um bicho da roça e se perde, o senhor está avisado."
Aquilo encheu de medo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com ele no dedo, ele voava pela sala, a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.
Soltar um pouquinho no quintal não devia ser perigo, desde que ficasse perto, se ele quisesse voar para longe era só chamar que voltava, mas uma vez não voltou.
De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: "Que é tuim?" – perguntavam pessoas ignorantes. "Tuim?"
Que raiva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para a escola, foi para outra rua, para outra.
Teve uma ideia, foi ao armazém de "seu" Perrota: "Tem gaiola para vender?" Disseram que tinha. "Venderam alguma gaiola hoje?" Tinham vendido uma para uma casa ali perto.
Foi lá, chorando, disse ao dono da casa: "Se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?"
O homem acabou confessando que tinha aparecido um periquitinho verde sim, de rabo curto, não sabia que chamava tuim. Ofereceu comprar, o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o bichinho. "Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim."
Voltou para casa com o tuim no dedo.
Pegou uma tesoura: era triste, era uma judiação, mas era preciso, cortou as asinhas, assim o bichinho poderia andar solto no quintal, e nunca mais fugiria.
Depois foi dentro de casa para fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento. Subiu num caixote para olhar por cima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.

(Rubem Braga. *Os melhores contos de Rubem Braga*. Seleção de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Global, 1998. p. 31.)

brio: sentimento de dignidade pessoal, orgulho.

imbaúba: árvore de tronco oco, folhas grandes e ásperas e frutos em forma de noz; também chamada embaúba.

Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.

O filhote de tuim que sobreviveu foi criado de um modo incomum. O narrador diz: "*aquele tuim macho foi criado sozinho e, como se diz na roça, criado no dedo*". No contexto, o que significa um pássaro ser "criado no dedo"?

Questão 351

Escreva uma carta, comentando um assunto e convidando o destinatário a dar uma resposta.
Combine com o professor quem será seu correspondente. Poderá ser um familiar (avô, avó, tio, tia, padrinho, primo, etc.) que esteja distante de você ou alguém da própria escola. Você deverá ter o nome completo e o endereço da pessoa.

Planejamento do texto

• Escolha um assunto para desenvolver. Se for um familiar, escreva sobre você, a família, os estudos, etc. Se for alguém da escola, escolha um tema pelo qual os adolescentes costumam se interessar. Eis algumas sugestões:
— filmes, livros e games
— a banda musical do momento
— histórias em quadrinhos
— coleções
— esportes
— animais de estimação
• Inclua na carta: local e data, vocativo, assunto, expressão de despedida e assinatura.
• Empregue uma linguagem de acordo com o perfil do interlocutor, isto é, menos ou mais descontraída, conforme a idade da pessoa e o grau de intimidade existente entre vocês.

Revisão e reescrita

Antes de fazer a versão final de sua carta, reveja-a, verificando se ela apresenta os elementos próprios do gênero. Assim, observe:
• se foi colocada a data no alto da página;
• se há um vocativo adequado;
• se o assunto está bem-desenvolvido;
• se há uma expressão de despedida e assinatura;
• se a linguagem está de acordo com o interlocutor.
Se necessário, faça alterações. Depois, passe a carta a limpo com capricho, de preferência em um papel de carta especial. Se quiser, faça você mesmo o papel "especial". Pegue uma folha de caderno ou sulfite branca ou colorida e recorte-a no formato que quiser. Invente uma moldura, pinte-a com lápis de cor ou ilustre-a com desenhos ou recortes.
Preencha o envelope com o nome e o endereço completos do destinatário e do remetente. Cole o selo. Depois envie sua carta, de acordo com as orientações do professor, e aguarde a resposta.
Se gostar da experiência, continue se correspondendo com seu destinatário ou escreva cartas para outras pessoas

Questão 352

Leia esta tira:

Ao fazer seu relato, Miguelito empregou várias palavras para indicar a ordem em que os fatos aconteceram. Identifique nos quatro quadrinhos da tira as palavras responsáveis pela ideia de sequência dos fatos.
• 1º quadrinho:
• 2º quadrinho:
• 3º quadrinho:

• 4º quadrinho:
Língua Portuguesa - Unidade 4 - Capítulo 2 - O texto de opinião (I) - Exercícios - Para escrever com coesão

Questão 353

Uma baleia
Uma baleia,
apesar do seu tamanho,
é mais leve
que uma nuvem,
é mais leve
que um mistério,
é quase uma música pousada
em cima do horizonte.
MURRAY, Roseana. *O mar e os sonhos*. Belo Horizonte: Abacatte, 2011.

Você aprendeu que "A poesia nos permite ver a realidade com outros olhos" (6º ano, Caderno 1). Considerando essa afirmação, podemos interpretar que a "leveza" atribuída à baleia no poema gera um efeito
(c) poético, relacionado aos movimentos e aos saltos desse mamífero no mar.
(b) irônico, relacionado ao tamanho do maior mamífero do planeta.
(d) irônico, relacionado aos sons nada musicais (melodiosos) emitidos por ela durante seus saltos acima do mar.
(a) poético, relacionado ao mistério de um animal gigante, mas de hábitos pouco conhecidos.

Questão 354

Nas fábulas, a moral da história é geralmente uma frase que resume a intenção do autor ao contar determinada história. Na maioria das fábulas, a moral vem destacada com um tipo de letra diferente e separada do restante do texto
Às vezes, a moral pode reproduzir um **provérbio**. Provérbio é uma frase de origem popular que, de maneira bastante resumida, expressa uma verdade para um determinado grupo de pessoas. Eis alguns provérbios:
Gato escaldado tem medo de água fria.
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
Quem vê cara não vê coração.
Quem não tem cão caça com gato.
Depois da tempestade vem a bonança.
Falar é prata, calar é ouro.
Quem planta chuva colhe tempestade.
Seja dono de sua boca para não ser escravo de suas palavras.
Leia a fábula a seguir e observe a moral que ela apresenta.
A gralha vaidosa
Júpiter deu a notícia de que pretendia escolher um rei para os pássaros e marcou uma data para que todos eles comparecessem diante de seu trono. O mais bonito seria declarado rei.
Querendo arrumar-se o melhor possível, os pássaros foram tomar banho e alisar as penas às margens de um arroio. A gralha também estava lá no meio dos outros, só que tinha certeza de que nunca ia ser a escolhida, porque suas penas eram muito feias.
"Vamos ter que dar um jeito", pensou ela.
Depois que os outros pássaros foram embora, muitas penas ficaram caídas pelo chão; a gralha recolheu as mais bonitas e prendeu em volta do corpo. O resultado foi deslumbrante: nenhum pássaro era mais vistoso que ela. Quando o dia marcado chegou, os pássaros se reuniram diante do trono de Júpiter; Júpiter

examinou todo mundo e escolheu a gralha para rei. Já ia fazer a declaração oficial quando todos os outros pássaros avançaram para o futuro rei e arrancaram suas penas falsas uma a uma, mostrando a gralha exatamente como ela era.

Moral: *Belas penas não fazem belos pássaros.*
(*Fábulas de Esopo*. Compilação de Russell Ash e Bernard Higton. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008. p. 26.)

Quais dos provérbios a seguir podem também traduzir a moral dessa fábula? Troque ideias com os colegas e marque as respostas corretas.
a) Uma andorinha só não faz verão.
b) Em casa de ferreiro o espeto é de pau.
c) Quem vê cara não vê coração.
d) Mentira tem perna curta.
e) Nem tudo que reluz é ouro.
Agora, escolha um provérbio entre os que foram citados, ou outro, e invente uma fábula em que ele possa ser utilizado como moral da história.

Questão 355

Leia os textos a seguir, observando as descrições que fazem.

Texto 1

Jacaré de papo azul

[...] Aqui o rio é lerdo, a gente sente melhor o rio, dá pra fazer amizade. Então eu percebi que era isso que o jacaré estava querendo, fazer amizade comigo. O senhor já reparou em boca de jacaré? Parece que ele vive rindo de tudo, até sem motivo. Esse que eu falei ria com o corpo inteiro, às vezes chegava à flor d'água o tempo de eu apreciar ele todo, e rabeava com um jeito moleque, tão gozado que só o senhor vendo. Eu doido de aproveitar e cair em cima dele, mas quem disse? Depois de muito dançar e mergulhar, ele deu um salto e virou de barriga pra cima, a uma distância que não dava pra pegar. Ficou assim, boiando satisfeito da vida, que nem flor. Que nem essa flor, o senhor sabe, grandona e redonda, boiando feito bandeja, lá no fim do Norte, que eu nunca vi de perto, só de figura. Aí eu fui chegando perto, chegando perto, bem de mansinho. Se ele vira de repente e me dá uma rabanada, pensei, adeus canoa e eu sou o finado Marcindírio. Ele não virou, cheguei bem perto e vi. Tinha o papo azul, azul deste céu que o senhor está vendo, azul-claro, limpinho, bom de passar a mão... Passei. O senhor não credita que passei? Pois o danado gostou, deixando eu fazer esse agrado que a gente faz no pescoço do gato, só que mais forte, o couro é o contrário da macieza do gato. Não tive coragem de fazer mais nada. Ele estava tão feliz de ser tratado assim, tão prosa de mostrar seu papo diferente, lindeza de papo. Aí eu falei assim: "Vou m'embora, jacaré; você é livre de morar no rio, que eu não te causo dano". Voltei sem ofender aquele bicho-irmão, pois pra mim ele ficou sendo um negócio parecido com irmão, não digo filho porque era tão forte quanto eu, se não mais, e filho da gente, por mais que cresça e apareça, é sempre uma plantinha mimosa, sabe como é. Em casa, minha patroa zombou de mim, achou que eu não estava regulando. Não dormi de noite, pensando no jacaré.
Dia seguinte, olha ele outra vez me chamando pra brincar, eu disse: "Calma, jacaré, não posso passar a vida me distraindo com você, não sou mais menino e você também não é mais filhote. Todos dois têm que cuidar da vida, que a morte é certa". Até parece que ele entendeu, ficou com ar meio amuado, afundou. Só apareceu muito tempo depois, de longe, experimentando a mesma sorte de molecagem. Fiquei com pena dele: "Tá bom, eu brinco". Mas tem propósito um barraqueiro como eu alisando papo de jacaré, só porque ele é azul, me diga, tem propósito? Se a gaiola* passasse e os passageiros me vissem, que é que haviam de achar? Eu sei, talvez algum quisesse me convencer que eu devia levar o jacaré pra terra e vender ele pra fazer figura no circo, mas o mais certo era que todo mundo caísse de gozação em cima de mim, podiam mesmo me levar amarrado feito doido pra dormir na cadeia, e depois... Isso tudo passou na minha cabeça enquanto eu acarinhava o jacaré, fiquei com vergonha que pudessem me ver naquela hora, depois fiquei com vergonha de ter sentido vergonha, afinal que que tem o senhor se entender com um bicho com fama de

malvado e vai ver não é malvado coisa nenhuma e pede à gente pra gostar dele? O senhor começou a entender, quer mais um gole de café enquanto eu conto o resto?
[...]
(In: *O homem que fazia chover & outras histórias de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Boa Companhia, 2013. p. 96-8.)

*gaiola: embarcação de fundo chato usada em navegação fluvial.

Texto 2
Uma senhora?
Dona Estefânia foi uma senhora feliz. Não conhecendo a inveja, nunca falou mal de ninguém. Compunha colchas de retalhos coloridos, colecionava pratas de cinco mil-réis em caixas de sapato, viajava de automóvel para fora de Belo Horizonte todas as manhãs, para beber leite de vaca tirado na hora, confiava infinitamente em Santo Antônio, achava uma graça extraordinária na leitura do *Diário da Tarde*, ouvia religiosamente o *Teatro pelos ares* da Rádio Mayrink Veiga, não erguia a voz, não repreendia ninguém, nunca permitiu em hipótese alguma que qualquer pessoa saísse de sua casa antes de aceitar um doce, um biscoito, um licor. Referia-se a meu avô português, falecido muitos anos antes, como sempre lhe chamou em vida: seu Zé Campos.
Seca e resistente, aos oitenta anos, uma grave infecção a derrubou durante vários meses. Todos esperando sua morte a qualquer instante. Ela na cama, a sofrer noite e dia, sem queixar-se, compadecida daqueles que a velavam.
Descobriram a sulfa, dona Estefânia saltou da cama e viveu mais cinco anos. Verdadeira, alegre como a água. Só em certos momentos especiais era capaz de perigosa malícia, no truco, quando blefava com o ar mais cândido deste mundo.
(Paulo Mendes Campos. In: *Balé do pato*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 80.)

Escolha um colega de classe e, sem mencionar o nome dele, descreva-o por escrito, física e psicologicamente. Terminando seu texto, leia-o para a classe, que deverá identificar o colega descrito.

Questão 356

Releia o texto da tarefa 1:

Júlia, uma garota morena de 11 anos, gostava muito de pedalar sua bicicleta num parque a poucas quadras de sua casa.
Naquele sábado, enquanto pedalava, ela sentia o vento contra seu rosto e não ouvia apenas o som dos pneus na pista de terra. Mas já era quase meio dia, e, ao fazer uma curva, Júlia percebeu que ficara sozinha na pista. Os outros pedaleiros deviam ter ido almoçar.
Então, um pouco à frente, na lateral da pista por onde ela devia passar , havia um homem de terno, encostado a uma árvore. A garota pensou em voltar, mas estava já muito perto do estranho. Pedalou mais depressa! Quando se virou para trás, porém, sentiu um arrepio: o estranho de terno preto agora pedalava uma bicicleta, como se a seguisse.
A garota começou a suar. Seu coração parecia querer sair pela boca. Pedalou mais rapidamente, mas o homem fazia o mesmo. E já quase a alcançava.
Na curva seguinte, ele a alcançou. No entanto, ultrapassou-a e seguiu em frente.
A menina voltou para casa, e chegou justamente no momento em que a mãe punha a mesa para o almoço.
Transforme essa história numa narrativa de aventura capaz de prender a atenção do leitor. Copie os dois parágrafos iniciais e reescreva o texto a partir do 3º parágrafo.
Ao fazê-lo, desenvolva o conflito inicial criando fatos surpreendentes, capazes de atrair a atenção do leitor. Crie também um desfecho verossímil para a história.
Ao terminar a primeira versão crie um título coerente e expressivo.

Questão 357

Um menino acaba de tomar um refrigerante e, não sabendo onde pôr a lata, joga-a pela janela do carro. Uma família deixa a praia, mas, no lugar onde estava, larga uma garrafa pet de refrigerante vazia, uma lata de cerveja amassada, um coco e um papel de sorvete. Será que essas ações são inofensivas para o meio ambiente?

Leia os textos a seguir. O primeiro é uma cena do filme *Midway*, dirigido por Cris Jordan, filmado nas Ilhas *Midway*, no oceano Pacífico; o segundo é parte de uma reportagem de uma revista brasileira. Depois responda à questão proposta.

Cenas do filme *Midway*

Veja o *trailer* do filme *Midway*, acessando o site: http://www.midwayfilm.com/

Texto I

Chris Jordan

(Veja *Sustentabilidade*, dez. 2011.)

Texto II

Em metade dos 5.565 municípios brasileiros os detritos são despejados nos chamados lixões – pontos clandestinos, ou quase, em que tudo é jogado e nada é tratado, ameaçando a saúde dos catadores e da população em geral com a contaminação do solo e dos cursos de água. Os estados de Alagoas, Rondônia e Roraima lideram esse ranking negativo: os lixões são o destino de mais de 90% dos seus detritos. Nesse cenário, a taxa de coleta seletiva é ínfima – só 18% dos municípios a praticam.

Segundo especialistas, se o problema do lixo já estivesse bem resolvido no Brasil, 10% da sua energia poderia ter como fonte o biogás, constituído basicamente por metano e dióxido de carbono liberados por detritos. Na contabilidade geral, somando-se inclusive o dinheiro usado por governos e prefeituras para cuidar de aterros que não geram energia, está-se jogando fora, por assim dizer, uma receita que pode alcançar 10 bilhões de reais. Pois é: além de fazer bem ao meio ambiente, à saúde e à paisagem, o tratamento adequado do lixo ajuda a economia. É o desafio de uma nova era.

Colaborou Andréa Licht

Fonte: *Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais* (Abrepe)

De acordo com o texto II, “em metade dos 5.565 municípios brasileiros os detritos são despejados nos chamados lixões”.

a) Quais são as consequências desse tipo de ação?

b) Que solução poderia ser dada ao problema do lixo no Brasil?

c) Que benefícios essa medida poderia trazer?

Questão 358

Texto IV

Outro presente para a senhora

Mário Quintana

– Mãe, taqui seus chocolates!

– Que chocolates, meu anjo?

– A senhora não sabe que, no Dia das Mães, dê chocolate para ela? Comprei um pacotão divino-maravilhoso-fora-de-série, pra senhora. Tem bombons, tablettes, figurinhas, pastilhas, drágeas... Um negócio, mãe!

– Filhinho, eu não posso comer chocolate.

– Como não pode? É uma curtição. Todas as mães do Brasil, no Dia das Mães, vão saborear produtos achocolatados. Não precisa engolir tudo e duma vez, guarda pra semana toda, pro mês inteiro.

– Alfredinho, o médico me proibiu de comer chocolate.

– E daí, esquece o médico. Não é Dia dos Médicos, é Dia das Mães, dia da senhora. Quando é que as mulheres vão se emancipar da tutela dos homens?

– E você não é homem, criatura? Você quer que eu seja independente comendo chocolate que você faz questão de me dar?

– Fico triste com a senhora.
– Fique não, querido. Vamos fazer uma coisa. Dê esse pacote tão lindo pra sua namorada.
– A Georgiana? A Georgiana não é casada nem mãe solteira, como é que eu vou dar presente a ela no Dia das Mães? Pega mal.
– Toda namorada merece ganhar presentes em qualquer dia do ano.
– Não posso dar chocolates a Georgiana.
– Não pode por quê?
– Engorda.
– Ah, muito bonito. Então a Georgiana não pode engordar, eu, que sou mãe do namorado dela, posso, né?
– Não é nada disso, mãe. Também não quero que a senhora engorde, mas se engordar, problema de papai.
– O problema é meu antes de mais ninguém, ouviu? Ou você não acha mais que a mulher deve resolver por si mesma o que lhe convém ou não convém?
– Mas chocolate, uma coisa à toa... Que importância tem isso?
– Tem importância pra Georgiana, tem importância pra você que não quer ver Georgiana barriguda por causa de chocolate, não tem importância pra mim, só porque no Dia das Mães usa oferecer chocolate à autora dos seus dias?
– Autora de quê? A senhora tá falando difícil, mãe. Até parece linguagem de vestibular. Deixa, não tem importância. Quer dizer que a senhora tá mandando meu presente praquela parte.
– Alfredinho, não repita!
– Não disse nada de mal.
– Disse sem dizer. Não admito que você use essas expressões falando comigo.
– Que expressões? Desculpe. Não quis ofender a senhora, evidente. Estou só defendendo o chocolate, entende?
– Está bem.
– É muito alimentício.
– Eu sei.
– Numa dieta bem balanceada...
– Chega, Alfredinho. Não precisa falar em calorias. Quem não sabe que chocolate é bom e gostoso? Eu adoro chocolate, mas...
– Então pega o pacote.
– É uma tentação. Mas eu resisto.
– Eu ajudo a destruir o que tá aí dentro, mãe.
– Não.
– Prova só um chocolatezinho mais legal, com recheio de licor.
– Não.
– Unzinho só. Delícia.
– Nããããão. Leve pra Georgiana, já disse.
– Já vi tudo. Você quer ter uma nora de barrigona estufada de tanto comer chocolate, só pra ter o gosto de mostrar que a sogra dela é mais leve que manequim!
– Bandido, some da minha frente com essa porcaria, que eu não sou mais sua mãe!
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os dias lindos*. Em: Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988.

Escreva um pequeno parágrafo (3 a 5 linhas), introduzindo as personagens e explicitando, pela voz de um narrador em terceira pessoa, as circunstâncias (tempo e lugar) que envolvem o diálogo.

Questão 359

Leia este conto, dos irmãos Grimm:

A água da vida

Era uma vez um rei que ficou doente, e ninguém acreditava que pudesse escapar com vida. Mas ele tinha três filhos, que ficaram muito tristes com isso, desceram ao jardim do castelo e ficaram chorando. Aí eles deram com um homem velho, que lhes perguntou a razão da sua tristeza. Eles lhe contaram que seu pai estava tão doente que iria morrer logo, porque não havia nada que pudesse ajudá-lo.

Então o velho disse: — Eu conheço um remédio, que é a água da vida; se o rei beber dessa água, recobrará a saúde. Mas ela é difícil de encontrar.
O mais velho disse: — Eu vou encontrá-la.
E foi ao rei doente e pediu sua permissão para sair à procura da água da vida, pois só ela poderia curá-lo.
— Não — disse o rei —, é perigoso demais, eu prefiro morrer.
Mas o filho insistiu e implorou tanto que o rei acabou concordando. O príncipe pensou no fundo do seu coração: "Se eu trouxer essa água ao meu pai, serei o seu preferido e herdarei o reino".
Então ele partiu, e quando já estava cavalgando há algum tempo, encontrou no caminho um anão, que lhe perguntou:

— Para onde vai tão apressado?
— Ó nanico bobo — disse o príncipe, muito *arrogante** —, isso não é da sua conta — e continuou o seu caminho.
Mas o *homúnculo** ficara muito irritado e fizera um mau desejo. Pouco depois o príncipe foi parar numa *garganta** entre montanhas, e quanto mais ele cavalgava, mais os rochedos se estreitavam diante dele, e por fim o caminho ficou tão apertado que ele não pôde se adiantar nem mais um passo; não era possível fazer o cavalo voltar e nem descer da sela, e lá ficou ele, como aprisionado.
O rei doente esperou pelo filho durante muito tempo, mas este não voltava. Aí o segundo filho disse: — Pai, deixe-me partir e procurar a água — e pensou consigo: "Se o meu irmão está morto, o reino fica para mim".
No começo o rei também não quis deixá-lo partir, mas acabou cedendo. O príncipe enveredou pelo mesmo caminho seguido pelo seu irmão e encontrou o mesmo anão, que o deteve e lhe perguntou aonde ia com tanta pressa.
— Ó nanico miúdo — disse o príncipe —, isso não é da sua conta.
E continuou a cavalgar, sem olhar para trás. Mas o anão o enfeitiçou e ele, como o outro, foi parar numa garganta rochosa, sem poder avançar, nem recuar. É assim que acontece com os arrogantes.
Quando também o segundo filho não retornava, o mais novo ofereceu-se para ir procurar a água, e o rei, por fim, teve de deixá-lo partir. E quando ele encontrou o anão e este lhe perguntou para onde ia assim apressado, o moço parou, deu-lhe atenção e resposta, e disse:
— Vou à procura da água da vida, pois meu pai está mortalmente *enfermo**.
— Mas você sabe onde encontrá-la?
— Não — disse o príncipe.
— Porque você se comportou como é devido, não foi arrogante como seus falsos irmãos, eu lhe darei informação. Ela brota de um poço no pátio de um castelo enfeitiçado, mas você não poderá entrar lá, se eu não lhe der uma vara de ferro e dois filões de pão. Com a vara você baterá três vezes no portal de ferro do castelo, e ele se abrirá. Lá dentro estão dois leões, que vão escancarar as *fauces**. Mas se você atirar um pão nas suas goelas, eles ficarão quietos. Então corra e busque a água da vida antes de baterem as doze horas, senão o portão se fechará de novo e você ficará preso.
O príncipe agradeceu, pegou a vara e o pão e pôs-se a caminho. Quando chegou à sua meta, tudo aconteceu como o anão lhe dissera. O portão abriu-se ao terceiro golpe da vara, e depois de acalmar os leões com os filões de pão, ele adentrou o castelo num grande e belo salão. Lá estavam sentados os príncipes *encantados**, de cujos dedos ele tirou os anéis. Ele viu também uma espada e um pão que levou consigo.
Mais adiante, entrou numa sala onde estava uma formosa donzela, que se alegrou ao vê-lo, beijou-o e disse que ele a desencantara, e que ele ganharia o seu reino inteiro e, quando voltasse dali a um ano, se casaria com ela. Depois, contou-lhe onde estava o poço com a água da vida, mas disse que ele devia se apressar e tirar a água logo antes que batessem as doze badaladas.
Ele continuou andando e chegou por fim a um quarto onde havia uma bela cama, recém-arrumada. E como estivesse *fatigado**, ele quis antes descansar um pouco. Então deitou-se e adormeceu; e quando acordou, ouviu bater um quarto para as doze. O príncipe levantou-se de um pulo, assustado, correu para o poço, encheu com sua água uma taça que estava ali, e apressou-se a sair de lá. Mas quando já estava saindo pelo

portão de ferro, o relógio bateu doze horas e o portão fechou-se com tanta força que lhe cortou um pedaço do calcanhar.
Mas ele estava contente porque conseguira a água da vida; pôs-se a caminho de casa e encontrou-se de novo com o anão. Quando este viu a espada e o pão, falou:
— Com isso você saiu ganhando muito: com esta espada, pode vencer exércitos inteiros, e este pão não acabará nunca.
O príncipe não queria voltar para o pai sem os irmãos e disse:
— Querido anão, não pode dizer-me onde estão os meus dois irmãos? Eles saíram antes de mim à procura da água da vida e nunca mais voltaram.
— Eles estão presos entre os rochedos das montanhas — disse o anão. — Eu os enfeiticei, porque foram tão arrogantes.
Então o príncipe suplicou tanto, que o anão acabou por libertá-los, mas advertiu-o e disse:
— Tenha cuidado com eles, pois têm um coração perverso.
Quando seus irmãos chegaram, ele ficou contente e contou-lhes o que lhe tinha acontecido, que ele encontrara a água da vida e trouxera consigo uma taça cheia dela, e que desencantara uma bela princesa, que queria esperar por ele um ano, quando seria celebrado o casamento, e ele ganharia um grande reino.
Os três continuaram a cavalgar juntos e chegaram a um país onde havia fome e guerra, e o rei já pensava que o país estava perdido, e ele também, tão grande era a sua *aflição**.
Então o príncipe foi ter com ele e deu-lhe o pão, com o qual o rei alimentou e satisfez todo o seu reino. Aí o príncipe deu-lhe também a espada, com a qual o rei venceu os exércitos inimigos, e agora podia viver em paz e sossego. Depois disso, o príncipe retomou a sua espada e o seu pão, e os três irmãos continuaram a cavalgar adiante. Eles ainda chegaram a mais dois países onde reinavam a fome e a guerra, e das duas vezes o príncipe deu aos reis a sua espada e o seu pão, salvando assim três reinos. Depois, eles embarcaram num navio e atravessaram o mar.
Durante a viagem, os dois mais velhos *confabularam** entre si:
— O caçula encontrou a água da vida e nós não. Por isso o nosso pai lhe entregará o reino que cabe a nós, e ele nos privará da nossa felicidade.
Então eles ficaram vingativos e combinaram destruir o irmão mais novo. Esperaram até ele dormir profundamente, roubaram-lhe a água da vida e ficaram com ela, enquanto enchiam a taça do caçula com a água salgada do mar.
Quando chegaram em casa, o mais moço levou a sua taça ao pai, para que bebesse dela e sarasse. Mas assim que o rei bebeu um pouco da água do mar, ficou mais doente do que antes. E quando ele se lamentava disso, vieram os dois irmãos mais velhos e denunciaram o mais novo, dizendo que ele queria envenenar o pai, mas que eles é que traziam a verdadeira água da vida, e deram-na para o rei beber. E assim que ele a tomou, sentiu sua doença desaparecer e ficou forte e sadio como nos dias da sua juventude.
Então os dois foram até o irmão caçula, zombaram dele e disseram:
— Você pode ter encontrado a água da vida, mas você teve todo o trabalho, e nós teremos a recompensa. Você devia ter sido mais esperto, ficando de olhos abertos. Nós lhe tiramos a água enquanto você dormia em alto-mar, e daqui a um ano será um de nós que irá buscar a bela princesa. Porém trate de não dizer nada disso ao pai, ele não vai acreditar mesmo. Mas se revelar uma só palavra de tudo isso, acabará perdendo a vida. Só se você ficar calado, ela lhe será poupada.
O velho rei estava *irado** com o seu filho mais novo e pensava que ele atentara contra sua vida. Por isso, mandou reunir a corte para pronunciar julgamento contra ele, para que fosse secretamente fuzilado.
Quando o príncipe partiu um dia para a caça, sem desconfiar de nada, o caçador do rei teve ordem de acompanhá-lo. Quando os dois estavam sozinhos no meio da floresta e o caçador parecia tão triste, o príncipe lhe perguntou: — Meu caro caçador, o que lhe falta?
O caçador disse: — Não posso contá-lo, mas devo fazê-lo.
Então o príncipe falou: — Conte-me o que é, eu lhe perdoarei.
— Ai — disse o caçador — eu devo fuzilá-lo; foi o rei quem me ordenou.

O príncipe ficou assustado e pediu: — Meu bom caçador, deixe-me viver, eu lhe darei meus trajes reais, dê-me sua roupa comum em troca.
O caçador respondeu: — Isto eu farei de bom grado, eu não poderia mesmo atirar no senhor.
Então eles trocaram suas roupas e o caçador voltou para casa, mas o príncipe embrenhou-se no mais fundo da floresta.
Algum tempo depois chegaram ao castelo do velho rei três carros cheios de ouro e pedras preciosas para o seu filho mais novo. Eram enviados pelos três reis que venceram os inimigos com a espada do príncipe e alimentaram os seus povos com o seu pão, e queriam mostrar a sua gratidão.
Então o velho rei pensou: "Será que meu filho era inocente?" E ele disse aos seus homens: — Se ele ainda estivesse vivo! Como eu me arrependo de ter mandado matá-lo.
— Ele ainda vive — disse o caçador —, eu não pude forçar-me a cumprir a ordem do rei.

E ele contou ao rei o que tinha acontecido. Então foi como se a pedra rolasse do coração do rei, e ele mandou anunciar por todos os reinos que o seu filho podia voltar e seria recebido de braços abertos.
A princesa, porém, mandara abrir, na frente do seu castelo, uma rua toda calçada de ouro *faiscante** e dissera aos seus homens que aquele que viesse cavalgando pelo meio dessa rua, direto para ela, seria o verdadeiro esperado, a quem deviam deixar entrar. Mas quem viesse pelo lado dessa rua não seria o verdadeiro e não poderia entrar.
Quando o prazo decorreu e chegou a hora certa, o mais velho dos filhos do rei resolveu apressar-se e apresentar-se à princesa como o seu noivo, para então recebê-la por esposa e o seu reino também. Então saiu galopando e quando chegou e viu a bela rua de ouro, pensou: "Seria uma pena pisoteá-la com os cascos do cavalo"; desviou-se para a direita e passou ao lado da pista. Mas, quando chegou ao portão, os guardas lhe disseram que ele não era o homem certo e que fosse embora. Pouco depois, o segundo príncipe partiu por sua vez e, quando chegou à rua de ouro e o cavalo pôs uma pata sobre ela, ele pensou: "Seria uma pena, o cavalo poderia estragar alguma coisa", desviou-o para a esquerda e passou ao largo da pista. Mas, quando chegou ao portão, os guardas disseram que ele não era o homem certo e mandaram-no embora.
Quando o ano terminou, o terceiro filho quis sair da floresta e cavalgar até a sua amada, para esquecer sua tristeza ao seu lado. Então partiu e, com o pensamento sempre nela e a vontade de já estar ali, ele nem viu a rua de ouro e o seu cavalo passou bem no meio da pista. E, quando chegou ao portão, este se abriu e a princesa o recebeu cheia de alegria e disse que ele era o seu libertador e o senhor de todo o reino.
Então o casamento foi celebrado com grande *júbilo**. E quando a festa acabou, ela contou-lhe que seu pai o convidava a voltar e que o tinha perdoado.
Aí ele voltou ao pai e contou-lhe tudo: como seus irmãos o haviam enganado e ele se calara sobre tudo o que acontecera.
O velho rei queria castigá-los, mas eles já tinham fugido para o mar e embarcado num navio para nunca mais voltar.
(*Os contos de Grimm*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 225-231.)

***aflição:** preocupação, angústia.

***arrogante:** insolente, atrevido, orgulhoso.

***confabular:** conversar, falar, trocar ideias.

***encantado:** enfeitiçado.

***enfermo:** doente.

***faiscante:** brilhante.

***fatigado**: cansado, esgotado.

***fauce**: goela, garganta.

***garganta**: desfiladeiro, passagem estreita.

***homúnculo**: pequeno homem.

***irado:** enraivecido, bravo.

***júbilo**: grande alegria.

É comum, nos contos maravilhosos, o herói, ou a heroína, ser vítima de uma armadilha planejada pelo vilão, ou pela vilã. No conto “A água da vida”:
a) Qual foi a armadilha que o(s) vilão(vilões) planejou(planejaram)?
b) Quem foram as vítimas da armadilha?
c) No final do conto, o plano deu certo? Por quê?

Questão 360

Texto I:

A árvore

Era uma árvore
ameaçada
onde se ouvia
a passarada
Ninguém subia
nos galhos não
porque da árvore
só tinha o chão.
Todos só viam
uma clareira
porque a árvore
virou barreira.
Meu cão que ia
fazer pipi
não encontrou
um tronco ali.
Ela deixava
tão bela a vista,
e foi embora
sem deixar pista
Mas foi plantada
com esperança
na velha estrada
pela criança.

(Rosa Clement)

(Direitos do autor reservados)

A imagem que acompanha o poema demonstra que:
(a) o homem está sempre cuidando da natureza.
(b) as pessoas só pensam no bem da comunidade.
(e) o ser humano só pensa em obter lucro e destrói a natureza.
(c) há muitas árvores para serem utilizadas.
(d) o homem precisa muito da natureza.

Questão 361

Orientação para a questão
O conto de Marina Colasanti é de fácil compreensão, mas podemos aprofundá-la através de alguns exercícios.
É muito importante que você perceba todos os detalhes – acontecimentos, descrições, personagens, ambiente... – e que os relacione com o conjunto do texto. Assim, para realizar estas atividades você deve sempre voltar ao texto.
Qual foi a consequência de sua insatisfação?

Questão 362

Leia o texto a seguir e responda à questão proposta.

O melhor amigo

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha na direção de seu quarto.

— Meu filho? — gritou ela.
— O que é? — respondeu, com ar o mais natural que lhe foi possível.
— Que é que está carregando aí?
Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ganhar tempo:
— Eu? Nada...
— Está sim. Você entrou carregando uma coisa.
Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar, o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:
— Olha aí, mamãe: é um filhote...
Seus olhos súplices aguardavam a decisão.
— Um filhote? Onde é que você arranjou isso?
— Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?
Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de ISSO. Insistiu ainda:
— Deve estar com fome, olha a carinha que ele faz.
— Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!
— Ah! Mamãe... — já compondo cara de choro.
— Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.
O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima.
Voltou para o quarto emburrado: a gente também não tem nenhum direito nessa casa — pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado dessa maneira!
— Que diabo também, nessa casa tudo é proibido! — gritou lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.
— Dez minutos! — repetiu ela, com firmeza.
— Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.
— Você não é todo mundo.
— Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.
— Veremos — limitou-se a mãe, de novo distraída com a costura.
— A senhora é ruim mesmo, não tem coração.
— Sua alma, sua palma.
Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar, com seu novo amigo, e depois... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:
— Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.
— Ah, mamãe deixa! — choramingou ainda. — Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nessa vida...
— E eu? Que bobagem é essa, você não tem a sua mãe?
— Mãe e cachorro não é a mesma coisa.
— Deixa de conversa: obedece a sua mãe.
Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...
Meia hora depois, o menino voltava da rua, radiante:
— Pronto, mamãe!

E lhe exibia uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.
— Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza de que ele dava — murmurou pensativo.
(Fernando Sabino. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática. p. 35.) Alexandre Matos

O texto tem por título "O melhor amigo".
a) O filhote, de fato, era o melhor e único amigo do menino? Justifique sua resposta com base em um trecho do texto.
b) Leia o boxe "A ironia: o avesso do avesso" e conclua: O título do texto é irônico? Por quê?
c) Como você agiria se estivesse no lugar do menino? Faria o mesmo que ele fez ou não? Por quê?

Questão 363

A fim de evitar a repetição das palavras destacadas, substitua-as por pronomes, procurando manter o sentido das frases:
(a) Luís Carlos vai tocar numa orquestra, pois **Luís Carlos** é um ótimo violinista.
(c) Professores e **alunos** irão para a biblioteca, porque professores e alunos farão uma pesquisa sobre aquecimento global.
(b) eu e **Júlia** vamos ao cinema no sábado e, no domingo, eu e Júlia vamos à praia.

Questão 364

A palavra **mesmo** é empregada duas vezes no texto, com significados diferentes:
• "Procurava algo que ele **mesmo** não sabia se era calor da galinha ou da criadeira."
• "Mas o pinto, **mesmo** sem saber, estava querendo era um palmo sujo de terra"
Qual sentido a palavra mesmo apresenta em cada trecho: **ainda que**, **de fato** ou **próprio**?

Questão 365

Orientação para a questão
O conto de Marina Colasanti é de fácil compreensão, mas podemos aprofundá-la através de alguns exercícios.
É muito importante que você perceba todos os detalhes – acontecimentos, descrições, personagens, ambiente... – e que os relacione com o conjunto do texto. Assim, para realizar estas atividades você deve sempre voltar ao texto.
Como você interpreta o final do conto?

Questão 366

O texto abaixo costuma ser posto no para-brisa de automóveis que ocupam indevidamente, em um *shopping*, as vagas reservadas a portadores de necessidades especiais. Leia-o e responda à questão.

A que gênero do discurso pertence o texto?
(a) cartaz
(d) anúncio publicitário
(b) folheto
(c) bilhete

Questão 367

O texto a seguir faz parte do romance *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, e, nele, o narrador-personagem, Carlinhos, descreve uma das personagens que conheceu no engenho do avô, onde passou a viver após a morte da mãe.
Leia-o.
A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso*. Pequenina e toda engelhada*, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e Uma Noites*. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras.

As suas histórias para mim valiam tudo. Ela também sabia escolher o seu auditório. Não gostava de contar para o primo Silvino, porque ele se punha a tagarelar no meio das narrativas. Eu ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato*, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de história. E as suas lendas eram suas, ninguém sabia contar como ela. Havia uma nota pessoal nas modulações de sua voz e uma expressão de humanidade nos reis e nas rainhas dos seus contos. O seu Pequeno Polegar era diferente. A sua avó que engordava os meninos para comer era mais cruel que a das histórias que outros contavam.

A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar. Ela subia e descia ao sublime sem forçar as situações, como a coisa mais natural do mundo. Tinha uma memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando de vez em quando pedaços de prosa, como notas explicativas. [...]

Havia sempre rei e rainha, nos seus contos, e forca e adivinhações. E muito da vida, com as suas maldades e as suas grandezas, a gente encontrava naqueles heróis e naqueles intrigantes, que eram sempre castigados com mortes horríveis. O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e as florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com o Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco.

[...]

Depois Sinhá Totonha saía para outros engenhos, e eu ficava esperando pelo dia em que ela voltasse, com as suas histórias sempre novas para mim. Porque ela possuía um pedaço do gênio que não envelhece.

(23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. p. 49-54.)

*engelhada: enrugada, encarquilhada.

*histórias de Trancoso: contos e histórias antigas de origem popular; o termo Trancoso diz respeito ao nome de um escritor português que coletava esses contos e histórias.

*entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato: expressão que faz parte de uma quadra popular recitada para encerrar uma história e dar início a outra.

A chegada de Totonha ao engenho empolgava as crianças porque ela "vivia de contar histórias de Trancoso". Para exaltar a grande habilidade da personagem como contadora de histórias, que comparação o narrador utiliza?

Questão 368

Leia a letra de uma canção de Lenine e Ivan Santos:

Do it

Tá cansada, senta
Se acredita, tenta
Se tá frio, esquenta
Se tá fora, entra
Se pediu, aguenta
Se pediu, aguenta...
Se sujou, cai fora
Se dá pé, namora
Tá doendo, chora
Tá caindo, escora
Não tá bom, melhora
Não tá bom, melhora...
Se aperta, grite
Se tá chato, agite
Se não tem, credite
Se foi falta, apite
Se não é, imite...

Se é do mato, amanse
Trabalhou, descanse
Se tem festa, dance
Se tá longe, alcance
Use sua chance
Use sua chance...
[...]
Se perdeu, procure
Se é seu, segure
Se tá mal, se cure
Se é verdade, jure
Quer saber, apure
Quer saber, apure...
Se sobrou, congele
Se não vai, cancele
Se é inocente, apele
Escravo, se rebele
Nunca se atropele...
Se escreveu, remeta
Engrossou, se meta
E quer dever, prometa
Pra moldar, derreta
Não se submeta
Não se submeta...
[...]
(http://www.vagalume.com.br/lenine/do-it.html)

Na canção, o eu lírico (a voz que fala no texto) se dirige a alguém, fazendo uso de verbos no imperativo.
a) Levante hipóteses: A quem o eu lírico se dirige?
b) Essas formas verbais expressam um tipo de posicionamento do eu lírico diante da vida. Esse posicionamento é conformista e derrotista ou otimista e transformador?
c) Logo, entre os sentidos mais comuns do modo imperativo – ordem, conselho, dica, súplica, sugestão ou pedido –, qual está mais de acordo com a finalidade do texto?

Questão 369

Leia outro trecho da peça teatral *A Capital Federal*, de Artur Azevedo.
O Gerente — Olá! Temos hóspedes! (*Chamando*.) *Chasseur*! Vá chamar gente! (*O chasseur aparece e desaparece, e pouco depois volta com alguns criados e criadas*.)
Eusébio (*Entrando à frente da família, fechando uma enorme carteira*.) — [...] Trinta mil-réis pra nos trazê da estação da estrada de ferro até aqui. Esta gente pensa que dinheiro se cava! (*Aperta a mão ao gerente. O resto da família imita-o, apertando também a mão ao chasseur e à criadagem*.) [...] (*Vai pagar aos carregadores, que saem*.)
(AZEVEDO, Artur. *A Capital Federal*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000020.pdf>.

Acesso em: 3 ago. 2018.)

Glossário:
Chasseur: caçador.
As rubricas, que são indicações cênicas, são utilizadas para orientar a representação de peças teatrais. Cite duas das orientações apresentadas e indique como são diferenciadas graficamente dos outros elementos do texto.

Questão 370

Leia esta anedota:

> Um mineiro estava sossegado, sentado em frente à televisão, quando passa um compadre na janela e pergunta:
> — Firme, cumpade?
> E o outro responde:
> — Não, é novela mermo!!!
> (Da tradição popular.)

Na anedota, há dois usos diferentes da língua portuguesa. O primeiro ocorre na fala do narrador, que apresenta a situação. O segundo ocorre na fala das personagens. Compare os dois tipos de fala.

a) Qual fala representa a língua oral, falada pelos mineiros: a do narrador ou a das personagens?

b) A fala do narrador apresenta algum traço regional?

c) Na sua opinião, a língua usada pelas personagens da anedota é semelhante à língua falada por todos os habitantes do Estado de Minas Gerais? Por quê?

Questão 371

Apocalipse Ambiental

A ameaça humana?

Intervenções do homem nos ecossistemas estão devastando cadeias alimentares e provocando extinção em massa de espécies. Poderia esse processo culminar com nosso próprio fim?

por Hemerson Brandão?

Esqueça a colisão inesperada de asteroides, erupções vulcânicas globais ou alterações no campo magnético da Terra. Um vilão muito mais perigoso está nesse momento promovendo uma silenciosa extinção em massa de espécies. É, você adivinhou: o ser humano.

Nosso planeta presenciou 5 grandes extinções em massa nos últimos 500 milhões de anos. Dentre elas, a dos dinossauros é a mais famosa. E, ao que tudo indica, o homem iniciou a sexta grande matança há milhares de anos, quando adquiriu inteligência suficiente para manipular os ecossistemas a seu bel-prazer. E hoje estamos presenciando a maior extinção em massa de plantas e animais já vista na história da Terra. Hoje, nosso planeta possui cerca de 2 milhões de espécies identificadas. Nos próximos 100 anos, metade delas estará extinta! É o que afirma Edward Wilson, famoso biólogo americano, no livro *O Futuro da Vida*. E o culpado é quem ele chama de "o assassino planetário". "No mundo inteiro, sempre que humanos penetram em um novo ambiente, a maior parte da megafauna desaparece", diz. Os animais grandes, lentos e saborosos são sempre os primeiros dizimados. Quando o homem extermina a fauna de uma região, muda-se para outra, onde a destruição continua.

No curto período de tempo em que o homem está sobre a Terra, já poluiu o ar, o solo e o mar, promoveu o desmatamento descontrolado, a caça e a pesca predatórias e explorou recursos naturais ao extremo. Agora ele está até mesmo alterando o clima do planeta inteiro pela emissão de combustíveis fósseis. Diversas espécies de mamíferos, pássaros, répteis, peixes, insetos e até vegetais já foram extintas. Muitas delas são extintas antes mesmo de serem descobertas.

Colocar a natureza em risco também coloca em perigo a humanidade. "Os serviços e o valor econômico proporcionado pelas espécies são insubstituíveis e essenciais ao nosso bem-estar", diz Jon Paul Rodríguez, vice-presidente da Comissão de Sobrevivência das Espécies da IUCN (União Internacional pela Conservação da Natureza, na sigla em inglês). Aí entram medicamentos extraídos da biodiversidade, recursos naturais para alimentar a população humana e até mesmo a matéria-prima para a produção dos bens de consumo mais supérfluos. O que antes estava disponível quase de graça na natureza terá de ser recriado artificialmente, custando muito caro. Será que dá pé?

No ritmo atual de destruição, num futuro próximo até os zoológicos serão coisas do passado. Sobrará apenas o lamento humano do progresso conquistado à custa de uma rica biodiversidade. Se tanto. Caso a famosa hipótese Gaia esteja correta (sugerindo que a vida na Terra faz a regulação do ambiente planetário, inclusive domando aquecimentos e resfriamentos globais, como se o planeta inteiro fosse uma única criatura gigante), talvez sua morte leve à nossa também.
Há, contudo, quem afirme que a sobrevivência dos seres vivos na Terra tem solução, e o desaparecimento de animais e vegetais pode ser evitado com a extinção de uma única espécie: nós.
Convenhamos, pode até ser uma solução. Mas é decepcionante pensar que somos incapazes de coexistir pacificamente com a natureza, ainda mais levando em conta todo o conhecimento que adquirimos dela nas últimas décadas. Parte dele sugere que simplesmente não podemos viabilizar nossa própria existência se destruirmos o resto da biosfera, de onde tiramos nosso sustento. E o consenso é que dá para fazer melhor.
(Hemerson Brandão. *Superinteressante*, nov. 2012. Abril Comunicações S/A.)

Nos dois primeiros parágrafos do texto, o autor apresenta o ser humano como o principal responsável pela extinção de espécies animais e vegetais que vem ocorrendo no planeta. Quando começou a atuação do ser humano que tem tido essa consequência?

Questão 372

Leia este poema, de Elias José:

Zigue-zague

A palavra ZIGUE-ZAGUE
se estica
se encolhe,
se mexe,
se acerta
se
en
tor
ta.
E remexe.
E parece que dança pagode
ou que é mesmo
uma roqueira.

(*Pequeno dicionário poético-humorístico ilustrado*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 104.)

a) Qual é o assunto do poema?
b) O poema explica a palavra zigue-zague da mesma maneira que um dicionário?
c) Além de dispor os versos de um modo especial, o poema apresenta a palavra entorta separada em sílabas e cada sílaba formando um verso. O que o poeta quis mostrar com isso?

Questão 373

Vamos fazer, em grupo, histórias em quadrinhos?
Criem uma história em quadrinhos a partir de contos maravilhosos e/ou fábulas conhecidas. Vejam como dois quadrinistas fizeram isso:

Ao criar essas tiras, os autores se inspiraram em histórias conhecidas: “A cigarra e a formiga”, *Cinderela*, “A lebre e a tartaruga”, *Os três porquinhos, João e Maria.*

Questão 374

Leia o texto a seguir e responda à questão.

Trata-se do texto que se lê no ingresso para visitar o **Palácio de Cristal**, situado em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Deduza: Por que o nome Palácio de Cristal aparece em quatro línguas no ingresso?
(c) Para que os visitantes saibam como se escreve o nome do palácio em outras línguas.
(d) Para mostrar simpatia em relação a outras nacionalidades.
(a) Para atrair um público heterogêneo.
(b) Porque o palácio é visitado também por estrangeiros.

Questão 375

O texto a seguir é um trecho do folheto de cordel *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima. Nele, João Grilo responde à primeira de várias perguntas que lhe são feitas pelo sultão. Leia-o.

João Grilo disse: estou pronto
pode dizer a primeira,
se acaso eu sair-me bem
venha a segunda e a terceira
venha a quarta e a quinta
talvez o Grilo não minta
diga até a derradeira.
Perguntou: qual o animal
que mostra mais rapidez,
que anda de quatro pés
de manhã, por sua vez
ao meio-dia com dois
passando disto depois,
à tardinha anda com três?
O Grilo disse: é o homem
que se arrasta pelo chão
no tempo que engatinha,
depois toma posição
anda em pé e bem seguro,
mas quando fica maduro
faz três pés com o bastão.
[...]

("As proezas de João Grilo". Antologia de folhetos de cordel – Amor, história e luta. São Paulo: Moderna, 2005. p.103-4.)

a) Que tipos de numerais foram empregados no texto?
b) O que os numerais da primeira estrofe indicam?
c) Na segunda estrofe, o que os numerais indicam?
d) A que fases da vida humana se referem, respectivamente, a manhã, o meio-dia e a tardinha?

Questão 376

As personagens do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato, visitaram o país da Gramática. No bairro dos adjetivos, o rinoceronte deu a seguinte explicação aos meninos:
"Os adjetivos, coitados, não têm pernas; só podem movimentar-se atrelados aos Substantivos. Em vez de designarem seres ou coisas, como fazem os Nomes, os Adjetivos designam as qualidades dos Nomes, ou alguma diferença que haja neles. "
" LOBATO, Monteiro. Emília no país da Gramática. In: *Obras completas de Monteiro Lobato.* v. 6, 5. ed., São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 34.

O que o rinoceronte chamou de "nomes", nós chamamos de substantivos.
Crie uma explicação que diferencie substantivo de adjetivo e que também personifique essas duas classes gramaticais, tal como faz o narrador de Emília no país da Gramática ao falar dos adjetivos.

Questão 377

Texto 4

Extinção - Última ararinha-azul selvagem desaparece?
Brasília – O último exemplar selvagem da ararinha-azul existente no mundo está desaparecido há 55 dias e pode ter sido morto. Se isso se confirmar, a espécie estará extinta na natureza. A ave, um macho que habita a região de Curaçá, no sertão da Bahia, estava sendo monitorada por um Comitê de recuperação e moradores. Na próxima semana, um grupo de 15 pessoas vai percorrer toda a área tentando localizar a ararinha, que pode ter sido atacada por gaviões.
Segundo a coordenadora do Comitê de Recuperação da Ararinha-Azul, Yara de Melo Barros, normalmente nesta época do ano a ave costuma voar para outros lugares por causa do término do período da seca. Entretanto, nunca o desaparecimento ultrapassava 15 dias.
"O contato visual que tínhamos, quando isso acontecia, nunca demorava tanto quanto agora", informa Yara. "O que tememos é que tenha havido uma provável predação", acrescenta, ressaltando que a ararinha pode ter sido atacada por um gavião. Os técnicos do projeto afirmam que é pouco provável que a ararinha tenha sido capturada por traficantes de aves, já que os próprios moradores teriam denunciado o fato. Além disso, não é possível definir qualquer valor de mercado para a espécie, a única existente no mundo.
A ararinha pode até ter voado para outras regiões, mas isso é bem difícil, porque ela é fiel ao seu hábitat", explica Yara. Segundo ela, na próxima semana uma equipe de captura vai percorrer a região, com a ajuda de mateiros e os próprios moradores. Mas os técnicos estão pessimistas, já que a ave nunca se afastou por tanto tempo.
Só depois do dia 22 de dezembro haverá um parecer final sobre o destino da ave. No mundo, há 60 exemplares em cativeiro.
Jornal do Commercio. Recife, 29 nov. 2000.

O texto 4 também afirma que, antes de iniciarem a busca, os pesquisadores formularam algumas hipóteses sobre as causas do desaparecimento da ararinha.
a) Quais foram essas hipóteses?
b) Qual hipótese eles consideravam a mais provável? Por quê?

Questão 378

Será que os brasileiros leem bem? Apesar de a maioria das crianças brasileiras frequentar a escola, infelizmente os brasileiros leem mal, isto é, não compreendem bem aquilo que leem. Pelo menos, esse é o resultado de uma pesquisa internacional, o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), que verifica periodicamente a capacidade de leitura de jovens de 15 anos, independentemente do ano que cursam.
O texto a seguir comenta o resultado da participação dos jovens brasileiros no exame de 2012. Leia-o.
Pisa: desempenho do Brasil piora em leitura e 'empaca' em ciências
Em 2012, o desempenho dos estudantes brasileiros em leitura piorou em relação a 2009. De acordo com dados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), o país somou 410 pontos em leitura, dois a menos do que a sua pontuação na última avaliação e 86 pontos abaixo da média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico).
Com isso, o país ficou com a 55ª posição do ranking de leitura, abaixo de países como Chile, Uruguai, Romênia e Tailândia. Segundo o relatório da OCDE, parte do mau desempenho do país pode ser explicado pela expansão de alunos de 15 anos na rede em séries defasadas.
Quase metade (49,2%) dos alunos brasileiros não alcança o nível 2 de desempenho na avaliação que tem o nível 6 como teto. Isso significa que eles não são capazes de deduzir informações do texto, de estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não conseguem compreender nuances da linguagem.
[…]
(Disponível em: http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-emciencias.htm. Acesso em: 26/11/2014.)

Conheça os resultados da avaliação de 2012, que envolveu 65 países:

(Fonte: Idem.)

Como é possível observar, os jovens de nosso país, quando comparados a jovens de outros países, ainda precisam melhorar muito a competência leitora.

Você pode contribuir para isso participando da mostra sobre leitura proposta no capítulo **Oficina de Criação** desta unidade. E sua participação pode começar agora, com a produção de cartazes que farão parte dela.

Planejamento do texto

• Reúna-se com seus colegas de grupo e discutam a seguinte questão: Por que é importante ler?
• Durante a discussão, anotem no caderno os melhores argumentos que surgirem, isto é, aqueles que sejam capazes de convencer o interlocutor e conquistar novos leitores.
• Quando concluírem a discussão, leiam para a classe os argumentos que anotaram e ouçam os dos colegas. Se for o caso, façam sugestões a fim de melhorar os argumentos dos colegas.
• Redijam um conjunto de orientações sobre leitura. Por exemplo, deem ao leitor dicas sobre o que ler, como escolher um bom livro, como ler bem, como tirar proveito da leitura, como estimular as pessoas que estão à nossa volta a também se tornar leitores.
• Escrevam também frases de escritores ou de pessoas famosas a respeito da leitura. Veja abaixo alguns exemplos.
• Escolham fotos, desenhos ou ilustrações para acompanhar o texto verbal.

Revisão e reescrita

Antes de finalizar a confecção dos cartazes, observem as orientações quanto a revisão e reescrita apresentadas no capítulo 1, na página 149. Depois, montem os cartazes no suporte final, que pode ser folhas de cartolina, adequando as partes verbal e visual.

Questão 379

Leia este poema, de Sérgio Capparelli:

O capitão sem fim

No mar tem um navio,
no navio, um capitão
o capitão desce a escada
a escada vai ao porão
no porão tem uma caixa
— caixinha e não caixão —
dentro dela, um anel
de um mágico do Japão
e no jade do anel
encontra-se, escrita à mão,
a história de um mar
de um navio e de um capitão
que desce por uma escada
que o conduz ao porão
onde existe uma caixa
— caixinha e não caixão —
que tem guardado um anel
de um mágico do Japão
e no **jade** do anel
existe, escrita à mão,
a história de um mar,
de um mar com seu capitão
que está em um navio...

(*Tigres no quintal*. São Paulo: Global, 2008. p. 17.)

jade: pedra preciosa.

O eu lírico conta uma história.

(a) Qual é essa história?
(b) Por que o desfecho da história é surpreendente?
(c) O título do poema é coerente com a história que o eu lírico conta? Por quê?

Questão 380

Leia esta tira, de Mauricio de Sousa:

No 1º quadrinho, Cebolinha questiona a mãe a respeito do próprio nome.
a) De acordo com a explicação dada pela mãe, qual é a razão do nome Cebolinha?
b) No quadrinho seguinte, qual é a imagem que Cebolinha cria para entender a explicação dada pela mãe?

Questão 381

Leia os versos do poema de Yeda Schmaltz:

Cavalo de pau

[...]
Quando amo, crio mitos,
dou para o amado meus olhos,
meus vestidos mais bonitos,
minhas blusas de babados,
meus livros mais esquisitos,
meus poemas desmanchados.
Vou me despindo de tudo:
meus cromos, meu travesseiro
e meu móbile de chaves.
Tudo de mim voa longe
e tudo se muda em ave.
[...]

SCHMALTZ, Yeda. Disponível em: <www.jornaldepoesia.jor.br/YSchmaltz.html#mostra>. Acesso em: 2 fev. 2016.

a) Nos versos, o pronome possessivo (meu, meus, minhas) é muito usado. Qual é a relação do emprego de vários desses pronomes com o sentido do poema?
b) No verso "Vou me despindo de tudo", o pronome indefinido tudo refere-se a quais termos?

Questão 382

Leia, a seguir, uma fábula de Esopo.

A cigarra e as formigas

Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de trigo. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente, apareceu uma cigarra
Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.
As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, e perguntaram
Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?
Para falar a verdade, não tive tempo respondeu a cigarra. Passei o verão cantando!
Bom. Se você passou o verão cantando, que tal passar o inverno dançando? disseram as formigas, e voltaram para o trabalho dando risada.

(Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001614.pdf. Acesso em: 1/7/2018.)

A fábula apresenta uma conversa entre a cigarra e as formigas. Reescreva-a, empregando adequadamente dois-pontos e travessão no diálogo entre as personagens.

Questão 383

Leia o trecho da peça teatral *A Capital Federal*, de Artur Azevedo, para responder à questão.

Os Criados

De esperar estamos fartos!
Precisamos descansar!
Um hotel com tantos quartos
O topete faz suar!
Um Hóspede — Um banho quero!
Um Inglês — Aoh! *Mim* quer *come*!
Uma Senhora — Um quarto espero!
Um Fazendeiro — Eu estou com fome!
O Gerente
Um poucochinho de paciência!
Servidos todos vão ser, enfim!
Eu quando falo, fala a gerência!
Fiem-se em mim!
(AZEVEDO, Artur. *A Capital Federal*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000020.pdf>.

Acesso em: 3 ago. 2018.)

O trecho integra a primeira cena da peça. Em qual espaço ela acontece e quais são os personagens envolvidos na ação narrada?

Questão 384

Observe e compare as palavras **caixinha** e **existe**.
Língua Portuguesa - Capítulo 4 - Fonema e letra - Exercícios (pg. 84 - 85)

(a) A letra **x**, empregada nas duas palavras, representa o mesmo fonema? Justifique sua resposta.
(d) Quantas letras e fonemas há nas palavras **caixinha** e **existe**?
(b) Em qual das duas palavras há dígrafo? Identifique-o.
(c) Em que outras palavras do poema ocorre dígrafo?
(e) Quantos fonemas há nas palavras **encontra** e **com**?

Questão 385

As explicações científicas
Vimos que o mito é uma forma muito antiga de explicação da realidade. Mas não é a _____. Para explicar os fenômenos naturais e sua própria existência, os seres humanos também se valem da Ciência.
Ao contrário dos mitos, que utilizam histórias **simbólicas** para responder às questões fundamentais da humanidade, as explicações científicas são baseadas em dados concretos, métodos rigorosos e argumentos lógicos.
Os arqueólogos e os historiadores utilizam vestígios e indícios (dados concretos) e mé- todos próprios para conhecer o passado, e por isso são considerados cientistas.
O aperfeiçoamento da Ciência não fez a mitologia perder sua importância. Enquanto as pesquisas científicas oferecem a cada dia novas descobertas e teorias, os mitos continuam a oferecer explicações baseadas na crença em forças superiores ao homem e que podem revelar muito a respeito do povo que os criou.
Vocabulário
Simbólico: elemento descritivo ou narrativo que pode assumir mais de um significado; aquele que permite fazer mais de uma leitura e interpretação.
Preencha o diagrama com palavras e expressões-chave do texto.

Questão 386

Observe, na tira, as palavras **quase** e **que**.

(b) Em qual delas há um dígrafo?

(a) Em qual delas o **u** é pronunciado?

Questão 387

Texto:

Biografia de Monteiro Lobato

Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. *O Sítio do Pica-pau Amarelo* é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a Editora Monteiro Lobato e mais tarde a Companhia Editora Nacional. Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina. Metade de suas obras é formada de literatura infantil. Destaca-se pelo caráter nacionalista e social. O universo retratado em suas obras são os vilarejos decadentes e a população do Vale do Paraíba, quando da crise do café. Situa-se entre os autores do Pré-Modernismo, período que precedeu a Semana de Arte Moderna.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Era filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato. Alfabetizado pela mãe, logo despertou o gosto pela leitura, lendo todos os livros infantis da biblioteca de seu avô, o Visconde de Tremembé. Desde menino já mostrava seu temperamento irrequieto, escandalizou a sociedade quando se recusou fazer a primeira comunhão. Fez o curso secundário em Taubaté. Com 13 anos foi estudar em São Paulo, no Instituto de Ciências e Letras, preparando-se para a faculdade de Direito.

Registrado com o nome de José Renato Monteiro Lobato, resolve mudar de nome, pois queria usar uma bengala, que era de seu pai, que havia falecido no dia 13 de junho de 1898. A bengala tinha as iniciais J.B.M.L gravadas no topo do castão, então mudou de nome, passou a se chamar José Bento, assim as suas iniciais ficavam iguais às do pai.

Ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco na capital, formando-se em 1904. Na festa de formatura fez um discurso tão agressivo que vários professores, padres e bispos se retiraram da sala. Nesse mesmo ano voltou para Taubaté. Prestou concurso para a Promotoria Pública, assumindo o cargo na cidade de Areias, no Vale do Paraíba, no ano de 1907.

Monteiro Lobato casou-se com Maria Pureza da Natividade, em 28 de março de 1908. Com ela teve quatro filhos, Marta (1909), Edgar (1910), Guilherme (1912) e Rute (1916). Paralelamente ao cargo de Promotor, escrevia para vários jornais e revistas, fazia desenhos e caricaturas. Ficou em Areias até 1911, quando se muda para Taubaté, para a fazenda Buquira, deixada como herança pelo seu avô.

No dia 12 de novembro de 1912, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou uma carta sua enviada à redação, intitulada "Velha Praga", onde destaca a ignorância do caboclo, criticando as queimadas e que a miséria tornava incapaz o desenvolvimento da agricultura na região. Sua carta foi publicada e causou grande polêmica. Mais tarde, publica novo artigo, "Urupês", onde aparece pela primeira vez o personagem "Jeca Tatu".

Em 1917 vende a fazenda e vai morar em Caçapava, onde funda a revista *Paraíba*. Nos 12 números publicados, teve como colaboradores Coelho Neto, Olavo Bilac, Cassiano Ricardo entre outras importantes figuras da literatura. Muda-se para São Paulo, onde colabora para a *Revista do Brasil*. Entusiasmado compra a revista, transformando-se em editor. Publica, em 1918, seu primeiro livro *Urupês*, que esgota sucessivas tiragens. Transforma a *Revista* em centro de cultura e a editora numa rede de distribuição com mais de mil representantes. (...)

Monteiro Lobato, em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, funda a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Com o racionamento de energia, a editora vai à falência. Vendem tudo e fundam a Companhia Editora Nacional. Lobato muda-se para o Rio de Janeiro e começa a publicar livros para crianças. Em 1921 publica *Narizinho Arrebitado*, livro de leitura para as escolas. A obra fez grande sucesso, o que levou o autor a prolongar as aventuras de seu personagem em outros livros, girando todos ao redor do *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Em 1927 é nomeado, por Washington Luís, adido comercial nos Estados Unidos, onde permanece até 1931.

Como escritor literário, Lobato destacou-se no gênero "conto". O universo retratado, em geral são os vilarejos decadentes e as populações do Vale do Paraíba, quando da crise do plantio do café. Em seu livro *Urupês*, que foi sua estreia na literatura, Lobato criou a figura do "Jeca Tatu", símbolo do caipira brasileiro.

As histórias do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, e seus habitantes, Emília, Dona Benta, Pedrinho, Tia Anastácia, Narizinho, Rabicó e tantos outros, misturam a realidade e a fantasia usando uma linguagem coloquial e acessível.
O livro *Caçadas de Pedrinho*, publicado em 1933, que faz parte do Programa Nacional Biblioteca na Escola, do Ministério da Educação, está sendo questionado pelo movimento negro, por conter "elementos racistas". O livro relata a caçada a uma onça que está rondando o sítio. "É guerra e das boas, não vai escapar ninguém, nem tia Anastácia, que tem cara preta".
José Renato Monteiro Lobato morreu no dia 5 de julho de 1948, de problemas cardíacos.
(http://www.e-biografias.net/monteiro_lobato/)

A biografia conta a história da vida de alguma personalidade notória da sociedade. Um procedimento comum a esse gênero textual é a abordagem cronológica dos acontecimentos vividos pelo biografado. Explique como esse procedimento pode ser observado no texto sobre a vida de Monteiro Lobato.

Questão 388

Beijo traiçoeiro

Saiba como o comportamento de baratas e formigas pode ajudar a fazê-las desaparecer de sua casa!

Ela chega devagarzinho e, quando você menos espera, está plantada no chão de sua sala. Argh, a barata! Todo mundo quer que ela suma, e não faltam inseticidas para eliminar o indesejável inseto. Pois saiba que alguns métodos para fazer as baratas desaparecerem das casas usam o próprio comportamento desses bichos como estratégia!
As baratas têm o estranho hábito de comerem umas às outras – isso acontece quando a companheira está morta, machucada ou se há muitas baratas vivendo juntas. “Elas são um dos poucos grupos que fabricam, no sistema digestório, potentes quitinases, substâncias que ajudam a digerir o corpo de outros insetos”, conta o entomólogo Eduardo Fox, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Sabendo disso, a armadilha perfeita é oferecer à barata uma pequena dose de veneno, com a qual ela ainda será capaz de chegar viva à colônia. Lá, por estar debilitada, será alvo de outras baratas, que se contaminarão com o veneno e morrerão após jantarem a primeira contaminada.
Além de praticarem o canibalismo, esses insetos têm um outro comportamento inusitado: adoram se beijar! Isto é, trocar secreções pela boca. Assim, passam microrganismos importantes aos seus pares. Mas esse hábito também facilita a contaminação por inseticidas e torna mais fácil exterminá-los.
O mesmo acontece com aquelas formiguinhas que são doidas por um pedaço de bolo: também são muito beijoqueiras! Uma das formas de fazê-las desaparecer é por meio de uma massinha que contém substâncias doces e um pouco de veneno. Colocada nos cantos da cozinha, são uma armadilha para as formigas doceiras que se contaminam e retornam ao formigueiro, passando o veneno para as companheiras, inclusive a formiga- rainha e as larvas.
Entendeu como funcionam alguns remédios contra insetos? Pode ser necessário usá- los, mas lembre-se: existem empresas especializadas em aplicar esse tipo de produto – nada de testá-los por conta própria!
Disponível em: <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/beijo-traicoeiro/>. Acesso em: 2 fev. 2016.

No segundo parágrafo da notícia, produz efeito de verdade o uso de:
(c) verbo no pretérito.
(a) uma frase com duplo sentido.
(b) um depoimento de um especialista no assunto.
(d) travessão e aspas.

Questão 389

Leia o cartum a seguir e responda à questão.

Assinale a alternativa em que há a melhor interpretação do cartum.
(d) Cortar árvores promove equilíbrio na natureza.
(a) Todos os homens estão preocupados com a natureza.
(c) É preciso plantar árvores para cortá-las.

(b) Enquanto alguns homens preservam a natureza, outros a destroem.

Questão 390

Leia esta tira, de Adão Iturrusgarai:

Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.
a) Como Zezo está vestido no 1º quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?
b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal?
c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à festa?
Língua Portuguesa - Unidade 1 - Capítulo 2 - Pato aqui; pato acolá - Exercícios - Falar bem é falar adequadamente

Questão 391

A mala de Hana

Toda semana havia uma nova restrição. Judeus não podiam frequentar o parque de diversões. Nem os campos de esporte. Nem os parques públicos. Logo, Hana não podia mais ir ao ginásio. Até mesmo o lago em que esquiavam estava proibido. Suas amigas — todas gentis — no começo também ficaram tão perplexas quanto Hana com as regras. Ainda se sentavam lado a lado na escola e aprontavam travessuras juntas dentro da classe e na hora do recreio.

— Ficaremos juntas para sempre, não importa o que aconteça — prometeu Maria, a melhor amiga de Hana.
— Não vamos deixar que ninguém nos diga com quem vamos brincar!
Mas, aos poucos, conforme os meses se passavam, todas as colegas de Hana, inclusive Maria, pararam de visitá-la depois da escola e nos fins de semana. [...]
Com cada amigo perdido e a cada nova restrição, Hana e George sentiam que seu mundo ficava um pouco menor. Eles estavam bravos. Eles estavam tristes. E estavam frustrados.
— O que podemos fazer? — perguntavam aos pais. — Para onde podemos ir?
Mamãe e Papai fizeram o seu melhor para distrair as crianças, para ajudá-las a descobrir novas brincadeiras.
— Nós temos sorte — disse Mamãe —, porque temos um grande jardim. Vocês podem brincar de esconde-esconde. Podem balançar nas árvores. Podem inventar jogos. Podem brincar de detetive nos depósitos. Podem explorar a passagem secreta. Adivinhar charadas. Sejam gratos um pelo outro!
Hana e George eram gratos por terem um ao outro e também por brincarem juntos. Mas isso não aliviava a tristeza de não poderem mais fazer o que faziam antes nem ir àqueles lugares onde costumavam ir. Num lindo dia de primavera, quando o sol brilhava, os dois sentaram no quintal, entediados, brincando com a grama. De repente, Hana começou a chorar.
— Não é justo! — gritou. — Eu odeio isso! Quero que tudo volte a ser como antes!
Arrancou um punhado de grama e jogou as folhas no ar. Olhou para o irmão. Sabia que ele estava tão triste quanto ela.
— Espere aqui — disse ele. — Eu tenho uma ideia.
Minutos depois, George estava de volta, com um bloco de papel, uma caneta, uma garrafa vazia e uma pá.
— Pra que tudo isso? — perguntou Hana.
— Talvez, se escrevermos todas as coisas que estão acontecendo com a gente, fiquemos mais aliviados.
— Isso é bobagem — respondeu Hana. — Não vai trazer nem o parque nem a diversão de volta. E não trará Maria de volta.
Mas George insistiu. Ele era, no fim das contas, o irmão mais velho, e Hana não tinha nenhuma outra ideia. Então, nas horas seguintes, as crianças derramaram sua infelicidade no papel, George escrevendo e Hana falando. Fizeram listas das coisas que faziam falta e das coisas que os enfureciam. Fizeram listas de todas as coisas que fariam e de todos os lugares para onde iriam quando aqueles tempos terrí- veis acabassem. Quando terminaram, George pegou as folhas de papel, enrolou-as num tubo, colocou-as dentro da garrafa e fechou-a com uma rolha. Então, os dois andaram até a casa, parando embaixo do balanço duplo. Ali, Hana

cavou um grande buraco: seria aquele seu esconderijo da tristeza e da frustração. George colocou a garrafa dentro do buraco e Hana cobriu-a de terra. Quando acabaram, o mundo parecia um pouquinho mais claro e brilhante, pelo menos naquele dia.

(A mala de Hana – *Uma história real*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.)

frustração: decepção de quem não consegue realizar o que quer.
perplexo: espantado, atônito.
Observe e compare estes enunciados:

- "Eles estavam bravos. Eles estavam tristes. E estavam frustrados."
- Eles estavam bravos, tristes e frustrados.

Note que o enunciado original poderia ficar mais enxuto com a eliminação da repetição das palavras **eles** e **estavam** e o emprego de vírgulas no lugar do ponto. Contudo, o sentido dos dois enunciados não é exatamente o mesmo.
a) Qual é a diferença de sentido entre os dois enunciados?
b) Identifique no 1º parágrafo do texto outro trecho em que o mesmo recurso foi utilizado.

Questão 392

Negócio de menino com menina
O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina de uns nove anos ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:

— Olha que lindo! Compra pra mim?
O homem parou o carro e chamou:
— Ô menino.
O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem:
— Este passarinho é pra vender?
— Não senhor.
O pai olhou para a filha com uma cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:
— Fala pra ele vender.
O pai, mais para atendê-la, apenas **intermediário**:
— Quanto você quer pelo passarinho?
— Não tou vendendo não senhor.
A menina ficou decepcionada e segredou:
— Ah, pai, compra.
Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios, **águia** da Bolsa, acostumado a **encorajar** os mais **hesitantes** ou a virar a cabeça dos mais **recalcitrantes**:
— Dou dez mil.
— Não senhor.
— Vinte mil.
— Vendo não.
O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.
— Trinta mil.
— Não tou vendendo, não, senhor.
O homem resmungou "que menino chato" e falou pra filha:
— Ele não quer vender. Paciência.
A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades da **transação**:
— Mas eu queria. Olha que bonitinho.

O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho de sol.
— Deixa comigo.
Levantou-se, deu meia-volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas **gretas** da gaiola.
O homem, **maneiro**, estudando o adversário:
— Qual é o nome deste passarinho?
— *Ainda não botei nome nele, não.* Peguei ele agora.
O homem, quase impaciente:
— Não perguntei se ele é batizado não, menino.
É pintassilgo, é sabiá, é o quê?
— Aaaah. É bico-de-lacre.
A menina, pela primeira vez, falou com o menino:
— Ele vai crescer?
O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.
— Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.
O homem:
— Canta?
— Canta nada. Só faz chiar assim.
— Passarinho besta, hein?
— É. Não presta pra nada, é só bonito.
— Você pegou ele dentro da fazenda?
— É. Aí no mato.
— Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.
O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.
— Dou quarenta mil! Toma aqui.
— Não senhor, muito obrigado.
O homem, meio mandão:
— Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?
— *Não, não tou vendendo não.*
— Cinquenta mil! Toma! — e puxou a gaiola.
Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha.
O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.
— Quero não senhor. Tou vendendo não.
— Não vende por que, hein? Por quê?
O menino acuado, tentando explicar:
— É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.
O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.
— Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam'bora.
O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, pra só ela ouvir:

— Amanhã eu dou ele pra você.
Ela sorriu e compreendeu.
(Ivan Ângelo. O ladrão de sonhos e outras histórias. São Paulo: Ática, 1994. p. 9-11.)

águia: em sentido figurado, pessoa de grande talento e perspicácia, notável.

encorajar: animar, estimular alguém.

greta: fenda, abertura estreita.

hesitante: que hesita, indeciso, vacilante.

intermediário: que intervém, mediador, árbitro.

maneiro: hábil, jeitoso.

recalcitrante: obstinado, teimoso.

transação: combinação, ajuste, operação comercial.

Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.

Compare estas duas falas do menino:
"— Ainda não botei nome nele, não."
"— Não, não tou vendendo não."
a) O que você vê de semelhante nelas?
b) Que efeito de sentido provoca essa característica observada?

Questão 393

Texto:

O assalto

Na feira, a gorda senhora protestou a altos brados contra o preço do chuchu:
— Isto é um assalto!
Houve um rebuliço. Os que estavam perto fugiram. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. Um minuto depois, a rua inteira, atravancada, mas provida de um admirável serviço de comunicação espontânea, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco. Mas que banco? Havia banco naquela rua? Evidente que sim, pois do contrário como poderia ser assaltado?
— Um assalto! Um assalto! — a senhora continuava a exclamar, e quem não tinha escutado, escutou, multiplicando a notícia. Aquela voz subindo do mar de barracas de legumes era como a própria sirena policial, documentando, por seu uivo, a ocorrência grave, que fatalmente se estaria consumando ali, na claridade do dia, sem que ninguém pudesse evitá-la.
Moleques de carrinho corriam em todas as direções, atropelando-se uns aos outros. Queriam salvar as mercadorias que transportavam. E no atropelo da fuga, pacotes rasgavam-se, melancias rolavam, tomates esborrachavam-se no asfalto.
— Olha o assalto! Tem um assalto ali adiante!
O ônibus na rua transversal parou para assuntar. Passageiros ergueram-se, puseram o nariz para fora. Não se via nada. O motorista desceu, desceu o trocador, um passageiro advertiu:
— No que você vai a fim do assalto, eles assaltam sua caixa.
Ele nem escutou. Então os passageiros também acharam de bom alvitre abandonar o veículo, na ânsia de saber, que vem movendo o homem, desde a Idade da Pedra até a idade do módulo lunar.
Outros ônibus pararam, a rua entupiu.
— Melhor. Todas as ruas estão bloqueadas. Assim eles não podem dar no pé.
— É uma mulher que chefia o bando!
— Já sei. A tal dondoca loira.
— A loura assalta em São Paulo. Aqui é morena.
— Uma gorda. Está de metralhadora. Eu vi.
Na confusão, circularam notícias diversas. O assalto fora a uma joalheria, as vitrinas tinham sido esmigalhadas a bala. E havia joias pelo chão, braceletes, relógios. O que os bandidos não levaram, na pressa, era agora objeto de saque popular. Morreram no mínimo duas pessoas, e três estavam gravemente feridas.
Os edifícios de apartamentos tinham fechado suas portas, logo que o primeiro foi invadido por pessoas que pretendiam, ao mesmo tempo, salvar o pelo e contemplar lá de cima. Janelas e balcões apinhados de moradores, que gritavam:
— Pega! Pega! Correu pra lá!
— Olha ela ali!
— Eles entraram na Kombi ali adiante!
— É um mascarado! Não, são dois mascarados!

Ouviu-se nitidamente o pipocar de uma metralhadora, a pequena distância. Foi um deitar-no-chão geral, e como não havia espaço uns caíam por cima de outros. Cessou o ruído. Voltou. Que assalto era esse, dilatado no tempo, repetido, confuso?
— Olha o diabo daquele escurinho tocando matraca! E a gente com dor de barriga, pensando que era metralhadora!
Caíram em cima do garoto, que sorveu na multidão. A senhora gorda apareceu, muito vermelha, protestando sempre:
— É um assalto! Chuchu por aquele preço é um verdadeiro assalto!
(Carlos Drummond de Andrade)

Qual o ditado que melhor se aplica ao texto lido?
(a) Filho de peixe, peixinho é.
(b) De grão em grão a galinha enche o papo.
(d) Quem conta um conto, aumenta um ponto.
(c) Deus ajuda quem cedo madruga.
(e) Quem ama o feio, bonito lhe parece.

Questão 394

Leia a seguir o título de uma notícia.
Esse penteado infantil está bombando tanto porque o resultado é **lindíssimo**
[...]
(Disponível em: https://www.vix.com/pt/maes-e-bebes/557627/esse-penteado-infantil-estabombando-tanto-porque-o-resultado-e-lindissimo-veja. Acesso em: 12/7/2018.)

O adjetivo **lindíssimo** está no grau superlativo absoluto. O emprego da terminação **-íssimo**:
(d) destaca a qualidade do substantivo **resultado** em relação a um conjunto.
(a) torna o adjetivo indefinido, generalizando-o.
(c) evidencia isoladamente a qualidade do substantivo **resultado**.
(b) indica a posição do adjetivo em uma sequência.

Questão 395

O telescópio
Por longo tempo lá ficaram na varanda ouvindo as histórias do céu. Dona Benta parecia um Camilo Flammarion de saia. Esse Flammarion foi um sábio francês que escreveu livros lindos e explicativos. "Quem não entender o que esse homem conta" — costumava dizer Dona Benta, "é melhor que desista de tudo. Seus livros são poemas de sabedoria, claríssimos como água."
Quem mais se interessou por aqueles estudos foi Pedrinho. Sonhou a noite inteira com astros e no dia seguinte pulou da cama com uma ideia na cabeça: construir um telescópio! "Que é, afinal de contas, um telescópio?" — refletiu ele. "Um canudo com uns tantos vidros de aumento dentro. Esses vidros aumentam o tamanho dos astros, de modo que eles parecem ficar mais próximos — foi como disse vovó."
E logo depois do café da manhã tratou de construir um telescópio. Canudos havia no mato em quantidade — nas moitas de taquara; e vidros de aumento havia no binóculo da vovó. Pedrinho serrou os canudos necessários, de grossuras bem calculadas, de modo que uns se encaixassem nos outros, colocou lá dentro as lentes do binóculo de Dona Benta e fez uma armação de pau onde aquilo pudesse ser manobrado com facilidade, ora apontando para este lado, ora para aquele.
Enquanto ia construindo o telescópio, dava aos outros, reunidos em redor dele, amostras de sua ciência.
— O telescópio saiu da luneta astronômica inventada por aquele italiano antigo, o tal Galileu. Um danado! Inventou também o termômetro e mais coisas. — Mas telescópio é invenção que até eu invento — disse Emília. — É só cortar canudos de taquara e grudar uns monóculos dentro...
Pedrinho ia respondendo sem interromper o serviço.
— Parece fácil, e é fácil hoje que a coisa já está sabida. Mas o mundo passou milhões de anos sem conhecer este meio tão simples de ver ao longe, até que Galileu o inventou. Também para tomar a

temperatura das coisas nada mais simples do que fazer um termômetro — um pouco de mercúrio dentro dum tubinho de vidro, mas foi preciso que Galileu o inventasse. Tudo na vida são "ovos de Colombo".
Depois de pronto o telescópio, houve discussão quanto ao astro que veriam primeiro.
— Eu acho que o primeiro tem que ser o Sol, que é o pai de todos — disse Narizinho.
— Eu acho que deve ser a Grande Ursa, porque é um bicho raro — propôs Emília.
Pedrinho riu-se com superioridade.
— A Grande Ursa não pode, boba, porque fica nos céus do Norte. Estes céus aqui são os céus do Sul. E o senhor que acha, Dr. Livingstone? — perguntou ele ao Visconde.
O Dr. Livingstone respondeu batendo na bibliazinha.
— Deus fez por último as estrelas, como diz aqui o Gênesis, mas Cristo disse que os últimos serão os primeiros. Logo, temos que começar pelas estrelas.
Todos se admiraram daquela sabedoria, mas Pedrinho não se contentou. Quis também consultar tia Nastácia lá na cozinha.
— E você, tia Nastácia, que acha? — perguntou-lhe.
A negra, que acabava de matar um frango, foi de opinião que o bonito seria começar pela Lua, "onde São Jorge vive toda a vida matando um dragão com sua lança!"
A ideia foi recebida com palmas e berros.
— O dragão! O dragão! Viva São Jorge!... — exclamaram todos — e a lembrança de Tia Nastácia foi vencedora. Uma linda Lua cheia estava empalamando no céu. Pedrinho apontou para ela o telescópio. Espiou e nada viu. Emília, porém, viu coisas tremendas.
— Estou vendo, sim! — gritou. — Estou vendo um dragão verde, tal qual lagarto, com uma língua vermelha de fora. Língua de ponta de flecha. São Jorge, a cavalo, está espetando a lança no pescoço do coitado...
— Será possível? — exclamou Pedrinho, afastando-a do telescópio para espiar de novo — mas continuou a não ver nada.
— Você está sonhando, Emília. Não se vê nem a Lua, quanto mais o dragão.
— Pois eu vejo tudo com o maior "perfeiçume" — insistiu Emília voltando ao telescópio. — Um dragão de escamas... Com unhas afiadas... Um rabo comprido dando duas voltas.
Os meninos entreolharam-se. Verdade ou mentira? A boneca tinha fama de possuir uns olhos verdadeiramente mágicos — mas quem podia jurar sobre o que ela afirmava? A ânsia de ver coisas, porém, era maior que a dúvida, de modo que resolveram aceitar como verdade as afirmações da Emília e nomeá-la a "olhadeira do telescópio". Ela que fosse vendo tudo e contando aos outros.
Emília começou. Depois de enumerar todas as coisas que viu na Lua, apontou o telescópio para uma estrela qualquer.
— Chi — exclamou fazendo cara de espanto. — Como é peluda!... E tem dois ursinhos ao colo... Está brincando com um de cara preta... Agora franziu a testa... Parece que percebeu que estamos apontando para lá... Com certeza pensa que este telescópio é espingarda... A Grande Ursa é enormíssima..
— A Grande Ursa não é estrela daqui, Emília. Vovó já disse. Você está nos bobeando — gritou Pedrinho meio zangado.
Mas Emília continuou a ver coisas e a insistir que era realmente uma estrela Ursa. "Com certeza cansou-se dos gelos polares e chegou cá a estes céus do Sul para esquentar o corpo..."
Pedrinho deu-lhe um peteleco.

LOBATO, Monteiro. *Viagem no céu*. In: *Obra infantil completa*: edição centenário: 1882-1982. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 632.

As fantasias de Emília provocaram dúvidas em seus companheiros, mas eles acabaram convencidos porque:

(b) o desejo de ver coisas maravilhosas era tão intenso que prejudicava o julgamento racional das personagens.

(d) não entenderam a explicação de que estamos no Hemisfério Sul e a constelação Ursa Maior é visível apenas no céu do Hemisfério Norte.

(c) Emília sustentava a descrição de suas fantasias com detalhes muito realistas.

(a) Emília, por pertencer ao mundo fantástico, exerce sobre eles uma liderança maior que a de Pedrinho.

Questão 396

Berimbau

O berimbau é um instrumento de percussão trazido da África (*mbirimbau*). Ele só entrou na história da capoeira no século XX. Antes, o instrumento era usado pelos vendedores ambulantes para atrair fregueses. O arco vem do caule de um arbusto chamado biribá, comum no Nordeste, que é fácil de envergar. A cabaça, feita com o fruto da árvore do cabaceiro, funciona como caixa de ressonância. Usa-se uma baqueta (vara de madeira de 40 centímetros) e o dobrão (peça de cobre, parecendo uma moeda, com 5 centímetros de diâmetro). O caxixi é uma espécie de chocalho , feito de palha e com fundo de couro. Dentro dele se põem sementes, pedrinhas e búzios. A palavra capoeira não é de origem africana. Ela vem do tupi (*kapu'era*) e tem dois significados. Pode ser mato ralo ou uma espécie de cesto para carregar animais e mantimentos.

(Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos* — Brasil. São Paulo: Panda Books, 2011. p. 49-50.)

Capoeira

A origem do esporte é polêmica. Segundo alguns historiadores, ele nasceu de um ritual angolano chamado *an´golo* (dança da zebra), uma competição entre os rapazes das aldeias para ver quem ficaria com a moça que atingisse idade para casar. Com o tempo, a prática se transformou em exibição de habilidade e destreza. Ela se espalhou pelo mundo por intermédio dos escravos.

Em quais das palavras que completam o texto o som "chê" é grafado com as letras **ch**?

Questão 397

O cartum abaixo, de Claudius, circulou na cidade do Rio de Janeiro. Observe-o.

A frase "Ensine seu dono a não sujar a calçada!" aparentemente apresenta uma contradição, responsável pelo humor do texto.

a) Explique essa aparente contradição.

b) Considerando a imagem e o cartum como um todo, explique o sentido dessa frase no contexto.

c) Levante hipóteses: Por que o cartunista usou esse recurso?

Questão 398

Texto:

Frase da semana: "Ter consciência da própria ignorância é o início da sabedoria" – Marion Zimmer Bradley

A escritora Marion Zimmer Bradley nasceu em uma família pobre em 1930 (durante a Grande Depressão), no estado de Nova York. Por isso, ela nunca esperou ter uma educação de primeira ou estudar em grandes universidades. Muito menos tornar-se uma autora de *best-sellers*. Mas foi o que aconteceu.

Quando ganhou uma máquina de escrever, Marion desatou a escrever contos e romances. Primeiro, foram aquelas clássicas histórias que vendem em banca de jornal: narrativas com muito romance, mistério e clichês. Com a série "Darkover", ela conseguiu se afirmar no gênero de ficção científica e teve seu talento reconhecido.

Mas o maior sucesso veio mesmo com a obra de onde saiu a frase desta semana. "As Brumas de Avalon", de 1983, é o resultado do envolvimento de Marion com grupos feministas. O livro conta as tradicionais histórias do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda de acordo com as perspectivas das mulheres que estavam envolvidas, principalmente de Morgana, uma sacerdotisa celta. A personagem que soltou as palavras de sabedoria acima foi Viviane, uma sacerdotisa de Avalon e tia de Morgana.

Para quem gosta de mitologia medieval e celta, o livro é um prato cheio. Se você acredita que as mulheres é que mandam, vai gostar ainda mais.

(http://super.abril.com.br/blogs/superblog/tag/as-brumas-de-avalon)

Por que Marion Zimmer Bradley não esperava que se tornasse uma autora de *best-sellers*?

Questão 399

Compare os trechos **I** e **II**.

Trecho I

O Brasil está entre os 20 países que mais despejam lixo nos oceanos: cerca de um milhão de toneladas por ano. Todo esse lixo permanece no mar por longo tempo – plásticos e náilon, por exemplo, por até 500 anos, porque sua decomposição é lenta. As aves constituem o grupo de animais com o maior número de espécies afetadas [...] pelo lixo que os humanos despejam no oceano. Que papelão o nosso, hein?!

(TAVARES, Davi Castro. O atobá-marrom e o lixo. Ciência Hoje das Crianças.

Disponível em: <http://chc.org.br/o-atoba-marrom-e-o-lixo/>. Acesso em: 5 ago. 2018.)

Trecho II

Poluição dos oceanos está colocando em risco as aves marinhas do mundo. Até 2050, 99% dessas aves terão ingerido plástico, diz pesquisa.

Um estudo [...] concluiu que cerca de 90% das aves marinhas têm plástico em seu organismo atualmente.

(*G1 Natureza*. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2015/08/cerca-de-90-das-aves-marinhas-tem-plastico-noorganismo-diz-estudo.html>.

Acesso em: 6 ago. 2018.)

Na comparação entre os trechos **I** e **II**, aquele que se mostra mais confiável é o:

(d) II, porque expõe o problema de forma objetiva.
(c) II, porque apresenta dados de uma pesquisa.
(b) I, pois ele cita o número de espécies de aves prejudicadas pelo lixo.
(a) I, pois nele há uma crítica quanto ao mau comportamento humano.

Questão 400

Leia esta anedota:

O gerente de vendas recebeu o seguinte fax de um dos seus novos vendedores: 'Seo Gomis o criente de Belzonte pidiu mais cuatrucenta pessa. Faz favor toma as providenssa, Abrasso, Nirso.' Aproximadamente uma hora depois, recebeu outro: 'Seo Gomis, os relatório di venda vai xega atrazado proque to fexando umas venda. Temo que manda treis miu pessa. Amanhã tô xegando. Abrasso, Nirso.' No dia seguinte: 'Seo Gomis, num xeguei pucausa de que vendi maiz deis miu em Beraba. To indo pra Brazilha. Abrasso, Nirso.' No outro: 'Seo Gomis, Brazilha fexo 20 miu. Vo pra Frolinoplis e de lá pra Sum Paulo no vinhão das cete hora. Abrasso, Nirso.' E assim foi o mês inteiro. O gerente, muito preocupado com a imagem da empresa, levou ao presidente as mensagens que recebeu do vendedor. O presidente, um homem muito preocupado com o desenvolvimento da empresa e com a cultura dos funcionários, escutou atentamente o gerente e disse: – Deixa comigo, que eu tomarei as providências necessárias. E tomou. Redigiu de próprio punho um aviso e afixou no mural da empresa, juntamente com as mensagens de fax do vendedor: 'A parti de oje nois tudo vamo fazê feito o Nirso. Si priocupá menos em iscrevê serto, mod vendê maiz. Acinado, O Prizidenti.'

(Disponível em: http://m.piadasnet.com/?url=http%3A%2F%2Fwww.piadasnet.com%2Fpiadas-de-caipiras.htm#2776. Acesso em: 15/07/2013.)

O presidente, após a conversa com o gerente, disse que tomaria "as providências necessárias". Quais providências eram provavelmente as esperadas pelo gerente?

Língua Portuguesa - Unidade 1 - Capítulo 2 - Pato aqui; pato acolá - Exercícios - As variedades linguísticas na construção do texto

Questão 401

Leia o texto a seguir e responda à questão proposta.

O melhor amigo

> A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha na direção de seu quarto.

— Meu filho? — gritou ela.
— O que é? — respondeu, com ar o mais natural que lhe foi possível.
— Que é que está carregando aí?
Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ganhar tempo:
— Eu? Nada...
— Está sim. Você entrou carregando uma coisa.
Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar, o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:
— Olha aí, mamãe: é um filhote...
Seus olhos súplices aguardavam a decisão.
— Um filhote? Onde é que você arranjou isso?
— Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?
Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de ISSO. Insistiu ainda:
— Deve estar com fome, olha a carinha que ele faz.
— Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!
— Ah! Mamãe... — já compondo cara de choro.
— Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.
O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima.
Voltou para o quarto emburrado: a gente também não tem nenhum direito nessa casa — pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado dessa maneira!
— Que diabo também, nessa casa tudo é proibido! — gritou lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.
— Dez minutos! — repetiu ela, com firmeza.
— Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.
— Você não é todo mundo.
— Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.
— Veremos — limitou-se a mãe, de novo distraída com a costura.
— A senhora é ruim mesmo, não tem coração.
— Sua alma, sua palma.
Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar, com seu novo amigo, e depois... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:
— Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.
— Ah, mamãe deixa! — choramingou ainda. — Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nessa vida...
— E eu? Que bobagem é essa, você não tem a sua mãe?
— Mãe e cachorro não é a mesma coisa.
— Deixa de conversa: obedece a sua mãe.
Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...
Meia hora depois, o menino voltava da rua, radiante:
— Pronto, mamãe!
E lhe exibia uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.
— Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza de que ele dava — murmurou pensativo.

(Fernando Sabino. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática. p. 35.) Alexandre Matos

A mãe dá dez minutos ao menino para ele se livrar do filhote. O menino diz: “de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada”.
a) Como você interpreta esse comentário do garoto?

b) A mãe, firme em seu propósito, responde: “Sua alma, sua palma”. Levando em conta o contexto, explique: O que a mãe quis dizer com esse ditado popular?

Questão 402

A seguir, há um fragmento de uma carta de leitor sobre a reportagem “A grande família adotiva”.
[...] Gostaria de dizer que o sangue e a cor da pele são insignificantes. Sou mãe desde o primeiro olhar e são meus filhos desde o primeiro toque. [...]
(Carta dos leitores. Revista *Época*. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG66193-6062-328,00.html>.

Acesso em: 6 ago. 2018.)

Pela fala da autora, pode-se concluir que ela defende que:
Língua Portuguesa - PNLD 2020 - 6º ano

(c) as crianças precisam de carinho;
(b) os seus filhos são adotados;
(d) o afeto é o que conecta mães e filhos.
(a) a mãe verdadeira é aquela que gera;

Questão 403

Assista ao filme *O jardim secreto*, de Agnieszka Holland. Depois responda à questão a seguir.

Em certas situações vividas na Índia, Mary fica furiosa, mas nunca chora.
a) Na sua opinião, o que tinha levado a menina a ter esse comportamento?
b) O que esse jeito revela acerca da protagonista?

Questão 404

O mapa que aparece no trabalho de Márcio Costa é um **infográfico** (representação gráfico-visual) do meio ambiente da Amazônia.
a) Considerando que as áreas de cor verde significam floresta e as de cor laranja ou vermelho significam desmatamento, qual é a situação da Amazônia brasileira quanto à conservação da vegetação natural, segundo o infográfico?
b) Do ponto de vista do meio ambiente, o que representa a Amazônia para o Brasil e o para o mundo?
c) Que efeito de sentido é criado com a inclusão de um infográfico da Amazônia em uma natureza-morta?

Questão 405

A natureza pede socorro

Existem listas e listas. Em lista de premiados, todo o mundo quer ter o nome; já em lista de quem ficou em recuperação, por exemplo, ninguém quer entrar. Uma das listas existentes é a dos animais em extinção. Nela estão os bichos que, por motivos diversos, correm o risco de desaparecer, como aconteceu com os dinossauros.

Tartaruga-de-pente, espécie classificada como em perigo na lista de animais ameaçados de extinção.

A longa lista dos condenados

A extinção de animais faz parte da evolução da vida na Terra, mas, desde que o bicho homem resolveu dar sua contribuição a esse processo, o desaparecimento de espécies tem se acelerado de forma preocupante. Na semana passada, foi divulgado o mais completo estudo sobre a situação dos mamíferos no planeta. O quadro que emerge da pesquisa é o mais sombrio desenhado sobre essa classe de animais. Um quarto das 5 487 espécies de mamíferos classificadas pela ciência se encontra em risco de desaparecer. Isso significa 1 141 espécies, quinze vezes mais do que o número de mamíferos extintos nos últimos cinco séculos. O estudo foi realizado pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), uma instituição composta de 11 000 cientistas de 160 países. Alguns dos animais relacionados estão ameaçados de desaparecer por causas naturais. É o caso do diabo-da-tasmânia, um marsupial carnívoro que lembra um urso pequeno, que desenvolveu um tipo de câncer fatal que contagia os exemplares da espécie através do

contato físico. Segundo os cientistas, porém, a grande maioria dos animais ameaçados é vítima da ação humana. “O perigo de extinção das espécies, hoje, decorre quase exclusivamente do desmatamento, que destrói os hábitats, e da caça”, disse a VEJA o biólogo sul-africano Mike Hoffmann, do departamento de biodiversidade da IUCN.
Calcula-se que o desmatamento atinja 40% dos mamíferos do mundo. As florestas são destruídas para dar lugar à expansão urbana e à agricultura, o que explica os altos índices de animais sob risco no sul e no sudeste da Ásia, onde as populações crescem em ritmo acelerado. Nessas regiões, 80% dos primatas podem desaparecer. A população de orangotangos-de-bornéu que habitam florestas da Malásia e da Indonésia resume-se a 14% da existente em meados do século XX. A outra grande ameaça às espécies, a caça indiscriminada, frequentemente é praticada por total desconhecimento da importância da preservação desses animais. “Moradores de regiões remotas, que matam primatas e cervos para comê-los, não fazem ideia de que estão caçando espécies ameaçadas de extinção”, explica a primatóloga inglesa Liza Veiga, que vive em Belém e participou do estudo da IUCN fornecendo informações sobre animais da Amazônia. “O cuxiú-preto, um macaco já próximo de desaparecer, é caçado para que seu pelo seja usado na fabricação de espanadores”, ela relata. [...]
Os mamíferos aquáticos encontram-se em situação ainda mais grave do que os terrestres: 35% das espécies correm perigo. [...] Os principais fatores que levam os mamíferos aquáticos à morte são os acidentes ocasionados durante a pesca de outras espécies – eles são capturados e feridos nas redes – e a poluição das águas, geralmente causada pelo crescimento das cidades nas regiões costeiras. [...]
(*Veja, nº* 2082.)

Quais são os animais ameaçados de extinção no Brasil
Atualmente, 627 espécies brasileiras estão ameaçadas. Confira algumas das que enfrentam maior risco
Que o Brasil é um dos países com maior biodiversidade, com uma grande quantidade de espécies de fauna e flora, não é novidade para ninguém. Que alguns desses animais correm sério risco de extinção, devido a uma série de fatores como desmatamento, caça ilegal, poluição, também não. Mas quais são, afinal, as espécies brasileiras ameaçadas?
A resposta está no *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas*, produzido pelo Instituto Chico Mendes, do Ministério do Meio Ambiente, e pela organização internacional IUCN, com base nos estudos de uma série de pesquisadores. Atualmente, 627 espécies estão na lista de ameaçadas de extinção, em diferentes categorias de risco. Metade dessas espécies está protegida em unidades de conservação, e o governo aprovou planos de ação para cerca de 33% das espécies.
A lista divide os animais de acordo com o estado de conservação de cada espécie. Essas categorias vão desde Vulnerável até Extinta, além das espécies classificadas como Quase ameaçadas ou Pouco preocupante. Confira alguns animais de cada categoria.

Extintas
Essa é a categoria mais dramática: sete espécies brasileiras são consideradas Extintas (EX), e as sete eram encontradas na Mata Atlântica – o bioma mais devastado do Brasil. São espécies como a perereca *Phrynomedusa fimbriata* ou a arara *Anodorhynchus glaucus*, além de quatro invertebrados terrestres, como a minhoca-branca e uma espécie de minhocuçu.

Extintas na natureza
Duas espécies estão listadas como Extintas na Natureza (EW). São duas aves que não são encontradas mais em seus hábitats naturais, e existem apenas em cativeiro. O **mutum-dealagoas** é uma ave que antes era encontrada na Mata Atlântica, mas desde 1999 acredita-se que esteja extinta na natureza: há cerca de 120 indíviduos vivendo em cativeiro. Já a **ararinha-azul** é uma ave de plumagem azul e cinza que vivia na caatinga. O último indivíduo desapareceu na natureza em outubro de 2000, mas cerca de 60 indivíduos vivem em cativeiro. A ararinha-azul é conhecida do grande público: é a espécie que inspirou o filme *Rio*. [...]

Mutum-de-alagoas, espécie brasileira que foi extinta da natureza.

Criticamente em perigo

O peixe-boi (*Trichechus manatus*), espécie classificada como “Criticamente em Perigo” na lista de animais ameaçados de extinção.

São considerados Criticamente em Perigo (CR) as espécies de animais que tiveram grande declínio de população e vivem em apenas algumas áreas – a destruição dessas áreas coloca em risco a existência desses animais. Atualmente, há 125 espécies brasileiras classificadas nessa categoria, como o **peixe-boi-marinho**, que sofre principalmente por causa da caça e de capturas acidentais, e o **mico-leão-da-carapreta**, o mais ameaçado dos mico-leões da Mata Atlântica.

Em perigo

São 163 espécies classificadas como Em Perigo (EN). Elas também enfrentam alto risco de extinção, mas a situação não é tão crítica como a categoria CR. A **tartaruga-de-pente** é um exemplo de animal em perigo. Essa tartaruga vive no litoral da Bahia, e tem esse nome porque, antigamente, o seu casco era usado para fazer pentes. Hoje, o que mais ameaça a espécie é a poluição marinha.

Vulneráveis

A maior parte dos animais da lista encontra-se nessa categoria: são 330 espécies brasileiras consideradas Vulneráveis (VU), em praticamente todos os biomas do país. É o caso dos principais felinos brasileiros, as **onças**. As três espécies de onça do país estão vulneráveis e enfrentam ameaças como a destruição de seus hábitats com o avanço do desmatamento, além da caça. Os animais vulneráveis também correm grande risco, mas muitos já estão sendo atendidos por planos de ação de conservação. O **lobo-guará**, por exemplo, outra espécie considerada vulnerável, tem 19 metas e 25 ações para reverter o declínio populacional da espécie.

Onça-parda (*Puma concolor capricornensis*), espécie classificada como “Vulnerável” na lista de animais ameaçados de extinção.

(*Época*, 16/5/2012.)

Observe no final dos textos lidos a indicação de sua fonte, isto é, o nome do livro, jornal ou revista onde eles foram publicados originalmente. Qual é a fonte de cada texto?

Questão 406

O gráfico a seguir mostra os índices de obesidade no mundo. Leia-o.

Assinale a alternativa correta, de acordo com as informações do gráfico.

(a) Os países com maior porcentagem de população obesa são o Canadá e o México.
(d) O Japão e a Espanha têm a mesma porcentagem de população obesa.
(b) Os países com maior porcentagem de população obesa são os Estados Unidos e o México.
(c) O país com menor porcentagem de população obesa é a Itália.

Questão 407

Leia este poema, de Elias José:

O rei nu

O rei gordão cochila,
abre o bocão,
coça os olhos,
estica o corpo todo
e logo ronca que ronca.

Vem um rato e joga
longe a coroa.
Vêm outros ratos
e roem que roem
o longo, largo e dourado
manto do rei.

Se os meninos
entrassem no palácio,
descobririam que o rei
está nuzinho e gordão,
sem coroa nem manto.

Já no fim da tardinha,
brincando na praça,
os meninos viram e vibraram
com a corrida dos ratos
saindo do palácio.

Era uma vez
um rei e muitos ratos,
gorduchos, tontos e fartos,
rindo muito do rei,
do seu ronco
e da sua nudez.
(*Alice no país da poesia*. São Paulo: Peirópolis, 2009. p. 35.)
O poema de Elias José tem como referência o conto maravilhoso "a roupa nova do rei", de autoria do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado em 1837. identifique um verso que indica a relação do poema com os contos maravilhosos.

Questão 408

Leia este trecho do conto "O companheiro de viagem", de Figueiredo Pimentel.
André, [...] menino querido e estimado por todos que o conheciam, achava-se desesperado [...] porque sabia que o seu extremoso pai estava nos paroxismos finais da vida.
Só ele velava no pequeno [...] aposento onde jazia o moribundo. A lamparina acesa derramava amortecida claridade. **Era noite alta**.
De súbito, o velho, quebrando o silêncio, falou:
? Sempre foste bom filho, André [...].
Depois, olhou tristemente o filho, pela última vez; fechou os olhos para sempre [...]. Estava morto, mas parecia dormir apenas um sono doce [...] porque morrera serenamente [...]
André [...] chorava amargamente: ajoelhado junto à cama, tendo entre as suas as mãos do seu amado morto, beijando-as [...] deixou-se ficar na mesma posição, sempre a chorar, até que, vencido pelo sono [...] adormeceu.
Sonhou. [...] Viu o velho, de perfeita saúde, sorrindo-se, alegre como outrora [...] Uma encantadora mocinha [...] estendia-lhe a mão, enquanto seu pai lhe dizia: "Eis tua noiva, André. É a moça mais formosa do mundo inteiro".
O menino despertou.
A agradável [...] visão havia desaparecido. Ninguém se achava a seu lado: no quarto, só estavam ele e o cadáver.
No dia seguinte enterraram o morto.
(PIMENTEL, Figueiredo. O companheiro de viagem. In: *Histórias da Avozinha*. Disponível em:
<www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000137.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2018.)

Glossário:
Paroxismo: respiração ruidosa de quem agoniza.
Marcadores de tempo são recursos coesivos que ajudam na construção dos textos ficcionais.
a) Relacione no quadro cada marcador de tempo destacado com o fato ocorrido no fragmento.
1. Era noite alta
2. De súbito

3. Depois
4. No dia seguinte
o pai é enterrado.
o pai fala pela última vez com o filho.
o filho está com o pai muito doente.
o pai morre.
b) Em seguida, responda: qual é a função dos marcadores de tempo nesse fragmento do conto?

Questão 409

Um menino acaba de tomar um refrigerante e, não sabendo onde pôr a lata, joga-a pela janela do carro. Uma família deixa a praia, mas, no lugar onde estava, larga uma garrafa pet de refrigerante vazia, uma lata de cerveja amassada, um coco e um papel de sorvete. Será que essas ações são inofensivas para o meio ambiente?
Leia os textos a seguir. O primeiro é uma cena do filme *Midway*, dirigido por Cris Jordan, filmado nas Ilhas *Midway*, no oceano Pacífico; o segundo é parte de uma reportagem de uma revista brasileira. Depois responda à questão proposta.

Cenas do filme *Midway*

Veja o *trailer* do filme *Midway*, acessando o site: http://www.midwayfilm.com/

Texto I

Chris Jordan

(Veja *Sustentabilidade*, dez. 2011.)

Texto II

Em metade dos 5.565 municípios brasileiros os detritos são despejados nos chamados lixões – pontos clandestinos, ou quase, em que tudo é jogado e nada é tratado, ameaçando a saúde dos catadores e da população em geral com a contaminação do solo e dos cursos de água. Os estados de Alagoas, Rondônia e Roraima lideram esse ranking negativo: os lixões são o destino de mais de 90% dos seus detritos. Nesse cenário, a taxa de coleta seletiva é ínfima – só 18% dos municípios a praticam.
Segundo especialistas, se o problema do lixo já estivesse bem resolvido no Brasil, 10% da sua energia poderia ter como fonte o biogás, constituído basicamente por metano e dióxido de carbono liberados por detritos. Na contabilidade geral, somando-se inclusive o dinheiro usado por governos e prefeituras para cuidar de aterros que não geram energia, está-se jogando fora, por assim dizer, uma receita que pode alcançar 10 bilhões de reais. Pois é: além de fazer bem ao meio ambiente, à saúde e à paisagem, o tratamento adequado do lixo ajuda a economia. É o desafio de uma nova era.
Colaborou Andréa Licht

Fonte: *Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais* (Abrepe)

Leia abaixo sobre as Ilhas Midway, ao lado, e levante hipóteses: O que, provavelmente, aconteceu com a ave?

Ilhas Midway: entre corais e lixo

As Ilhas Midway são uma estreita faixa de areia e corais que serve de abrigo a 2 milhões de albatrozes e que, para infortúnio deles, fica próxima ao que se convencionou chamar de "lata de lixo do Pacífico" — um ponto no oceano para onde convergem correntes marítimas que, na passagem por grandes centros urbanos, arrastam todo tipo de lixo descartado indevidamente.
(Lizia Bydlowski. *Veja Sustentabilidade*, dez. 2011.)

DIOMEDIA/Danita Delimont RM

Questão 410

Leia a tira a seguir, de Fernando Gonsales.

A fala da ratinha no último quadrinho da tira é constituída por uma interjeição. Essa interjeição indica que a avaliação pode mudar para mais ou para menos?

Questão 411

O texto a seguir é o segundo capítulo de um romance de aventuras – Raptado – escrito por Robert L. Stevenson.

No primeiro capítulo o leitor fica conhecendo o jovem David Balfour, cujos pais haviam morrido recentemente. Seu pai determinara, antes de morrer, que David deveria partir de Essendan, sua terra natal, para a casa de um tio, na aldeia de Cramond. Assim ele fez, levando uma carta de apresentação assinada por seu pai. No segundo capítulo, David chega ao seu destino, depois de dois dias de caminhada.

Chego ao fim da viagem

Robert Louis Stevenson?

[...]

Mais adiante, disseram-me que eu me encontrava no povoado de Cramond, e comecei a perguntar pela casa de Shaws. Era uma palavra que parecia surpreender àqueles a quem eu pedia informações. A princípio pensei que minha aparência humilde, meus trajes de camponês e toda a poeira da estrada contrastavam com a grandeza do lugar para onde me dirigia. Mas depois que duas ou três pessoas me lançaram o mesmo olhar e me deram a mesma resposta, comecei a desconfiar de que havia algo estranho com os próprios Shaws.

Para evitar esse tipo de problema, mudei a forma de minhas indagações; e vendo um tipo de aparência honesta vindo pelo caminho, sentado no varal de sua carroça, perguntei- -lhe se já ouvira falar de uma dita casa de Shaws.

Ele parou a carroça e me olhou da mesma forma que os outros.

— Sim — respondeu. Por quê?

— É uma casa grande? — perguntei.

— Com certeza — disse ele. É uma casa grande e esquisita.

— Sei. E a gente que mora nela?

— Gente? — perguntou. — Você é bobo? Não tem ninguém lá... que possa se chamar de gente.

— O quê? — disse eu. — E o senhor Ebenezer?

— Hum, sim — tornou o homem. O dono da casa sim, claro, se é ele quem você procura. Que tipo de negócio você tem com ele, mocinho?

— Disseram-me que eu conseguiria uma colocação — expliquei, procurando ser o mais humilde possível.

— O quê? gritou o carroceiro, de uma forma que assustou até o cavalo. — Bem, mocinho — acrescentou ele —, não tenho nada com essa história; mas você parece ser um tipo decente; e se quer um conselho, fique longe dos Shaws.

A pessoa com quem cruzei em seguida era um homenzinho elegante, com uma bela peruca, que logo percebi ser o barbeiro fazendo sua ronda; e sabendo muito bem que os barbeiros costumam ser fofoqueiros, perguntei-lhe abertamente que tipo de homem era o senhor Balfour de Shaws.

— Ora, ora, ora — disse o barbeiro —, aquilo nem chega a ser um homem. [...]

Não consigo descrever a decepção que isso me causou. Quanto mais vagas eram as acusações, menos eu gostava delas, pois deixava mais campo à imaginação. Que diabos de grande casa era essa, que toda pessoa se surpreendia e olhava de lado quando perguntada sobre ela? Que espécie de fidalgo era aquele, cuja má fama corria mundo? Se com uma hora de viagem eu pudesse voltar a Essendean, eu acabaria a minha aventura ali mesmo, e voltaria para a casa do senhor Campbell. Mas, uma vez que eu tinha viajado para tão longe, eu iria até o fim para tirar o caso a limpo, nem que fosse só pela vergonha de desistir antes do tempo; por uma questão de amor próprio, eu tinha de continuar; e por menos que eu gostasse do que me diziam, e por mais devagar que eu viajasse, continuava perguntando o caminho e indo adiante.

Já estava começando a anoitecer quando encontrei uma mulher corpulenta, escura, com expressão amargurada, que vinha descendo um morro penosamente; e quando lhe fiz minha pergunta de sempre ela deu um giro brusco, acompanhou-me morro acima retomando o caminho que acabara de fazer, e apontou o grande vulto do edifício solitário no meio do campo verde no fundo do vale. As cercanias eram muito agradáveis, com muitas colinas, com muitas águas e bosques, e a meu ver as colheitas deviam ser

excelentes. Mas a casa era uma espécie de ruína; nenhum caminho levava até ela; de suas chaminés não saía nenhuma fumaça; nada havia nela que lembrasse um jardim. Senti um peso no coração.

— Aquilo! — gritei.

O rosto da mulher teve um brilho de raiva maligna.

— Aquela é a casa de Shaws! — exclamou. — O sangue a edificou, o sangue interrompeu sua construção, o sangue a destruirá. Olhe aqui! — continuou a mulher aos berros —, cuspo no chão e estalo os dedos para amaldiçoá-la! Sua queda será terrível! Se você encontrar o dono da casa, diga-lhe o que ouviu; diga-lhe que esta foi a milésima ducentésima quinta vez que Jennet Clouston amaldiçoou a ele, suas propriedades, sua família, incluindo estábulo, hóspedes, homens, mulheres e crianças — terrível, terrível será sua queda!

E a mulher, cuja voz assumira um tom de cantilena antiga, girou com um salto, e se foi. Fiquei onde ela me deixou, com os cabelos em pé. Naquele tempo as pessoas ainda acreditavam em bruxas e tremiam diante de uma maldição; e aquela, que parecia vir bem a propósito para impedir que eu realizasse meus planos, me deixou de pernas bambas.

Sentei-me e fiquei olhando a casa de Shaws. [...] Finalmente o sol desapareceu e eu vi, contra o fundo amarelo do céu, uma espiral de fumaça subindo, não muito mais grossa que a fumaça de uma vela, segundo me pareceu; mas de qualquer maneira lá estava ela, e significava fogo, calor e comida, e algum habitante que devia tê-lo acendido; e isso confortou meu coração.

Comecei a andar em direção à casa por uma trilha quase imperceptível. Era uma trilha tão indefinida que dificilmente poderia ser o único caminho que levava à casa; mas não vi nenhum outro. O caminho passava por colunas de pedra, com uma cabana destelhada do lado, encimadas por brasões. Evidentemente aquilo deveria ter sido a entrada principal, nunca concluída; ao invés de portões de ferro batido, havia um par de obstáculos improvisados, amarrados com uma corda; e como não havia muros que circundassem um jardim, nenhum sinal de alameda, a trilha que eu seguia passava à direita das colunas e levava à casa.

Quanto mais perto eu chegava, mais lúgubre ela parecia. Dava a impressão de ser a única ala de uma casa cuja construção nunca fora concluída. Os andares de cima estavam abertos e elevavam-se contra o céu, com degraus e escadarias inacabadas. Muitas das janelas não tinham vidraças, e os morcegos entravam e saíam com toda familiaridade, como pombos num pombal.

A noite começara a cair quando cheguei mais perto; e em três das janelas do térreo, que ficavam a grande altura, eram pequenas e muito bem guarnecidas de barras, começou a brilhar a luz trêmula de uma pequena chama. [...]

Aproximei-me com cuidado, e pondo-me à escuta, ouvi alguém mexendo em pratos, e uma tossezinha seca e impaciente que ia e voltava; mas não se ouvia nenhuma voz, nem o latido de um cão.

A porta, pelo que pude ver àquela fraca luz, era uma grande peça de madeira toda guarnecida de cravos; sem muito ânimo, levantei a mão e bati à porta uma vez. Parei e esperei. A casa caíra num silêncio mortal. Passou-se um minuto, e nada se mexia além dos morcegos lá no alto. Bati novamente, e novamente me pus a escutar. Àquela altura meus ouvidos estavam tão afinados com o silêncio que eu conseguia ouvir o tique-taque do relógio dentro da casa marcando devagar os segundos; mas a pessoa que estava dentro da casa continuava quieta, e devia ter prendido a respiração.

Eu estava em dúvida se devia fugir; mas a raiva foi mais forte e comecei a martelar a porta incessantemente e a gritar bem alto chamando o senhor Balfour. Eu estava em plena ação, quando ouvi a tosse bem acima de minha cabeça. Dando um salto para trás e levantando a vista vi a cabeça de um homem com um gorro comprido, e a boca de sino de um bacamarte, em uma das janelas do primeiro andar.

— Está carregado — disse a voz.

— Vim aqui com uma carta — disse eu — para o senhor Ebenezer Balfour de Shaws. Ele está aqui?

— De quem é a carta? — perguntou o homem do bacamarte.

— Isso não vem ao caso — respondi, porque já estava ficando furioso.

— Bem — disse ele —, você pode deixar a carta aí na porta e dar o fora.

— Não vou fazer isso — gritei. — Vou entregar essa carta nas mãos do senhor Balfour como me propus a fazer. É uma carta de apresentação.

— Carta de quê? — gritou a voz, rispidamente.

Repeti o que havia dito.
— Quem é você? — perguntou ele depois de um longo silêncio.
— Não me envergonho do meu nome — respondi. — Chamo-me David Balfour.
Ao ouvir estas palavras, o homem estremeceu; estou certo disso porque ouvi o bacamarte raspar o peitoril da janela; e foi depois de uma pausa ainda maior, e com uma curiosa mudança de voz que ele fez mais uma pergunta:
— Seu pai morreu?
Fiquei tão surpreso que não tive voz para responder, e fiquei olhando.
— Sim — continuou o homem —, sem dúvida ele deve ter morrido e é por isso que você veio bater à minha porta.
Mais uma pausa, depois do que ele falou num tom de desafio.
— Bem, homem, vou deixar você entrar.
E desapareceu da janela.
Raptado. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ática, 1997.

Releia os parágrafos 15 e 27. Que características da personagem podem ser depreendidas desses parágrafos? Explique seu raciocínio.

Questão 412

Leia esta tira:

No 1º quadrinho, é empregado um adjetivo no grau superlativo absoluto sintético: **amabilíssimo**.
a) Qual é a forma analítica equivalente a essa forma sintética?
b) Que alteração fonética você observa entre as formas analítica e sintética desse superlativo?

Questão 413

Leia a carta a seguir.

Agora, leia estas palavras da carta:

(b) Quais delas recebem acento gráfico?
(a) Classifique-as quanto ao número de sílabas, isto é, em monossílabas, dissílabas, trissílabas ou polissílabas.

Questão 414

Todo mundo, alguém, qualquer um e ninguém
Esta é uma história de quatro pessoas: TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM e NINGUÉM.
Havia um trabalho importante a ser feito e TODO MUNDO tinha certeza de que ALGUÉM o faria.
QUALQUER UM poderia tê-lo feito, mas NINGUÉM o fez.
ALGUÉM zangou-se porque era um trabalho de TODO MUNDO.
TODO MUNDO pensou que QUALQUER UM poderia fazê-lo, mas NINGUÉM imaginou que TODO MUNDO deixasse de fazê-lo.
Ao final, TODO MUNDO culpou ALGUÉM quando NINGUÉM fez o que QUALQUER UM poderia ter feito.
(Autor desconhecido.)

As palavras **todo**, **alguém** e **ninguém** e a expressão **qualquer um** normalmente pertencem a uma determinada classe gramatical.
a) Qual é ela?
b) No texto, contudo, elas apresentam outro papel gramatical. Qual é ele? Justifique sua resposta.

Questão 415

Leia os textos:

Texto 1
GAROTO DE 6 ANOS ARRECADA 600 LIVROS PARA CRIANÇAS DE RUA
O americano Blake Ansari tem 6 anos e atitude de menino grande. Ao ver na TV uma matéria sobre Dasani, uma menina sem-teto, Blake descobriu que há milhares de crianças sem casa, comida e muito menos um livro para ler. Ele então pediu ajuda à mãe, Starita, aos amigos e vizinhos e arrecadou mais de 600 livros. Agora Blake vai reunir todo mundo para construir uma biblioteca perto de Nova York e, por intermédio dos livros, dar um futuro melhor para as crianças carentes.

(*Joca – O único jornal para quem tem de 7 a 12 anos*, nº 49, out. 2014.)

Texto 2
O camponês e a árvore

Nas terras de um camponês, nascera uma árvore que não dava nenhum fruto: servia apenas para abrigar os pardais e as cigarras que cantavam. Por isso o camponês resolveu cortar aquela árvore estéril. E, já com um machado na mão, ao dar o primeiro golpe, as cigarras e os pardais pediram para não destruir seu abrigo:
— Poupa-o para que possamos continuar a encantar-te com nossos cantos.
Sem se importar com tal pedido, o homem deu um segundo golpe com o machado, depois um terceiro. Foi quando encontrou no oco da árvore um enxame de abelhas e mel. Antes mesmo de saboreá-lo, jogou longe o machado, tratou a árvore como se fosse sagrada e a cercou de cuidados.
Assim somos nós: temos mais pressa em salvar os ganhos que fazer justiça.
(*Fábulas de Esopo*. Tradução de Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 99.)

Texto 3
IPAD, IPHONE, TABLET, COMPUTADOR: PODE USAR TODA HORA?

"Por que será que as pessoas mais tecnológicas do mundo não deixavam os filhos usarem iPhone, iPad e computador quando eles queriam? Vocês não acham isso estranho?
Sabemos que os empresários Steve Jobs, Evan Williams, Chris Anderson teriam condições para comprar os aparelhos, mas acho que, como nós, eles já sabiam que o importante na vida é dar educação. E entre uma vida viciada em *games* e uma vida viciada em livros, melhor que seja em livros, não é?"
(J. D. K. e J. C. D. – 9 anos)

"Acho esses caras muito chatos! A tecnologia ajuda as pessoas, e proibir os filhos de usar os aparelhos não é justo! Os adultos usam telefones em todos os lugares. E nós, crianças, não temos nossos direitos também?"
(N.S.S. – 8 anos)

(*Joca – O único jornal para quem tem de 7 a 12 anos*, nº 49, out. 2014.)

Texto 4
Sanduíche natural

Ingredientes
1 pé de alface picado
milho, opcional
2 cenouras raladas bem fino
maionese ***light***
uma pitada de sal
pão de forma integral
Modo de preparo
1. Pique a alface e coloque num recipiente juntamente com a cenoura ralada fininho. Coloque o milho, depois uma pitada de sal.
2. Coloque a maionese e mexa bem. A maionese tem que ser colocada aos poucos até que a mistura fique bem molhadinha.

(Disponível em: http://www.tudogostoso.com.br/receita/1705-sanduiche-natural.html. Acesso em: 22/10/2014.)

Texto 5
ESFRIAMENTO GLOBAL
Quanto tempo durou a última era do gelo?
PERGUNTA DO LEITOR
Vinicius Rodrigues, FLORIANÓPOLIS, SC
TEXTO: Amanda Campos

20th Century Fox Film Corp/EVERETTCOLLECTION /KEYSTONE BRASIL

Apesar de ser difícil determinar um número exato, sabe-se que ela ocorreu há cerca de 60 milhões de anos, no período conhecido como Terciário Superior da Era Cenozoica. A era glacial atingiu o ápice há 25 milhões de anos, e a temperatura só começou a subir aproximadamente 14 milhões de anos mais tarde. O gelo dominou o planeta depois que grandes meteoritos atingiram a superfície terrestre, levantando uma densa camada de poeira que impediu os raios de sol de chegar à Terra. Por causa disso, a temperatura média do planeta caiu de 15 ºC para 10 ºC, variação suficiente para eliminar grande parte da fauna e da flora. Sobreviveram animais que não tinham dificuldade de locomoção, como as aves, e espécies com grande quantidade de gordura no corpo, caso dos mamutes e dos tigres-dentes-de-sabre (não por acaso, estrelas da franquia de filmes A Era do Gelo).
(*Mundo Estranho*, nº 8, p. 52. Editora Abril.)

Observe o texto 1. Você já deve ter lido ou ouvido outros textos semelhantes a esse.
a) Que nome se costuma dar a esse tipo de texto?
b) Para que esse tipo de texto serve?
c) Onde textos desse tipo costumam ser veiculados, isto é, publicados ou transmitidos oralmente?
Língua Portuguesa - Introdução - Exercícios

Questão 416

Em cada sequência abaixo, todas as palavras estão grafadas corretamente, exceto uma. Identifique-a e reescreva-a com a grafia apropriada.
Língua Portuguesa - Capítulo 5 - O substantivo - Exercícios (pg. 112 - 113)

(b) bochecha — chávena — xamego — chamuscar — chafurdar
(e) faxineira — pixe — graxa — laxante — xícara
(a) enxada — enxoval — enxurrada — enxaqueca — enxente
(d) champu — mexer — xingar — xereta — xarope
(f) cartucho — inchar — chibata — chucro — espichar
(c) coxilar — luxação — relaxar — rixa — vexame

Questão 417

Leia a tira a seguir, de Angeli, e responda à questão.

(*Folha de S. Paulo*, 25/2/2003.)

Sempre que utilizamos a língua, precisamos avaliar quem é o nosso interlocutor e utilizar a variedade linguística mais adequada à situação e ao interlocutor. Na tira:

a) Que tipo de avaliação Moska fez sobre a possível linguagem de seus interlocutores?
b) A avaliação de Moska foi correta?

Questão 418

Leia o texto a seguir.
O hábito da leitura

“A criança é o pai do homem”. A frase, do poeta inglês William Wordsworth, ensina que o adulto conserva e amplia qualidades e defeitos que adquiriu quando criança. Tudo que se torna um hábito dificilmente é deixado. Assim, a leitura poderia ser uma mania prazerosa, um passatempo.
Você, coleguinha, pode descobrir várias coisas, viajar por vários lugares, conhecer várias pessoas, e adquirir muitas experiências enquanto lê um livro, jornal, gibi, revista, cartazes de rua e até bula de remédio. Dia 25 de janeiro foi o dia do carteiro. Ele leva ao mundo inteiro várias notícias, intimações, saudades, respostas, mas tudo isso só existe por causa do hábito da leitura. E aí, vamos participar de um projeto de leitura?
Correio Braziliense, Brasília, 31 de janeiro de 2004, p. 7. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/178431744/Apostila-Textos-ProvaBrasil#scribd>.

Acesso em 28 dez. 2015.

No trecho “Ele leva ao mundo inteiro”, a palavra sublinhada refere-se ao:
(a) carteiro.
(b) jornal.
(c) livro.
(d) poeta.

Questão 419

Leia este cartum, de Quino:

(*Gente*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.)

O cartum retrata inicialmente um diálogo entre duas pessoas.
a) O que o homem de terno preto foi fazer nesse lugar?
b) Ele atingiu seu objetivo?

Questão 420

Estranhas gentilezas

Estão acontecendo coisas estranhas. Sabe-se que as pessoas nas grandes cidades não têm o hábito da gentileza. Não é por ruindade, é falta de tempo. Gastam a paciência nos ônibus, no trânsito, nas filas, nos mercados, nas salas de espera, nos embates familiares, e depois economizam com a gente.
Comigo dá-se o contrário, é o que estou notando de uns dias para cá. Tratam-me com inquietante delicadeza. Já captava aqui e ali sinais suspeitos, imprecisos ventinhos de asas de borboleta, quase nada. A impressão de que algo estranho tomou corpo mesmo foi na semana passada. Um vizinho que já fora meu amigo telefonou-me desfazendo o engano que nos afastava, intriga de pessoa que nem conheço e que afinal resolvera esclarecer tudo. Difícil reconstruir a amizade, mas a inimizade morria ali.
(Ivan Ângelo. O comprador de aventuras e outras crônicas. S. Paulo: Ática, 2000)

“Comigo dá-se o contrário, é o que estou notando de uns dias para cá.”
Explique essa fala do narrador, baseando-se nas informações contidas no texto.

Questão 421

Observe estes cartuns de Caulos:

Observe as personagens do primeiro cartum. Uma delas difere do resto do grupo.
a) Em que difere?
b) Que interpretação se pode dar ao ponto de interrogação nesse contexto?

Questão 422

Leia o texto a seguir e responda à questão proposta.

O melhor amigo

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha na direção de seu quarto.

— Meu filho? — gritou ela.
— O que é? — respondeu, com ar o mais natural que lhe foi possível.
— Que é que está carregando aí?
Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ganhar tempo:
— Eu? Nada...
— Está sim. Você entrou carregando uma coisa.
Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar, o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:
— Olha aí, mamãe: é um filhote...
Seus olhos súplices aguardavam a decisão.
— Um filhote? Onde é que você arranjou isso?
— Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?
Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de ISSO. Insistiu ainda:
— Deve estar com fome, olha a carinha que ele faz.
— Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!
— Ah! Mamãe... — já compondo cara de choro.
— Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.
O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima.
Voltou para o quarto emburrado: a gente também não tem nenhum direito nessa casa — pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado dessa maneira!
— Que diabo também, nessa casa tudo é proibido! — gritou lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.
— Dez minutos! — repetiu ela, com firmeza.
— Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.
— Você não é todo mundo.
— Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.
— Veremos — limitou-se a mãe, de novo distraída com a costura.
— A senhora é ruim mesmo, não tem coração.
— Sua alma, sua palma.
Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar, com seu novo amigo, e depois... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:
— Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.
— Ah, mamãe deixa! — choramingou ainda. — Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nessa vida...
— E eu? Que bobagem é essa, você não tem a sua mãe?
— Mãe e cachorro não é a mesma coisa.
— Deixa de conversa: obedece a sua mãe.
Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...
Meia hora depois, o menino voltava da rua, radiante:
— Pronto, mamãe!
E lhe exibia uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.
— Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza de que ele dava — murmurou pensativo.
(Fernando Sabino. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática. p. 35.) Alexandre Matos

O narrador brinca com as palavras ao descrever a atitude final do menino ao vender o filhote por "trinta dinheiros". Leia o texto abaixo e depois responda: Que semelhança há entre as duas histórias?

Judas e os trinta dinheiros

A expressão **trinta dinheiros** é frequentemente usada para designar traição. Isso porque, de acordo com a Bíblia, Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos de Cristo, entregou, em troca de 30 moedas de prata, seu mestre àqueles que o perseguiam.

Português - Capítulo 2 - Amigos? - Exercícios (pg. 17 - 19)

Questão 423

Leia trechos do regulamento da Olimpíada Brasileira da Matemática (OBM).
3. Níveis de Participação [...]
a. Nível 1 - alunos que estejam matriculados no 6º ou 7º ano do Ensino Fundamental quando da realização da prova da OBM [...]
9. Pontuação [...]
9.1.1. A prova do Nível 1 consta de 5 questões, cada uma valendo 50 pontos, totalizando, assim, 250 pontos [...]
10. Prêmios
10. 1 Serão oferecidos prêmios aos alunos que obtiverem as melhores pontuações finais, em ordem decrescente de pontuação, a saber: Medalhas de Ouro, Medalhas de Prata e Medalhas de Bronze. [...]
(Disponível em: <www.obm.org.br/content/uploads/2018/03/Regulamento_OBM_2018.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2018.)

Suponha que as classes do 6º ano da escola em que você estuda estejam se preparando para um campeonato de dança. Baseando-se no trecho acima, escreva as regras desse campeonato. Para tanto, defina:
a) A quantidade mínima de participantes de cada turma.
b) Os critérios e os valores da pontuação.
c) A premiação.
Fique atento ao uso da numeração.

Questão 424

Texto 1
A morte da tartaruga?
Millôr Fernandes

O menininho foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força.
A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. "Cuidado, senão você acorda seu pai". Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação. Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: — Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que faça. Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito. O pai examinou a situação e propôs: — Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai. O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse:
Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral. (Empregou de propósito uma palavra difícil).
O menininho parou imediatamente de chorar.
— Que é funeral?
O pai lhe explicou que era um enterro.

— Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário. Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o "Happy-Birth-Day-To-You" pra tartaruguinha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia em que ela morreu. Isso é que é funeral! Vamos fazer isso?
O garotinho estava com outra cara.
— Vamos, papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela.
Saiu correndo. Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal.
— Papai, papai, vem cá, ela está viva!
O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruguinha estava andando de novo, normalmente.
— Que bom, hein? — disse — Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!
— Vamos sim, papai — disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande — Eu mato ela.
MORAL: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.
Fábulas fabulosas. São Paulo: Círculo do Livro, 1973, p. 108. Texto adaptado: o original possui apenas dois parágrafos, antes da "moral"; para facilitar a leitura, foi ampliado a paragrafação.?

Sobre o texto, responda à questão:
Explique por que a frase que você assinalou na questão anterior produz efeito de humor.
Língua Portuguesa - Setor Leitura - Exercícios - Módulo 22

Questão 425

Complete adequadamente as frases com um dos verbos que constam no vocabulário no final do exercício. Observe que em qualquer uma delas poderiam ser empregadas palavras de sentido comum, como **pôr** ou **colocar**.
depositar encostar atarrachar introduzir estampar apor fitar cingir plantar imergir pulverizar expor cravar esticar despejar pregar completar abrir
a) _____ uma roupa nas cordas do varal.
b) _____ um dinheiro na poupança.
c) _____ umas ripas na parede.
d) _____ uma estaca no chão.
e) _____ quadros numa galeria.
f) _____ um anúncio no jornal da escola.
g) _____ a água do macarrão na pia.
h) _____ uma porca no parafuso.
i) _____ a roupa suja na água com sabão.
j) _____ a chave na fechadura.
k) _____ os olhos da garota amada.
l) _____ com canela a torta de bananas.
m) _____ a assinatura no requerimento da matrícula.

Questão 426

Orientação para a questão
O conto de Marina Colasanti é de fácil compreensão, mas podemos aprofundá-la através de alguns exercícios.
É muito importante que você perceba todos os detalhes – acontecimentos, descrições, personagens, ambiente... – e que os relacione com o conjunto do texto. Assim, para realizar estas atividades você deve sempre voltar ao texto.

No início do conto, a princesa chorava porque “queria uma amiga para gostar”. Qual foi o seu comportamento quando pôde brincar com tantas amigas?

Questão 427

Era linda, era filha, era única. Filha de rei. Mas de que adiantava ser princesa se não tinha com quem brincar?

Sozinha no palácio chorava e chorava. Não queria saber de bonecas, não queria saber de brinquedos. Queria uma amiga para gostar.

De noite o rei ouvia os soluços da filha. De que adianta a coroa se a filha da gente chora à noite? Decidiu acabar com tanta tristeza. Chamou o vidraceiro, chamou o moldureiro. E em segredo mandou fazer o maior espelho do reino. E em silêncio mandou colocar o espelho ao pé da filha que dormia.

Quando a filha acordou, já não estava sozinha. Uma menina linda e única olhava surpresa para ela, os cabelos ainda desfeitos do sono. Rápido saltaram as duas da cama. Rápido chegaram perto e ficaram se encontrando. Uma sorriu e deu bom-dia. A outra deu bom-dia sorrindo.

— Engraçado — pensou uma —, a outra é canhota.

E riram as duas.

Riram muito depois. Felizes juntas, felizes iguais. A brincadeira de uma era a graça da outra. O salto de uma era o pulo da outra. E quando uma estava cansada, a outra dormia.

O rei, encantado com tanta alegria, mandou fazer brinquedos novos, que entregou à filha numa cesta. Bichos, bonecas, casinhas, e uma bola de ouro. A bola no fundo da cesta. Porém tão brilhante, que foi o primeiro brinquedo que escolheram.

Rolaram com ela no tapete, lançaram na cama, atiraram para o alto. Mas quando a princesa resolveu jogá-la nas mãos da amiga, a bola estilhaçou jogo e amizade.

Uma moldura vazia, cacos de espelho no chão.

A tristeza pesou nos olhos da única filha do rei. Abaixou a cabeça para chorar. A lágrima inchou, já ia cair, quando a princesa viu o rosto que tanto amava. Não um só rosto de amiga, mas tantos rostos de tantas amigas. Não na lágrima que logo caiu, mas nos cacos todos que cobriam o chão.

— Engraçado, são canhotas — pensou.

E riram.

Riram por algum tempo depois. Era diferente brincar com tantas amigas. Agora podia escolher. Um dia podia escolher uma, e logo se cansou. No dia seguinte preferiu outra, e esqueceu dela em seguida. Depois outra e mais outra, até achar que todas eram poucas. Então pegou uma, jogou contra a parede e fez duas. Cansou das duas, pisou com o sapato e fez quatro. Não achou mais graça nas quatro, quebrou com martelo e fez oito. Irritou-se com as oito, partiu com uma pedra e fez doze.

Mas duas eram menores do que uma, quatro menores do que duas, oito menores do que quatro, doze menores do que oito.

Menores, cada vez menores.

Tão menores que não cabiam mais em si, pedaços de amigas com as quais não se podia brincar. Um olho, um sorriso, um lado de nariz. Depois, nem isso, pó brilhante de amigas espalhado pelo chão.

Sozinha outra vez a filha do rei.

Chorava? Nem sei.

Não queria saber das bonecas, não queria saber dos brinquedos.

Saiu do palácio e foi correr no jardim para cansar a tristeza.

Correu, correu, e a tristeza continuava com ela. Correu pelo bosque, correu pelo prado. Parou à beira do lago.

No reflexo da água a amiga esperava por ela.

Mas a princesa não queria mais uma única amiga, queria tantas, queria todas, aquelas que tinha tido e as novas que encontraria. Soprou na água. A amiga encrespou-se mas continuou sendo uma. Atirou-lhe uma pedra. A amiga abriu-se em círculos, mas continuou sendo uma.

Então a linda filha do rei atirou-se na água de braços abertos, estilhaçando o espelho em tantos cacos, tantas amigas que foram afundando com ela, sumindo nas pequenas ondas com que o lago arrumava a superfície.
Uma ideia toda azul. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. p. 44.

MARINA COLASANTI (1937) é filha de italianos, nascida na Etiópia – na época, África Oriental Italiana. Mudou-se para o Brasil em 1948. Estudou na Escola Nacional de Belas Artes, tornando-se ilustradora. A partir de 1962, ingressou no jornalismo como redatora e cronista. Seus livros de contos revelam sua sensibilidade e imaginação, encantando tanto as crianças como os adultos.
Primeira segmentação.
Para preencher o quadro, você deve reler o texto procurando descobrir os parágrafos (§) que iniciam e terminam os momentos descritos acima. Na terceira coluna, crie um título para cada segmento do texto. Esses títulos devem ser bastante sintéticos e exprimir a ideia central de cada segmento.

Questão 428

Menino de cidade

Papai, você deixa eu ter um cabrito no meu sítio?
Deixo.
E porquinho-da-índia? E ariranha? E macaco? E quatro cachorros? E duzentas pombas? E um boi? Um rinoceronte?
Rinoceronte não pode.
Tá bem, mas cavalo pode, não pode?
O sítio é apenas um terreno do Estado do Rio, sem maiores perspectivas imediatas. Mas o garoto precisa acreditar no sítio como outras pessoas precisam acreditar no céu. O céu dele é exatamente o da festa folclórica, a bicharada toda, e ele, que nasceu no Rio e, de má vontade, vive nessa cidade sem animais. Aliás, ele mesmo desmente que o Rio seja uma cidade sem bichos, possuindo o dom de descobri-los nos lugares mais inesperados. Se entra na casa de alguém, desaparece ao transpor a porta, para voltar depois de três segundos com um gato ou cachorro na mão. A gente vai andando por uma rua de Copacabana, ele some e ressurge com um pinto em flor. É chegar na Barra da Tijuca, e daí a cinco minutos, já apanhou um siri vivo.
Localiza eletronicamente todos os animais da redondeza, anda pela rua em disparada, cumprimentando aqui um papagaio, ali um ganso, mais adiante um gato, incansável e frustrado.
Não distingue marcas de automóvel, em futebol não vai além de Garrincha e Nilton Santos, mas sabe perfeitamente o que é um *mastiff*, um *boxer*, um *doberman*. Dá informações sobre as pessoas de acordo com os bichos que possuam: aquele é o dono do *Malhado*, aquela é a dona do *Lord*... Ao telefone, pergunta por patos, gatos, e outros cachorros, centenas, milhares de cachorros, cachorros que prefere aos companheiros, cachorros que o absorvem na rua, na escola, na hora das refeições, cachorros que costumam latir e pular em seus sonhos, cachorros mil.
Sua literatura é rigorosamente especializada: livros coloridos sobre bichos. Engatinha mal e mal na leitura, mas fala com uma proficiência um pouco alarmante a respeito de répteis, batráquios etc. Filho de mãe inglesa, confunde *fork* e *knife*, mas sabe o que é *seal* e *walrus*. Se pede um pedaço de papel é para desenhar a zebra ou a baleia.
É claro que sua frustração causa pena. Por isso mesmo, há algum tempo ganhou como consolo um canarinho-da-terra. Um dia, como lhe dissessem que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola.
Deram-lhe um bicudo, mas o bicudo morreu de tanto alpiste. Ganhou mais tarde uma tartaruga, pequenina e estúpida, que recebeu na pia do banheiro o nome de Henriqueta. Nunca qualquer outro quelônio deu tanto serviço. Foi ao dentista na cidade, e, ao voltar, disse ao pai pela primeira vez uma palavra horrível: *estou desesperado*. Tinha perdido a tartaruguinha no lotação.

Ficou o vazio em sua vida. O alívio era ligar o telefone interurbano para a avó e indagar pelos patos que "possuía" em outra cidade. Ou fazer uma visita à futura mãe de *Poppy*, este é um *poodle* que deverá nascer daqui a meio ano, prometido de pedra e cal para ele.
Outro expediente: caçar borboletas, mariposas, grilos, alojar carinhosamente os insetos nas gaiolas vazias, chamar-lhes pelos nomes dos antigos bichos mortos ou desaparecidos.
Um tio deu-lhe outra vez um canário, o carinho foi demais, o passarinho morreu. Não há nada a fazer, por enquanto, e ele dedicou-se à arte de desenhar bichos. De vez em quando ainda se anima e entra em casa afogueado, mostrando alguma coisa invisível nas mãos:
"Olha que estouro de grilo!"
Mas os grilos e as borboletas *legais* morrem ou saem tranquilamente das gaiolas, e ei-lo novamente de mãos e alma vazias.
Deu um jeito: arranjou alguns pires sem uso e plantou sementes de feijão. O banheiro está cheio de brotos verdes, tímidos. E ele já sabe que possui uma fazenda.
(Paulo Mendes Campos. In: *Elenco de cronistas modernos*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 45-7.)

absorver: atrair a atenção, levar alguém a concentrar-se.
alarmante: que causa alarme, que surpreende.
batráquio: animal vertebrado, como o sapo, que vive tanto na terra como na água.
boxer, dobermann e mastiff: raças de cães.
expediente: meio ou recurso utilizado para atingir um fim.
fork: (do inglês) garfo.
frustrado: que não atingiu o ideal pretendido ou não realizou um projeto pessoal.
knife: (do inglês) faca.
perspectiva: expectativa, esperança.
proficiência: competência, mestria.
seal: (do inglês) foca.
walrus: (do inglês) morsa, mamífero marinho que vive principalmente nas regiões costeiras do oceano Ártico.
Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.

O interesse do menino pelos animais é retratado logo nos primeiros parágrafos da crônica. O que, na fala do garoto, comprova esse fato?

Questão 429

Leia estes parágrafos, extraídos do final do conto "Gaetaninho".
O Vicente protestou indignado:
– Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!
Gaetaninho voltou para o seu posto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.
O Nino veio correndo com a bolinha de meia. Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas, Gaetaninho ficou pronto para a defesa.
– Passa pro Beppino!
Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o guardião sardento e foi parar no meio da rua.
– Vá dar tiro no inferno!
– Cala a boca, palestrino!
– Traga a bola!
Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou.
No bonde vinha o pai do Gaetaninho.
A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.
– Sabe o Gaetaninho?

– Que é que tem?
– Amassou o bonde!
A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras.
Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da Rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boleia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.
Quem na boleia de um dos carros do cortejo mirim exibia soberbo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino.

MACHADO, Antônio de Alcântara. Gaetaninho. In: *Brás Bexiga e Barra Funda*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000005.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2018.

arqueado — dobrado, curvado em forma de arco.
muque —à força, com força, de modo violento.
palestrino — torcedor do antigo time "Palestra Itália", atual Sociedade Esportiva Palmeiras de São Paulo.
boleia — o assento do motorista em automóveis e caminhões; parte frontal de carruagem onde se senta o cocheiro.
Retire do texto duas frases ou expressões que registrem a "informalidade" da linguagem do texto: mais espontânea, mais popular e menos monitorada.

Questão 430

Logo cedo já começa... O garoto posta umas fotos pelo Instagram, vê as novidades no Facebook, responde a dezenas de mensagens no celular, comenta alguns *posts* do Twitter, navega pela Internet, baixa músicas, edita vídeos... Ao final do dia, tem a sensação de não ter feito nada, mas se sente muito cansado. Por quê? Leia os textos a seguir e responda à questão proposta.

Texto I

Tecnologia cansa

Especialista americano diz que a maneira como nos relacionamos com os avanços modernos é prejudicial à saúde

O psicólogo americano Larry Rosen, 50 anos, é uma das maiores autoridades mundiais quando o assunto é a relação entre o homem e a tecnologia. Há vinte anos ele pesquisa os efeitos dos avanços tecnológicos no dia a dia das pessoas. Seu diagnóstico é alarmante: todos nós, sem exceção, somos vítimas de uma nova modalidade de stress, provocada pela dependência cada vez maior da tecnologia. [...]

Veja – *Bipes, celulares, secretárias eletrônicas, internet, e-mails... A tecnologia foi feita para facilitar a vida das pessoas, não?*

Rosen – A tecnologia é fascinante. As máquinas são rápidas e nos permitem fazer uma série de coisas até há bem pouco tempo inimagináveis. O mundo todo está a um clique no mouse do computador. Enviamos e recebemos mensagens eletrônicas de um lugar para qualquer outro. Nós nos comunicamos das mais variadas formas com as pessoas. Mas há um lado negro. Temos a impressão de que não podemos funcionar sem ela. Fazemos cada vez mais e mais coisas, estamos mais irritados do que nunca e, por incrível que pareça, nosso tempo é cada vez mais curto. Todas essas reações à tecnologia nos estressam. Chamamos essa tensão de *tecnostress*. É o mal da modernidade. Todas as pessoas do mundo – da criança ao velho, do executivo ao empregado – sofrem com isso, de uma maneira ou de outra.

Veja – *O que define essa nova modalidade de stress?*

Rosen – Ela é o resultado da convivência cada vez maior das pessoas com a tecnologia. É a irritação que sentimos por não conseguir operar o videocassete novo ou quando ligamos para alguém insistentemente e ouvimos que o telefone celular está fora de área. Veja o caso da internet. Nunca as pessoas tiveram acesso a tanta informação. Mas, em muitos casos, o efeito pode ser inverso. Ao invés de ajudar, atrapalha. Estatísticas mostram que o volume de informações disponível dobra a

cada 72 dias. As pessoas correm o risco de se perder diante de tanta coisa. A consequência imediata? Stress.

Veja – *De que maneira a tecnologia afeta o comportamento das pessoas?*

Rosen – A velocidade da tecnologia está alterando nosso relógio biológico. As pessoas querem fazer tudo na velocidade do computador, querem que tudo se resolva num piscar de olhos. A consequência é que elas estão se programando para correr cada vez mais. Estão vivendo um constante estado de alerta. E isso gera nervosismo, ansiedade. O elevador demora e as pessoas já se irritam. A tecnologia está invadindo nossos limites por todos os lados. As pessoas estão mais impacientes do que nunca. Você começa a ver isso nas crianças.

Veja – *Como assim?*

Rosen – Pesquisas feitas com essa geração de crianças criadas com o computador mostram que o limite de paciência delas é muito baixo. Elas não suportam nada que não se resolva imediatamente. O resultado é que estão apresentando cada vez mais problemas na escola, que definitivamente não é um universo multimídia. Pela sua própria natureza, a escola vira um tédio para essas crianças. Elas não conseguem prestar atenção às aulas, participar de reuniões, e se irritam com qualquer atividade demorada. A tecnologia está mudando nossa percepção de tempo. E ela nunca ocupou tanto espaço em nossas vidas. A questão é que ainda não aprendemos a usá-la de maneira adequada. Veja o grande paradoxo: os avanços que teoricamente vieram para agilizar as nossas tarefas e nos proporcionar mais tempo livre acabaram nos ocupando cada vez mais.

[...]

Veja – *A tecnologia vicia?*

Rosen – Vejo cada vez mais pessoas depender dos produtos tecnológicos. É o que nós chamamos de tecnose. Elas simplesmente não conseguem imaginar a vida sem tecnologia.

Veja – *Quais são os sintomas da tecnose?*

Rosen – A dependência da tecnologia significa que você não pode viver sem ela. Uma pessoa que fica nervosa porque não tem acesso à tecnologia, ou que não se lembra de como fazia suas atividades antigamente, certamente sofre de tecnose. Não podemos esquecer que a tecnologia falha, às vezes. Aí você começa a ver pessoas entrando em crise porque o microondas estragou ou o computador pifou. Eu conheço pessoas que se viciaram tanto em tecnologia que passaram a levar uma vida fora do normal. Elas não sabem o que é relaxar, sair em férias, tirar um dia de folga. Ficam totalmente perdidas. E, acredite, isso está se tornando cada vez mais comum. As máquinas estão ditando as regras. Guardadas as devidas proporções, é como nos filmes de ficção científica: elas estão nos controlando!

Veja – *Por que a tecnologia vicia?*

Rosen – As pessoas não estão sendo capazes de controlar o uso da tecnologia. Por dois motivos. Primeiro, porque a tecnologia é muito atraente. Pense num computador, por exemplo. Ele trabalha rápido, é interessante, mostra fotos bonitas e coloridas, toca música, ou seja, faz praticamente tudo o que você quiser. O segundo motivo é que ainda não aprendemos a dizer chega. Sabemos que o computador é capaz de executar diversas tarefas ao mesmo tempo. Por isso, concluímos que também somos. E começamos a fazer tudo ao mesmo tempo. Temos a ilusão de que conseguimos fazer muito mais coisas. É um passo para desenvolver o transtorno das múltiplas tarefas, uma das facetas do tecnostress.

Veja – *O que é isso?*

Rosen – Quando executamos diversas atividades complexas ao mesmo tempo, nossa atenção se divide entre todas elas e não conseguimos nos concentrar numa só. Acabamos exigindo demais de nós mesmos, expondo nosso cérebro a constantes situações-limite e não demora muito para começarmos a sentir os efeitos disso. Quando passamos o dia fazendo várias coisas ao mesmo tempo, ao dormir é que nosso cérebro ganha tempo para processar todas as informações. É por isso que às vezes acordamos no meio da noite com a resposta para aquela pergunta que tanto nos

incomodou durante o dia ou lembrando de um recado que não podemos esquecer de dar. Tudo isso junto nos faz perder a memória com frequência e altera nosso humor.
[...]
Veja – *É possível conviver com a tecnologia sem se estressar, ou a solução é evitá-la?*
Rosen – Toda nova tecnologia tem de ser aceita de uma maneira ou de outra. Evitá-la vai deixar as pessoas ainda mais estressadas, porque desse modo elas vão ficar de fora. Pense num executivo que não tem e-mail hoje em dia. Ele está numa clara posição de desvantagem no mercado. O mesmo vale para uma empresa que ainda não tem site na internet. É preciso encarar a tecnologia. Porque a tendência é que ela faça cada vez mais parte de nossa vida.
Veja – *E onde vamos parar?*
Rosen – Eu gostaria muito de ter uma bola de cristal. Acho que vamos continuar a sentir os efeitos do tecnostress cada vez mais, a menos que tenhamos sucesso em estabelecer onde estão as fronteiras saudáveis. Temos de parar e avaliar nossas vidas, porque somos nós que estamos causando os problemas, não a tecnologia. Afinal de contas, quem aperta os botões?
(Veja, nº 1674. Disponível em: http://veja.abril.com. br/081100/entrevista.html. Acesso em: 8/1/2013.)

Texto II
TECNOESTRESSE
O hábito de ficar sempre conectado expõe adolescentes a um excesso de estímulos que pode interferir no desenvolvimento mental e social.

[...]
Segundo o neurologista pediátrico Eduardo Jorge, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisas já associam overdose de tecnologia com problemas neurológicos e psiquiátricos. "Estão aumentando os casos de doenças relacionadas ao isolamento. A depressão é a que mais cresce."
O neurologista também diz que há uma incidência maior do transtorno de déficit de atenção entre adolescentes aficionados por computador.
"Não é fácil de diagnosticar. Os pais não acham que o filho tem dificuldade de concentração porque ele fica parado no computador."
Outro risco é a enxaqueca. "Essas novas telas de LED são um espetáculo, mas têm um brilho e uma luminosidade que fazem com que aumentem tanto o número de crises de enxaqueca como a intensidade delas", alerta.
IMPACTO SOCIAL
Para o pediatra americano Michael Rich, professor da Universidade de Harvard, o impacto das mídias digitais tem efeitos de ordem física e social. "Do ponto de vista da saúde, o principal risco é o da obesidade; do social, o fato é que, quanto mais conectado, mais isolados os jovens ficam no sentido das relações pessoais. É comum ver casais de mãos dadas e falando ao celular com outras pessoas."
Opinião parecida tem o psicólogo Cristiano Nabuco, do Instituto de Psiquiatria da USP. Segundo ele, a tecnologia invadiu tanto o cotidiano que as pessoas se perdem no seu uso. "É mais preocupante em crianças e adolescentes porque nessa faixa etária o cérebro ainda não atingiu sua maturidade, não exerce plenamente a função de controle de impulsos", diz.
A internet arrebata ainda mais dependentes quando se torna móvel: estatísticas internacionais apontam que 20% da população mundial de usuários de smartphones não consegue exercer um uso equilibrado da internet, de acordo com Nabuco.
Mas é claro que nem tudo são pedras no mundo virtual, como explica Eduardo Jorge. "Pesquisas também mostram que crianças usuárias de tecnologias da informação são mais ágeis, mais inventivas e têm uma capacidade maior de raciocínio em alguns testes de QI. A tecnologia não é um bicho de sete cabeças do qual elas tenham que ficar afastadas", afirma. "Devem ser estimuladas a fazer bom uso, com limites."

[...]
(Annette Schwartsman. *Folha de S. Paulo*, 15/5/2012. Equilíbrio.) Alexandre Matos

Segundo Larry Rosen, o tecnoestresse altera o relógio biológico das pessoas. Como isso acontece?

Questão 431

A preposição **com** indica instrumento em uma frase como esta:
O açougueiro cortou os bifes com faca afiada.
Mas nem sempre ela tem esse sentido. Assinale as frases em que a preposição **com** não indica instrumento.
a) ( ) Meu pai saiu com os amigos.
b) ( ) O professor fala com os alunos sempre em voz baixa.
c) ( ) Lavei os cabelos com xampu de babosa.
d) ( ) Não durma com as janelas abertas!
e) ( ) O repórter ficou surpreso com a notícia que ouviu.
f) ( ) Feche a porta com cuidado.
g) ( ) As paredes foram pintadas com tinta esmalte.
Língua Portuguesa - Setor Estudo da Língua - Exercícios - Módulo 35

Questão 432

Leia o texto a seguir, de Elias José, e responda à questão proposta.

O bilhete do amor

Logo que colocou os objetos embaixo da carteira, Pitu encontrou o bilhete. Leu, ficou vermelho, colocou no bolso, não mostrou pra ninguém. De vez em quando, mordia-lhe uma curiosidade grande, uma vontade de reler pra ter certeza. Era uma revelação que ele não estava esperando. Não podia dizer que estivesse achando ruim, pelo contrário... Ele estava com vontade de olhar pra trás, para as últimas carteiras e procurar uma resposta com o olhar. Era um tímido e não se encorajava. A professora explicava num mapa as regiões do Brasil e ele viajava num rumo diferente. Ainda bem que ela não estava olhando pra ele, nem fazendo perguntas, só estava expondo a matéria. Na hora da verificação, acabaria saindo-se mal. Não gostava de ignorar as coisas perguntadas. [...] Estava meio perdido nos pensamentos confusos. O bilhete queimando no bolso. Uma vontade de relê- lo, palavra por palavra. Interessante, não era um bilhete bem-escrito, tinha até erro de Português – por que a curiosidade? Só ele sabia dele, não foi como no dia do correio elegante, pai, mãe e seu Francisco do armazém querendo saber, dando palpites. Agora, tinha um bilhete e era diferente. Tinha um bilhete que trazia uma declaração de amor e uma assinatura. Trazia mais: trazia um convite para um bate-papo na praça, às duas horas, se ele quisesse namorar de verdade.
Marina era bonitinha, ele queria. Falta-lhe jeito de dizer, tinha que escrever um bilhete respondendo, era mais fácil. No intervalo, escreveu o bilhete, fechado no banheiro. Quando ela chegou, a resposta a esperava na carteira. Quase no fim da aula, ele criou força e olhou pra trás. Marina sorria, confirmando. Ele sorria também. Diversas vezes ele olhou pra trás e a encontrou olhando. Trocaram sorrisos e olhares. Os dois estavam vivendo uma ternura primeira e não sabiam escondê-la mais. Tanto assim que a professora pediu que ele virasse pra frente, observasse o que ela estava pedindo pra pesquisa do fim de semana. Naquele fim de semana, ele iria pesquisar alguma coisa nova que não tinha experimentado, como alguns outros de sua idade e turma.
(In: *Histórias de amor*. Para gostar de ler. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004. v. 22, p. 209-11.)

O texto retrata uma situação especial vivida por duas personagens.
a) Quais são essas personagens?
b) Em que local se passa a ação da história?
c) Retire do texto palavras ou trechos que comprovem sua resposta ao item anterior.

Questão 433

Leia este anúncio:

No enunciado principal do anúncio, lemos: "**A** maior diversão de **uma** criança com fome é comer"
a) A diversão a que o enunciado faz referência é uma diversão qualquer ou uma diversão específica?
b) E a criança: trata-se de uma criança qualquer ou de uma criança específica?
c) Se trocássemos a palavra **a** por **uma**, e vice-versa, o sentido do enunciado seria o mesmo?
O que é a Fundação Ação Criança?
É uma entidade sem fins lucrativos que tem como objetivo combater a desnutrição infantil na faixa de 0 a 7 anos de idade.

Questão 434

Leia este cartum, de Caulos:

Troque ideias com os colegas e o professor e explique a relação que há entre cada um dos seis primeiros quadros e a palavra que o acompanha.
Língua Portuguesa - Capítulo 6 - O adjetivo - Exercícios - O adjetivo na construção do texto

(f) arruinado:
(c) negligente:
(e) falso:
(a) radical:
(d) alienado:
(b) desconfiado:

Questão 435

Observe a grafia destas palavras:
digestão ? digestivo, indigesto
As palavras **digestão**, **digestivo** e **indigesto** são da mesma família, pois apresentam em comum a partícula **digest-**.
(a) Na grafia dessas palavras há diferença quanto à escrita do som "gê" (/3/)?
(b) Que princípio ortográfico você deduz dessa observação?

Questão 436

Leia a gravura de Escher, a seguir, e responda à questão.

M. C. Escher

(*Três mundos*, de M. C. Escher. In: *Escher – gravuras e desenhos*. Rio de Janeiro: Paisagem.)

É correto dizer que:
Português - Capítulo 8 - Meio ambiente: nossa casa! - Exercícios (pg. 86 - 89)

(d) o mundo da água tem destaque sobre o mundo animal e o vegetal.
(a) há raízes profundas nesse lago ou rio.
(c) as árvores se refletem sobre a água.
(b) o peixe que se vê é muito grande.

Questão 437

Leia a tira a seguir, de Adão Iturrusgarai, e responda a questão.

O humor da tira está na surpresa do 2º quadrinho. na sua opinião, por que o cliente que chegou pediu um pastel?

Questão 438

Leia o trecho do romance *Helena*, de Machado de Assis, publicado em 1876.
Helena agradeceu com um olhar **longo e profundo**. E dizendo que a casa e a chácara lhe pareciam **bonitas e bem dispostas**, pediu a D. Úrsula que lhas fosse mostrar mais detidamente.
A tia fechou o rosto e secamente respondeu:
— Agora não, menina; tenho por hábito descansar e ler.
— Pois eu lerei para a senhora ouvir, replicou a moça com graça; não é bom cansar os seus olhos; e, além disso, é justo que me acostume a servi-la. [...]
Estas palavras foram ditas em tom de graciosa submissão. A voz com que ela as proferiu, era **clara, doce, melodiosa**; melhor do que isso, tinha um **misterioso** encanto, a que a própria D. Úrsula não pôde resistir.
(ASSIS, Machado de. *Helena*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000079.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2018.)

Observe os adjetivos destacados e os substantivos a que eles se referem. Depois, explique a concordância de número e gênero desses adjetivos.

Questão 439

Leia o poema:
Lavradores no rio Weichuan
O pôr do sol resplandece
na aldeia.
O gado chega,
de volta pela trilha.
O avô, de bengala,
junto ao portão da vinha,
perto dos espinheiros,
espera pelo menino pastor.
Os faisões chamam.
O trigo flameja.
Nas amoreiras nuas,
dormem os bichos-da-seda.
Com enxadas nos ombros
os lavradores retornam.
Alegres, reencontram-se,
e jogam conversa fora.
Atrás dessa vida tranquila,
um dia aqui cheguei;
e, suspirando, lhe digo:
se tudo vai de mal a pior,
venha e fique também.
(Wang Wei. *Poemas clássicos chineses*. Tradução de Wang Wei. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 235.)

No cenário descrito no poema, destacam-se seres dos reinos animal e vegetal em situações relacionadas a ações. Quais são os substantivos que designam esses seres?
Língua Portuguesa - Unidade 2 - Capítulo 3 - Uma questão de valor - Exercícios - Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número

Questão 440

Você tem uma gaveta onde guarda um mundo de coisas importantes? O poema a seguir, de Elias José, conta como é a gaveta de uma adolescente. Leia-o.
Na gaveta

Nesta gaveta guardo metade do meu mundo:

fotos, fatos, joias,
cartas de tarô, desenhos,
bilhetes de namorados, canções,
recados de amigas, poemas,
florais, defumadores,
cristais, flores secas,
o meu diário
com mil segredos anotados
e mil bugigangas
inúteis para os outros
mas riquezas pra mim.
Falta na minha gaveta
o retrato de uma pessoa
que me fará esquecer de tudo,
?até desta minha gaveta.
(*Amor adolescente*. São Paulo: Atual, 2009. p. 22.)
Na 1ª estrofe, o eu lírico enumera vários objetos que são guardados na gaveta. Repare que, entre os nomes dos objetos mencionados, apenas um é acompanhado de artigo definido.
(c) Conclua: O objeto nomeado por substantivo + artigo deve ser muito ou pouco importante para o eu lírico? Por quê?
(b) Compare os nomes desacompanhados de artigo ao nome acompanhado de artigo. Que sentido a presença ou a ausência de artigo dá aos nomes?
(a) Qual é esse nome?

Questão 441

A notícia a seguir foi publicada no *site* da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), em 2/10/2013. Leia-a.
Futebolista Marquinhos admite possibilidade de representar seleção portuguesa
Lisboa, 02 out (Lusa) – O futebolista brasileiro Marquinhos, autor de um dos golos da vitória por 3-0 do Paris Saint-Germain frente ao Benfica, na segunda jornada do grupo C da Liga dos Campeões, colocou hoje a hipótese de representar a seleção portuguesa.
"Tenho nacionalidade portuguesa, tenho dupla nacionalidade, brasileira e portuguesa. Tudo tem de ser estudado, de ser analisado com o meu empresário e com a família. Se o convite [para seleção portuguesa] vier, por que não? Vou ficar muito honrado e feliz", respondeu à SportTV quando questionado sobre a possibilidade de vir a naturalizar-se.
Marquinhos confessou ainda que teve vergonha de pedir a camisola a um dos seus ídolos, o benfiquista Luisão, e destacou a dificuldade da vitória do PSG sobre o Benfica.
"A vitória pareceu ser fácil, mas não foi. Dentro de campo tivemos de nos impor, de lutar. Só nós sabemos o que lutámos dentro de campo", garantiu.
O Benfica foi hoje derrotado por 3-0 pelo PSG, no Parque dos Príncipes, em Paris, em jogo da segunda jornada do Grupo C da Liga dos Campeões.
AMG // NF

(Disponível em: http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=685024&tm=44&layout=158&visual=49; Acesso em: 2/9/2013.)

Sobre a notícia, responda:
a) Em que idioma ela está escrita?
b) Você teve alguma dificuldade na leitura ou na compreensão do texto? Se sim, qual?
Língua Portuguesa - Unidade 1 - Capítulo 2 - Pato aqui; pato acolá - Exercícios - Semântica e discurso

Questão 442

O símbolo abaixo faz parte de um código muito usado atualmente.

a) Ao vê-lo em uma vaga em um estacionamento, em um assento ou em um local para a formação de fila, o que você entende?
b) Qual é o código de que o símbolo faz parte? Quais outros símbolos compõem esse código?

Questão 443

Um menino acaba de tomar um refrigerante e, não sabendo onde pôr a lata, joga-a pela janela do carro. Uma família deixa a praia, mas, no lugar onde estava, larga uma garrafa pet de refrigerante vazia, uma lata de cerveja amassada, um coco e um papel de sorvete. Será que essas ações são inofensivas para o meio ambiente?
Leia os textos a seguir. O primeiro é uma cena do filme *Midway*, dirigido por Cris Jordan, filmado nas Ilhas *Midway*, no oceano Pacífico; o segundo é parte de uma reportagem de uma revista brasileira. Depois responda à questão proposta.

Cenas do filme *Midway*

Veja o *trailer* do filme *Midway*, acessando o site: http://www.midwayfilm.com/

Texto I

Chris Jordan

(Veja *Sustentabilidade*, dez. 2011.)

Texto II

Em metade dos 5.565 municípios brasileiros os detritos são despejados nos chamados lixões – pontos clandestinos, ou quase, em que tudo é jogado e nada é tratado, ameaçando a saúde dos catadores e da população em geral com a contaminação do solo e dos cursos de água. Os estados de Alagoas, Rondônia e Roraima lideram esse ranking negativo: os lixões são o destino de mais de 90% dos seus detritos. Nesse cenário, a taxa de coleta seletiva é ínfima – só 18% dos municípios a praticam. Segundo especialistas, se o problema do lixo já estivesse bem resolvido no Brasil, 10% da sua energia poderia ter como fonte o biogás, constituído basicamente por metano e dióxido de carbono liberados por detritos. Na contabilidade geral, somando-se inclusive o dinheiro usado por governos e prefeituras para cuidar de aterros que não geram energia, está-se jogando fora, por assim dizer, uma receita que pode alcançar 10 bilhões de reais. Pois é: além de fazer bem ao meio ambiente, à saúde e à paisagem, o tratamento adequado do lixo ajuda a economia. É o desafio de uma nova era.
Colaborou Andréa Licht

Fonte: *Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais* (Abrepe)

De acordo com o gráfico “Quanto o Brasil produz de sujeira”, nas áreas urbanas a coleta de resíduos sólidos atinge 89%.
a) Levante hipóteses: Por que nas áreas rurais a coleta ainda é precária?
b) Apesar de 58% do lixo ir para os aterros sanitários, o que acontece com o restante dele?
c) De acordo com o gráfico, 55% das garrafas de plástico são recicladas. Levante hipóteses: O que ocorre com as demais? Quais são as consequências financeiras e ambientais desse procedimento?

Questão 444

Texto 1

GAROTO DE 6 ANOS ARRECADA 600 LIVROS PARA CRIANÇAS DE RUA

O americano Blake Ansari tem 6 anos e atitude de menino grande. Ao ver na TV uma matéria sobre Dasani, uma menina sem-teto, Blake descobriu que há milhares de crianças sem casa, comida e muito menos um livro para ler. Ele então pediu ajuda à mãe, Starita, aos amigos e vizinhos e arrecadou mais de 600 livros. Agora Blake vai reunir todo mundo para construir uma biblioteca perto de Nova York e, por intermédio dos livros, dar um futuro melhor para as crianças carentes.

(*Joca – O único jornal para quem tem de 7 a 12 anos*, nº 49, out. 2014.)

Texto 2
O camponês e a árvore

Nas terras de um camponês, nascera uma árvore que não dava nenhum fruto: servia apenas para abrigar os pardais e as cigarras que cantavam. Por isso o camponês resolveu cortar aquela árvore estéril. E, já com um machado na mão, ao dar o primeiro golpe, as cigarras e os pardais pediram para não destruir seu abrigo:
— Poupa-o para que possamos continuar a encantar-te com nossos cantos.
Sem se importar com tal pedido, o homem deu um segundo golpe com o machado, depois um terceiro. Foi quando encontrou no oco da árvore um enxame de abelhas e mel. Antes mesmo de saboreá-lo, jogou longe o machado, tratou a árvore como se fosse sagrada e a cercou de cuidados.
Assim somos nós: temos mais pressa em salvar os ganhos que fazer justiça.
(*Fábulas de Esopo*. Tradução de Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 99.)

Texto 3
IPAD, IPHONE, TABLET, COMPUTADOR: PODE USAR TODA HORA?

"Por que será que as pessoas mais tecnológicas do mundo não deixavam os filhos usarem iPhone, iPad e computador quando eles queriam? Vocês não acham isso estranho?
Sabemos que os empresários Steve Jobs, Evan Williams, Chris Anderson teriam condições para comprar os aparelhos, mas acho que, como nós, eles já sabiam que o importante na vida é dar educação. E entre uma vida viciada em *games* e uma vida viciada em livros, melhor que seja em livros, não é?"
(J. D. K. e J. C. D. – 9 anos)

"Acho esses caras muito chatos! A tecnologia ajuda as pessoas, e proibir os filhos de usar os aparelhos não é justo! Os adultos usam telefones em todos os lugares. E nós, crianças, não temos nossos direitos também?"
(N.S.S. – 8 anos)

(*Joca – O único jornal para quem tem de 7 a 12 anos*, nº 49, out. 2014.)

Texto 4
Sanduíche natural

Ingredientes
1 pé de alface picado
milho, opcional
2 cenouras raladas bem fino
maionese ***light***
uma pitada de sal
pão de forma integral
Modo de preparo
1. Pique a alface e coloque num recipiente juntamente com a cenoura ralada fininho. Coloque o milho, depois uma pitada de sal.
2. Coloque a maionese e mexa bem. A maionese tem que ser colocada aos poucos até que a mistura fique bem molhadinha.
(Disponível em: http://www.tudogostoso.com.br/receita/1705-sanduiche-natural.html. Acesso em: 22/10/2014.)

Texto 5
ESFRIAMENTO GLOBAL
Quanto tempo durou a última era do gelo?
PERGUNTA DO LEITOR
Vinicius Rodrigues, FLORIANÓPOLIS, SC
TEXTO: Amanda Campos

20th Century Fox Film Corp/EVERETTCOLLECTION /KEYSTONE BRASIL

Apesar de ser difícil determinar um número exato, sabe-se que ela ocorreu há cerca de 60 milhões de anos, no período conhecido como Terciário Superior da Era Cenozoica. A era glacial atingiu o ápice há 25 milhões de anos, e a temperatura só começou a subir aproximadamente 14 milhões de anos mais tarde. O gelo dominou o planeta depois que grandes meteoritos atingiram a superfície terrestre, levantando uma densa camada de poeira que impediu os raios de sol de chegar à Terra. Por causa disso, a temperatura média do planeta caiu de 15 ºC para 10 ºC, variação suficiente para eliminar grande parte da fauna e da flora. Sobreviveram animais que não tinham dificuldade de locomoção, como as aves, e espécies com grande quantidade de gordura no corpo, caso dos mamutes e dos tigres-dentes-de-sabre (não por acaso, estrelas da franquia de filmes A Era do Gelo).
(*Mundo Estranho*, nº 8, p. 52. Editora Abril.)

Qual das afirmações a seguir se refere ao texto 3? E ao texto 4?
a) Expressa claramente a opinião de uma pessoa sobre um assunto do momento.
b) Instrui uma pessoa a fazer um prato culinário.

Questão 445

Observe a tira:

Disponível em: <http://stockadas.zip.net/arch2008-05-18_2008-05-24.html>. Acesso em 3 ago. 2015.

a) Descreva a imagem de cada quadrinho. Tenha atenção aos artigos que usará.
b) Explique o uso que você fez do artigo.

Questão 446

Durante séculos, os contos maravilhosos foram transmitidos oralmente, de geração a geração, e, por causa disso, foram mudando. Ao recontar os contos, as pessoas modificavam-nos, adaptando as histórias ao público ouvinte, incorporando o modo de vida e de pensar de sua época. Determinadas histórias ganharam, assim, diferentes versões, isto é, formas em que apresentam semelhanças e diferenças em relação à narrativa original.

Vamos contar diferentes versões de uma mesma história? Reúna-se com seus colegas de grupo e escolham uma das histórias indicadas a seguir
• *Chapeuzinho Vermelho* — versão dos irmãos Grimm; *A capinha vermelha* — versão de Christian Andersen; *Chapeuzinho Amarelo* — versão de Chico Buarque de Holanda.
• *Branca de Neve e os sete anões* — versão dos irmãos Grimm e a do filme dos Estúdios Disney.
• *A pequena sereia* — versão de Christian Andersen e a do filme dos Estúdios Disney.
Procurem na biblioteca de sua escola ou cidade um livro que contenha a história e leiam-na com atenção. Quanto aos filmes, procurem-nos em videolocadoras. No dia combinado com o professor, alguns integrantes do grupo contam uma das versões indicadas e outros a outra versão.
Ao se expressarem oralmente contando histórias para os colegas, procurem empregar a linguagem utilizada normalmente nos contos maravilhosos, isto é, uma variedade de acordo com a norma-padrão, mas de modo informal. Para isso, tentem:
- não interromper a história falando ahn;
- não empregar gíria;
- não usar né? nem as expressões **aí** ou **daí**, substituindo-as por outras equivalentes, como **em seguida,mais tarde, tempos depois, por causa disso, por consequência**, etc.;
- utilizar nomes e verbos no plural, quando necessário.

Questão 447

Eu sou Malala
Aquela manhã de terça-feira começou como qualquer outra, embora um pouco mais tarde que o normal. Era época de provas, e então as aulas tinham início às nove horas em vez de às oito, o que era bom, pois não gosto de acordar cedo e consigo dormir mesmo com o cacarejar dos galos e o chamado do muezim para as orações. [...]

A escola não ficava muito longe da minha casa, e eu costumava fazer o percurso a pé, mas desde o início de 2012 passei a ir com as outras meninas, usando o riquixá. [...]
Passei a tomar o ônibus porque minha mãe começou a sentir medo de que eu andasse sozinha. Tínhamos recebido ameaças o ano inteiro. Algumas estavam nos jornais, outras vinham na forma de bilhetes ou de mensagens transmitidos pelos moradores. Minha mãe andava preocupada comigo, mas a milícia talibã nunca atacara uma menina e eu estava mais preocupada com a hipótese de que eles talvez visassem meu pai, que sempre os criticava publicamente. [...]
Eu não estava assustada, mas passei a verificar, à noite, se o portão de casa estava mesmo trancado. E comecei a perguntar a Deus o que acontece quando a gente morre. Contei tudo à minha melhor amiga, Moniba. Morávamos na mesma rua quando pequenas, somos amigas desde a época do ensino fundamental e dividimos tudo: músicas do Justin Bieber, filmes da série *Crepúsculo*, os melhores cremes clareadores. Seu sonho era virar designer de moda, apesar de saber que sua família jamais concordaria; então dizia a todo mundo que queria ser médica. É difícil, para as meninas de nossa sociedade, ser qualquer coisa que não professora ou médica – isso, se quiserem trabalhar. Eu era diferente. Nunca escondi minha vontade, quando deixei de querer ser médica para ser inventora ou política. Moniba sempre sabia quando algo não ia bem comigo. "Não se preocupe", eu lhe dizia. "Os talibãs nunca pegaram uma menina".
Quando nosso ônibus chegou, descemos a escadaria correndo. As outras meninas cobriram a cabeça antes de sair para a rua e subir pela parte traseira do veículo. [...] O fundo do veículo, onde estávamos sentadas, não tinha janelas, apenas uma proteção de plástico grosso cujas laterais batiam na lataria.
[...]
Na realidade, o que aconteceu foi que o ônibus parou de repente. [...] Devíamos estar a menos de duzentos metros do posto militar.
Não conseguíamos ver adiante, mas um jovem barbudo, vestido em cores claras, invadiu a pista e, acenando, fez o ônibus parar.
"Este é o ônibus da Escola Khushal?", perguntou a Bhai Jan. O motorista achou aquela uma pergunta idiota, já que o nome estava pintado na lateral do ônibus. "Sim", respondeu.
"Quero informações sobre algumas crianças", o homem disse.
"Então você deve ir à secretaria da escola", orientou-o Bhai Jan.
Enquanto ele falava, outro rapaz, de branco, aproximou-se pela traseira do veículo. "Olhe, é um daqueles jornalistas que vêm pedir entrevistas a você", disse Moniba. Desde que eu começara a falar em público com meu pai, para fazer campanha pela educação de meninas e contra aqueles que, como o Talibã, querem nos esconder, muitas vezes apareciam jornalistas, até mesmo estrangeiros, mas nunca daquele jeito, no meio da rua.
O homem usava um gorro de lã tradicional e tinha um lenço sobre o nariz e a boca, como se estivesse gripado. Parecia um estudante universitário. Então avançou para a porta traseira do ônibus e se debruçou em nossa direção.
"Quem é Malala?", perguntou.
Ninguém disse nada, mas várias das meninas olharam para mim. Eu era a única que não estava com o rosto coberto.
Foi então que ele ergueu uma pistola preta. Depois fiquei sabendo que era uma Colt 45. Algumas meninas gritaram. Moniba me contou que apertei sua mão.
Minhas amigas disseram que o homem deu três tiros, um depois do outro. O primeiro entrou perto do meu olho esquerdo e saiu embaixo do meu ombro esquerdo. Caí sobre Moniba, com sangue espirrando do ouvido. Os outros tiros acertaram as meninas que estavam perto de mim. O segundo entrou na mão esquerda de Shazia. O terceiro atingiu seu ombro esquerdo, acertando também a parte superior do braço direito de Kainat Riaz.
Minhas amigas mais tarde me contaram que a mão do rapaz tremia ao atirar.
Quando chegamos ao hospital, meu cabelo longo e o colo de Moniba estavam cobertos de sangue.
Quem é Malala? Malala sou eu, e esta é minha história.
(Malala Yousafzai. *Eu sou Malala.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.13-7.)

muezim: é a pessoa que, em uma torre alta e estreita, chamada minarete, conclama os religiosos a fazerem suas orações.

riquixá: tipo de veículo, pequeno e leve, muito usado no Oriente.

Observe este trecho do texto:
"É difícil, para as meninas de nossa sociedade, ser qualquer coisa que não professora ou médica — isso, se quiserem trabalhar."
a) O que justifica o emprego do travessão?
b) Qual o sentido da expressão **que não** nesse contexto?
c) Reescreva o trecho substituindo a expressão **que não** por outra palavra ou expressão.

Questão 448

Texto I:

(Jim Davis)

Há, no texto, dois tipos de balões, por meio dos quais as personagens se expressam. Explique a diferença entre eles.

Questão 449

Leia a seguir o trecho de uma lei brasileira.

O título "Barulho animal" é ambíguo. Ao relacionar os textos verbal e não verbal, é possível entender que essa expressão tem o sentido de:
(d) som intenso produzido por bichos de estimação que perturba o sossego alheio.
(c) estrondos feitos por pessoas grosseiras para incomodar quem está a sua volta.
(b) ruídos intensos de festas que atrapalham o sono das pessoas da vizinhança.
(a) música intensa, com o volume exageradamente alto, produzida por bandas de garagem.

Questão 450

Observe a grafia das palavras:

Com base no quadro acima, complete adequadamente com **j** ou **g** as palavras:

desa___eitado	vare___ista	gor___eio	laran___eira
re___eitar	su___eira	a___enda	di___estão
e___ípcia	___e___um	ri___idez	selva___eria

Questão 451

Leia este trecho de uma campanha de doação de sangue:
Por que doar?
Doar sangue é um ato altruísta e de solidariedade.
A doação é 100% voluntária e pode beneficiar qualquer pessoa.
Doe sangue regularmente. Tem sempre alguém precisando de você.
Uma doação pode beneficiar até 4 pessoas.
(Disponível em: http://portalarquivos.saude.gov.br/campanhas/doesangue/.

Acesso em: 4/7/2018.)

A doação de sangue é uma atitude muito nobre e importante para salvar vidas. Pensando nisso e com base nas informações do texto lido, escreva um anúncio a ser publicado em um jornal *online* para atrair um número expressivo de doadores.

Questão 452

Releia agora este trecho:
"Talvez vocês estejam pensando aí **com os seus botões** que, afinal de contas, se durou apenas um dia, a Revolta das Palavras não adiantou coisa alguma."
a) No contexto, a expressão em destaque tem sentido literal ou figurado?

b) Qual é o sentido da expressão, no contexto?

Questão 453

Leia o cartaz a seguir, sobre o consumo consciente de sal.

O cartaz termina com uma pergunta. Por que ele é finalizado dessa forma?
(d) Para promover um levantamento dos produtos alimentícios consumidos pelos brasileiros.
(a) Para ameaçar as pessoas que usam grandes quantidades de sal nos alimentos.
(c) Para fazer o leitor se sentir mais próximo do anunciante, identificando-se com ele.
(b) Para levar o leitor a refletir se conhece os alimentos industrializados ricos em sal.

Questão 454

Leia, a seguir, a letra de uma canção de Arnaldo Antunes.

Cultura

O girino é o peixinho do sapo
O silêncio é o começo do papo
O bigode é a antena do gato
O cavalo é pasto do carrapato

O cabrito é o cordeiro da cabra
O pescoço é a barriga da cobra
O leitão é um porquinho mais novo
A galinha é um pouquinho do ovo

O desejo é o começo do corpo
Engordar é a tarefa do porco
A cegonha é a girafa do ganso
O cachorro é um lobo mais manso

O escuro é a metade da zebra
As raízes são as veias da seiva
O camelo é um cavalo sem sede
Tartaruga por dentro é parede

O potrinho é o bezerro da égua
A batalha é o começo da trégua
Papagaio é um dragão miniatura
Bactérias num meio é cultura

(Disponível em http://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/cultura.html. Acesso em: 29/3/2016.)

O texto apresenta um conjunto de definições ou conceitos.
(b) Que tipos de seres são conceituados?
(c) As definições apresentadas no texto são como as científicas, que encontramos em enciclopédias? Por quê?
(a) Como sabemos que os versos da canção são definições?

Questão 455

Leia o texto a seguir e responda à questão proposta.

O melhor amigo

> A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha na direção de seu quarto.

— Meu filho? — gritou ela.
— O que é? — respondeu, com ar o mais natural que lhe foi possível.
— Que é que está carregando aí?
Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ganhar tempo:
— Eu? Nada...
— Está sim. Você entrou carregando uma coisa.
Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar, o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:
— Olha aí, mamãe: é um filhote...
Seus olhos súplices aguardavam a decisão.
— Um filhote? Onde é que você arranjou isso?
— Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?
Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de ISSO. Insistiu ainda:
— Deve estar com fome, olha a carinha que ele faz.
— Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!
— Ah! Mamãe... — já compondo cara de choro.
— Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.
O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima.
Voltou para o quarto emburrado: a gente também não tem nenhum direito nessa casa — pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado dessa maneira!
— Que diabo também, nessa casa tudo é proibido! — gritou lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.
— Dez minutos! — repetiu ela, com firmeza.
— Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.
— Você não é todo mundo.
— Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.
— Veremos — limitou-se a mãe, de novo distraída com a costura.
— A senhora é ruim mesmo, não tem coração.
— Sua alma, sua palma.
Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar, com seu novo amigo, e depois... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:
— Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.
— Ah, mamãe deixa! — choramingou ainda. — Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nessa vida...
— E eu? Que bobagem é essa, você não tem a sua mãe?
— Mãe e cachorro não é a mesma coisa.
— Deixa de conversa: obedece a sua mãe.
Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...
Meia hora depois, o menino voltava da rua, radiante:
— Pronto, mamãe!
E lhe exibia uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.
— Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza de que ele dava — murmurou pensativo.
(Fernando Sabino. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática. p. 35.) Alexandre Matos

Sem demonstrar, a mãe, em certo momento, chega a ficar preocupada com as possíveis reações do filho, como ter recalques e complexos. Essas preocupações, no final, se confirmam? Explique.

Questão 456

Leia o cartum a seguir, de Caulos, e responda a questão.

(Só dói quando eu respiro. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 87.)

O termo **ovelha negra** normalmente é utilizado na língua portuguesa para:
(c) caracterizar algo ou alguém como diferente, fora dos padrões.
(a) caracterizar algo ou alguém como diferente, dentro dos padrões.
(d) classificar algo ou alguém como igual, fora dos padrões.
(b) classificar algo ou alguém como igual, dentro dos padrões.

Questão 457

Leia este miniconto, de Milu Leite:
Tec tec tec;)
Eles estavam
conversando pelo
computador.
Ela digitava rápido.
Tec tec tec.
Logo vinha a resposta
dele. Tec tec tec ;)
Ela começou uma poesia:
Viro a xícara.
Ele completou:
Plaft.
Ela, tec tec:
Empurro o balanço.
Ele, bem depressa:
Zum.
Ela:
Masco chiclete.
Logo apareceu na tela:
Nhoc.
Ela pensou um pouco.
Em seguida, enviou:
Cadê o grilo?
Ele respondeu:
Cri.
Ela:
Cadê o sorvete?
Ele:
Hummm!
Ela arriscou:
Cadê você?
No dia seguinte, o coração dela bateu forte
assim que ele entrou na sala de aula.
Ele baixou os olhos quando disse oi pra ela.
Não se falaram. Os dois não viam a hora de voltar pra
casa e tec tec tec no computador.
(*Folha de S. Paulo*. Folhinha. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di20050618.htm. Acesso em: 8/1/2013.)

Pelo que se depreende da leitura do miniconto, as ações ocorrem em ambientes diferentes. Quais são eles? Justifique sua resposta.

Questão 458

Observe o anúncio:

O anúncio é constituído por partes, ou seja, por envelopes que contêm outros envelopes. À medida que um envelope é aberto, o locutário depara-se com outro envelope, e assim sucessivamente, até chegar ao encarte com a imagem de um carro.

a) Que inovação existe na forma como o anúncio foi enviado ao destinatário?

b) Levante hipóteses: Por que o anunciante adotou esse procedimento?

Questão 459

Reescreva as frases, empregando no plural os substantivos em destaque:

a) No interior ainda há casas com **quintal** e **pomar**.

b) Minha mãe prefere que eu coma **mamão**, **melão**, e não apenas **pão** e **pastel**.

c) O **nadador** tem o **tórax** bem desenvolvido.

d) Para entender a **questão**, era preciso ter **noção** de matemática.

Questão 460

"Sorria: você está sendo filmado"

> *Você já percebeu que, em qualquer lugar aonde vamos, estamos sendo filmados? E já pensou que os filmes em que aparecemos podem ser postados na Internet ou ir parar na televisão? Será que não temos mais o direito à privacidade??*

Leia o texto a seguir, de Pedro Doria, e responda à questão proposta.

Mulher do cocô de cachorro

> No dia 6 de junho último, uma jovem sul-coreana pegou o metrô em Seul acompanhada de seu cachorro. O bicho fez cocô no chão. Os passageiros ao lado pediram que tivesse a delicadeza de limpar – ela se recusou. Um rapaz, com celular de câmera, registrou o incidente. A moça levantou, deixou o vagão, foi-se embora; um senhor se ajoelhou, recolheu os restos num saco e jogou no lixo. Neuroses da vida urbana. A diferença é que as fotografias foram para a internet e se espalharam pelos blogs de lá. Culturalmente, a Coreia do Sul é um país um bocado rígido. Não chega à intolerância de Cingapura, onde ponta de cigarro no chão pode disparar perseguição policial, mas ordem pública é coisa levada muito a sério.
>
> Com as fotos na rede sendo distribuí- das à velocidade de vírus, um movimento de identificação da moça teve início. Ela ganhou o apelido de "gae-ttong-nyue", mulher do cocô de cachorro. E um movimento de repulsa igualmente forte veio à tona, primeiro na blogosfera, depois nas páginas da imprensa sul-coreana e, então, no "The Washington Post"*.
>
> Ela foi identificada – num país onde quase todo mundo acessa a internet e se informa por ela, não é difícil. Na fotografia estavam não apenas seu rosto como também a bolsa grande que costuma usar, o focinho do cachorro e um relógio particularmente chamativo. Apontada na rua, localizada na universidade, trancou matrícula, enfurnou-se em casa. Em qualquer sociedade é normal se preocupar com o que pensam os outros; nas do Oriente extremo, o peso é soberbo*.
>
> Mas é uma caça às bruxas. Por conta de um deslize, talvez um dia de mau humor ou um segundo de egoísmo, repentinamente vem a execração* pública. É mais ou menos o mesmo processo que dá início aos linchamentos. De fato, a moça do cocô de cachorro foi punida. Mas seu deslize estará a um Google de distância para qualquer um, daqui a dez ou 20 anos, que lance seu nome no mecanismo de busca. Talvez um namorado potencial, um futuro chefe. [...]
>
> Essa é uma das características possíveis de um mundo onde todos são jornalistas em potencial. O abuso. [...] o acesso a coisas como câmeras de celular, publicação e distribuição instantânea de informação carregam consigo seus perigos.

No fim, a história da "gae-ttong-nyue" é só mais uma história típica da rede, esta fantástica construção tecnológica. Através dela, abusos em cantos como Iraque são denunciados, mentiras de políticos reveladas, amizades feitas. Amores se descobrem. E linchamentos morais ocorrem. Não há legislação para a web e, mesmo que houvesse, provavelmente não teria chance de ser eficaz. Na rede, a exacerbação* das características humanas é às vezes insuportável.

(*Folha de S. Paulo,* 28/8/2005. Revista da Folha.)

*exacerbação: exagero

*execração: ódio profundo, maldição, praga

*soberbo: em posição de destaque, grandioso

**The Washington Post*: jornal americano

Observe estes trechos do texto:
I. "No dia 6 de junho último, uma jovem sul-coreana pegou o metrô em Seul acompanhada de seu cachorro."
II. "Culturalmente, a Coreia do Sul é um país um bocado rígido."
III. "Ela foi identificada — num país onde quase todo mundo acessa a internet e se informa por ela, não é difícil." IV. "Na rede, a exacerbação das características humanas é às vezes insuportável."
Desses trechos:
a) Quais expressam apenas um fato?
b) Quais expressam posicionamento do autor sobre um fato?

Questão 461

Observe o texto a seguir e responda à questão.

O texto é constituído por linguagem:
(c) vocal.
(d) de trânsito.
(b) corporal.
(a) musical.

Questão 462

O trecho foi escrito empregando-se apenas uma classe gramatical. Assinale a alternativa que indica a classe gramatical utilizada.
(d) Verbo.
(a) Substantivo.
(b) Adjetivo.
(c) Artigo.

Questão 463

Leia esta anedota:
O gerente de vendas recebeu o seguinte fax de um dos seus novos vendedores: 'Seo Gomis o criente de Belzonte pidiu mais cuatrucenta pessa. Faz favor toma as providenssa, Abrasso, Nirso.' Aproximadamente uma hora depois, recebeu outro: 'Seo Gomis, os relatório di venda vai xega atrazado proque to fexando umas venda. Temo que manda treis miu pessa. Amanhã tô xegando. Abrasso, Nirso.' No dia seguinte: 'Seo Gomis, num xeguei pucausa de que vendi maiz deis miu em Beraba. To indo pra Brazilha. Abrasso, Nirso.' No outro: 'Seo Gomis, Brazilha fexo 20 miu. Vo pra Frolinoplis e de lá pra Sum Paulo no vinhão das cete hora. Abrasso, Nirso.' E assim foi o mês inteiro. O gerente, muito preocupado com a imagem da empresa, levou ao presidente as mensagens que recebeu do vendedor. O presidente, um homem muito preocupado com o desenvolvimento da empresa e com a cultura dos funcionários, escutou atentamente o gerente e disse: – Deixa comigo, que eu tomarei as providências necessárias. E tomou. Redigiu de próprio punho um aviso e afixou no mural da empresa, juntamente com as mensagens de fax do vendedor: 'A parti de oje nois tudo vamo fazê feito o Nirso. Si priocupá menos em iscrevê serto, mod vendê maiz. Acinado, O Prizidenti.'

(Disponível
em: http://m.piadasnet.com/?url=http%3A%2F%2Fwww.piadasnet.com%2Fpiadas-de-caipiras.htm#2776.
Acesso em: 15/07/2013.)
O gerente ficou preocupado com a imagem da empresa ao ler as mensagens e, por isso, levou-as até o presidente. Levante hipóteses:
a) Por que o gerente ficou preocupado?
b) Levando-se em conta as vendas realizadas pelo funcionário, a preocupação do gerente se justificava?

Questão 464

Os verbetes de enciclopédia podem ser encontrados tanto em materiais impressos quanto em digitais. Considere o trecho de um verbete sobre o Cão, encontrado em uma enciclopédia impressa, e responda.
CÃO s.m. (Do lat. *Canis*) 1. *Canis familiaris*. Mamífero doméstico da família dos canídeos, do qual existem diversas raças adestradas como cães de guarda, policiais, pastores, de tiro, de caça e de luxo. (Pode viver até 20 anos) [...]
(Enciclopédia Larousse Cultural. RJ: Nova Cultural, 1998. p. 1131.)

A respeito da linguagem presente em verbetes de enciclopédia, responda:
a) A linguagem é vaga e extensa ou direta e sucinta?
b) Por que motivo a linguagem é utilizada dessa forma nesse tipo de texto?

Questão 465

“Sorria: você está sendo filmado”

> *Você já percebeu que, em qualquer lugar aonde vamos, estamos sendo filmados? E já pensou que os filmes em que aparecemos podem ser postados na Internet ou ir parar na televisão? Será que não temos mais o direito à privacidade??*

Leia o texto a seguir, de Pedro Doria, e responda à questão proposta.
Mulher do cocô de cachorro

> No dia 6 de junho último, uma jovem sul-coreana pegou o metrô em Seul acompanhada de seu cachorro. O bicho fez cocô no chão. Os passageiros ao lado pediram que tivesse a delicadeza de limpar – ela se recusou. Um rapaz, com celular de câmera, registrou o incidente. A moça levantou, deixou o vagão, foi-se embora; um senhor se ajoelhou, recolheu os restos num saco e jogou no lixo. Neuroses da vida urbana. A diferença é que as fotografias foram para a internet e se espalharam pelos blogs de lá. Culturalmente, a Coreia do Sul é um país um bocado rígido. Não chega à intolerância de Cingapura, onde ponta de cigarro no chão pode disparar perseguição policial, mas ordem pública é coisa levada muito a sério.
> Com as fotos na rede sendo distribuí- das à velocidade de vírus, um movimento de identificação da moça teve início. Ela ganhou o apelido de “gae-ttong-nyue”, mulher do cocô de cachorro. E um movimento de repulsa igualmente forte veio à tona, primeiro na blogosfera, depois nas páginas da imprensa sul-coreana e, então, no “The Washington Post”*.
> Ela foi identificada – num país onde quase todo mundo acessa a internet e se informa por ela, não é difícil. Na fotografia estavam não apenas seu rosto como também a bolsa grande que costuma usar, o focinho do cachorro e um relógio particularmente chamativo. Apontada na rua, localizada na universidade, trancou matrícula, enfurnou-se em casa. Em qualquer sociedade é normal se preocupar com o que pensam os outros; nas do Oriente extremo, o peso é soberbo*.
> Mas é uma caça às bruxas. Por conta de um deslize, talvez um dia de mau humor ou um segundo de egoísmo, repentinamente vem a execração* pública. É mais ou menos o mesmo processo que dá início aos linchamentos. De fato, a moça do cocô de cachorro foi punida. Mas seu deslize estará a um Google de distância para qualquer um, daqui a dez ou 20 anos, que lance seu nome no mecanismo de busca. Talvez um namorado potencial, um futuro chefe. [...]

Essa é uma das características possíveis de um mundo onde todos são jornalistas em potencial. O abuso. [...] o acesso a coisas como câmeras de celular, publicação e distribuição instantânea de informação carregam consigo seus perigos.

No fim, a história da "gae-ttong-nyue" é só mais uma história típica da rede, esta fantástica construção tecnológica. Através dela, abusos em cantos como Iraque são denunciados, mentiras de políticos reveladas, amizades feitas. Amores se descobrem. E linchamentos morais ocorrem. Não há legislação para a web e, mesmo que houvesse, provavelmente não teria chance de ser eficaz. Na rede, a exacerbação* das características humanas é às vezes insuportável.

(*Folha de S. Paulo,* 28/8/2005. Revista da Folha.)

*exacerbação: exagero

*execração: ódio profundo, maldição, praga

*soberbo: em posição de destaque, grandioso

**The Washington Post*: jornal americano

No 5º parágrafo do texto, o autor emprega a expressão "caça às bruxas". Essa expressão tem origem na Idade Média, quando muitas mulheres acusadas de feitiçaria eram lançadas em fogueiras. No português usual e no contexto, qual o sentido dessa expressão?

(c) caça a animais que agem de forma inadequada
(b) qualquer espécie de perseguição a pessoas
(a) caçada a pessoas sem educação

Questão 466

Leia o poema a seguir, de Roseana Murray, e responda.

A venda do seu Chico

A venda do seu Chico tem de tudo:
desde renda até penico.
Tem arroz, feijão, carne de sol,
bota para peão, lençol, semente de girassol.
Tem agulha e linha, milho para galinha,
panela de barro, unguento para catarro,
folhinha, mala para viagem,
tem tudo quanto é bobagem.
Tem até dicionário de rima!

(*Pera, uva, maçã.* São Paulo: Scipione, 2005. p. 43.)

Releia o poema e identifique os substantivos que nomeiam as coisas vendidas pelo seu Chico.

Questão 467

O texto abaixo costuma ser posto no para-brisa de automóveis que ocupam indevidamente, em um *shopping*, as vagas reservadas a portadores de necessidades especiais. Leia-o e responda à questão.

No texto, além do enunciado verbal, há também uma imagem. Qual é o papel da linguagem não verbal na construção do sentido do texto?

(d) Reforçar a ideia de que somente os cadeirantes têm dificuldade de locomoção.
(a) Reforçar a ideia de que os portadores de necessidades especiais (por exemplo, os cadeirantes) precisam ter suas vagas reservadas.
(c) Reforçar a ideia de que apenas os cadeirantes têm vagas reservadas para eles.
(b) Reforçar a ideia de que há muitos portadores de necessidades especiais em todo o mundo.

Questão 468

Troca de amores nos contos maravilhosos

Num bosque distante existia um castelo de cristal, e nele vivia uma princesa chamada Cinderela. Ela era tão má e desobediente, que deixava a madrasta enlouquecida. Além disso, ela vivia tentando roubar os namorados das irmãs.

Certo dia, o príncipe Peter convidou as irmãs de Cinderela para ir ao baile real em seu castelo.
No dia do baile, Cinderela trancou as irmãs no quarto, dentro do guarda-roupas, e foi ao baile. Ela usou o vestido e o par de sapatinhos de cristal da irmã mais velha. Os pés de Cinderela eram menores, e o par de sapatinhos ficou grande, mas ela foi ao baile mesmo assim.
[...]
(In: Beatriz M. Garcia, Bruno A. A. Judic e Ingrid M. J. da Silva. *O mundo encantado – VII antologia de contos maravilhosos*. Taubaté-SP: Colégio Idesa, 2012. p. 122.)

Você notou como nesse texto a história de Cinderela é diferente da original? A ideia presente nas propostas a seguir também é essa, ou seja, brincar com a tradição dos contos maravilhosos. Para isso, você deverá modificar as histórias, adaptando-as para os dias de hoje, misturando personagens de histórias diferentes, e assim por diante. Enfim, a ideia é você se divertir reinventando os contos maravilhosos.
Escreva um conto maravilhoso, de acordo com estas orientações:
a) Em cada lista de palavras abaixo, todas, com exceção de uma, sugerem uma história conhecida. Tal palavra representa um novo elemento, que quebra, de propósito, a sequência. Veja:

- menina — bosque — lobo — avó — helicóptero
- Cinderela — madrasta — príncipe — sapatinho de cristal — chulé
- Bela Adormecida — príncipe encantado — conjunto de rock — bruxa boa
- João e Maria — uma casinha de doces — a bruxa — o forno — um pernil assado
- Pinóquio — os ladrões — um extraterrestre — a baleia — Gepeto
- Aladim — gênio — princesa — lâmpada maravilhosa — Ali Babá e os quarenta ladrões
- Branca de Neve — príncipe — sete anões — madrasta — baile

b) Escolha uma lista e reinvente a história, incluindo nos acontecimentos o elemento novo correspondente à palavra que destoa das outras. Escolha quem será o herói e quem fará o papel de vilão. Comece seu conto fazendo o herói ser vítima de uma armadilha planejada pelo vilão, ou o contrário. Se quiser, dê ao herói (ou ao vilão) poderes mágicos. Procure criar um final inesperado, se possível engraçado.

Questão 469

Texto:

Harry Potter e a Pedra Filosofal
(trecho)
A câmara seguinte era tão escura que não dava para ver absolutamente nada. Mas, ao entrarem nela, a luz inesperadamente inundou o aposento, revelando uma cena surpreendente. Estavam parados na borda de um enorme tabuleiro de xadrez atrás das peças pretas, que eram todas mais altas do que eles e talhadas em um material que parecia pedra. De frente para eles, do outro lado da câmara, estavam dispostas as peças brancas. Harry, Rony e Hermione sentiram um leve arrepio – as peças brancas e altas não tinham feições.
– Agora o que vamos fazer? – sussurrou Harry.
– É óbvio, não é? – falou Rony.
– Temos que jogar para chegar ao outro lado da câmara.
Por trás das peças brancas, eles podiam ver outra porta.
– Como? – Perguntou Hermione, nervosa.
– Acho que vamos ter que virar peças.
Ele se dirigiu a um cavalo preto e esticou a mão para tocar seu cavaleiro. No mesmo instante, a pedra ganhou vida. O cavalo pateou o tabuleiro e seu cavaleiro virou a cabeça protegida por um elmo para olhar Rony.
– Temos que nos unir a vocês para chegar ao outro lado?
O cavaleiro preto confirmou com a cabeça. Rony virou-se para os outros dois.
– Isto exige reflexão – disse. – Suponho que a gente tenha que tomar o lugar de três peças pretas...
Harry e Hermione ficaram quietos, observando Rony refletir. Finalmente ele disse:
– Agora não vão se ofender, mas nenhum dos dois é tão bom assim em xadrez...
– Não estamos ofendidos – interrompeu Harry depressa. – Diga o que vamos fazer.
– Bom, Harry, você toma o lugar daquele bispo e, Hermione, você fica ao lado dele substituindo a torre.
– E você?

– Vou ser o cavaleiro.
As peças pareciam estar escutando, porque ao ouvir isso um cavaleiro, um bispo e uma torre deram as costas às peças brancas e saíram do tabuleiro, deixando três casas vazias, que Harry, Rony e Hermione ocuparam.
– No xadrez as brancas sempre jogam primeiro – explicou Rony, observando o tabuleiro. – É... olhem...
Um peão branco avançara duas casas. Rony começou a comandar as peças pretas. Elas se mexiam em silêncio indo aonde eram mandadas. Os joelhos de Harry tremiam. E se perdessem?
– Harry, ande quatro casas para a direita em diagonal.
O primeiro choque de verdade que levaram foi quando o outro cavalo foi comido. A rainha branca esmagou-o no chão e arrastou-o para fora do tabuleiro, onde ele ficou deitado imóvel, de borco no chão.
– Eu tinha que deixar isso acontecer – disse Rony, parecendo abalado. – Assim você fica livre para comer aquele bispo, Hermione, ande.
Todas as vezes que eles perdiam uma peça, as peças brancas não mostravam piedade. Dali a pouco havia uma coleção de peças pretas inertes encostadas à parede. Duas vezes, Rony reparou, em cima do lance, que Harry e Hermione estavam em perigo. Ele próprio disparou pelo tabuleiro comendo tantas peças brancas quanto as pretas que haviam perdido.
– Estamos quase chegando – murmurou de repente. – Me deixem pensar... me deixem pensar...
A rainha branca virou o rosto vazio para ele.
– É... – continuou ele baixinho –, é o jeito... Preciso me sacrificar.
– NÃO! – Harry e Hermione gritaram.
– Isso é xadrez! – retorquiu Rony. – A pessoa tem que fazer alguns sacrifícios! Dou um passo à frente e ela me come, isso deixa você livre para dar o xeque-mate no rei, Harry!
– Mas...
– Você quer deter Snape ou não?
– Rony...
– Olhe, se você não se apressar, ele já terá apanhado a Pedra!
Não havia opção.
(J. K. Rowling)

Retire do texto **uma** fala de Rony que deixa implícito o fato de que ele se considera um bom jogador de xadrez.

Questão 470

Leia o texto que segue, de Fernando Bonassi, observando sua organização.

Cachorros em pele de lobos

Uma das maiores atrações do Convento do Caraça, em Minas Gerais, além das três refeições à base de porco, feijão & farinha, é a presença dos lobos-guará. À noite, uma bandeja de carne é colocada na porta da igreja e um padre começa a chamar os lobos pelos nomes que deu. Grande tensão entre os turistas quando aparece um deles, apanha um naco de carne e come-o sob as luzes dos *flashes*. Não consigo me render ao espetáculo. Pior: parece que posso vê-lo voltar pra sua toca como um maldito palhaço, arrancar sua pele de lobo e voltar à sua condição natural de vira-lata.
(*Passaporte*. São Paulo: Cosac&Naify, 2001. p. 119.)

O texto, originalmente, não foi dividido em parágrafos. Troque ideias com um colega, tentando descobrir em que situações o texto deve ser cortado para formar ao menos três parágrafos.

Questão 471

Leia o anúncio a seguir e responda à questão proposta.

http://www.putasacada.com.br/honda-airbag/

O anúncio promove um tipo e uma marca de motocicleta.
a) Observe as imagens do anúncio. A motocicleta é comum ou especial?
b) Levante hipóteses: Qual é o perfil do consumidor que o anúncio pretende atingir?

Questão 472

Texto I:

Continho

Era uma vez um menino triste, magro e barrigudinho. Na soalheira danada de meio-dia, ele estava sentado na poeira do caminho, imaginando bobagem, quando passou um gordo vigário a cavalo.

– Você, aí, menino, para onde vai esta estrada?

– Ela não vai não: nós é que vamos nela

. – Engraçadinho duma figa! Como você se chama?

– Eu não me chamo, não, os outros é que me chamam de Zé.

(...)

(MENDES CAMPOS, Paulo. *Para gostar de ler* – Crônicas. São Paulo: Ática. 1996. v.1 p.76)

A descrição física do menino destoa da característica psicológica em que ponto?

(b) Ele ser engraçado (fazer piada) e, ao mesmo tempo, ser triste.

(c) Ele estar no calor e na poeira e, ainda assim, fazer piada.

(d) Ele ser engraçado e desrespeitar os mais velhos.

(e) Ele ser magro, e o vigário, gordo.

(a) Ele ser magro e, ao mesmo tempo, barrigudinho.

Questão 473

Leia esta tira, de Alexandre Beck:

Para compreender o humor da tira é preciso integrar as linguagens verbal e visual. Leia o diálogo dos adultos e, a seguir, veja a imagem do Dinho com o objeto que ele carrega.

(a) O que se pode inferir das intenções de Dinho?

(b) No diálogo dos adultos, que palavra ajuda a construir a ambiguidade da tira?

Questão 474

Leia a tira a seguir e responda a questão.

Considere as linguagens verbal e não verbal do texto e responda:

(e) Qual é, provavelmente, a profissão do homem de capuz?

(b) O que a personagem de vermelho está fazendo?

(a) Quantas personagens se relacionam pela linguagem verbal?

(c) O que demonstra sua expressão facial com olhos arregalados? Explique.

(d) Por que algumas palavras estão entre aspas?

Questão 475

Texto:

Pela toca do Coelho passou Alice

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, "e de que serve um livro", pensou Alice, "sem figuras nem diálogos?"

Assim, refletia com seus botões, se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as flores, quando, de repente, um Coelho Branco, de olhos cor-de-rosa, passou, então, correndo por ela.

Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou assim tão esquisito ouvir o Coelho dizer consigo mesmo: "Ai, ai, ai, vou chegar atrasado demais!" (quando pensou sobre isso mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter ficado espantada, mas na hora tudo lhe pareceu muito natural); mas quando viu o Coelho tirar um relógio do bolso do colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca.

No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois. Por um trecho, a toca de coelho seguia na horizontal, com num túnel, depois se afundava de repente, tão de repente que Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando num poço muito fundo.
Ou o poço era muito fundo, ou ela caía muito devagar, porque enquanto caía teve tempo de sobra para olhar à sua volta e imaginar o que iria acontecer em seguida. [...] Olhou para as paredes do poço e reparou que estavam forradas de guarda-louças e estantes de livros; aqui e ali, viu mapas e figuras pendurados em pregos. Ao passar, tirou um pote de uma das prateleiras; o rótulo dizia "Geleia de laranja", mas para seu grande desapontamento, estava vazio. Bem!, pensou Alice, depois de uma queda desta, não vou me importar nada de levar um trambolhão na escada! Como vão me achar corajosa lá em casa! Ora, eu não diria nadinha, mesmo que caísse do topo da casa! (O que muito provavelmente era verdade.) Caindo, caindo, caindo. A queda não terminava nunca?
(Lewis Carrol)

Alice questiona a serventia de um livro sem figuras ou diálogos. Você concorda com ela? Justifique sua resposta.

Questão 476

(O Brasil de Pierre Verger. Rio de Janeiro: Fundação Pierre Verger, 2006. p. 114.)

Leia o boxe "Mestre Vitalino: a arte do barro". Depois, observando o objeto que o menino segura, responda: O que ele está fazendo?

Mestre Vitalino: a arte do barro

Mestre Vitalino (1909- 1963) nasceu nas imediações da cidade de Caruaru, interior de Pernambuco, e, ao longo de sua vida, criou uma arte que ficou conhecida no Nordeste brasileiro e em todo o Brasil.
Quando menino, eram raros na sua cidade os brinquedos industrializados. Resolveu, então, moldar alguns bichos de barro – cavalos, bodes, vacas, etc. – e, com o tempo, foi ampliando os temas. Ao retratar pessoas e costumes, Vitalino acabou por compor um rico painel da vida do homem do agreste nordestino. Saiba mais sobre ele acessando o site: http://altodomoura. com/Paginas.php?pg=30

Questão 477

Leia o trecho de um texto sobre a Lua.

O luar que nos fascina

O fascínio pela Lua estimulou o imaginário popular a atribuir a ela influências mágicas. Todos já ouvimos falar que, quando há mudança nas fases da Lua, ocorre o nascimento de bebês. Cabelos cortados ou árvores podadas na Lua minguante, por exemplo, enfrentam dificuldade para crescerem novamente. Por outro lado, se o corte (ou poda) for feito na Lua cheia, o efeito é o contrário. [...]
Entretanto, todos esses mitos e crenças não têm qualquer fundamento científico.
(Disponível em: <http://cienciahoje.org.br/coluna/o-luar-que-nos-fascina/>. Acesso em: 26 set. 2018).

a) O trecho apresenta duas ideias principais sobre a influência da Lua. Quais são elas?
b) O trecho apresenta também duas ideias secundárias, que servem de exemplo para explicar o que se afirma. Quais são elas?

Questão 478

As três penas

Era uma vez um rei que tinha três filhos. Dois deles eram inteligentes e **sensatos**, mas o terceiro não falava muito, era **simplório** e só chamado de Bobalhão.
Quando o rei ficou velho e fraco e começou a pensar no seu fim, não sabia qual dos seus filhos deveria herdar o seu reino. Então ele lhes disse:
– Ide-vos em viagem, e aquele que me trouxer o mais belo tapete, este será o meu herdeiro, após a minha morte.

E para que não houvesse discussões entre eles, o rei levou-os em frente do castelo, soprou três penas para o ar e falou:
– Para onde elas voarem, para lá ireis.
A primeira voou para Oeste, a segunda, para Leste, e a terceira voou reto para a frente, mas não foi longe, logo caiu ao chão. Então um irmão partiu para a direita, outro para a esquerda, e eles zombaram do Bobalhão, que teria de ficar lá mesmo, no lugar onde ela caiu.
O Bobalhão sentou-se no chão, tristonho. Aí ele reparou de repente que ao lado da pena havia uma porta de **alçapão**. Ele levantou-a, viu uma escada e desceu por ela. Então chegou a outra porta, bateu e ouviu lá dentro uma voz, chamando:
"Donzela menina, / Verde e pequenina, Pula de cá pra lá, / Ligeiro, vai olhar / Quem lá na porta está".
A porta se abriu, e ele viu uma grande e gorda sapa sentada, rodeada por uma porção de sapinhos pequenos. A sapa gorda perguntou o que ele queria. Ele respondeu:
– Eu gostaria de ter o mais lindo e mais fino tapete.
Aí ela chamou uma sapinha jovem e disse:
"Donzela menina, / Verde e pequenina, Pula de cá pra lá, / Ligeiro, vai buscar / A caixa que lá está".

A sapa jovem trouxe uma grande caixa, e a sapa gorda abriu-a e tirou de dentro dela um tapete tão lindo e tão fino como não havia igual na superfície da terra, e o entregou ao Bobalhão. Ele agradeceu e subiu de volta.
Os outros dois, porém, julgavam o irmão caçula tão tolo, que achavam que ele não encontraria nem traria nada.
– Para que vamos nos dar ao trabalho de procurar, disseram eles.
Então, pegaram a primeira pastora de ovelhas que encontraram, tiraram-lhe do corpo as suas mantas grosseiras e levaram-nas ao rei.
Mas na mesma hora voltou o Bobalhão, trazendo o seu belo tapete. Quando o rei o viu, admirou-se e disse:
– Por direito e justiça, o reino deve pertencer ao caçula.
Mas os outros dois não davam sossego ao pai, dizendo que não era possível que o Bobalhão, a quem faltava principalmente juízo, se tornasse rei e pediram-lhe que exigisse mais uma condição. Então o pai falou:
– Herdará o meu reino aquele que me trouxer o anel mais belo.
E ele levou os três irmãos para fora e soprou para o ar as três penas que eles deviam seguir.
Os dois mais velhos partiram de novo para Oeste e Leste, e para o Bobalhão a pena tornou a voar em frente e cair junto do **alçapão**. Então ele desceu de novo, e disse à sapa gorda que precisava do mais lindo anel.
Ela mandou logo buscar a caixa, e tirou de dentro um anel que **coruscava** de pedras preciosas e era tão lindo como nenhum **ourives** da terra seria capaz de fazer.
Os dois mais velhos zombaram do Bobalhão, que queria encontrar um anel de ouro, e nem se esforçaram. Arrancaram os pregos de um velho aro de roda e levaram-no ao rei. Mas quando o Bobalhão mostrou o seu anel de ouro, o pai disse novamente:
– O reino pertence a ele.
Mas os dois mais velhos não paravam de atormentar o rei, até que ele impôs uma terceira condição, e declarou que herdaria o reino aquele que trouxesse a jovem mais bonita. Ele soprou de novo para o ar as três penas, que voaram como das vezes anteriores.
Então o Bobalhão desceu de novo até a sapa gorda e disse:
– Eu devo levar para casa a mulher mais bonita de todas.
– Ah, – disse a sapa – a mulher mais bonita? Esta não está à mão assim de repente, mas tu vais recebê-la.
E ela deu-lhe um nabo oco, com seis camundongos atrelados nele. Aí o Bobalhão falou, bastante tristonho:
– O que é que eu vou fazer com isto?
A sapa respondeu:
– Ponha uma das minhas sapinhas pequenas aí dentro.

Então ele agarrou a esmo uma sapinha do grupo e colocou-a dentro do nabo amarelo; mas nem bem ela se sentou dentro, transformou-se numa lindíssima senhorita, o nabo virou carruagem e os seis camundongos, cavalos. Aí ele beijou a senhorita, atiçou os cavalos e partiu com ela, para levá-la ao rei.

Os seus irmãos vieram em seguida, e não tinham feito esforço algum para encontrarem mulheres bonitas, mas levaram as primeiras **campônias** que encontraram. Quando o rei as viu, disse logo:
– Depois da minha morte, o reino ficará para o caçula.
Mas os mais velhos atordoaram de novo os ouvidos do rei com a sua gritaria:
– Não podemos permitir que o Bobalhão seja rei!
E exigiram que o preferido fosse aquele cuja mulher conseguisse saltar através de um aro que pendia no salão. Eles pensavam: "As camponesas vão consegui-lo com certeza, elas são fortes e robustas, mas a delicada senhorita vai se matar, pulando".
O velho rei cedeu ainda essa vez. Então as duas **campônias** saltaram através do aro, mas eram tão desajeitadas que caíram e quebraram seus grosseiros braços e pernas. Então saltou a linda senhorita que o Bobalhão trouxera, e atravessou o aro leve como uma corça, e então todos os protestos tiveram de cessar. Assim o Bobalhão herdou a coroa e reinou por muito tempo com sabedoria.

(Jakob Grimm. *Os contos de Grimm*. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus, 1989. p. 161-3.)

alçapão: porta ou tampa que se situa no nível de um pavimento e dá acesso a um local abaixo dele.

campônio: aquele que vive e/ou trabalha no campo; indivíduo rústico, rude.

coruscar: brilhar, cintilar.

ourives: artesão que produz joias utilizando metais preciosos, como ouro e prata.

sensato: ajuizado, prudente.

simplório: tolo, ingênuo.

Com base no conto "As três penas", responda ao que se pede.
No início da história, o herói se vê diante de uma situação problemática a partir da qual seu destino se modifica.
a) Qual é o problema, ou o conflito, que é apresentado ao herói logo no começo da história?
b) Se o Bobalhão não tivesse olhado com atenção e reparado no local onde a pena caiu, qual teria sido provavelmente seu destino?
c) O que se modificou no destino do herói? Por que ele conseguiu modificá-lo?

Questão 479

Observe o emprego do verbo no cartaz da campanha educativa.

a) Transcreva a forma verbal da frase.
b) Indique o modo verbal em que essa forma foi empregada

Questão 480

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.

Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?

Questão 481

Era uma época cheia de perigos. Sarampo, caxumba, catapora, bicho do pé. Engolir chiclete era perigoso porque colava nas tripas. Fazer careta era perigoso porque se batesse um vento você ficaria com o rosto deformado pelo resto da vida. Pé descalço em ladrilho: pneumonia. Melancia com leite: morte certa. Banho depois de comer: congestão.

("O melhor". *O Estado de S. Paulo*, 21/5/2013.)

Identifique o tempo (do modo indicativo) das formas verbais **era** (três vezes) e **colava**.

Língua Portuguesa - Unidade 4 - Capítulo 3 - O ser-coisa - Exercícios (pg. 279)

Questão 482

Leia este poema, de Sérgio Capparelli e Ana Claudia Gruszynski:

O poema é iniciado e concluído com uma declaração: “Carolina, você não é mais uma menina para passear assim, distraída, no meu coração”.

(d) E no final do poema?

(e) Que relação há entre a extensão dos versos e a mudança sofrida por Carolina?

(b) Se Carolina não é mais uma menina, então o que ela é?

(a) Que tipo de mudança Carolina deve ter sofrido?

(c) Em quantos versos, no início do poema, é feita essa afirmação?

Questão 483

Leia a questão a seguir e dê a resposta solicitada.

A PARANOIA DO CORPO

Em geral, a melhor maneira de resolver a insatisfação com o físico é cuidar da parte emocional.?

Não é fácil parecer com Katie Holmes, a musa do seriado preferido dos teens, Dawson’s Creek ou com os galãs musculosos do seriado Malhação. Mas os jovens bem que tentam. Nunca se cuidou tanto do corpo nessa faixa etária como hoje. A Runner, uma grande rede de academias de ginástica, com 23 000 alunos espalhados em nove unidades na cidade de São Paulo, viu o público adolescente crescer mais que o adulto nos últimos cinco anos. “Acho que a academia é para os jovens de hoje o que foi a discoteca para a geração dos anos 70”, acredita José Otávio Marfará, sócio de outra academia paulistana, a Reebok Sports Club. “É o lugar de confraternização, de diversão.”

É saudável preocupar-se com o físico. Na adolescência, no entanto, essa preocupação costuma ser excessiva. É a chamada paranoia do corpo. Alguns exemplos. Nunca houve uma oferta tão grande de produtos de beleza destinados a adolescentes. Hoje em dia é possível resolver a maior parte dos problemas de estrias, celulite e espinhas com a ajuda da ciência. Por isso, a tentação de exagerar nos medicamentos é grande. “A garota tem a mania de recorrer aos remédios que os amigos estão usando, e muitas vezes eles não são indicados para seu tipo de pele”, diz a dermatologista Iara Yoshinaga, de São Paulo, que atende adolescentes em seu consultório. São cada vez mais frequentes os casos de meninas que procuram um cirurgião plástico em busca da solução de problemas que poderiam ser resolvidos facilmente com ginástica, cremes ou mesmo com o crescimento normal. Nunca houve também tantos casos de anorexia e bulimia. “Há dez anos essas doenças eram consideradas raríssimas. Hoje constituem quase um caso de saúde pública”, avalia o psiquiatra Táki Cordás, da Universidade de São Paulo.

É claro que existem variedades de calvície, obesidade ou doenças de pele que realmente precisam de tratamento continuado. Na maioria das vezes, no entanto, a paranoia do corpo é apenas isso: paranoia. Para curá-la, a melhor maneira é tratar da mente. Nesse processo, a autoestima é fundamental. “É preciso fazer uma análise objetiva e descobrir seus pontos fortes. Todo mundo tem uma parte do corpo que acha mais bonita”, sugere a psicóloga paulista Ceres Alves de Araújo, especialista em crescimento. Um dia, o *teen* acorda e percebe que aqueles problemas físicos que pareciam insolúveis desapareceram como num passe de mágica. Em geral, não foi o corpo que mudou. Foi a cabeça. Quando começa a se aceitar e resolve as questões emocionais básicas, o adolescente dá o primeiro passo para se tornar um adulto.

(CASTRO, Letícia de. *Veja Jovens*. Setembro/2001, p. 56.)

A ideia **central** do texto é:

(b) as doenças raras que atacam os jovens.

(a) a preocupação do jovem com o físico.

(d) o uso exagerado de remédios pelos jovens.

(c) os diversos produtos de beleza para jovens.

Questão 484
Leia a tira, de Laerte:

Por que a tira é engraçada?

Questão 485
Drácula chamando Hugo

(www2.uol.com.br/niquel/cinema.shtml. Acesso em 17/2/2010.)

Na tira, a palavra **segredo** tem sentidos diferentes para a moça e para o Drácula.
a) Qual o sentido de **segredo** na fala da moça?
b) O que o Drácula considera **segredo**?

Questão 486
O cartum abaixo, de Claudius, circulou na cidade do Rio de Janeiro. Observe-o.

O cartum mostra um homem e seu cão, preso à coleira.
a) Em que lugar eles estão?
b) O que o cachorro está fazendo?

Questão 487
Drácula chamando Hugo

(www2.uol.com.br/niquel/cinema.shtml. Acesso em 17/2/2010.)

Nos contos e filmes de vampiros, o Conde Drácula provoca muito medo às pessoas, porque se alimenta do sangue de suas vítimas até matá-las.
a) Nessa tirinha, a moça não parece amedrontada com o Drácula. O que demonstra que ela está tranquila?
b) O Drácula não parece satisfeito com o alimento que encontrou. O que demonstra isso?

Questão 488
Muitos professores e pais consideram que o uso constante de celulares, tablets ou computadores prejudica a concentração de crianças e jovens na leitura e nos estudos. O que você acha disso? Você concorda com essa opinião? Ou discorda dela?
Tome uma posição diante do tema — **sim, não** ou **em termos** — e discuta-o com a classe.
Durante a discussão, anote no caderno os argumentos que considerar mais convincentes. Depois redija um texto de opinião defendendo seu ponto de vista.

Planejamento do texto
• Apresente seu ponto de vista no parágrafo de abertura do texto, isto é, expresse sua opinião quanto às consequências do uso constante da tecnologia sobre a concentração de crianças e jovens na leitura e nos estudos.
• Depois, fundamente sua opinião, empregando argumentos. Desenvolva um a um, de preferência situando cada argumento em um parágrafo. Você pode citar exemplos, fazer comparações, indicar causas e consequências, usar dados estatísticos, etc.
• Crie um parágrafo para concluir o texto. Nele, você pode confirmar o ponto de vista que apresentou inicialmente ou fazer uma síntese das suas ideias.
Revisão e reescrita
Antes de passar seu texto de opinião, para o suporte final, observe as orientações quanto a revisão e reescrita apresentadas no capítulo anterior, na página 161.
Faça as modificações necessárias, passe o texto a limpo e guarde-o para expor na mostra sobre leitura proposta no capítulo Oficina de Criação desta unidade.

Questão 489

Texto 3

A última esperança?

Duas novas experiências com a última ararinha-azul em liberdade podem evitar que a ave mais rara do planeta desapareça da natureza para sempre

Por Daniel Nunes Gonçalves

Ela vive livre e tranquila na caatinga da cidade de Curaçá, no interior da Bahia, e carrega a última esperança da ciência para a recuperação de sua espécie. Mais raro animal do planeta, a última ararinha-azul selvagem passará por duas experiências que podem trazer-lhe companhia para formar um bando e assustar para sempre o fantasma da extinção. A primeira tentativa será a de dar filhotes de outra ararinha-azul para ela criar já que não tem filhos. O segundo plano é que ela ensine ararinhas de cativeiro a viver em liberdade.

O ideal era que esse último macho de Curaçá se reproduzisse, como fazem as ararinhas- -azuis criadas em gaiolas mundo afora. Atualmente são 66. Mas há dez anos ele arrumou uma companheira verde, uma fêmea da espécie maracanã (parecida com um papagaio), com quem nunca terá filhotinhos. Os cientistas tentaram, seis anos atrás, apresentar-lhe uma pretendente da mesma espécie, que havia aprendido a viver fora das grades. Eles sabiam que as ararinhas-azuis costumam ser fiéis a um companheiro, mas arriscaram. As duas passaram um mês juntas, mesmo numa relação a três com a maracanã, mas a ararinha recém chegada desapareceu – dizem que bateu em um fio de alta tensão e morreu.

Como desconhece que dois animais diferentes não podem ter filhos, o casal continua tentando: a maracanã bota ovos quando chega o período reprodutivo, entre novembro e março, tenta chocá-los pelos 21 dias necessários e... nada. Percebendo isso, a bióloga paulista Yara de Melo Barros, 34 anos, que coordena o trabalho de campo do Projeto Ararinha-Azul, vai tentar "enganar" o casal. A ideia é pegar os ovos de outras ararinhas-azuis de cativeiro e trocá-los, no ninho, pelos da maracanã. A esperança surgiu por que, em outubro, o único casal brasileiro em gaiola (os outros estão nas Filipinas, na Suíça e na Espanha), que vive no Recife (PE), mostrou-se saudável ao ter seus dois primeiros filhotes. "É preciso que os ciclos reprodutivos dos dois casais aconteçam ao mesmo tempo para que os ovos sejam trocados", explica Yara. Sabe-se que a última ararinha e sua esposa criariam os filhotes do outro casal porque igual experiência já foi feita há três anos usando dois ovos de maracanãs. Depois de 54 dias no ninho, os filhotes voaram junto com os pais adotivos durante 110 dias e ganharam a liberdade.

A outra alternativa antiextinção é igualmente delicada. No próximo ano, cinco ararinhas-azuis com um ano de idade, nascidas no cativeiro do criador Antonio de Dios, virão das Filipinas aprender a viver com o macho de Curaçá. Nesse encontro, o objetivo não será a reprodução, já que o brasileiro, de 19 anos, é muito mais velho. A intenção é que elas se adaptem por um ano desenvolvendo, por exemplo, a musculatura de voo – para ganhar a liberdade e formar um bando. Da mesma forma que já foi experimentado com nove maracanãs – e sete sobreviveram –, as ararinhas aprenderão com a selvagem macetes da vida fora das grades: evitar inimigos predadores, reconhecer a alimentação silvestre, pernoitar em lugares seguros – a última ararinha-azul, por exemplo, dorme sobre um cacto.

"Aproveitando o conhecimento do animal livre, que é quem detém a memória da espécie, eles poderão viver na caatinga, reproduzir e dar continuidade à espécie", diz Yara Barros. Tomara...

Revista Terra, nov. 2000, ano 9, n. 11.

O primeiro parágrafo do texto 3 informa que a ararinha-azul "passará por duas experiências". Localize, na continuação do texto, os parágrafos que descrevem essas experiências programadas pelos cientistas. Crie um intertítulo para cada um desses parágrafos.

Questão 490

Observe esta pintura, de Norman Rockwell:

Observe o menino.
Língua Portuguesa - Capítulo 6 - O adjetivo - Exercícios - Construindo o conceito

(d) O que eles estão observando?
(c) Que tipo de relação você acha que existe entre o homem e o menino?
(a) Que tipo de roupa ele está usando? de que cor?
(b) O que ele tem nas mãos? de que cor?
(e) Levante hipóteses: O que o homem pode estar falando para o menino? O que o menino pode estar imaginando?

Questão 491

A questão baseia-se na tira a seguir:

Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-DEUVVYM1T98/T56ywUCUQwI/AAAAAAAAAHs/TsAVteI3J6g/s1600/tirinha.jpg>. Acesso em: 26 jun. 2015

O humor da tira se deve ao fato de
(b) os nomes próprios serem entendidos como expressões nominais.
(d) os nomes próprios não obedecerem à concordância nominal.?
(a) os nomes próprios serem incomuns na língua portuguesa.
(c) as personagens rirem umas das outras.

Questão 492

Magali é uma garota meiga e delicada, mas que tem um apetite absolutamente incontrolável. Ela devora qualquer tipo de comida que aparece na sua frente e, por incrível que pareça, continua sempre magra e esbelta! Não é à toa que, cada vez que ela passa, o coração do Quinzinho (o filho do padeiro) bate mais forte…
Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/magali/>.

Ela é a melhor amiga da Mônica e tem como bichinho de estimação um gato branquinho chamado Mingau.
Tirinha 2

Disponível em: <http://educarparaavida-educadoras.blogspot.com.br/2012_09_01_archive.html>.

O perfil apresenta várias características de Magali. A tirinha se refere
(c) à magreza.
(a) à meiguice.
(d) à delicadeza.
(b) ao apetite.

Questão 493

Leia o cartaz abaixo, criado por Ziraldo, inventor da personagem Menino Maluquinho.

Os cartazes geralmente são afixados em lugares públicos, em paredes ou murais. Considerando quem produziu o cartaz lido, onde você acha que ele foi afixado?

Questão 494

Salvador Dalí vendeu falso fio de bigode a Yoko Ono por US$ 10 mil
'A idiota pagou', diz ex-cantora Amanda Lear, que era amante do pintor.
Segundo ela, artista 'gostava de enganar as pessoas'.
O pintor espanhol Salvador Dalí (1904-1989) vendeu por US$ 10 mil dólares um falso fio de seu bigode a Yoko Ono, viúva de John Lennon, afirma a ex-cantora Amanda Lear, amante do artista na época, em uma entrevista à revista *VSD* publicada nesta quinta-feira.

Dalí jamais conseguiu resistir à atração pelo dinheiro, afirmou Amanda Lear. “Inclusive, um dia vendeu um fio de seu bigode a Yoko Ono”, contou Lear. Dalí achava que Yoko Ono “era uma bruxa e temia que ela o enfeitiçasse. Ele me mandou ao jardim pegar uma erva seca e a colocou em um lindo cofre”, explicou Lear. “A idiota pagou 10 mil dólares. Dalí gostava de enganar as pessoas”, afirmou Lear, que virou amante do pintor em 1965, quando ele tinha 61 anos e ela 18. “Ele era meu professor de arte, meu pai, meu amante”, comentou ainda.

Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/11/dali-vendeu-por-us-10-mil-a-yoko-ono-um-falso-fio-de-seu-bigode.html>.

Acesso em 28 jan. 2015.

“Dalí gostava de enganar **as pessoas**”. Se o termo “as pessoas” for substituído pelo pronome pessoal oblíquo correspondente, estará correta a alternativa:

(c) Dalí gostava de enganar todas.
(a) Dalí gostava de enganar elas.
(b) Dalí gostava de enganá-las.
(d) Dalí gostava de enganar-lhes.

Questão 495

Leia este texto, de Rubem Alves:

O futebol traz o riso

[...]

O Ronaldinho joga futebol como menino.

Não sei a origem do costume de se colocar o sufixo “inho” ao final do nome dos jogadores de futebol. “Inho” é um sufixo diminutivo, carinhoso, acriançante. Mas quando se vê um jogo não há “inhos” em campo. É um jogo bruto, cheio de trapaças, malandragens, pontapés, empurrões, rasteiras, palavrões e, por vezes, sopapos. Acho que o sufixo apropriado aos jogadores de futebol deveria ser “ão”.

O único a merecer o sufixo “inho” é o Ronaldinho. Porque ele é uma criança. Está sempre sorrindo. Ele ri mesmo quando a jogada não dá certo. Ronaldinho é uma alegria sorridente. Que ele jamais tenha a ideia louca de ir a um ortodontista para consertar os dentes! O segredo do seu sorriso iria para o brejo. Pouco se me dá o time em que ele está jogando. Eu torço sempre para o Ronaldinho, mesmo que ele não faça gols nem determine a política econômica do Brasil. Sou assim, um torcedor “idiota”. Não torço por time algum. Torço é pelo Ronaldinho. [...]

(http://bonsfluidos.abril.uol.com.br/livre/edicoes/0086/preview12.shtml. Acesso em: 25/3/2010.)

Por que o autor acha que o sufixo **-ão** seria mais apropriado para os jogadores de futebol?

Questão 496

Leia o poema a seguir, de Ulisses Tavares, e responda à questão.

Amizadão

Amigo, como o ar:
Some e volta some e volta.
No peito da gente, fica.

(*Viva a poesia viva*. 7. ed. São Paulo:

Saraiva, 2004.)

O poema começa com o substantivo **amigo**, desacompanhado de artigo.

a) Que artigo poderia ser empregado antes de **amigo**, sem que o sentido geral do poema fosse alterado: **o** ou **um**?

b) Logo, a ausência de artigo tende a particularizar ou generalizar o sentido do substantivo?

Questão 497

Observe estes cartuns de Caulos:

No segundo cartum, a mesma personagem está sendo atacada pelas demais.

a) Qual é o objetivo dessas personagens, ao jogar o *spray* na outra?
b) Qual é a causa dessa iniciativa?

Questão 498

Leia outro trecho do romance *Helena*, de Machado de Assis.
Estácio colocou a flor na botoeira.
— Vai cair! disse Eugênia. Quer que pregue um alfinete? Estácio não teve tempo de responder, porque a filha de Camargo, tirando um alfinete do cinto, prendeu o pé da flor, gastando muito mais tempo do que o exigia a operação. A moça não era míope; todavia aproximou de tal modo a cabeça ao peito do mancebo, que este teve ímpetos de lhe beijar os cabelos, e seria a primeira vez que seus lábios lhe tocassem.
— Pronto! disse ela. Diga a Helena que é a flor mais bonita do nosso jardim. Sabe que eu gosto muito de sua irmã?
— Acredito.
— Suponho que é minha amiga; há de sê-lo com certeza. Oh! eu preciso muito de uma amiga verdadeira!
— Sim?
— Muito! Tenho tantas que não prestam para nada, e só me dão desgostos, como Cecília... **Se soubesse o que ela me fez!**
— Que foi?
Eugênia desfiou uma historiazinha de toucador, que omito em suas particularidades por não interessar ao nosso caso, bastando saber que a razão capital da divergência entre as duas amigas fora uma opinião de Cecília acerca da escolha de um chapéu.
(ASSIS, Machado de. *Helena*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000079.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2018.)

Glossário:
Capital: principal.
Ímpeto: impulso, vontade irrefletida.
Mancebo: jovem, moço.
Toucador: cômoda que possui espelho.
No fragmento destacado, o modo verbal subjuntivo foi empregado para:
(b) apresentar uma ordem referente à reação de Estácio.
(a) apontar uma possibilidade de entendimento da atitude de Cecília.
(d) sugerir que Eugênia não tinha certeza do que falava.
(c) indicar o tempo das decepções sofridas pela personagem.

Questão 499

Todo mundo, alguém, qualquer um e ninguém
Esta é uma história de quatro pessoas: TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM e NINGUÉM.
Havia um trabalho importante a ser feito e TODO MUNDO tinha certeza de que ALGUÉM o faria.
QUALQUER UM poderia tê-lo feito, mas NINGUÉM o fez.
ALGUÉM zangou-se porque era um trabalho de TODO MUNDO.
TODO MUNDO pensou que QUALQUER UM poderia fazê-lo, mas NINGUÉM imaginou que TODO MUNDO deixasse de fazê-lo.
Ao final, TODO MUNDO culpou ALGUÉM quando NINGUÉM fez o que QUALQUER UM poderia ter feito.
(Autor desconhecido.)

Passe para o plural a frase “Qualquer um poderia ter feito”, substituindo a palavra **um** por **pessoas** e fazendo as adaptações necessárias.

Questão 500

Leia o texto a seguir, de Elias José, e responda à questão proposta.
O bilhete do amor

Logo que colocou os objetos embaixo da carteira, Pitu encontrou o bilhete. Leu, ficou vermelho, colocou no bolso, não mostrou pra ninguém. De vez em quando, mordia-lhe uma curiosidade grande, uma vontade de reler pra ter certeza. Era uma revelação que ele não estava esperando. Não podia dizer que estivesse achando ruim, pelo contrário... Ele estava com vontade de olhar pra trás, para as últimas carteiras e procurar uma resposta com o olhar. Era um tímido e não se encorajava. A professora explicava num mapa as regiões do Brasil e ele viajava num rumo diferente. Ainda bem que ela não estava olhando pra ele, nem fazendo perguntas, só estava expondo a matéria. Na hora da verificação, acabaria saindo-se mal. Não gostava de ignorar as coisas perguntadas. [...] Estava meio perdido nos pensamentos confusos. O bilhete queimando no bolso. Uma vontade de relê- lo, palavra por palavra. Interessante, não era um bilhete bem-escrito, tinha até erro de Português – por que a curiosidade? Só ele sabia dele, não foi como no dia do correio elegante, pai, mãe e seu Francisco do armazém querendo saber, dando palpites. Agora, tinha um bilhete e era diferente. Tinha um bilhete que trazia uma declaração de amor e uma assinatura. Trazia mais: trazia um convite para um bate-papo na praça, às duas horas, se ele quisesse namorar de verdade. Marina era bonitinha, ele queria. Falta-lhe jeito de dizer, tinha que escrever um bilhete respondendo, era mais fácil. No intervalo, escreveu o bilhete, fechado no banheiro. Quando ela chegou, a resposta a esperava na carteira. Quase no fim da aula, ele criou força e olhou pra trás. Marina sorria, confirmando. Ele sorria também. Diversas vezes ele olhou pra trás e a encontrou olhando. Trocaram sorrisos e olhares. Os dois estavam vivendo uma ternura primeira e não sabiam escondê-la mais. Tanto assim que a professora pediu que ele virasse pra frente, observasse o que ela estava pedindo pra pesquisa do fim de semana. Naquele fim de semana, ele iria pesquisar alguma coisa nova que não tinha experimentado, como alguns outros de sua idade e turma.

(In: *Histórias de amor*. Para gostar de ler. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004. v. 22, p. 209-11.)

Releia este trecho do texto:
“Naquele fim de semana, ele iria pesquisar alguma coisa nova que não tinha experimentado, como alguns outros de sua idade e turma.”
No trecho, qual palavra está empregada em sentido figurado?